

**IVAN PEDRO**

Ivan Pedro

Ivan Pedro

**“AMO-TE COMO SEI, NÃO COMO QUERES”**  
*Ivan Pedro*

Ivan Pedro

Ainda hoje não percebo porque me contrataram... ou não quisesse perceber que não fora mais que um peão numa guerra que não era minha.

Decorria o mês de Dezembro, véspera da data prevista para a minha irmã dar o nó com o Augusto. A cerimónia estava prevista para a igreja de Paúle, no Sábado de manhã e posterior copo-de-água no café na aldeia com muitos convidados (talvez todo o Paúle).

Desde finais de Julho que não voltara a Paúle. Sempre que me recordava do local, assaltava-me à memória os melhores e piores momentos da minha vida. Contudo recordava-o com saudade.

Enquanto preparava a bagagem para partir de viagem, olhava para a janela e via as gotas de chuva embater com raiva no vidro. Não pude evitar as lembranças do que tinham sido aqueles últimos meses, desde que deixara Paúle.

A vida não fora nada fácil, desde o momento que assinei contrato com o Benfica e viajei para a Suíça, onde encontraria os novos colegas em estágio...

O ar fresco que se sentia no interior do aeroporto sabia bastante bem, a quem ali entrava vindo do exterior, em plena tarde de Julho.

Jorge, o meu empresário, acompanhara-me até lá.

— Com te sentes? — perguntou-me Jorge.

— Vazio. — confessei. — Sinto-me feliz por ir jogar no Benfica, mas...

— A Camila continua aí, não é? — interrogou, apontando para o meu coração.

— Que posso eu fazer? É mais forte que eu.

Jorge abanou a cabeça e disse:

— Esquece-a! O Eduardo esteve com ela em Nova Iorque, a semana passada. Ela deu um rumo à vida dela. Conheceu alguém... Enfim, tu sabes.

— Não. Diz lá! — pedi eu.

Com um tom pesaroso, Jorge contou:

— A Camila conheceu outra pessoa, um americano. Parece que se dão bastante bem. Vão casar no próximo ano.

— Que sejam felizes! — suspirei.

— Anima-te, Ivan! Ainda vais conhecer o amor da tua vida.

— Já conheci, Jorge. Está em Nova Iorque. — retorqui. — Mas, só me posso culpar a mim. Se tivesse tomado outras opções, há um ano, agora a Camila estava comigo.

— Mas tu não estarias no Benfica.

— E não estaria a sentir este vazio.

Os altifalantes do aeroporto anunciaram a última chamada para o meu voo.

— Boa sorte! — desejou-me.

— Para ti também.

Nesse instante, uma mulher alta, elegante e vestindo um fato saia-casaco bege, aproximou-se de nós e perguntou:

— Senhor Ivan Pedro?

— Sim. — confirmei.

Não pude deixar de reparar nos seus olhos verdes, o cabelo escuro comprido a cair sobre o casaco. O volume do peito com um crachá que constatei ser o emblema do Benfica.

— O meu nome é Susana! — apresentou-se. — Sou Relações Públicas do Sport Lisboa e Benfica! E vou acompanhá-lo na viagem até ao estágio.

Que mulher linda, pensei.

Dei um último abraço a Jorge e sussurrei-lhe ao ouvido:

— Talvez nem tudo esteja perdido no amor.

Jorge sorriu-me e ficou a ver-nos afastar em direcção à porta de embarque.

Claro que aquela frase era algo que ficava bem dizer naquele momento. É como dizer “esta semana vai sair-me o Totoloto” e até o dizemos com convicção e a acreditar que isso vai acontecer. Neste caso...

Caminhando ao lado dela, olhava-a disfarçadamente pelo canto do olho, tentando adivinhar o que a roupa dela escondia.

Fiquei encantado com os seus olhos verdes.

— Sr. Ivan Pedro...

— Por favor, trate-me por Ivan. — interrompi.

— Não seria correcto. — argumentou.

— Então terei de a tratar por Sra. D. Susana, cada vez que lhe dirigir a palavra. — argumentei.

Susana não evitou um sorriso, um belo sorriso que me derreteu o coração.

— Tudo bem... Ivan.

Não sei se seria impressão minha, se seria real, mas notava em Susana algumas parecenças com Camila. Talvez fosse o facto de Camila não me sair da cabeça e procurar em todas as mulheres algo dela.

Susana sentara-se no seu lugar no avião, junto à janela, ficando eu a seu lado. Poucas palavras trocámos entre o momento em que nos conhecêramos e aquele.

Mantendo sempre uma postura profissional, explicou-me que o voo nos levaria numa viagem de cerca de duas horas até Genebra, onde posteriormente seguiríamos para Nyon, local de estágio de pré-época do Benfica. Depois disso, pegou numa revista e começou a ler, aguardando

o passar do tempo e limitando-se a acompanhar-me, quase como se fosse um menor a ser acompanhado por um adulto numa viagem.

Sempre que podia, sem dar nas vistas, olhava-a e imaginava-a... Que rica Relações Públicas, pensava eu, pena não ser uma *Relações Sexuais*. Deliciava a mente com fantasias de como seria ela na cama e...

— Senhores passageiros, queiram fazer o favor de apertar os cintos de segurança! — alertou a hospedeira pelo altifalante do avião, despertando-me.

Todos os passageiros acataram a ordem.

Os minutos foram passando. O avião circulava por entre as nuvens e Susana continuava compenetrada na leitura. Entediado com a viagem e aborrecido por ela não me ligar nenhuma, lembrei-me de começar a fazer conversa:

— Então Susana? Já trabalha como Relações Públicas no Benfica há muito tempo?

— Dois anos. — respondeu rapidamente sem tirar os olhos das letras da revista.

De facto, não parecia muito interessada em falar comigo.

As hospedeiras de bordo começaram a passar por entre as filas de cadeiras, perguntando às pessoas se estava tudo bem e se desejavam alguma coisa. Uma delas abeirou-se de nós e perguntou:

— Vão querer tomar alguma coisa?

— Pode ser uma cola. — pedi.

— Traga-me um *martini*, por favor. — solicitou Susana.

Feito o pedido, a sua atenção retornou aos textos da revista que lia.

Cada vez mais entediado pela falta de atenção, perguntei:

— Quanto tempo demora a viagem?

— Cerca de duas horas. — respondeu, novamente sem tirar os olhos da revista.

— E vai passar o tempo todo a ler? — questionei rispidamente.

A pergunta surpreendeu-a e fê-la olhar para mim.

Mal dissera a última palavra, percebi como fora indelicado.

— Desculpe, Susana! — pedi. — Fui indelicado consigo. Você tem todo o direito de passar a viagem como bem entender.

Susana sorriu.

— Peço desculpa. Afinal, a minha função é fazer-lhe companhia.

Correspondi ao sorriso, mas fiquei bloqueado acerca do que haveria de dizer a seguir.

— As viagens de avião deixam-me sempre nervoso. — acabei por dizer, sem que fosse realmente verdade, pois o que me estava a deixar nervoso era ela.

— Compreendo.

Após guardar a revista, Susana virou-se ligeiramente para mim, no seu lugar, e perguntou:

— Não costuma viajar muito de avião, pois não?

— Meia dúzia de vezes. — se tanto, pois até aquela altura, acho que tinha entrado duas vezes dentro de um avião.

— Eu já me habituei. Contudo, nas primeiras vezes, senti muito nervosismo e enjoava. — confessou.

— As primeiras vezes são sempre difíceis. — adicionei.

A frase não soou bem a ambos, mas não nos manifestámos. Penso que ela ficou com a ideia que era um gracejo sobre perdas de virgindade. Porém, não fora essa a minha intenção.

— Calculo que a primeira vez que entrou num estádio cheio ficou nervoso?!

— É verdade. — confirmei. — Mais que nervoso. Cheio de medo.

A minha expressão fê-la sorrir, o que mais uma vez me deliciou a alma.

— Onde jogava antes de vir para o Benfica?

— No Paúle.

— Onde??? — interrogou como se nunca tivesse ouvido falar em semelhante nome. — É algum clube estrangeiro?

— Não. — neguei sem conseguir evitar uma risada. — É um clube da 3ª Divisão. Vencemos a Taça de Portugal há dois meses.

— Perdoe-me a minha ignorância, Ivan. Mas, não percebo muito de futebol.

— Também não tem de perceber de tudo. — disse eu. — Foi um feito extraordinário. Pela primeira vez, uma equipa da 3ª Divisão venceu a Taça.

— Daí o interesse do Benfica.

— Alguns de nós demos nas vistas. — continuei. — Uns tiveram mais sorte que outros. O Jorge, o meu empresário, conseguiu-me este contrato no Benfica. Ao que sei, dois colegas meus foram para a Académica. E o nosso treinador acho que está em vias de assinar por uma equipa da Superliga. — O meu olhar perdeu-se no vazio em recordações. — Desde pequeno que sonho jogar no Benfica.

— Então foi a concretização de um sonho, este contrato. — constatou ela, despertando-me das memórias.

Assenti com a cabeça.

— A sua família deve ter ficado muito feliz por si. — adivinhou.

— Sim. Os meus pais (principalmente o meu pai) deliraram com a notícia. Já a minha irmã ficou com a felicidade de quem sabe que uma coisa boa acontece ao irmão, pois de futebol percebe tanto como a Susana.

O olhar de Susana teve aquela expressão de “ok, não percebo nada de futebol, já sei”.

— E a sua mulher?



— Não sou casado. — respondi com um sorriso tremido, tentando evitar a lembrança de todos os desastres na minha vida amorosa. — Solteiro e bom rapaz.

— Mas tem namorada, não? — insistiu. Contudo, apercebeu-se que estaria a entrar demasiado no carácter íntimo das perguntas. — Desculpe, Ivan! Não quero intrometer-me na sua vida.

— Não tem importância. — respondi com um semblante terno. — Sou completamente descomprometido. Não lhe vou dizer que é por opção, mas neste momento... — Não sabia como completar. Estava sozinho porque cometera erros graves na minha relação com Camila. Se estava ali, naquele instante, a seguir rumo ao estágio do Benfica, fora à custa desse amor. E com Raquel... Enfim, que posso eu dizer das atitudes que nem eu desculpo a mim mesmo?

— Sim? — interrogou, esperando que eu continuasse.

Olhei para ela e disse:

— Não me leve a mal, Susana, mas preferia não falar nisso.

— Tem razão. Sou uma “cusca”.

Sorri-lhe.

— E a Susana? — inquiri.

— Eu, o quê?

— Tem namorado?

Notei que a expressão do seu rosto endurecera. Concluí que não deveria querer falar no assunto e não insisti. Contudo, foi ela que acabou por dizer:

— Casada. Já lá vão uns cinco anos.

Fiquei espantado e isso notou-se nas feições do meu rosto.

— Porquê o espanto?

— Casou muito nova?

— Aos vinte e seis.

O meu espanto foi ainda maior.

— Sim, é verdade. Tenho trinta e um anos.

Refeito do choque, se é que lhe poderei chamar choque, disse:

— Parece muito mais nova. Julguei-a mais nova que eu.

Susana presenteou-me novamente com o seu sorriso e agradeceu.

No entanto, não me esquecera da reacção que ela tivera ao dizer “casada”. Curioso, não me escusei a perguntar:

— Notei uma certa tristeza, quando falou no casamento. Algum problema?

— Preferia não falar nisso.

Tudo bem. Eu merecia aquela resposta. Também não quis falar da minha vida privada. Não insisti. Preocupei-me em arranjar outro assunto para que aquele reconfortante ambiente de conversa não se findasse por ali.

— Não é fácil manter um casamento com a vida profissional que eu tenho. — desabafou Susana. O seu olhar saíra de mim e passara para o vazio. — O primeiro ano foi bom, mas os restantes aumentaram as divergências e as discussões. Como R. P. do Benfica, viajo muitas vezes com a equipa... O meu marido não entende isso e a relação tem vindo a esfriar. Acho que estamos a deixar o ponto das discussões para passar à indiferença. E a indiferença é o princípio do fim do amor, acho eu.

Senti que ela aproveitara a minha disponibilidade para a ouvir e desabafou o que lhe ia na mente. Pensei no que haveria de dizer, mas limitei-me a escutar.

— Quando regressar a Lisboa, quero ver se tomo uma atitude. A situação actual é prejudicial para ambos. — continuou.

— Que pensa fazer? — interroguei por instinto.

Susana olhou para os meus olhos e respondeu:

— Ele já me deu a entender que quer o divórcio, até porque já nem dormimos juntos... — interrompeu-se a si própria, irritou-se consigo e questionou-se — Que estou eu para aqui a fazer? Não tenho o direito de o estar a maçar com os meus problemas.

— Não diga isso, Susana. — contrapus. — Sinto-me honrado em merecer a confiança dos seus desabafos.

Susana sorriu e o olhar enterneceu-se. Algo naquelas palavras a tocara no seu espírito.

— É estranho, mas senti uma certa confiança consigo. — disse ela. — Espero não ter abusado dela.

— Não.

— Obrigado por me ouvir. Mas, prefiro não falar mais no assunto.

— Compreendo.

Pelos altifalantes, soou uma campainha. Seguiu-se a voz da hospedeira a dizer:

— Senhores passageiros! Estamos a chegar a Genebra. Queiram fazer o favor de voltar a apertar os cintos.

Surpreendido, interroguei:

— Já chegámos? Como o tempo passa.

O tempo passara bastante depressa e havia algum tempo que não me sentia tão bem perto de alguém.

Mal o avião se imobilizou na zona de desembarque, os passageiros começaram a abandonar os seus lugares.

À saída do aeroporto, em Genebra, aguardava-nos um veículo com motorista, alugado pelo clube para me transportar ao estágio.

Susana dirigiu-se ao indivíduo e trocou algumas palavras com ele. Nesse instante, o meu telemóvel tocou.

— Olá, Ivan!

— Olá Jorge!

No outro lado da linha, o meu empresário.

— Já chegaste à Suíça?

— Acabei de chegar. — informei. — Não me digas que estás a telefonar-me para saber se cheguei bem?

— Também. Mas, não só. — respondeu. — Preciso de um favor teu.

— Diz.

— Tens o contacto do teu ex-treinador?

— O José Luís?

— Sim.

— Porquê?

— Como sabes, o Estoril subiu à Superliga. E os dirigentes querem contratar um novo técnico e falaram-me no nome dele.

— Mas, acho que ele já assinou por um clube da Superliga. — lembrei.

— Eu vou averiguar isso. A proposta é muito boa, Ivan. Tens o contacto?

— Tenho. Aponta aí.

Quando desliguei a chamada, Susana aguardava pacientemente à minha frente.

— Desculpe, Susana! — pedi.

— Não tem importância. Já falei com o motorista. Ele vai levá-lo até Nyon. Não fala português. O Ivan fala francês? Ou alemão?

— Inglês?

— Pode ser. Ele também fala inglês.

Desapontado, inquiri:

— Não me acompanha até lá?

— Não posso. Tenho que fazer aqui em Genebra. Mas a viagem é curta até lá.

— Obrigado pela companhia. — agradei.

— Não tem que agradecer. Não fiz mais que a minha obrigação.

— Não diga isso assim, Susana. Gostaria de pensar que também foi agradável para si.

— E foi. — confessou com um sorriso tímido.

— Gostei muito de a conhecer e de conversar consigo, Susana.

— Eu também. Mas, é melhor despachar-se, pois o senhor está à espera.

Sentia-me como um adolescente. Queria fazer-lhe “aquela” pergunta, mas parecia não ter coragem.

— Então? Que espera? — interrogou ela, apressando-me.

— Posso voltar a vê-la? — perguntei a medo.

— Não me parece que seja boa ideia. — recusou, ceifando as minhas pretensões.

Ivan Pedro

— Nem que fosse para um jantar e uma conversa?

— Não, Ivan. — recusou novamente. — É melhor não, acredite. E além disso, deve concentrar-se naquilo que tem pela frente.

— É o que estou a fazer. — respondi, acentuando o olhar sobre ela.

— Referia-me ao Benfica. — explicou. — Não fui mais que a sua companhia numa viagem de avião. Por favor, não se esqueça disso. Boa sorte para a sua carreira!

— Mas...

Não pude dizer mais nada, limitando-me a vê-la afastar-se na direcção do parque automóvel, onde entraria noutro carro que a levaria ao seu destino.

II

A intensidade da chuva diminuía, o que me satisfez, já que teria de partir para uma longa viagem daí a alguns minutos. E antes, ainda teria de passar pela casa dos meus pais para os ir buscar, uma vez que seguiriam viagem comigo para Paúle.

Faltava-me um casaco para guardar na mala. Abri a porta do armário e vi despenhar-se no chão uma camisola vermelha. Constatei que se tratava da minha camisola do Benfica, a primeira que usara num jogo de futebol pelo clube.

Peguei nela, dobrei-a com cuidado e a minha mente caiu novamente em recordações...

O estágio em Nyon teve a duração de duas semanas, pelo menos para mim, pois o restante plantel já lá estava quando cheguei.

Encontrei uma equipa bastante profissional e motivada que me recebeu com agrado. Uns mais que outros, talvez por causa da personalidade de cada um. O treinador também me recebeu muito bem.

Fiquei instalado no hotel, sem partilhar o quarto com ninguém, uma vez que o número de jogadores, comigo, perfazia um número ímpar. E como as duplas já estavam distribuídas, acabei por ficar sozinho.

Os treinos sucederam-se com normalidade. O clima era óptimo, já que não fazia muito calor nem muito frio.

Ao fim de três dias fizemos o primeiro jogo de pré-época.

Como eu chegara mais tarde ao estágio, o treinador optou por não me colocar a jogar. Mesmo estando sentado no banco de suplentes, já sabia que ele não me colocaria a jogar, pois ele próprio me comunicara isso. A minha estreia ocorreu dois dias depois, quando jogámos com mais uma equipa de amadores da Suíça. Entrei a quinze minutos do fim, envergando um sonho com o número dezanove.

Talvez estivesse nervoso pela estreia e ansioso por me mostrar. Acabaram por ser quinze minutos de corrida, pouca bola e alguma aselhice. Não foi a melhor estreia, mas jamais perderia de vista a camisola que envergara, exactamente por ser a primeira no Benfica.

Sei que o treinador não gostou muito do que viu. Contudo, como tinha boas prestações nos treinos, decidiu dar-me nova oportunidade no último jogo realizado na Suíça.

Joguei vinte minutos e o Ivan Pedro que sobressaíra no G. D. Paúle reapareceu.

No dia seguinte, os jornais gastaram muita tinta a falar sobre mim. Mesmo aqueles que já escreviam “bocas” acerca da minha contratação se vergavam ao talento que eu demonstrava.

Na véspera da partida de regresso a Lisboa, fui interpelado no hotel por um indivíduo de fato e gravata escuros, camisa rosada e uma maleta que deveria estar cheia de papelada.

— Ivan Pedro?

— Sim.

— O meu nome é Ambrósio! — apresentou-se ele, estendendo-me a mão. — Sou empresário de futebol e represento vários jogadores, tanto portugueses como estrangeiros... Alguns até do próprio Benfica.

Já ouvira falar naquela personagem, o agente FIFA de nome Ambrósio. Representava quase todos os internacionais portugueses. E corriam muitas histórias acerca da sua pessoa, boas e más, algumas verdadeiras e outras não.

No entanto, sabendo quem ele era e o facto de me procurar, deixaram-me ainda mais confiante em relação às minhas capacidades, uma vez que ele só se interessava por futuras estrelas, logo futuro dinheiro a entrar nos seus bolsos.

Estendi-lhe a mão, mas não me pronunciei, aguardando que ele revelasse as suas intenções.

— Já o tenho andado a seguir...

— Como assim? — interroguei.

— Tenho-o visto jogar. — explicou. — Fez um jogo muito bom, da última vez.

— Dizem que sim. — concordei, mantendo o distanciamento.

O homem pousou a maleta no chão e perguntou:

— Será que poderíamos conversar noutra lugar mais calmo?

Encolhi os ombros como se não tivesse grande interesse.

— Gostaria de discutir consigo uma proposta interessante.

— Como assim? — repeti.

Ambrósio sorriu com algum sarcasmo e disse:

— O meu amigo tem revelado alguns dotes para o futebol. Só que isso, por si só, não chega para o sucesso. O jogador que ambiciona o estrelato deve fazer-se representar por alguém com experiência. Alguém que conheça o Mundo do futebol.

— Eu já sou representado por um empresário. — atalhei friamente.

— Eu sei, meu amigo. — disse num tom calmo, algo irónico. — Mas, penso que gostará da minha proposta para que passe a ser eu o seu representante.

— Agradeço o seu interesse, mas não quero mudar de representante.

A minha recusa foi acompanhada pela mão estendida em forma de despedida.

Ambrósio correspondeu à despedida, deixando contudo o aviso:

— Se fosse a si, pensava duas vezes. Pode estar a cometer um erro.

— Não creio. — acentuei com convicção. E afastei-me dele.

Não cometi um erro. Contudo, a minha decisão viria a afectar o meu futuro no clube.

Mesmo não o sabendo naquela altura, a minha contratação tivera razões diferentes àquelas que eu julgara terem sido a justificação de estar a jogar no Benfica.

Ainda antes da final da Taça de Portugal, já se falava no interesse de vários clubes na minha transferência. Da parte do Benfica, o interesse oficial só foi demonstrado quando começou a circular a notícia de que F. C. Porto o Sporting me queriam nas suas fileiras.

Claro que essas notícias foram desmentidas, mas todos sabemos que noventa por cento das supostas mentiras têm um fundo de verdade. E, de facto, o Jorge fora contacto por pessoas que se identificaram como representantes desses clubes.

Perante os factos, a conclusão a que viria a chegar mais tarde foi que o Benfica me contratou, não por desejo do treinador, mas para evitar que eu fosse para um dos seus rivais. Estranho que um clube faça isso, já que então o teria de fazer com todos os jogadores potenciais reforços dos rivais. Vontade não deveria faltar, mas só comigo o conseguiram.

Eu fui uma boa contratação para o clube e o treinador estava satisfeito comigo. No entanto, há coisas no futebol que eu não percebo. E o que se seguiu nos dias seguintes fazem parte do rol.

No dia posterior ao regresso a Lisboa, Jorge e eu tivemos uma reunião com os dirigentes do Benfica, a pedido destes.

Recordo-me que estava um calor brutal nessa tarde. Assim que entrámos nas instalações, recebemos com agrado o fresco do ar condicionado.

Ao longo do trajecto, Jorge relatou-me como corra a contratação de José Luís para o Estoril. Ele ficara muito interessado com o projecto e com as condições propostas. E conhecendo como conhecia o José Luís, sabia que tinha de ser algo bastante atractivo para a sua carreira de treinador.

Diz o povo que há dias em que não se deve sair de casa. Eu não diria o dia, mas pelo menos a tarde.

A sala tinha um ambiente escuro, devido aos cortinados corridos para evitar que o sol quente invadisse o interior. O ar mantinha a frescura da entrada. A decoração do local era elegante com a preocupação de espalhar por vários locais o símbolo da instituição.

Fomos recebidos pelo director do Departamento de Futebol.

Jorge foi o primeiro a entrar, cumprimentando-o com um aperto de mão. Eu segui os seus passos, retribuindo a gentileza do cumprimento.

Ao entrar, deparei com uma mesa rectangular no centro da sala, onde uma segunda pessoa nos aguardava. Tratava-se de um dos vice-presidentes, o mesmo que estivera na assinatura do meu contrato.

Logo aí notei que alguma coisa não estava bem. O indivíduo que distribuía sorrisos por todo lado, tempos antes, mantinha agora um semblante carregado. Tinha um aspecto altivo, fisicamente gordo e com falta de cabelo. Levantou-se com enfadamento e estendeu-me os dedos gordos.

Nem eu nem Jorge sabíamos os motivos da reunião. Por isso, a primeira questão que Jorge colocou, assim que o cumprimentou, foi:

— Então que nos querem, meus senhores?

O director do departamento convidou-nos a sentar nas duas cadeiras em frente ao outro. E ele próprio se foi sentar na que estava vaga, ao lado do vice.

— É necessário definirmos algumas questões acerca do Ivan Pedro. — disse o vice-presidente.

Franzi o rosto, estranhando o assunto.

— Que questões? — interrogou Jorge, personificando a minha estranheza.

O director começou a mexer nos papéis que tinha sobre a mesa, folheando-os como se tivesse alguma coisa a ver comigo e respondeu:

— Após o estágio, a equipa técnica completou a avaliação do plantel e tomou algumas decisões que nos transmitiram. Como o nosso treinador concluiu que o actual número de jogadores no plantel é excessivo, optou pela dispensa de alguns elementos.

Começava a perceber o teor do assunto da reunião e não me agradava.

O magricela de óculos, director do departamento, continuou:

— Sendo assim, o treinador considerou que não haveria lugar, actualmente, para o Ivan Pedro no plantel.

— O quê? — interrompi. — Depois da minha actuação durante o estágio?

Jorge segurou-me pelo braço, mantendo uma postura calma e tentando inculcar-me alguma.

— Independentemente daquilo que cada um de nós possa achar, a opinião do treinador é a que conta! — afirmou o vice-presidente.

— Ele próprio me disse que estava satisfeito comigo, quando estávamos na Suíça. — argumentei.

A resposta do vice foi um encolher de ombros.

— Eu sei porque é que estão a fazer isto! — exclamei cada vez mais irritado. — A minha dispensa é o castigo por não aceitar ser representado por aquele tipo, o Ambrósio.

— Não diga disparates. — ripostou o director. — Uma instituição como o Benfica não anda ao serviço de interesses pessoais de ninguém.

— Aconselho-o a não repetir esses disparates em público. — ameaçou o vice. — Ou poderá ser acusado de calúnias e difamação.

Jorge conhecia a história, eu próprio lha contara à chegada a Lisboa. E talvez inconscientemente se sentisse responsável por aquela situação. Nunca perdendo a calma, puxou-me novamente o braço e perguntou:

— Já chegámos à conclusão que o vão dispensar. Contudo, contratualmente, ele continua ligado ao Benfica. Que soluções propõe?

O director retirou uma folha de entre o molho e informou:



— Achamos que o melhor será ceder o Ivan Pedro, a título de empréstimo, a outro clube. Temos até já um interessado.

— Quem? — perguntou Jorge, antecipando-se a mim.

— O Alverca.

Soltei uma gargalhada sarcástica.

— O Alverca? — interrogou Jorge. — Uma equipa que desceu à Liga de Honra na época passada. E é do conhecimento de todos como são as relações entre o Ivan e o Alverca. Para eles o Ivan estava acabado para o futebol. E agora querem-no lá outra vez?

— É o que temos. — disse o vice com aspereza. — Você é empresário. Se tiver uma proposta melhor, coloque-a sobre a mesa.

— Tenha ou não, considere essa recusada. — disse-lhe, fulminando-o com o olhar. — Jamais voltaria a jogar para esses senhores.

O director olhou para mim e alertou:

— Se não houver outra proposta e não aceitar essa, só lhe restará treinar-se com a equipa B até encontrar outra solução.

Jorge abanou a cabeça e sorriu com ironia, dizendo:

— Meus senhores, transpondo esta situação para o cenário que este país viveu antes do 25 de Abril, diria que estão a mandá-lo para o Tarrafal.

— Essa sua teoria nem merece resposta. — ripostou indignado o vice-presidente.

O director do departamento dirigiu as palavras para mim e disse:

— A partir de amanhã, passa a treinar com os Bês, até ter alguma proposta para o seu futuro.

— Penso que não temos mais nada a dizer uns aos outros. — finalizou Jorge. — Passem bem.

E ambos lhes virámos as costas e abandonámos a sala.

Jorge tentou confortar-me, prometendo-me que brevemente teria uma nova proposta para mim, um empréstimo numa equipa da Superliga até final da época.

No entanto, nada me poderia reconfortar por ver o meu sonho de uma vida esfumar-se no nada em poucos minutos. E lembrando-me do que perdera na vida por esse sonho, ainda me fazia sentir pior.

Nos dias que se seguiram, mesmo respeitando as ordens de treinar com a equipa B, tentei falar com o treinador do plantel principal, procurando um porquê para aquela situação. Infelizmente, não só ele se furtou sempre ao contacto comigo, como também não me deixavam chegar até ele.

Jorge não conseguiu arranjar-me nenhuma proposta válida. Muitas equipas já tinham fechado os seus planteis. E as poucas que me chegaram não eram compatíveis com o que desejava para a minha carreira.

## Ivan Pedro

Um dos grandes esforços de Jorge foi o meu empréstimo ao Estoril, clube onde mantinha boas relações e onde José Luís veria com bons olhos a minha inclusão. Ele próprio me telefonara, transmitindo-me essa vontade.

Contudo, o Benfica não abdicou de uma vírgula em relação às verbas envolvidas para o meu empréstimo. E o Estoril não pôde concretizar as pretensões do seu treinador.

Foi assim que fiquei na equipa B, durante alguns meses, treinando sempre com profissionalismo, mas sem que por uma vez me fosse dada a hipótese de jogar.

III

A bagagem não era muita, a que levaria comigo para Paúle, unicamente a necessária para os poucos dias da minha estadia. Passado o fim-de-semana, estaria de volta.

A chuva parara completamente. Tive o cuidado de fechar tudo muito bem e tranquei a porta da minha casa em Alcochete. Desci as escadas e saí a porta da rua, rumando ao Mégane Coupé vermelho estacionado não muito longe dali.

Abri o porta-bagagem e coloquei lá as coisas, fechando-o em seguida.

O impacto da batida ao fechar fez-me recuar a uma certa tarde, dois meses antes...

Numa tarde de meados de Outubro, após mais um treino na equipa B do Benfica, encontrava-me junto ao meu carro, arrumado no parque subterrâneo do Estádio da Luz.

Mesmo tendo passado já mais de dois meses desde que fora desterrado para os treinos da equipa B, ali continuava a treinar e sem jogar. A situação era absurda, principalmente para o próprio clube que suportava um ordenado de cinquenta mil euros de um jogador que, basicamente, não servia para nada nem seria nunca uma mais-valia. E durante esse tempo, por três vezes, recebi telefonemas de Ambrósio aliciando-me com propostas em troca dos seus serviços de representação.

Ao fechar o porta-bagagem do automóvel, tendo guardado lá o equipamento, comecei a ouvir o som de saltos-altos a embater com ruído no chão do parque.

Instigado pela curiosidade, procurei a proveniência da passada.

Não deveria haver mais de dez carros estacionados ali, o que para um parque daquela dimensão não significava praticamente nada.

Ao fundo, reparei numa mulher que caminhava elegantemente em direcção a um automóvel azul-escuro. Pareceu-me reconhecê-la, principalmente pelo cabelo preto comprido e pela postura.

Afastei-me do meu carro e aproximei-me dela. A cerca de vinte metros, quase com a certeza da sua identidade, chamei:

— Susana?

A mulher olhou para mim.

Parei junto dela e reparei no seu semblante de estranheza.

— Como está, Susana? — cumprimentei. — Lembra-se de mim?

— A sua cara não me é estranha. — respondeu, esforçando a mente para se recordar.

— Acompanhou-me na viagem à Suíça.

— Sim, lembro-me. — respondeu, transformando o semblante de dúvida para uma alegria protocolar provocada pela lembrança. Estendeu-me a mão. — Como está, senhor...?

— Poupe o “senhor”, Susana. — pedi-lhe com um sorriso. — Ivan! Só Ivan.

Junto dela, regressaram à minha memória as sensações que tivera com a sua companhia. E aqueles olhos verdes continuavam a encantar-me. Para além disso, mantinha a pose profissional, irradiando uma beleza natural e elegante.

Quase que me sentia um pelintra junto dela, não porque estivesse mal vestido, talvez apenas por não ter a sua elegância. Já me poderia sentir satisfeito por não a ter encontrado à saída de um treino, com o equipamento suado e com cheiro desagradável.

— Então? Tem jogado muito? — perguntou por cortesia. Uma pergunta típica de quem não percebia nada de futebol e não estava nada a par do que se passava comigo. E porque haveria de estar, não?

— As coisas não correram muito bem.

— Pena... — suspirou, dando pouca importância ao assunto.

Por momentos, ficámos a olhar um para o outro. Eu sem saber o que dizer mais e ela à espera de saber se eu já tinha acabado.

— E com a Susana?

— Está tudo bem. — respondeu, abrindo a porta do carro. — Olhe, estou cheia de pressa. Prazer em vê-lo!

Num acto reflexo, segurei-lhe o braço, sentindo inconscientemente o medo que ela desaparecesse. Meio engasgado, perguntei:

— Podemos voltar a ver-nos? Gostava de conversar um pouco consigo.

Susana voltou-se para mim, encarou-me nos olhos e inquiriu num tom quase arrogante:

— Para quê?

Não sabia o que responder. Limitei-me a dizer:

— Nada de especial. Foi bom falar consigo da outra vez. Gostava de repetir!

— Não tenho muito tempo disponível. — ripostou. — E actualmente não sou muito boa companhia.

— Custa-me a acreditar! — exclamei.

Já sentada no carro, tornou a olhar-me e questionou:

— Não acredita que sou uma pessoa ocupada?

— Nada disso. Ponho em dúvida que não seja boa companhia. — argumentei.

Susana esboçou um sorriso, dizendo:

— Acredite que não sou.

Aproximei-me ligeiramente.

— Como está o seu casamento? — A cara de Susana espantou-se, pois esquecera-se que ela própria falara no assunto. — Peço desculpa, por fazer esta pergunta.

— As desculpas não se pedem. Evitam-se! — atalhou rispidamente.

— Talvez a Susana não se recorde, mas foi a Susana que me contou que o seu casamento não ia bem. — lembrei num tom calmo.

As minhas palavras fizeram-na lembrar-se, o que a fez soltar um...

— Desculpe.

— Não tem importância. — apressei-me a dizer. Baixei-me para ficar ao nível dela. — Sei que parece estranho, mas não estou a tentar... você sabe.

— Sei, o quê? — questionou com o seu sorriso encantador.

Baixei a cabeça, meio envergonhado, e disse:

— Não estou a tentar seduzi-la.

— E porque haveria de estar? — interrogou.

Olhei-a novamente e encolhi os ombros.

— Mas, não me respondeu. — prossegui. — A situação melhorou?

Susana abanou a cabeça negativamente, perdendo um pouco do sorriso.

Quem nos visse ali, acharia no mínimo estranho, ver uma elegante senhora, sentada no banco do condutor de um Opel Corsa com a porta aberta, e um homem quase ajoelhado no chão a olhá-la.

Susana olhou para o ambiente através do vidro frontal do carro e disse:

— Divorciámo-nos. A situação estava insustentável para ambas as partes. Colidíamos em todas as coisas. E a gota-de-água foi ele querer que eu abdicasse da minha vida profissional para engravidar.

— Não quer ter filhos?

— Quero! Mas, não agora. — Olhou para o relógio. — Peço-lhe imensa desculpa, Ivan. Mas, tenho mesmo que me ir embora.

— Deixe-me convidá-la para jantar. — pedi.

Susana abanou a cabeça, sorrindo. Fechou a porta do carro, abriu o vidro e lembrou:

— Não disse que não estava a tentar seduzir-me?

— E não estou. Não me diga que não posso ser seu amigo?

— E porque é que quer ser meu amigo? — quis saber, desconfiada. — Não sou assim tão ingénuo, Ivan.

— Pode dar-me uma oportunidade?

Susana esticou o braço até ao porta-luvas do veículo, retirou um cartão e entregou-mo.

— Estou mesmo cheia de pressa. Tem aí o meu número de telefone. Ligue-me! Verei se consigo arranjar tempo para essa oportunidade.

Arrancou rapidamente em direção à saída. E eu fiquei a observá-la a afastar-se no automóvel.

Senti o coração a bater forte. Não conquistara nada de extraordinário, mas pelo menos não perdera o contacto com ela. Tinha na mão o seu cartão com o número do telemóvel.

Nos momentos que se seguiram, permaneci imóvel onde ela me deixara. A sua figura não me saía da cabeça. Os olhos verdes carregados de uma mistura de frieza e sensibilidade. Os gestos femininos, o pentear do cabelo negro, cada vez que uma franja lhe caía sobre a testa. A elegância dos *tailleurs* que vestia de ambas as vezes que a vira. As formas do seu corpo. Susana era linda.

Nos dias seguintes, pensei em telefonar-lhe, mas sentia-me constrangido a fazê-lo. Podem não acreditar, mas apesar da idade que tinha, parecia um adolescente.

Sentia-me muito atraído por ela. Mas, não queria que ela se apercebesse disso, pois tinha medo que ela me fugisse. E isso destroçar-me-ia.

Apesar de a ter visto somente por duas ocasiões, Susana provocava uma sensação diferente, um arrepio na espinha, um desejo de am... Não! Recusava determinadamente a ideia de partilha de sentimentos com alguém para além de uma atracção física, uma paixão momentânea ou sexo pelo sexo.

Amor?

Sofrera demasiado com Camila. E esse amor deixara uma marca que nem uma eternidade faria apagar. E o que mais doía, o que não deixava a ferida sarar, era saber que a responsabilidade por não a ter a meu lado era toda minha.

E que tinha eu, naquele instante?

Trocara o seu amor por um amor doentio ao futebol. E como é que o futebol me retribuiu? Exilando-me numa equipa B, onde treinava rodeado de ex-juniores a sonhar por uma oportunidade de treino com o plantel principal, sabendo que não tinha como escapar, que jamais jogaria e que talvez (e só talvez) no fim da época, após me libertar daquele contrato, conseguisse reencaminhar a minha carreira.

Acordar todos os dias e ter consciência de que Camila era passado na minha vida nunca deixou de ser doloroso. Contudo, após a quebra do meu sonho, tudo se tornou muito mais difícil.

Não me lembro ao certo quando telefonei a Susana. Porém, recordo-me bem que ela atendera e me despachara a grande velocidade, comprometendo-se a ligar-me. Não acreditei que ela o fizesse.

No entanto, antes que me decidisse se valeria a pena tentar outra vez ou não, o meu telemóvel tocou.

Susana começou por pedir desculpa por não me ter atendido quando lhe telefonara. Estava em plena reunião de trabalho. Insistiu várias vezes que era verdade, mesmo sem que por alguma vez eu o tivesse posto em dúvida.

Por entre alguns atropelamentos de fala, já que nos interrompíamos ou falávamos ao mesmo tempo, lancei a sugestão de um jantar. Susana aceitou. Aliás, já sabia as minhas intenções, por isso, ao telefonar já trazia a resposta.

Ficou combinado para o dia seguinte, Sexta-Feira, sendo o encontro ao fim da tarde, junto à entrada do Centro Comercial Vasco da Gama.

Convencera-me que era apenas mais um encontro com uma mulher. Um jantar, uma conversa, um clima e o mesmo objectivo de sempre: sexo.

Tomei um banho relaxante e perfumei-me evitando exagerar no odor. Vesti-me de forma elegante, não muito formal, mas revelando *style*.

Saí de casa já noite, apesar de pouco passar das 19h00. Segui pela estrada em Alcochete até alcançar o IC3 e entrar no acesso à ponte Vasco da Gama. Era um trajecto relativamente simples, pois atravessados os quilómetros da ligação entre as duas margens, rapidamente entrava no Parque das Nações, localizado logo ali.

Entrei no parque do Centro Comercial Vasco da Gama e estacionei o carro no primeiro lugar que encontrei, já que a lotação não levaria muito tempo a esgotar ou a ficar muito perto disso. Calhou serem as passadeiras-rolantes o acesso mais perto ao Centro. Sentia o nervoso miudinho que me fazia tremelicar. Enfiava as mãos nos bolsos e comprimia os braços contra o corpo.

A densidade de visitantes no espaço comercial era elevada. Caminhei até à porta principal e aguardei. Eram 19h45.

Parecia quase um porteiro, ali petrificado, a olhar para a rua através das portas de vidro. Ansiava pela sua chegada. Comecei a pensar em toda aquela situação, nela... Estremeci ao chegar à terrível conclusão que não sabia como aquela noite iria terminar.

Habituara-me àquelas saídas à noite, tomar um copo e trocar olhares com a primeira desconhecida que me despertasse o desejo. Fora a forma mais adequada que encontrara para tentar atenuar a lembrança de Camila, mesmo sabendo que não era a mais correcta. Contudo, nos últimos tempos fartara-me daqueles encontros sexuais com estranhas. Mas, eram mais fáceis que aquele encontro.

As mulheres que conhecia na noite já sabiam ao que vinha. Pagava um copo, conversava sobre o que elas queriam ouvir, rapidamente percebia se havia interesse e logo se passava a um motel ou ao próprio interior do carro, se a intensidade da paixão o clamasse.

No entanto, aquele encontro era algo a que me desabitudara por completo. Combinar um jantar para conversar e para nos conhecermos.

Tive medo do que poderia resultar daquela noite. Fantasiei as mais diversas possibilidades e concluí que dificilmente adivinharia a correcta. Não tinha o controlo da situação. E isso assustava-me.

Subitamente, Susana apareceu no exterior, caminhando até à porta e empurrando-a para que se abrisse. Vestia calças de ganga e um

casaco comprido preto, o que me surpreendeu, pois sempre a vira vestida de fato saia-casaco.

Assim que entrou, o seu olhar encontrou o meu. Sorriu e deu os passos seguintes até chegar a mim. Estendeu-me a mão.

Hesitei.

Pensando bem, mal nos conhecíamos, porque haveria ela de me beijar naquele momento? Sempre me cumprimentara profissionalmente com um aperto de mão.

Contudo, contava que ela não fosse tão profissional naquela noite.

Pensei em dizer-lhe o que ia na minha cabeça, mas acabei a apertar a sua mão fria.

— Desculpe a demora! — pediu.

— Não faz mal. Acabei de chegar. — disse olhando para o relógio que marcava 20h10.

Susana olhou para os pisos superiores e perguntou:

— Onde vamos jantar?

— Tem preferência?

— Gosto de restaurantes típicos! Detesto *fast-food*.

Sorri nervoso, dizendo:

— Eu também.

— Que acha de jantarmos no italiano? — sugeriu. — Gosta de comida italiana?

Assenti com a cabeça.

— Vamos então? — apontou ela para as escadas, não conseguindo deixar de se portar como guia como fizera quando viajáramos para a Suíça.

Tomei a decisão de não protestar nem reclamar daquela postura. Sabia que ela não o fazia intencionalmente.

Subimos as escadas-rolantes e caminhámos lado a lado até à zona dos restaurantes.

— Parece que vamos ter de esperar. — disse ela, vendo a fila de pessoas que aguardavam mesa para jantar. — Não me importo de esperar. E o Ivan?

— Por mim, tudo bem.

Susana olhou para mim a sorrir. Reparei que era quase da minha altura. Tinha uma simpatia enternecedora, mas dando sempre a entender que existia uma linha que jamais me deixaria ultrapassar.

— Diga-me, Ivan! Como vão as coisas no Benfica? — perguntou, iniciando assunto enquanto aguardávamos.

— Mal...

— Porquê? Perdoe-me a ignorância, mas não ando muito a par das notícias de desporto.

— Se andasse, saberia o mesmo. — respondi. — Fui dispensado pelo treinador. Como não aceitei as propostas de



empréstimo, recambiaram-me para a equipa B. — Olhei para a cara de Susana e constatei que não percebera nada do que dissera.

— Não me diga! — exclamou consternada. — E agora?

— Tenho que cumprir o contrato com o Benfica até ao fim. — expliquei. — Depois, logo se verá.

Olhei para a fila e vi que só dois casais nos separavam da nossa vez.

— E a Susana? Que tem feito?

— Trabalhado muito. — respondeu.

— Não me diga que há muitos jogadores para acompanhar a estágios?! — disse em tom de graça.

Susana olhou-me com semblante ofendido e ripostou:

— Ser Relações Públicas não é só levar jogadores emproados a estágios!

— Peço desculpa, Susana! — pedi. — Não o disse com intenção de ofender.

O empregado do restaurante apareceu à nossa frente e encaminhou-nos para uma pequena mesa de tampo quadrado.

Susana despiu o longo casaco escuro, revelando uma camisola rosa de malha e sentou-se. Eu sentei-me do lado oposto. O empregado entregou um menu a cada um e afastou-se, dando-nos tempo para fazer a selecção.

Abri o menu e comecei a ler as hipóteses. Não sabia bem o que escolher. Levantei o olhar e dirigi-o para Susana que lia o seu menu com penetrada.

— Achou-me emproado? — perguntei.

— O quê? — interrogou, despertada da concentração da leitura.

— Achou-me emproado? — repeti. — Quando me acompanhou à Suíça.

— Não, nem por isso. — disse, retomando a leitura.

— Como falou em jogadores emproados... — insisti.

Susana tornou a olhar para mim.

— E não o são, a maior parte de vocês?

— Talvez...

O empregado voltou a aproximar-se e perguntou se já tínhamos escolhido. Susana disse que sim e solicitou um prato com um nome que nem cheguei a compreender, mas que acabava em *ini*. Se formos a ver bem, acabam todos assim ou quase todos.

Após escrever o pedido, o rapaz olhou para mim.

— Pode ser uma *pizza*. — disse eu, sem saber bem qual.

— De? — inquiriu o indivíduo.

— De... Deixe-me ver... Pode ser esta! — aponte para o menu.

O tipo olhou para mim como se eu fosse um labrego ignorante e copiou o nome escrito no menu. Reparei que Susana não conseguira

esconder o sorriso pela minha atrapalhão. Assim que escolhemos as bebidas, o rapaz afastou-se.

— Não costuma vir a restaurantes italianos? — perguntou Susana.

— Não são a minha primeira escolha. — respondi.

— Podia ter dito antes. Não me importava de ir a outro que gostasse mais.

Sorri-lhe pela atenção.

— Se eu a quero conhecer melhor, também tenho de conhecer os seus gostos gastronómicos.

Susana franziu as sobancelhas.

— Não sei para que me quer conhecer melhor, Ivan.

— Não me interprete mal, Susana. Não estou a tentar seduzi-la. — Aquela frase começava a ser usual nos nossos diálogos. — Acredite que a vejo como um homem. — Se eu fosse o Pinóquio, o meu nariz tinha crescido até Alcochete.

A minha frase fez Susana soltar uma gargalhada, o que inconscientemente a pôs mais à vontade comigo.

— Vou fazer de conta que acredito.

Durante uns momentos, ficámos em silêncio a olhar para o ambiente à nossa volta.

— Como estão as coisas com o seu marido? — perguntei, quebrando a pausa.

— Ex-marido. — corrigiu. — Não voltámos a falar, desde o divórcio.

— Calculo que tenha estado a ser difícil para si.

— Fora mais difícil o tempo em que estávamos casados. — desabafou. — Neste momento, é como se estivesse a começar uma nova vida. — Mordeu um *grissino*. — Acho que a fase pior foi quando constatámos que o amor que nos unia já não existia. — Sorriu para disfarçar a tristeza das recordações. — E o Ivan? Já sofreu de amores por alguém?

Foi a minha vez de sorrir para disfarçar.

— Se lhe fosse a contar... Ficávamos aqui a noite toda.

— Então é melhor começar. — sugeri prontamente.

— Tudo bem. — acedi.

Nos minutos que se seguiram, contei-lhe uma versão resumida dos acontecimentos que todos já conhecem. Desde o primeiro encontro com Camila, a relação, a ida para Paúle, a vida na aldeia, os sucessos e os insucessos, Raquel e a sua suposta gravidez, a tentativa de recuperar o amor de Camila, os erros todos que fiz em relação a ambas... Quando terminei, já ambos nos deliciávamos com uma sobremesa de frutas.

— Partiu dois corações! — concluiu ela.

— E despedacei o meu. — completei.

Para finalizar o jantar, bebemos um café.

— Com a minha história, acabei por ficar sem saber a sua. — lembrei.

— Não há muito para saber. — afirmou, encolhendo os ombros.

— Em relação ao casamento, acho até que já lhe relatei os factos.

Confirmei que sim.

O empregado trouxe a conta. Eu paguei a refeição, apesar das diversas insistências de Susana em pagar. Eu convidara, eu pagava.

— Da próxima vez, a Susana convida-me e paga, combinado?

Susana encolheu os ombros e disse:

— Como queira.

Apesar de estarmos em pleno Outono, a noite estava agradável. Não era uma noite quente, mas a temperatura era amena e convidava a um passeio.

Após abandonarmos o restaurante, sugeri a Susana um passeio pelo Parque das Nações. Ela acolhera a ideia com agrado e seguimos pela rua, paralelamente ao Pavilhão Atlântico.

Sentindo a brisa nocturna outonal na face, caminhámos calmamente, lado-a-lado, em direcção ao rio. Susana dava passadas pequenas, andando sempre com as mãos nos bolsos do casaco, as quais só tirava para compor o cabelo que o vento desarranjava.

— Disse-me que o Benfica o dispensara?! Porquê? — perguntou-me curiosa.

Vagueando com o olhar pela realidade que nos envolvia, disse:

— Segundo a direcção, foi uma opção do treinador.

— Pelo seu tom, não me parece muito convicto dessa justificação.

— E não estou. — confirmei. — Eu fizera um bom estágio e ele dissera-me que estava satisfeito comigo. Ninguém me tira da cabeça que a culpa foi daquele Ambrósio.

— Ambrósio? — interrogou. — Quem é esse?

A minha atenção perdera-se nos pontinhos laranja na outra margem do rio.

— É um famoso empresário de futebol. Representa quase todas as estrelas.

— E que tem ele com a sua situação? — questionou, esforçando-se para perceber.

Olhei para o seu rosto encantador e continuei:

— Ele fizera-me uma proposta para assinar um contrato de representação com ele, passando assim a ser ele o meu empresário.

As dezenas de bandeiras ao longo do caminho que percorríamos dançavam ao sabor do vento.

— E porque não aceitou? — perguntou.

— Porque já tenho empresário.

Susana olhou para mim e interrogou:

— Desculpe a minha ignorância, Ivan. Não percebo muito do assunto, mas... Sendo ele um empresário tão conceituado, como diz, não seria benéfico para a sua carreira trabalhar com ele?

— Talvez... Só que o Jorge, o meu empresário, esteve comigo nos piores momentos. Foi ele quem conseguiu fazer com que eu chegasse até aqui. Não posso esquecer isso. Seria ingrato, trocá-lo quando a minha carreira estava em alta.

Susana presenteou-me com um sorriso carinhoso e concluiu:

— Você é bom homem, Ivan.

Parei de andar e fi-la parar também, colocando-me em frente a si. Olhei-a nos olhos e o meu coração pulou de ansiedade.

— Posso fazer-lhe um pedido, Susana?

O seu rosto permaneceu estático, receando as palavras que poderiam sair da minha boca. O seu silêncio foi o consentimento para que prosseguisse:

— Não temos muito tempo juntos e a nossa amizade ainda é muito recente... Não estou enganado, pois não? Já somos amigos?

— Sim. — confirmou hesitante. — Mas, só e apenas isso. Amigos!

— Então peço-lhe que nos deixemos de “você isto”, “você aquilo”. Está bem?

Susana temia um pedido mais íntimo, uma súbita declaração de amor ou paixão. Notei claramente isso nos seus olhos. Não era que não tivesse vontade de lhe dizer como me sentia atraído por ela. Porém, tinha a noção que isso, dito naquele momento, só a faria afastar-se de mim.

— Está bem, Ivan. — concordou, soltando novo sorriso que não fora mais que uma libertação dos temores que sentira.

Continuámos a andar e só parámos junto ao gradeamento na margem empedrada que nos separava da água do rio. A Lua cheia insidia no rio e iluminava-o num cinzento muito característico. A água movia-se ao sabor da brisa, fazendo um número incontável de pequenas ondinhas à sua passagem.

— Quase que dá para ver a minha casa! — exclamei, olhando para a outra margem.

— Onde vives, Ivan?

— Em Alcochete. E tu?

Susana voltou as costas ao rio e disse:

— Lá em baixo, perto da marina.

Surpreendi-me. Não me lembrara de pensar onde ela poderia viver, mas dificilmente a enquadraria ali.

— Onde é que jogavas, antes do Benfica? — perguntou, mudando de assunto.

Sabia que já lho dissera, mas compreendia que ela não se lembrasse disso.

— No Grupo Desportivo de Paúle, um clube da 3ª Divisão.

Para minha surpresa, ela fez uma expressão de recordação e completou:

— É verdade, tu contaste-me. Vocês venceram a Taça, ou qualquer coisa do género, não foi?

Abanei a cabeça, afirmativamente.

A vitória na Taça de Portugal fora brilhante, mas trouxera alguns dissabores, a seguir.

O Paúle, com aquela esplêndida campanha, ganhara também um lugar na Taça UEFA da época seguinte, uma das competições europeias de clubes. Peço desculpa aos menos entendidos, se alguns dos pormenores relatados forem demasiado técnicos.

Financeiramente, o clube encaixara uma boa verba pela venda dos jogadores (Hélder, Justino e eu) e do técnico José Luís. Porém, se isso daria para contratar outros jogadores e melhorar mais o plantel, o mesmo não se poderia dizer de fazer viagens pela Europa para disputar a competição. Por isso, Alfredo Carrapiço optou por recusar o acesso, abrindo a vaga ao melhor classificado da Superliga, fora do lote dos já qualificados.

Como vencedor da Taça de Portugal, o Paúle ganhou também o direito de disputar a Supertaça, troféu onde se enfrentam esse vencedor e o da Superliga num único jogo. Foi porventura a noite mais humilhante da história do clube. Perante alguns milhares de espectadores no Estádio Afonso Henriques em Guimarães, fora outros milhares na televisão, o Paúle foi batido pelo Futebol Clube do Porto por onze a zero. A justificação de tamanha derrota encontra-se no facto de o Paúle já não ter algumas peças importantes no plantel, ainda mal tinha começado a sua época (enquanto o Porto já ia com a preparação bem avançada, devido aos compromissos internacionais), o treinador não era o mesmo, alguns jogadores mal se conheciam, etc... Fora a deliciosa vingança que os portistas ambicionavam. E a imprensa não perdoou, no dia seguinte, com títulos como “O Massacre dos Aldeões”, “Acordados para a Realidade” ou “Onze Paúl(e)adas do Norte”. Parecia que a nossa vitória na Taça de Portugal fora uma intromissão imperdoável num mundo que não era nosso.

A partir desse dia, a imprensa desportiva nacional esqueceu o G. D. Paúle. E eu próprio me afastei involuntariamente das notícias do clube.

Claro que não relatei esta história a Susana, pois seria irrelevante para ela.

— Está a ficar tarde. — avisou Susana, olhando para o relógio.

— Vamos voltar para o Centro.

— Tenho o carro estacionado no parque, lá em baixo. Posso levar-te a casa. — ofereci.

Susana abanou a cabeça, dizendo:

— Não me leves a mal, Ivan. Mas, prefiro que a gente se despeça aqui.

Não a contrariei.

Fizemos o trajecto de volta ao Centro Comercial, praticamente, sem dizer uma palavra. Entrámos e ela acompanhou-me até às passadeiras-rolantes.

Quando nos despedimos, pensei que me iria estender a mão como sempre fizera. Só que, para minha surpresa, a ideia da amizade que tentávamos construir também se enraizara na cabeça dela. Esticou o pescoço na minha direcção e deu-me um beijo na face. Senti-me como uma criança a levar um beijo da namoradinha da escola.

— Despedimo-nos aqui, ok?

— Está bem, Susana! — concordei. — Mas, posso voltar a verte?

Susana presenteou-me mais uma vez com o seu magnífico sorriso.

— Para a semana combinamos qualquer coisa. Vou ter uns dias muito atarefados, mas prometo que te ligo, Ivan!

Dei-lhe mais um beijo na face, simulando que me esquecera que já nos havíamos despedido. Susana ficou a ver-me descer a passadeira-rolante. Quando saí das máquinas de pagamento automático, olhei para cima e ela já lá não estava.

Regressei a casa com um sorriso aparvalhado na cara. Sentia um friozinho no estômago e arrepiava-me a lembrança dela. Tentava debater-me comigo mesmo, mas não conseguia evitar. Estava apaixonado por ela.

IV

Que Dezembro estávamos a ter. A chuva rompera furiosa pelas nuvens, quando entrei em Lisboa. Já adivinhava o cenário, desde que vira o aglomerado cinzento-escuro sobre a capital, ao atravessar a ponte Vasco da Gama.

Estacionei o Mégane no parque em frente ao prédio onde os meus pais viviam. Ficara de os vir buscar para seguirem comigo na viagem para Paule. Saí do carro, tranquei-o e dei uma corrida até ao alpendre de entrada do edifício. Toquei à campainha e a porta abriu.

Enquanto entrava na escada, o meu telemóvel tocou. Parei no *hall* de entrada e atendi.

— Olá Jorge!

— Olá Ivan. Ainda bem que te apanho. — disse o meu empresário. — Preciso de falar contigo pessoalmente.

— Não vai dar, Jorge! Estou de partida para o casamento da minha irmã. — informei-o. — Não me podes dizer por telefone?

— O Benfica telefonou-me. — relatou. — Querem rescindir o contrato. — Por estranho que isto pudesse parecer meses antes, a notícia encheu-me de felicidade. — Mas impõem algumas condições,

— Quais?

— Quando voltares, falamos melhor. Mas posso adiantar-te que não querem pagar-te mais nada e querem uma cláusula de indemnização se assinares contrato com algum clube da Superliga ou do estrangeiro nos próximos dois anos.

Ao desligar o telefone, reparei que sobre a pedra perto das escadas, alguém deixara vários folhetos promocionais de fins-de-semana em vários pontos do país. E isso fez-me regressar às memórias...

Passada uma semana, desde aquele encontro com Susana, voltámos a sair juntos. A esse encontro seguiram-se outros encontros com ela. Aliás, quase se tornou um hábito, sairmos às Sextas à noite, fosse para ir ao cinema, beber um copo a algum lado, jantar... qualquer coisa que nos fizesse passar um bocado juntos a conversar. Adorava a sua companhia e acho que o sentimento era recíproco.

No entanto, apesar de apaixonado por ela, optei por nunca lhe confessar o que sentia. Era tão estranho o que ela despertava em mim que quase me fazia esquecer Camila. Porém, eu continuava com a ideia fixa de recusar a ideia de amá-la. O que partilhávamos naqueles momentos era tão bom que eu temia perdê-la, se dissesse algo que não obtivesse correspondência da sua parte.

Ao fim de um mês, mais ou menos no início de Novembro, combinávamos sair ao Domingo ou ao Sábado, conforme a disponibilidade dela. Até me sentia satisfeito por nunca ser convocado,

podendo assim estar com ela, em vez de estar nos estágios antes dos jogos.

Na última Quinta-Feira de Novembro, Susana telefonou-me a perguntar se eu ia ser convocado nesse fim-de-semana. Ambos sabíamos com quase total certeza que não, mas ela queria a confirmação. Disse-me que tinha uma surpresa preparada para mim.

— Só amanhã à tarde é que sei. — disse-lhe.

Susana pediu para que lhe ligasse nessa altura.

Escusado será dizer que fiquei inundado de ansiedade, relativamente à surpresa que ela me estava a preparar.

No dia seguinte, aguardava impacientemente que ela voltasse a ligar. Na tarde dessa Sexta-Feira, após mais um treino com a equipa B, dirigi-me ao departamento de futebol, como fazia sempre, para saber se tinha sido convocado. Sem surpresa, reparei que o meu nome não constava na lista. Dei um pulo de felicidade.

Peguei no telemóvel e marquei o número de Susana. Informei-a da não convocatória. E Susana pediu-me que esperasse por ela, junto à entrada principal do Estádio da Luz.

Segui a pé até ao local, não sem antes deixar o saco com o equipamento no porta-bagagem do carro, estacionado no lugar do costume.

A tarde estava um tanto cinzenta e já sopravam rajadas frias, o que me fez ficar do lado interior do edifício, perto da porta envidraçada. Enquanto aguardava, o meu telemóvel tocou. Retirei-o do bolso do casaco e atendi.

— Senhor Ivan Pedro?

— Sim...

— Muito boa tarde! Fala Ambrósio. Recorda-se de mim?

Como não me haveria eu de recordar de tal personagem? De facto, passara já algum tempo desde que me telefonara pela última vez, insistindo na proposta dos seus serviços. Cheguei mesmo a pensar que tivesse desistido de mim.

Contudo, Ambrósio era um indivíduo esperto e tinha olho para encontrar fontes de rendimento. E eu, pela minha qualidade como jogador e pelas capacidades técnicas, era um potencial lucro, assim Ambrósio me conseguisse convencer a trabalhar com ele.

— Que deseja? — perguntei com frieza.

— Tenho uma proposta aliciante para si.

— Calculo...

— Não me diga que não está farto de jogar... ou melhor, ver jogar na equipa B do Benfica?! — disse em tom sarcástico.

— Onde quer chegar? — perguntei, irritado.

— Se assinar contrato comigo, posso fazer com que volte ao plantel principal do Benfica. Pense nisso, senhor Ivan Pedro. Bom fim-de-semana!

E desligou.



Afinal, eu tinha razão. Ele era o responsável pela minha situação. Esperei bastante tempo ali, olhando de vez a vez para a escada por onde calculei que ela desceria. Susana não me dissera onde estava, quando falei com ela, mas equacionei a hipótese de ela estar no seu local de trabalho mais usual, o sector dos corpos directivos do clube.

A minha atenção foi desviada para a rua, onde se ouviu o estrondoso som de uma Honda CBR 900 RR amarela, uma mota de alta cilindrada e muita potência de motor. Reparei que era conduzida por uma mulher.

O som desapareceu por completo, quando a condutora a imobilizou perto do local onde eu estava. Para minha surpresa, a rapariga acenou-me. E eu retribuí o cumprimento, mesmo sem saber quem era.

Ela retirou o capacete e abanou a cabeça, atirando os cabelos para trás. Nem queria acreditar. A dona da mota era nem mais nem menos que Susana.

Saí do edifício e dirigi-me a ela. Dei-lhe dois beijos nas faces e perguntei surpreendido:

— Que fazes tu de mota?

Susana riu-se e respondeu:

— Uma maluqueira minha. Nunca te contei? Adoro motas.

— Que fizeste ao Corsa?

— Ficou em casa.

Abanei a cabeça incrédulo e maravilhado com a beleza do veículo que fazia um óptimo duo com a beleza de Susana.

— Era esta a surpresa? — questionei.

Susana pegou num capacete que trazia preso na traseira da mota e disse:

— Não. Toma! Põe isto na cabeça.

— Queres que vá dar uma volta contigo? — interroguei apreensivo. — Acho melhor não.

— Não sejas parvo. — ripostou. — Sou boa condutora.

Coloquei o capacete na cabeça e sentei-me atrás dela.

— Onde vamos?

— Lembras-te da surpresa que te falara? — inquiriu, recolocando o seu capacete. — Estou a precisar de sair de Lisboa e ir passar um fim-de-semana fora. Alinhas?

Se alinho? Parecia que me tinha saído a Sorte Grande. Parecia um sonho, poder passar um fim-de-semana inteirinho com ela.

— Claro que alinho. — concordei excitado.

— Então, agarra-te bem!

Coloquei os braços à volta dela e segurei-me com força, aproveitando para me encostar o mais possível ao seu corpo e sentir o doce aroma do seu perfume natural.

Susana ligou a ignição da mota e arrancou.

Habituei-me rapidamente à condução de Susana. Porém, as viagens de mota estavam longe de serem uma preferência minha. Parecia que a qualquer momento podíamos cair. A minha atenção dividia-se entre o movimento na estrada e a evolução do estado do tempo, no qual o aglomerado de nuvens cinzentas fazia antever a possibilidade de chuva. Rezei a todos os santos (e eu nem sou religioso) para que não chovesse durante o trajecto.

Seguimos pela Segunda Circular na direcção Benfica-Aeroporto até ao desvio para o Eixo Norte-Sul. Fizemos os quilómetros até chegarmos ao fim da estrada e pararmos num semáforo no cruzamento onde iríamos virar à esquerda e entrar na Avenida Padre Cruz. Enquanto aguardávamos que o verde caísse, perguntei a Susana para onde íamos. Ela recusou-se a revelar o destino surpresa.

Continuámos por aquela avenida até entrarmos na A8, momento em que Susana decidiu colocar muitos dos “cavalos” do motor na estrada. Senti-me como se fosse a cavalo num foguete espacial.

Viajávamos àquela hora que, em pouco tempo, o dia se transformaria em noite. Assim, vinte minutos mais tarde, já todos os veículos circulavam de faróis acesos. Nesse momento, saímos da A8 em direcção à A21. Eu via o percurso todo sobre o ombro de Susana. Sentia o rabo e as pernas doridas, tal como os braços à volta da cintura dela.

A auto-estrada movimentada deu lugar a uma auto-estrada quase deserta, onde Susana aplicou ainda mais velocidade à viagem. E a tímida claridade de fim de tarde quase desaparecera por completo.

Curva para esquerda, curva para a direita, rectas longas e vertiginosas. A estrada era uma pista e Susana abusava.

Alguns minutos passados, vi placas a sinalizar o centro de Mafra e prosseguimos. Do lado direito era possível avistar o Convento. Foram mais dez minutos até ao fim da auto-estrada e a indicação da chegada à Ericeira.

Continuámos nessa estrada alguns quilómetros, altura em que o asfalto nos encaminhou para o centro da vila. Susana virou no cruzamento antes. Uma descida íngreme e começámos novamente a subir. Passámos o cemitério, sempre a subir, e entrámos num aglomerado de pequenas moradias brancas.

Suspirei de alívio, quando Susana parou a mota em frente a uma delas.

— Chegámos!

Olhei e reparei na casinha de dois pisos semelhante a todas as outras. Esforcei-me por sair da mota, pois as pernas doíam-me imenso pela falta de hábito àquele tipo de veículo.

Susana movia-se como se nem tivesse feito a viagem. Caminhou até aos portões e abriu-os, de forma a empurrar a mota para o interior do terreno.

A noite instalara-se por completo no céu. Conseguia ouvir dali as ondas do mar, mas não o via, apesar de ser visível dali, durante o dia.

— Anda! — chamou-me Susana, ao abrir a porta de casa.

Coxeei pelo carreiro empedrado e entrei.

A casa tinha um pequeno *hall* com uma escadaria que subia para o primeiro andar e descia para a cave. Andei pelo corredor, vi a casa de banho à esquerda e virei à direita para a sala.

— Senta-te aí um bocado e repousa. — aconselhou com ar trocista. — Vou tomar um banho. Fica à vontade.

Ouvi os seus passos a subir a escada para o andar de cima. Olhei para o fundo do corredor e vi a porta da cozinha. As pernas doíam-me muito e optei por me sentar no sofá e aguardar. Acabei por adormecer.

Não sei quanto tempo estive a dormir. Fui acordado por Susana que apareceu na minha frente com o cabelo preto húmido escorrido sobre os ombros, envergando um pijama de camisola e calças rosa.

— Vou preparar qualquer coisa para comermos. — informou. — Se quiseres, podes ir lá acima tomar banho.

— Não trouxe roupa. — lembrei. — Só se ficar nu, depois.

Susana sorriu-me. Eu adorava aquele sorriso caloroso.

— Lá em cima, no quarto do fundo, estão no roupeiro algumas roupas do meu ex-marido. Dá para desenrascar, enquanto as tuas ficam a lavar. — sugeriu.

— Do teu ex-marido? — interroguei preocupado. — Esta casa é do teu ex-marido?

— É! — confirmou Susana. — É dele e minha. Está à venda para que seja feita a separação do dinheiro em partes iguais, tal como fora combinado no divórcio. Mas, não te preocupes. Ele está no estrangeiro. Não vai aparecer por cá. Por isso é que vim. Ele é a última pessoa que quero ver à frente.

Mais descansado, aceitei a sugestão.

No andar de cima existiam dois quartos e uma casa de banho completa. Entrei no quarto do fundo e acendi a luz. As paredes eram brancas e tinham um roupeiro embutido numa delas. Abri as portas e seleccionei as peças de roupa que substituiriam as minhas temporariamente.

Ouvi um *toc-toc* na porta. Olhei e vi Susana a espreitar-me.

— Já vi que encontraste tudo. — disse.

— Não era difícil.

Susana entrou no quarto e passou o olhar pelo interior da divisão. Existia apenas uma cama de casal e uma cómoda com gavetas.

— Este é o quarto de hóspedes. — explicou. — Coloquei aqui as roupas dele. Raramente cá vem e isso são tudo roupas para dar a quem precise. Ficas aqui esta noite.

— E tu? — interroguei por curiosidade.

— Naquele. — respondeu em jeito de ironia, como se eu fosse atrasado mental. — Ou estavas a pensar que íamos dormir juntos?

— Que disparate. — reclamei. — Perguntei por perguntar.

Susana saiu do quarto e desceu as escadas para se inteirar da evolução do cozinhado.

Eu peguei na roupa e fui tomar banho.

O jantar fora arroz com uns ovos mexidos e pão. Era o que havia. Os momentos juntos eram sempre muito agradáveis. Conversámos alegremente como dois bons amigos que éramos. Finda a refeição, Susana abandonou a louça na cozinha e disse-me:

— Vou deitar-me! Estou estafada. Se quiseres ficar aí a ver televisão, fica.

— Não. Também vou subir.

Escalámos juntos a escada e despedimo-nos no corredor com uma troca de beijos no rosto. Susana entrou no seu quarto e fechou a porta, trancando-a com a chave. Não a censurava por não confiar totalmente em mim.

Entrei no meu quarto, acendi a luz e fechei a porta. Deitei-me na cama e fiquei a olhar para o tecto. Aquele quarto tinha um ar frio, muito impessoal. Estranhei muito o facto de não haver uma única fotografia na casa. Seria normal que elas existissem, numa casa que outrora fora um ninho de amor. Contudo, os divórcios são complicados. E talvez aquela fosse a forma que ela encontrara para atravessar a situação, eliminando lembranças.

Dormi como uma pedra e só acordei perto da hora de almoço da manhã seguinte.

Susana aproveitara para fazer compras, durante a manhã, e preparara um belo almoço. E ainda me deixara as roupas lavadas no tampo da cómoda sem que eu despertasse.

Quando desci já arranjado, encontrei a bela Susana na sala no seu traje “civil” de calças de ganga, camisola de malha vermelha e *ténis*. Aguardava a minha chegada para almoçarmos.

— Dormiste bem? — perguntou-me.

Dei-lhe um beijo e respondi que sim.

Sentámo-nos à mesa e começámos a servir-nos. Susana fizera um delicioso macarrão para almoçarmos.

— Que tens? Pareces preocupado.

Mastiguei o esparguete, engoli e bebi um pouco de água.

— Vinha a pensar no telefonema que recebi ontem. O tal empresário que te falei voltou a chatear-me.

— Que queria ele?

— Continua a insistir que tem boas propostas para mim. E quer assinar contrato comigo. — relatei. — Mas, o que mais me lixou foi ele dizer que tinha responsabilidade no que me estava a acontecer. Não foi surpresa, para mim. Já suspeitava disso.

Susana olhava para mim, apreensiva.

— Compreendo os teus princípios em relação ao teu empresário. Mas, não seria melhor para ti, assinares com ele?

— Nunca, Susana! Este tipo é um pulha da pior espécie.

— Eu não percebo muito disso. Só acho que, seja ele o maior filho da mãe, está a prejudicar-te. — lançou-me uma expressão terna. — Tu és meu amigo. E eu não gosto que prejudiquem os meus amigos.

— Não te preocupes. Eu hei-de dar a volta por cima! — desejei, apesar de pouco convicto.

Naquela tarde, Susana convidara-me para um passeio pela vila. Não conhecia a Ericeira e ela falara-me em alguns sítios bonitos para ver.

Antes de sairmos, subi ao piso superior para ir buscar o casaco. Perto dos últimos degraus, ouvi o telemóvel de Susana tocar. Continuei o meu trajecto até ao quarto, onde vesti o blusão. Por último, desci novamente as escadas.

Ao chegar ao corredor inferior, ouvi a voz de Susana falando num tom baixo:

— Eu sei... Sim... Claro que não me esqueci do combinado... Sim. Sabes bem que farei tudo para o conseguir... Sim, até isso.

Apareci na porta da sala. Ao ver-me, notei no olhar de Susana a surpresa de me encontrar ali. Não percebi muito bem, naquele instante, o que realmente sucedera. Susana refez-se rapidamente do choque e continuou ao telefone.

— Ouve! Na Segunda falamos melhor. Sim... Tudo bem... Eu não me esqueço.

E desligou.

— Algum problema? — perguntei desconfiado.

Susana encolheu os ombros.

— Chatices de trabalho. — respondeu. — Nem no fim-de-semana me deixam em paz.

— Devias desligar o telemóvel.

Susana fez um gesto de indiferença para com o assunto. Calculei que já se habituara aos incómodos do seu trabalho. Felizmente, o telefonema não atrapalhara o nosso dia.

A tarde parecia agradável com Sol e sem frio. Apenas o vento, característica típica da Ericeira, incomodava ligeiramente.

Conhecedora exímia da localidade, Susana levou-me a visitar os miradouros da zona. Fiquei maravilhado com a vista ampla do mar, os penhascos altos que envolviam pequenas áreas de areia. Existiam escadas em madeira que permitiam o acesso até às praias e viam-se alguns surfistas a cavalgar as ondas rebeldes.

A Ericeira foi dos sítios mais bonitos que já vi. E fazia-me sentir uma enorme paz de espírito, sem que conseguisse explicar bem porquê.

Após a visita aos miradouros, levou-me a conhecer a parte mais antiga da vila, as zonas preferencialmente ocupadas pelas famílias de pescadores. Mostrou-me alguns dos muitos moinhos típicos da terra.

No trajecto de regresso à moradia, ao passar pelo centro da vila, Susana parou a mota perto de um clube de vídeo. Olhou para trás e sugeriu:

— Podíamos alugar um DVD para vermos logo. Que achas?

Concordei com a ideia.

O filme já passara a metade, uma daquelas comédias românticas que acabam sempre bem. Como só existia leitor de DVD no quarto de Susana, fomos para lá ver o filme. Ela até fizera pipocas para acompanhar.

Estávamos os dois deitados na cama dela, sobre a colcha e encostados a duas grandes almofadas. Susana colocara o balde com as pipocas entre nós, talvez como medida de segurança. Durante a sessão, fartámo-nos de rir e de comentar as cenas.

O quarto tinha um ambiente de penumbra, pois Susana arranjara tudo para que ficasse no quarto a luminosidade mínima, de forma a não influenciar a visualização do filme. A decoração era mais calorosa que a do quarto em que eu ficara na noite anterior. Continuava a não haver fotos de ninguém, mas notava-se que era mais utilizado. E tinha mais móveis, entre eles uma cómoda com espelho e vários produtos de beleza sobre ela.

Quando o balde ficou vazio, Susana retirou-o do seu lugar, esquecendo-se da razão pela qual o colocara ali. Com o passar dos minutos, fui escorregando até ficar praticamente a tocá-la. Sentia-lhe o perfume com maior intensidade.

Comecei a brincar com os dedos no seu braço. Susana afastou-os, olhando para mim com desconfiança.

— Desculpa! Estava distraído. — justifiquei.

A troca de toques entre nós, para além dos beijos na face ou tocar com a ponta do indicador no ombro, ainda não fazia parte da nossa amizade.

As legendas finais começaram a passar. Como se esperava, tudo acabara bem, no filme. Apoiei-me no braço e, olhando para ela, disse:

— Vou para a cama.

— Está bem.

Dei-lhe um beijo na face. Estiquei-me para dar outro beijo na outra face. E quando regressava ao meu lugar, passei muito próximo da boca dela e não resisti.

Beije-lhe os lábios suavemente. Pensei que ela me ia matar por tamanha invasão de intimidade. Porém, para meu espanto, os seus lábios corresponderam timidamente. Continuí a beijar e libertei o desejo que me percorria o corpo. Os meus lábios esborrachavam-se contra os dela. A sua boca abriu e eu levei a minha língua a saborear a sua. O seu hálito era doce e fresco, mesmo com algum paladar a pipocas.

Susana nem se mexia, deitada na cama. Recebia o meu corpo parcialmente sobre o seu. Deixava que eu a beijasse com toda a fogaosidade. Corresponhia-me apenas nos movimentos dos lábios e da língua.

Parei um pouco para respirar. Sentia o coração a palpitar de uma maneira que parecia querer sair do peito. Encarei-lhe o olhar. Susana olhava-me num misto de desejo e condenação.

— Não devíamos fazer isto, pois não? — questioneei, atrapalhado.

— Não sei. — respondeu com distancia. — Mas, ainda não me queixei, pois não?

Não sei o que esperava dela. Tivera o impulso de arriscar aquele beijo. Em fracções de segundos, equacionei vários finais entre a possibilidade de ser expulso de sua casa até à possibilidade de ela corresponder de corpo e alma à minha paixão. Aquele que se deparou diante de mim, escapara a todas as equações: Uma mulher que não revelava o que sentia, parecia não querer e querer ao mesmo tempo.

Eu ardia em desejo. Sentia-me tão quente que era capaz de derreter um *iceberg*. Tornei a colar os meus lábios nos dela e a invadir-lhe a boca com a língua. Os meus beijos eram correspondidos com a mesma fogueira, mas o resto do seu corpo parecia alheio.

Sem parar de a beijar, tomei a iniciativa de investigar o interior da camisola de malha. Levei a mão, que não estava a usar para me apoiar, a entrar pela cintura. Acariciei a barriga pacientemente, andando com a ponta dos dedos à volta do umbigo. Tacteei suavemente a sua pele, enquanto subia para os seios. Surpreendi-me por não encontrar mais nenhum tecido ali por baixo.

A minha concentração dividia-se entre os beijos vorazes e as carícias nos seios de Susana. Esmagava-lhe os lábios com os meus e imaginava como seriam os seus seios, ao mesmo tempo que os apalpava. Tentei puxar a camisola para cima, de forma a desnudá-los, mas a posição em que estávamos não o permitia.

Susana interrompeu o beijo. Sentou-se direita na cama, quase que atirando-me para o lado. Levou ambas as mãos à camisola e despiu-a pela cabeça, revelando-me um par de seios redondos, não muito volumosos, com uns mamilos rosados bem erectos. E regressou à posição anterior, esperando que eu retomasse o meu lugar.

Não hesitei e continuei a beijá-la. As nossas línguas abraçavam-se, a nossa saliva fundia-se, trincávamos os lábios um do outro, sentindo pequenos arrepios de dor que se misturavam com o prazer. A temperatura dos nossos corpos aumentava e o desejo fazia com que nos apertássemos um contra o outro. As mãos de Susana começaram revistar o meu corpo. Retirara-me a camisola e arranhava-me com as unhas nas costas.

Beijava-a e apertava-lhe os seios. Quanto mais ela me arranhava, mais eu os apertava. E ela gostava. E eu adorava.

Desapertei-lhe as calças e ela ripostou, fazendo-me o mesmo. Avancei com a minha mão para dentro das calças. Encontrei a renda das suas cuecas. Levantei o tecido com o indicador e descobri o resto do caminho com todos. Os seus pelos púbicos passavam por entre os meus dedos, conforme investia no conteúdo das cuecas.

Não parávamos de trocar beijos. Mas, quando a toquei no ponto mais sensível da sua intimidade, a ferocidade dera lugar à ternura. Rapidamente, senti os dedos húmidos. Susana dobrou as pernas e afastou-as mais, recebendo os meus dedos. A sua respiração era mais ofegante. Acariciei-a em movimentos circulares repetidos, aumentando progressivamente a velocidade.

Ela gemia de prazer, contorcendo o corpo e respirando descompassadamente. Os meus dedos circulavam, circulavam, circulavam, circulavam... Susana fez um “ahhhh” e apertou as pernas, entalando-me a mão entre elas.

Libertei-me com cuidado, pois notei que toda a zona estava bastante sensível. Olhei para o rosto de Susana, o qual tinha uma expressão relaxada e sorridente, mantendo os olhos fechados.

— Foi bom? — perguntei.

Abriu os olhos, mas não respondeu. Empurrou-me contra as almofadas e reiniciou os beijos. Os seus lábios procuravam os meus. A sua língua lambia a minha boca.

Foi a sua vez de introduzir a mão nas minhas calças, procurando o meu membro escondido. Agarrou-o com força e puxou-o para o exterior. Senti-o rijo, muito rijo com a pele tão esticada que parecia rebentar.

Susana não parou de me beijar, mantendo a intensidade anterior. Apoiava-se com o cotovelo direito, tendo a sua mão direita a acariciar um dos peitos. E a esquerda esfregava-me com força, puxando a pele aos limites da extensão e flacidez.

Quando estava quase a atingir o êxtase, Susana parou de me beijar e ficou a olhá-lo, enquanto o esfregava vigorosamente. A tensão da proximidade do orgasmo invadiu o meu corpo. E eu libertei-a num jacto forte esbranquiçado, ao que se seguiram alguns mais fracos.

Um deles acertou-me em cheio no lábio superior. Susana preocupara-se em, chegado o momento, apontar para qualquer lado menos para si.

Ouvi a sua risada, apontando para a minha boca.

Levantei-me enojado da cama e corri para a casa de banho. Lavei a boca como se tivesse a maior porcaria agarrada. Foi um acto reflexo. Nem me lembro ao que sabia.

Susana apareceu perto da porta da divisão, olhando para mim com um semblante gozão.

— Desculpa. Não foi de propósito. — disse, mantendo o tom de gozo.

— Tudo bem. — respondi, secando a cara com a toalha.

Ela aproximou-se de mim.

— Agora já sabes qual é o sabor de um broche. — lembrou com ironia.

— Não me lixes. — vociferei, desejando esquecer aquela última parte.



Ao sairmos da casa de banho, Susana deu-me dois beijos nas faces e despediu-se:

— Boa noite, Ivan! Vamos dormir.

— Ficamos assim? — perguntei.

Susana abanou a cabeça afirmativamente.

— Foi bom, mas já acabou.

— Susa...

Susana tapou ternamente a minha boca com a sua mão.

— Xiuuu... Vamos dormir!

Entrou no seu quarto e fechou a porta, deixando-me só, no corredor, com destino marcado com a minha cama.

Tive muita dificuldade em adormecer. Repassava todos os pormenores daqueles quentes momentos com ela. O meu corpo sentia a satisfação do que partilháramos, mas o desejo de ter ido até ao fim continuava lá.

Comecei a pensar qual seria o resultado de tudo aquilo. Como seria a nossa relação, a partir dali? Como iria ela encarar-me na manhã seguinte? Fui invadido pelo medo de ter posto fim à nossa amizade. E concluí que aqueles minutos de prazer poderiam ter sacrificado o nosso relacionamento. Tentei engendrar uma forma de não a perder. Pedir desculpa? Combinar esquecer o que acontecera? Fazia qualquer coisa para não a perder.

Da forma como se portara, Susana deixara-me a impressão que não desejara aquilo. Que fora algo que acontecera, que a apanhara desprevenida... Contudo, não fora capaz de resistir e entregou-se. Mas, não deveria passar dali, daquela noite. E na manhã seguinte, deveríamos olhar-nos como fizéramos na manhã do dia anterior, como dois bons amigos.

Bolas! Exclamei em pensamento. Estava completamente confuso e sem saber como proceder. Dei tantas voltas na cama a pensar no assunto que acabei por adormecer.

Acordei com o brilho da manhã a entrar no quarto e o bater suave na porta. Esforcei-me para abrir os olhos.

Susana não esperou um “sim” para entrar e abriu a porta.

Tentei sobressaltadamente encontrar as palavras certas.

— Bom dia! — cumprimentou.

Mais ambientado à claridade, olhei para a porta e vi Susana entrar descalça, envergando uma camisola de alças justa e cuecas. Parou junto à cama, abriu a mão direita em frente aos meus olhos e lembrou:

— Parece que temos uns assuntos a terminar.

Olhei para a palma da sua mão e vi a embalagem fechada de um preservativo.

Susana colocou-a sobre a almofada, perante o meu olhar apatetado, e começou a despir a camisola de alças. Algumas partes do meu corpo começaram a reagir ao que se avizinhava.

Sem pensar duas vezes, recebi-a no interior dos lençóis.

Regressámos aos beijos ferozes. Quase parecia que só sabíamos partilhar paixão com raiva.

Desta vez, Susana vinha decidida a comandar as operações. Deitada sobre mim, invadia-me a boca com a sua língua quente. Seguidamente, começou a descer pelo meu corpo, lambendo-me a pele à sua passagem. Fechei os olhos quando ela desapareceu por baixo dos lençóis.

A sua boca beijava o meu peito, passando depois para a barriga. E as mãos acariciavam-me as coxas. Os beijos prosseguiram a trajectória descendente, concentrando-se na cintura. Os seus cabelos caíam sobre os meus órgãos genitais. As suas mãos avançaram das coxas para o centro. Uma agarrou-me pelos testículos, cravando-me as unhas e arranhando-me suavemente. A outra apertou o meu membro numa mistura de força e sensibilidade.

A lubrificação aumentara naquela zona, o que tornou mais sensível a minha reacção à respiração dela, ali tão perto. Notei que algo quente se aproximava dele. Senti a ponta da língua de Susana tocar na sua ponta, seguindo-se a sensação de um anel macio a envolvê-lo.

Abri os olhos e discerni o contorno do corpo de Susana no lençol, ajoelhada sobre mim. A sua cabeça movimentava-se para cima e para baixo, enquanto sentia o anel labial da sua boca a acariciar-me o falo rijo.

Virei a cabeça para o lado e reparei que o preservativo já lá não estava.

Susana abocanhava-me com vigor. Retirou o membro da boca, lambeu-o cuidadosamente e voltou a abocanhá-lo, introduzindo-o devagarinho, apertando bem os lábios, fazendo-me sentir a sua pressão a passar. A tessão era tal que quase rebentava. O movimento só parou, quando os lábios tocaram a base. Retirou-o com a mesma calma e pressão anterior.

Arrepiei-me com a borracha fria em contacto com o meu órgão. A língua de Susana dançava entre os “gémeos”, deixando para a sua mão direita a tarefa de desenrolar a borracha. Fazendo um anel com o indicador e o polegar, desenrolou um bocado, de maneira a ficar bem colocado. Voltou a segurá-lo com a mão e o anel feito com os dedos deu lugar ao anel feito com a boca, desenrolando o resto do preservativo com a pressão dos lábios.

Regressou do interior dos lençóis, colocando uma perna de cada lado do meu corpo. Sorria-me languidamente, acariciando-me o peito e procurando encaminhar-me para dentro de si.

Enquanto a beijava, a lambia e as minhas mãos lhe apertavam os seios rijos, o seu corpo descia sobre mim, fazendo avançar a penetração.

Susana deixara a cabeça cair para trás, abrindo a boca para o tecto e gemendo a cada salto que dava. Eu segurava-a pelas ancas e pressionava-a contra mim, tentando que a cada descida a penetração fosse mais profunda.

Ivan Pedro

Cavalgava-me cada vez mais depressa, acariciando-se e arfando.

A intensidade dos movimentos foi aumentado, os meus músculos foram-se contraindo, ansiando a explosão final. Aguentei o mais que pude até já não conseguir evitar o fluxo selvagem a irromper contra a borracha. Susana soltou um grito e caiu sobre mim, arrasada pela intensidade do sexo que partilhámos.

Foi assim que a nossa relação amorosa começou.

Ivan Pedro

V

No mínimo, era uma atitude suja, os dirigentes do clube quererem tirar dividendos do meu futuro, quando me andavam a hipotecar a carreira.

Talvez Susana tivesse razão, ao dizer-me que eu deveria ponderar a ideia de assinar contrato com Ambrósio. Só que isso seria dar-me por vencido e renunciar aos meus princípios.

Ao cimo das escadas, encontrei a minha mãe e duas malas de viagem. Dei-lhe um beijo e perguntei:

— O pai?

— Já aí vem. Podes ir levando as malas? — pediu.

— Claro.

Peguei na bagagem e voltei a descer a escada. Calculei que o meu pai andasse a passar revista a todos os cantos da casa, confirmando duas e três vezes se ficara tudo desligado. Era um hábito que herdara do meu avô, homem super-hiper-precavido.

Novamente no *hall* de entrada, pousei as malas no chão e aguardei que ambos descessem.

A relação com Susana decorria bem, apesar de diferente de qualquer outra que tivesse tido anteriormente. Naquelas duas a três semanas, desde que estivéramos na Ericeira, encontrávamo-nos somente aos fins-de-semana. Quando estávamos juntos, o relacionamento era muito próximo. Fazíamos amor em todos os encontros, geralmente em minha casa.

No entanto, fora isso, a relação era distante. Durante a semana, nunca falávamos. Chegara a tentar telefonar-lhe, mas ela repeliu-me zangada, pedindo-me para que não lhe telefonasse nas horas de trabalho. Se lhe ligasse à noite, tinha o telemóvel desligado. Não sabia onde morava (algures no Parque das Nações), pois nunca me convidara a ir lá e fugia sempre ao assunto. Se a encontrasse no Estádio da Luz, cumprimentava-me friamente, sem beijos, e afastava-se rapidamente.

Contudo, eu estava muito apaixonado por ela. Todas estas questões eram esquecidas, quando estávamos juntos. Susana era muito terna e carinhosa. Preocupava-se muito comigo e com as questões que me diziam respeito, principalmente com a minha carreira.

Sempre que me dava conselhos, fazia-o de forma a não me influenciar. Temia pelo meu futuro e, talvez por isso, insistia muitas vezes para que reconsiderasse a proposta de Ambrósio.

Também não sabia nada acerca da sua família, para além do ex-marido, o qual também não conhecia. E Susana também englobara o tema nos assuntos a evitar.

Para além disso, notava que se afastava da convivência com alguém da minha família ou amigos. Por exemplo, tentei convencê-la a acompanhar-me ao casamento da minha irmã. Susana recusou, dizendo que a nossa relação ainda não estava preparada para esse passo. Perguntei-lhe o que significava isso. Ela justificou com a ideia de uma

relação muito fresca, recém-criada, onde ainda nos estávamos a conhecer e haveria tempo para ela conhecer todas as pessoas que eram importantes para mim e vice-versa.

Em resultado disso, ali estava eu a ver chover, no instante em que os meus pais desceram.

Já lhes tinha falado nela. Para os meus pais, ela era uma figura abstracta. Só conheciam o que eu lhes contava. Porém, o verem-me feliz para eles era suficiente.

Penso que, desde o meu rompimento com Camila, eles evitariam conhecer as minhas namoradas. Sei que se afeiçoaram muito a ela. E fora um choque tremendo a nossa separação. Camila era a nora que sempre desejaram. Não o faziam propositadamente, mas não se interessavam muito pelos assuntos relacionados com Susana.

Não nos conseguimos furtar à chuvada que caía. Coloquei as malas no porta-bagagem, enquanto os meus pais entravam para o Mégane. A minha mãe sentara-se no banco traseiro, ficando o meu pai com a função de co-piloto.

— Que tempo terrível! — afirmou o meu pai, quando entrei no carro.

— Pois está. — concordei, ligando a ignição. — Mas, que remédio temos nós, senão fazer a viagem à mesma.

A minha mãe, apreensiva, aconselhou:

— Vai com cuidado.

Arranquei de Alvalade e segui o trajecto para a A1.

Ambos confiavam na minha condução. Porém, as estradas em Portugal são um autêntico campo de batalha repleto de condutores inconscientes que se transformam em soldados assassinos daquela que é considerada a nossa guerra civil. E aquela chuva só viria ajudar a que houvesse mais acidentes, mais feridos e mais mortos. Parece exagerado falar assim, mas basta ver o número de acidentes diários e vítimas para ver que não é.

— O Jorge telefonou-me. — contei. — Parece que o Benfica quer rescindir o contrato comigo.

— Infelizmente, isso até é bom. — lamentou o meu pai.

— Só que a rescisão tem condições. — continuei.

— Quais?

— Querem receber uma percentagem, se eu assinar por algum clube da Superliga ou do estrangeiro, nos próximos dois anos.

— Isso é incrível! — exclamou indignada a minha mãe.

— E não pagam mais um cêntimo. — completei.

— Esses dirigentes são uns bandidos. — reclamou o meu pai. — Não dignificam nada aquela grande instituição que dá pelo nome de Sport Lisboa e Benfica.

— Estão lá é para dignificar os bolsos deles. — adicionou a minha mãe. — Andam a encher-se.

A chuva abrandou ligeiramente, ao circularmos pela zona de Vila Franca de Xira.

— E que vais fazer em relação a isso? — inquiriu ele.

— Não sei. Quando voltar, vou reunir-me com o Jorge e logo se vê.

O meu pai não tirava os olhos da estrada, como se estivesse ele próprio a conduzir.

— Aquele tipo, o Armindo, voltou a telefonar? — perguntou.

— Ambrósio. — corrigi. — Por vezes, telefona a insistir com a treta do contrato. Quando vejo o número dele no telemóvel, já nem atendo.

A viagem era prolongada, cerca de trezentos quilómetros. A minha mãe adormecera com a monotonia da paisagem. Já o meu pai mantinha-se alerta.

Cerca de uma hora e meia passada, a viagem atravessava a região de Leiria. A chuva não dava tréguas, o que cansava ainda mais.

— Se quiseres, eu posso substituir-te algum tempo.

— Não é necessário, pai. Eu estou bem.

Existiam zonas em que, para além da chuva, se sentiam enormes rajadas de vento. E a visibilidade era mais fraca com o entardecer.

À hora a que saímos da auto-estrada, perto de Coimbra, a viagem já demorara tanto tempo quanto o que normalmente me levaria o trajecto todo.

A partir daqui, a velocidade teria de ser ainda mais moderada. Preparava-me para entrar no IP3, uma das estradas mais mortíferas do país. O meu pai nem falava, esforçando a visão para qualquer alerta que eu não discernisse a tempo. O meu objectivo era conseguir sair do IP3, antes de anoitecer. Porém, não consegui. Só abandonei o troço perto das 18h00. E em Dezembro, àquela hora, já é noite cerrada.

Suspirei de alívio nesse instante, pois atravessara-o sem percalços.

Dali até Paúle restavam cerca de vinte quilómetros, tudo em estradas locais e com muito pouco movimento. Mais meia hora e chegámos ao nosso destino.

Curiosamente, em Paúle não chovia. Porém, toda a realidade envolvente mostrava que também ali a chuva se fizera sentir.

Após parar em frente à casa da minha irmã, todos saímos do carro. Manuela e Cibele correram para os braços dos meus pais, inundadas de saudades. Também eles as sentiam, pois já lá iam alguns meses que não viam a filha e a neta.

Augusto direccionou-se primeiro a mim e abraçou-se com força.

Não deixava de ser estranho, regressar a Paúle. Vivera ali cerca de um ano e sentia-me como se tivesse regressado a casa.

Após os beijos e abraços da minha irmã e sobrinha aos meus pais, elas vieram receber-me com enorme ternura, também elas

sedentas da minha companhia. E Augusto aproveitou para cumprimentar os futuros sogros.

— Então? Como estão as coisas, lá em baixo? — perguntou Manuela.

O meu pai, segurando o braço dela, deixou-se conduzir para o interior da casa, relatando-lhe a vida citadina. Ambos foram seguidos pela minha mãe e pela minha sobrinha que trocavam brincadeiras.

Augusto ficou para trás.

— Então? Nunca mais disseste nada. — lamentou.

— Não tenho tido cabeça para nada, Augusto.

— O Benfica?

Encolhi os ombros num gesto de “que mais haveria de ser?”.

O meu futuro cunhado deu-me uma palmada fraterna nas costas e disse:

— Vá lá. Não desanimes. Vais ver que as coisas se vão resolver.

— Deus queira que sim. — confessei. — Estou farto de não jogar.

Entrámos dentro de casa. Constatei que havia mais visitas e fui cumprimentá-los. A dona Palmira recebeu-me com a simpatia do costume, abraçando-me com saudade.

— Que saudades, rapaz! Bons olhos te vejam. — disse-me.

Seguiram-se Maria de Fátima e o marido Teodoro.

Manuela preparara um jantar que daria para um exército. Havia cabrito assado, puré e arroz, frango de churrasco, etc... Para não falar dos diversos doces para a sobremesa.

O jantar foi animado, mas eu estava tão a leste que não dei atenção a nada. Tinha vários problemas em mente. E, interiormente, preferia estar em Lisboa com Susana.

— Ó Ivan! Estás na Lua? — chamou Augusto.

Os restantes riram-se.

— Desculpa! Que foi?

— Perguntei se queres vir com a malta, logo à noite? É a minha despedida de solteiro.

— Ainda estou para ver o que vão andar vocês a fazer. — disse ligeiramente zangada a minha irmã.

— Deixa-o lá, mana! — pedi-lhe. — Vai divertir-se com os amigos.

— Sim, sim. — respondeu-me amuada.

— E então? Vens? — insistiu Augusto.

Abanei a cabeça negativamente.

— Estou cansado da viagem.

— Mas...

— Ó Augusto! Ele quer descansar. Até tu devias descansar. — aconselhou Manuela. — Vais para a borga e amanhã...

— ...vou lá estar a tempo e horas, amor. — interrompeu-a Augusto, abraçando-a e dando-lhe um beijo terno.



Assim que acabou o jantar, Augusto e Teodoro saíram de casa para se encontrarem com o resto do grupo. Ainda convidaram o meu pai para ir, mas também ele recusou. Os restantes ficaram mais um pouco. Só que eu sentia-me muito cansado e preferi ir-me embora.

— Não queres ficar cá? — perguntou Manuela.

— Não! Vou matar saudades da minha casa.

Guardara bons momentos naquele pequeno apartamento, à entrada da aldeia, onde vivera toda a época anterior. Decidira continuar a pagar a renda para a eventualidade de querer passar lá uns dias. Claro que podia sempre ficar na casa da minha irmã, mas... Não há nada como termos o nosso cantinho.

O serão fora tranquilo e servira para matar saudades de pessoas maravilhosas que me haviam recebido muito bem, ano e meio antes, quando o Paúle se tornara na única hipótese de continuar a minha carreira de futebolista. Já para não falar da falta que sentia da presença da minha irmã e da minha sobrinha. A situação fizera-me aperceber como me afastara demasiado de todos.

Ao princípio, quando regresssei a Lisboa e ingressei no Benfica, ligava para ela todas as semanas. Só que a minha vida não corria bem e acabei por me desleixar no relacionamento com os que me eram mais queridos. Constatei que a última vez que falara com Manuela e Augusto, havia sido mais de um mês antes. E a quase totalidade dos amigos e conhecidos de Paúle tinham trocado as últimas palavras comigo no Verão anterior.

O alongar da noite trouxera uma chuva miudinha. Estacionei o carro ao lado do pequeno mercado do senhor Lenin e subi as escadas exteriores para o apartamento.

Meti a chave na fechadura e abri a porta. Entrei dentro de casa e fechei a porta. Acendi a luz e contemplei o interior. Tudo permanecia intacto e limpo, pois a minha irmã responsabilizara-se por cuidar do bom estado da casa. Quando saí de lá, pedi-lhe que a mantivesse sempre pronta a receber-me, se me desse na cabeça e ir para lá uns tempos. Mas, nunca lá voltara, até àquele dia.

Não fosse ter colocado o telemóvel a despertar-me cedo e teria dormido toda a manhã. Onde eu vivia, Alcochete, não era um local muito movimentado, mas Paúle era a passividade e a paz de espírito maior que alguma vez conhecera.

Dormi tão tranquilamente que, quando acordei, me senti completamente restabelecido do cansaço que trazia.

Ao sair para a rua, deparei-me com um Sol brilhante. Fiquei feliz, pois temia que chovesse durante o casamento. Desci as escadas e caminhei calmamente até ao carro. Reparei que a loja do Lenin permanecia fechada. Possivelmente, também ele iria à cerimónia.

Já se viam algumas pessoas a andar pela estrada, apesar de pouco passar das oito da manhã. Combinara levar Augusto para a igreja. Contudo, não quis deixar de passar pela casa da minha irmã.

Também ali se atarefavam com os preparativos. A minha mãe organizava os últimos pormenores, enquanto Manuela era o espelho da ansiedade. Cumprimentei ambas com um beijo sem me demorar muito junto delas, não fosse ficar contagiado com tanto nervosismo.

Muito mais calmo, o meu pai acercou-se de mim e cumprimentámo-nos.

— Tens uns minutos? — perguntou.

— Tenho de ir buscar o Augusto. Mas, tenho tempo.

Augusto passara a noite em casa da mãe, evitando assim ver a noiva antes da cerimónia, coisa que, segundo a tradição, não dá sorte nenhuma. Claro que tudo não passa de superstições. Porém, há que respeitar as crenças de cada um.

— Que se passa, pai? — perguntei, ao chegar ao varandim para onde ele me conduzia.

— Quero contar-te um facto que acho que tens o direito de saber.

O seu semblante era sério. E calculei que o que me iria relatar também o era.

— A Manuela e o Augusto convidaram muitas pessoas para o casamento. — começou. — E não foram só pessoas de Paúle.

— E...?

— A Camila também vem! — informou-me numa golfada de ar.

Senti o coração estremecer. Misturava a felicidade de a voltar a ver, depois de tanto tempo, com a tristeza da certeza de já nada nos ligar.

— Vem acompanhada pelo noivo. — completou o meu pai.

Olhei-o com seriedade e ternura.

— A Camila é passado!

O meu pai sorriu levemente.

— Podes tentar enganar-te a ti próprio. Mas não a mim.

— A sério, pai! — insisti.

— Conheço-te desde que abriste os olhos pela primeira vez, Ivan Pedro. Achas que me consegues enganar? Os teus olhos não correspondem ao que dizes.

— Talvez, pai. Mas, podes acreditar que tudo farei para que ela se torne numa longínqua recordação. Evitarei mesmo falar com ela, hoje.

Se a razão me obrigava a esquecê-la, o coração não. Julgara tê-la esquecido com a entrada de Susana na minha vida, mas... Desde que o meu pai me dissera que ela ia lá estar, fiquei com o coração aos pulos de ansiedade.

Quando cheguei ao café da D. Palmira, Augusto já me aguardava à porta. A sua face denunciava uma noite mal dormida. Entrou no carro e colocou o cinto de segurança, não evitando um bocejo.

— Isso é que foi uma noite! — exclamei, arrancando em direcção à igreja de Paúle.

— Ligeiramente...

— Espero que não tenhas feito nada que envergonhe a honra da minha irmã. — disse num tom brincalhão.

— Ó Ivan! Achas que seria capaz disso? Foi só uma noite de copos. Alguns dos rapazes ainda foram com umas gajas e... Bom, não interessa. Eu e o Teo regressámos por volta das duas.

— Não precisas de te justificar, rapaz.

Estacionei o carro na estrada, junto ao terreno da igreja. Augusto saiu apressado e deu uma corrida até ao interior.

O edifício era uma capela pequena, mas onde caberia toda a população de Paúle. Os convidados não eram assim tantos, mas iriam praticamente esgotar o espaço. Em volta dela havia um terreno árido, cercado por um muro de meio metro de altura feito de tijolos.

Segui o trajecto do meu futuro cunhado e entrei na igreja, passando por duas grandes portas de madeira maciça. O interior era bastante tranquilo, onde várias filas de bancos compridos ocupavam o espaço desde a entrada até ao altar, sobrando apenas uma linha a dividir ambos os lados para que se caminhasse até à outra extremidade do salão.

Ao fundo, um altar que se erguia imponente com as imagens de santos, rodeados de grande riqueza, o que causava um enorme contraste com a zona reservada aos devotos.

Como já referi, não me considero uma pessoa religiosa. Acredito em Deus, mas recuso-me a aceitar a filiação em qualquer religião. Se Deus nos deu o dom da decisão, para quê seguir as decisões dos outros? Pode ser polémica, a minha afirmação, mas não pretendo que ninguém me siga, apenas que se sigam a si próprios.

No entanto, aprecio bastante o interior das igrejas por serem óptimos lugares de reflexão. Normalmente, têm um ambiente pacífico que permite a concentração e uma maior fluência de pensamentos.

Augusto regressou por uma porta lateral ao altar. Caminhou até mim, mais calmo e informou-me que tudo estava a correr como previsto, esquecendo-se que eu não fazia a mínima ideia do plano das cerimónias.

Dali passámos para a entrada e aguardámos a chegada dos convidados.

— Como é que se anda a portar o Paúle? — perguntei.

— Soubeste que desistimos de ir à Europa?

— Soube. Tu contaste-me.

— Tens razão. Já nem me lembrava. — acenou a umas pessoas que iam a passar. — Não passámos da primeira eliminatória da Taça de Portugal, desta época. Mas, vá lá, estamos em oitavo no campeonato.

— Então, este ano não correm o risco de descer.

— Em principio não. Mas, ainda faltam muitos jogos.

Nesse instante, chegaram os primeiros convidados, a mãe de Augusto, a irmã e o cunhado. Cumprimentámo-nos e eles seguiram para o interior da igreja.

Seguidamente, vieram mais algumas pessoas que eu não conhecia ou conhecia de vista, as quais cumprimentei por educação.

Alguns minutos passados, surgiu o doutor Gervásio e a sua esposa. Ao ver-me, abraçou-me com saudade, perguntando-me por notícias da minha carreira. Resumi-lhe um pouco da história e fui obrigado a interromper com a chegada de Alfredo Carrapiço.

O presidente Carrapiço continuava a ser a personagem mais castiça daquela terra. Envergava um fato preto, onde o casaco jamais se conseguiria apertar, fazendo sobressair a enorme barriga que forçava os singelos botões brancos de uma camisa rosa. E calçava uns sapatos castanhos cheios de pó.

Alfredo abraçou-me, dizendo:

— Venham daí esses ossos!

Ou o que sobrasse deles, depois de ter sido esmagado entre os seus braços e a sua barriga.

— Como estás, meu rapaz? — inquiriu.

Após recuperar o fôlego, respondi:

— Bem, obrigado.

— Tens de passar lá por casa para beber um copo. — convidou.

Seguidamente, deu uma palmada forte nas costas de Augusto, que quase o derrubou, e desejou. — Felicidades, rapaz! E não te canses muito, logo à noite. Amanhã o Paúle precisa de ti.

Augusto nem respondeu, tossindo duas ou três vezes com a pancada.

— Vais jogar amanhã? — perguntei.

— Não. O treinador diz que fico no banco. Vai pôr o suplente a jogar. — contou, tentando recompor-se.

A seguir a Alfredo Carrapiço, veio o filho Miguel com a namorada. Miguel Carrapiço cumprimentou Augusto com um abraço, mas limitou os cumprimentos à minha pessoa a um aceno. E Carla fez pior, ignorando-me e desejando apenas as felicidades da praxe ao noivo.

— Estes não te gramam nada. — constatou Augusto, sabendo que o facto me era indiferente.

— Fico feliz por terem ficado juntos. — confessei. — Assim, só se estraga um lar.

Ambos soltámos uma gargalhada sentida.

Junto à entrada dos terrenos da igreja, parou um automóvel luxuoso com motorista privado. Uma chegada destas só estaria ao alcance da milionária da região, a engenheira Amândia Calheiros.

Ao vê-la, perguntei a Augusto:

— Sabes se a Raquel vem?

— Não, não vem. — informou-me. — Ficou em Coimbra. Sabes que não morre de amores por Paúle. Ainda se soubesse que ias cá estar...

— E pensas que não sabia? Tinha de ser muito burra para pensar que o irmão da Manuela não vinha ao casamento dela. — lembrei-lhe. — E ela é loura, mas não é nada burra.

Para além de ser patroa de Manuela, a engenheira tinha também uma enorme admiração por ela. Ao chegar junto de Augusto, desejou-lhe felicidades e remeteu-lhe o aviso de que se não a fizesse feliz, a teria à perna.

O meu cunhado, de sorriso amarelo, descansou-a.

Antes de entrar na igreja, olhou para mim e estendeu-me a mão semi-morta, cumprimentando-me como se tivesse medo de me tocar.

— Como está senhor Ivan Pedro?

— Bem, obrigado, senhora engenheira.

— Soube que as coisas no Benfica não andam a correr muito bem. — comentou em jeito trocista.

— É verdade. — confirmei.

— Se calhar, o senhor não passa mesmo de um... como se diz? Um pé-de-chumbo.

Notei-lhe nas palavras o tom amargo de quem tentava atingir o homem que partira o coração da sua filha. Apesar de ser sua mãe, não lhe reconheci o direito a tomar parte nos assuntos que só diziam respeito a mim e a Raquel. Usando o mesmo tom de voz que ela, respondi:

— A senhora esquece-se que este “pé-de-chumbo” lhe encheu os cofres do clube.

O seu olhar endureceu e ripostou:

— Reconheço-lhe o valor como jogador, senhor Ivan Pedro. Da mesma forma que reconheço o facto de não ter nenhum como homem.

Tentei responder às suas palavras, mas Augusto interpôs-se, dizendo:

— Por favor! Não me parece que seja o local para esse tipo de discussões.

A engenheira fulminou-me com o olhar e afastou-se para o interior da igreja.

Os convidados continuaram a chegar. Mais alguns que eu não conhecia.

O senhor Herculano e a dona Gertrudes também marcaram presença. Eram ambos bastante idosos, mas ele estava muito mais debilitado. Vinham acompanhados pelos filhos Samuel e Deolinda, a viúva de Abílio. Felizmente para todos, o terceiro irmão, o delinquente Xavier, não viera.

Foi, possivelmente, o momento mais comovente. Ao rever-me, Deolinda acenou-me e simultaneamente, às nossas memórias, veio a imagem de Abílio. Dei-lhe um beijo ténue na face e lembrei-lhe aquilo que ela sabia e todos lhe repetiam: Abílio era um grande homem!

Justino e Hélder também os acompanhavam, mas tinham ficado para trás. Eram as grandes vedetas da terra, desde que haviam ido jogar

para a Académica. Fizeram uma enorme festa ao ver-me. E acabámos, os quatro, unidos num longo e fraternal abraço.

Desde a morte do irmão, Justino preocupou-se em cuidar da viúva. Contudo, evitava falar nele. A dor do seu desaparecimento era ainda muito forte.

A algazarra dos festejos pela minha presença repetiu-se com a chegada de outros jogadores do Paúle, como o Joselino, o Reis, o Emanuel, o Sassi, o Toni, o Macário, o Rato, o Serafim, o Gustavo e o Castanha.

Outro cumprimento especial foi para Ramalho, também ele jogador do Paúle. Sempre denotara uma grande admiração por mim. E recordo-me do muito tempo que me repetia pedidos de perdão por me ter rasteirado num jogo de treino, quando ele ainda jogava no Vila do Mato. Ramalho vinha acompanhado por outros quatro jogadores, todos eles caras novas para mim. Após o longo abraço saudoso, apresentámos um a um.

O mais novo era Albertino, um rapazito de dezassete anos que, conforme Augusto me contara posteriormente, era considerado um prodígio na arte de jogar futebol. Alfredo Carrapiço descobrira-o por acaso num jogo de juniores do Tabuense. Conseguira contratá-lo largando uma boa verba.

Os outros eram Coelho, guarda-redes suplente de Augusto. Preto, avançado que era tão preto como eu. E Sergei que jogava a médio-ala, um ucraniano que trabalhava na construção civil na empresa de Alfredo Carrapiço, estava em Portugal já lá iam cinco anos, falava bem português, mas mantinha o sotaque de leste.

Os dotes de Sergei para o futebol foram descobertos numa brincadeira entre o pessoal das obras. Calhara o actual treinador do Paúle estar com Alfredo Carrapiço, quando todos jogavam à bola num terreno perto de umas casas com construção a cargo da empresa do presidente do G. D. Paúle.

Depois do natural aparato da chegada dos colegas de Augusto, reparei no que me pareceu ser um jovem a entrar no terreno da igreja.

— Quem é aquele? — perguntei a Augusto, olhando para a figura de fato lilás que caminhava com as mãos nos bolsos na nossa direcção.

— “Aquele”? Queres dizer aquela, não?

Continuei a olhar. Não me parecia uma mulher. Parecia mais um rapazito jovem com o cabelo curto tipo *beatle*.

Ela parou junto de nós e Augusto estendeu-lhe a mão, cumprimentando:

— Bom dia, Livia!

— Bom dia, Augusto! — retribuiu.

Pela voz, já parecia uma mulher ou um rapaz em plena entrada na adolescência.

— Este é o Ivan Pedro. — apresentou.

Cumprimentou-me com um aperto de mão vigoroso. Desejou felicidades a Augusto e entrou na igreja.

— Quem é?

— É a nossa massagista. — explicou Augusto. — Sei o que estás a pensar. Não sei se é, se não.

— Se é o quê?

— Fufa.

Olhei para o céu e exclamei:

— Ó Augusto. Quero lá saber se ela é fufa ou não?

— Tem um ar muito macho. — argumentou ele.

Desinteressado nesse pormenor, indaguei:

— E como veio ela parar a Paúle?

— Foi o doutor Gervásio. Acho que ela foi aluna dele. E como o homem já está a caminhar para a reforma, sugeriu-a ao Carrapiço para o acompanhar nos jogos e o substituir, quando ele sair. — Augusto deu uma risada. — O pessoal, quando soube que íamos ter uma massagista, começou logo tudo a dizer que iam passar o tempo no chão com dores. Quando a viram...

Nesse momento, aproximaram-se dois homens. O primeiro tinha o cabelo grisalho e aparentava ter uma idade avançada. O segundo era baixo e não era tão velho.

O mais alto chamava-se Freitas, era o actual treinador do Paúle. Tinha sessenta anos e fora contratado para tentar estar à altura do trabalho de José Luís. Não estava a fazer um trabalho extraordinário, mas a equipa estava a fazer o suficiente para cumprir o objectivo da manutenção.

O acompanhante dava pelo nome de Barnabé e era o seu adjunto. Mal o vi e fiquei apreensivo, pois lá diz o povo que “homem baixo ou é bailarino ou filho da p...”.

Não me pareceu que soubesse dançar. E, enquanto Freitas me cumprimentou com felicitações assim que soube quem eu era, Barnabé disse:

— Ivan Pedgo? Então você é o celebge Ivan Pedgo! — Tive que fazer um esforço para não rir daquela pronúncia. — Estamos pgante uma vedeta, Fgeitas.

— Não sou vedeta nenhuma. — respondi.

— O meu amigo é jogador do Benfica. — lembrou Freitas em tom afável.

— Continuo a ser o mesmo que jogou no Paúle.

Freitas colocou-me a mão no ombro e confessou:

— Pena que ainda não faça. Fazia-nos cá falta.

E com aquelas palavras, ambos entraram.

Augusto olhou para o relógio e disse:

— A Manuela deve estar quase a chegar. Vou andando para dentro. Quando chegarem, tu entras e eu já sei que eles vêm aí, combinado?

— Ok. — concordei.

Fiquei a vê-lo entrar na igreja, caminhando por entre as filas de bancos, repletas de convidados, rumo ao altar onde o padre já aguardava.

— Pedro! — disse uma voz conhecida, atrás de mim.

O meu coração estremeceu quando a minha mente a identificou. E nem precisava de identificar a voz para saber a identidade da sua proveniência. Apenas uma pessoa me tratava por Pedro.

Voltei-me para ela, dizendo:

— Olá Camila!

Não sei se seria perceptível para ela como o meu coração batia. No entanto, eu sentia-o tão forte que dava a sensação que me sairia pela boca.

Camila estava aquilo que nunca deixara de ser: Linda. Vinha com um vestido creme em malha e casaco longo da mesma cor. A bainha do vestido terminava abaixo dos joelhos, perto do topo do cano das botas de couro castanho. O cabelo preto vinha apanhado num carrapito singelo. Os seus olhos mantinham a beleza esverdeada, mas já não me olhavam como outrora.

Logo de imediato, reparei no homem alto que a acompanhava. Devia ter quase dois metros, louro e vestia um fato cinzento-escuro.

— Pedro! Este é o meu noivo. — apresentou-me, olhando depois para ele e dizendo. — Nick! Present you Ivan Pedro. Is the brother of my friend Manuela.

— Ivan Pedro? The soccer player? — interrogou-se, apertando-me a mão.

— Yes. — confirmei.

— O Nick não gosta muito de futebol. — contou Camila.

— O futebol também não deve gostar muito dele. — ripostei.

— Pedro!

— Desculpa.

Camila conhecia-me demasiado bem para deixar escapar o que eu dizia nas entrelinhas.

— Quando vão casar? — perguntei, desejando que fosse nunca.

— No ano que vem.

Enquanto falava com ela, constatava que ele não percebia uma palavra do que nós dizíamos. Porém, não parecia muito ralado com isso, já que ele próprio se desinteressava do assunto.

— Vai ser nos Estados Unidos? — interroguei.

Camila abanou a cabeça.

— Não. Vai ser em Lisboa.



Não conseguia evitar de a contemplar maravilhado. Falava com ela e a minha mente repassava todos os momentos maravilhosos que passáramos juntos. Que estúpido que eu fora, trocar o seu amor pela merda do futebol.

— O Nick vai montar uma empresa em Portugal. — relatou. — Por isso, vamos viver em Portugal, depois do casamento.

— Pensei que já estivessem a viver cá.

— Não. Chegámos ontem a Lisboa.

— E quando é que voltam?

Nick interrompeu o diálogo.

— Camila, my love! Would be better, if we...

— Yes, Nick. — concordou Camila. — Desculpa, Pedro! Temos de entrar.

Assenti com a cabeça, afastando-me da sua frente.

— Diz-me só, quando regressas.

Camila segredou qualquer coisa ao noivo e este entrou primeiro. Seguidamente, olhou para mim e respondeu:

— O Nick regressa no principio da semana. Eu tenho de ficar em Portugal, a organizar o processo da criação da empresa durante a ausência do Nick. E tenho também de tratar dos preparativos do casamento.

— Será que podíamos conversar, um dia destes? — sugeri.

— Nem penses, Pedro. — recusou, atirando no olhar toda a raiva pelo que lhe fizera. — Não te quero ver! E se estou aqui, é por amizade à tua irmã e aos teus pais. Estou a ser educada contigo, Pedro. Não confundas isso. Não esqueci o passado. E acredita que te odeio por ele.

E afastou-se em direcção ao interior, onde o noivo a aguardava.

Fiquei sem reacção.

E nos minutos seguintes, permaneci cabiz baixo a olhar para a porta.

Subitamente senti uma mão bater-me nas costas e uma voz dizer:

— Que faz a vedeta aqui sozinha?

Voltei-me e abracei saudoso o meu ex-treinador e amigo José Luís.

— Que se passa? Pareces abatido. — reparou José Luís.

— Impressão sua. — contrariei. — Então, como vai o Estoril? Como se eu não soubesse que são a equipa sensação da Superliga, em quinto lugar.

— Tem corrido bem. — confirmou José Luís. — E tu e o Benfica? Não te tenho visto jogar.

— Andam a lixar-me. Depois conto-lhe melhor.

Combinámos falar mais tarde e com mais calma. E também ele desapareceu no interior da igreja.

Mais alguns minutos e chegou o carro da minha irmã, envolto em fitas brancas. Parou em frente à igreja e as portas abriram. O meu pai saiu, trazendo Cibele pela mão. Depois a minha mãe ajudou Manuela a sair do carro, ajeitando o longo vestido de noiva.

Conforme combinara, entrei na igreja e fiz sinal a Augusto.

A minha mãe entrou primeiro, trazendo consigo Cibele que segurava a sua mão. Acompanhei-as ao longo do salão até ao altar, onde nos colocámos no lugar predestinado para nós.

No momento em que a minha irmã entrou na igreja, de braço entrelaçado no do meu pai, começou a ecoar por todo o salão a marcha nupcial.

As pessoas levantaram-se dos seus lugares para poderem observar melhor a noiva.

Manuela trazia um vestido comprido bege, pois o branco não ficaria muito bem a uma noiva divorciada, a qual sendo mãe de uma menina também já não seria virgem. Pessoalmente, não ligo muito a estas coisas, mas principalmente nas aldeias, as pessoas tomam muita atenção a estes pormenores. Também não levava véu, limitando-se a um pequeno chapéu condizente com a indumentária.

O facto de estarem a casar pela igreja só era possível porque no primeiro casamento, a minha irmã casara somente pelo registo civil.

O meu pai e a minha irmã caminhavam naquele ritmo tradicional dos casamentos. Olhei para Augusto que permanecia estático a contemplá-la, não conseguindo esconder o nervosismo.

Findo o trajecto, o meu pai entregou a mão da filha a Augusto, deu-lhe um abraço e colocou-se junto à minha mãe. Os noivos viraram-se para o padre e a música silenciou-se.

Enquanto o padre lia alguns textos de cerimónia, onde dava conselhos aos noivos (o que não deixa de ser curioso, uma vez que os padres não podem casar e não casam, mas sentem-se habilitados para dar conselhos sobre casamento), eu perdi-me a olhar para Camila. Os seus lindos olhos verdes observavam atentamente todos os pormenores, talvez servisse de treino para o seu próprio casamento.

Senti um enorme desejo que ela não casasse com ele. Direcionei a atenção para Nick. Pobre desgraçado nunca me fizera mal, mas odiava-o por ocupar o meu lugar no coração de Camila.

— Sim! — ecoou pelo interior da igreja, despertando-me.

Olhei para os noivos e vi Manuela finalizar a colocação da aliança no dedo de Augusto.

— E tu, Augusto? — interrogou o padre com a sua voz fina. — Aceitas Manuela para tua legítima esposa, no bem e no mal, na saúde e na doença, até que a morte vos separe?

— Sim! — disse, colocando a aliança no dedo de Manuela.

— Então, é com poder dado por Deus, nosso Senhor, que vos declaro marido e mulher! Podeis beijar a noiva.

E Augusto e Manuela trocaram um beijo tímido, perante os aplausos dos convidados.

VI

O dia continuava solarengo, mas frio. Ainda tinha bem presente na memória o rigor do Inverno em Paúle, um ano antes. E apesar de estarmos no fim do Outono, já se sentia o ventinho gélido a soprar.

Nunca o café da dona Palmira parecera tão pequeno. Colocaram-se todas as mesas juntas, formando um enorme U, onde todos os convidados se sentaram. Que me recorde, apenas a engenheira Amândia Calheiros não compareceu ao copo-de-água.

Os noivos encabeçavam a mesa, ficando Cibele e os meus pais ao lado de Manuela, sendo seguidos por Camila e o noivo. A minha irmã enquadrara-a perto da minha família, já que ela não conhecia mais ninguém. Em resultado disso, eu fui “atirado” para a extremidade oposto, a seguir à família de Augusto.

Lamentava que Susana não me tivesse acompanhado, pois mesmo estando no meio de amigos, sentia-me um tanto só. E gostava de me mostrar a Camila como também tendo alguém. Sentimentos parvos, pois bastaria ela levantar um dedo para eu voltar para ela. Tornar a vê-la acordara-me para uma realidade onde o amor por Susana não apagara o que sentia por Camila. Uma dúvida se acercou do meu espírito. Seria eu capaz de amar alguém sem que esse amor fosse esfumado pela presença de Camila? A dor de a ter perdido era imensa, mas pensar que ela poderia ser a minha “metade”, a verdadeira, a única e eu desperdiçara, mortificava-me.

José Luís, sentado ao meu lado, perguntou-me:

— Que te anda a fazer o Benfica?

— Não é o Benfica. — corriji. — São os dirigentes que lá estão. Eu não confundo as coisas. Aliás, acho que se a nação benfiquista soubesse o que se lá passa, corriam com eles ao pontapé.

A dona Palmira contratara um serviço de *catering*, sediado em Oliveira do Hospital, para se encarregarem da festa, libertando-a dessa responsabilidade. Por isso, meia dúzia de empregados elegantemente vestidos começaram a servir o almoço.

— E que aconteceu? — inquiriu José Luís.

Recebi o pedaço de cabrito assado e as batatas no meu prato, respondendo:

— Os gajos devem ter um acordo com aquele empresário, o Ambrósio. Não sei se conheces.

— Já ouvi falar.

— Queria que eu deixasse o Jorge para trabalhar com ele. — relatei.

José Luís recebeu a sua parte do almoço e comentou:

— Sabes que o futebol é muito bonito, mas está cheio de podridão. É a lei do mais forte. Ganhar mais, pisando tudo e todos. Detesto gente assim. — Pousou o prato. — Foi por isso que gostei da

forma como o Jorge geriu a assinatura do meu contrato com o Estoril. É um tipo porreiro. Tem aquele defeito, mas é porreiro.

— Defeito?

— É paneleiro! — exclamou. — Não olhes assim para mim. Não é por isso que não continuo a trabalhar com ele e até assinei um acordo para que ele fosse meu empresário. Só não consigo compreender aquelas opções...

— Nem temos que compreender. — lembrei. — O facto de ele ser *gay* não me interessa minimamente. É um excelente profissional e um ótimo amigo.

— Tens razão, Ivan.

Para além do cabrito assado e as batatas assadas, houve uma diversidade grande de doces para a sobremesa, sendo o ponto alto o bolo.

Dois empregados carregaram o grande bolo redondo com três andares e um casalinho de bonecos no topo até à mesa. Os restantes distribuíram taças de champanhe.

Enquanto isso, num dos cantos do salão do café, três indivíduos montavam os instrumentos musicais e respectivo equipamento. Eram um grupo musical contratado para animar a festa.

Os convidados levantaram-se todos, concentrando a sua atenção nos recém-casados. Um empregado entregou uma enorme faca ao meu cunhado, colocando este a lâmina sobre o bolo e aguardando a mão da minha irmã sobre a dele. Ambos prontos, empurraram a faca e cortaram juntos a primeira fatia do bolo, como manda a tradição.

Todos pegámos nas taças que nos haviam sido distribuídas e erguemo-las no ar, saudando-os, desejando as maiores felicidades e finalizando com um golo no líquido espumante.

Houve, claro, quem para além de um golo bebesse logo tudo e se apressasse a voltar a encher o copo.

O grupo musical ligou o equipamento, o que fez ecoar um som arrepiante.

— Perdão! — pediu o indivíduo com sotaque brasileiro. — Boa tarde, pessoal!

Alguns responderam ao cumprimento.

— Queremos começar por parabenizar os noivos e desejar às maiores felicidades ao casal.

— Obrigado! — responderam em unísono, Manuela e Augusto.

O grupo começou por tocar uma espécie de valsa, a qual daria o mote para a primeira dança dos noivos. Manuela e Augusto abandonaram os seus lugares e caminharam até ao centro da sala, no meio do U de mesas, começando a dançar perante o olhar de todos.

Após alguns momentos a observá-los, quase todos se agruparam em casais e foram acompanhá-los na dança. Como não tinha par, dancei com a minha sobrinha, a qual adorava que lhe pegasse ao colo e dançasse com ela.

Enquanto dava os passos no meio dos casais dançarinos, observava alguns deles. Os meus olhos encontram os de Camila que imediatamente os desviou. Sentia-lhe a raiva, cada vez que os encarava.

Prossegui a observação e reparei em Justino a dançar com a cunhada, Deolinda. Notei a forma diferente como se olhavam. Já referi que desde a morte de Abílio e a melhoria económica da vida de Justino que este tomara a seu cargo as necessidades da viúva. Não calculei que a satisfação das necessidades dela fosse para além da ajuda monetária e um ombro amigo. Contudo, aquela forma de se olharem não enganava, pelo menos a mim. E faziam muito bem. Justino era solteiro e Deolinda viúva. Porque não haveriam de se unir, se assim os seus corações o desejassem? Talvez o receio das opiniões alheias na aldeia.

Depois, contemplei a dança dos meus pais. Fiquei encantado e com uma pontinha de inveja de ver a forma como dançavam, abraçados um ao outro, olhando-se nos olhos de forma enternecida de quem se amava como no primeiro dia, um amor com mais de três décadas.

A música parou, alguns segundos, até o conjunto iniciar outra. Esta era um pouco mais ritmada, o que fez algumas pessoas regressarem às mesas.

A festa manteve-se animada, ao longo da tarde. Muita música, divertimento, pessoas a conversarem, etc...

Perto do entardecer, quando o Sol começou a desaparecer no horizonte, os noivos começaram a despedir-se dos convidados. Iriam partir para uma breve lua-de-mel, passada no hotel de Tábua, onde Joselino arranjava uma *suite* nupcial para eles passarem uma semana inteira. Era exactamente por esta razão que os meus pais iriam permanecer em Paúle mais uma semana, ficando em casa da filha a cuidar da neta.

A lua-de-mel seria apenas interrompida pela presença de Augusto no jogo do dia seguinte.

Perante o aceno dos convidados, o casal partiu de carro, afastando-se do café ao som das latas presas ao pára-choques traseiro, a saltitar no alcatrão. Foi o ponto final na cerimónia, pois os convidados começaram a despedir-se e a regressarem às suas casas.

Reparei que Camila se despedia dos meus pais, juntamente com o seu noivo. Pensei em ir intrometer-me, mas optei por não o fazer, ficando onde estava e aguardando que fosse ela a tomar a iniciativa da despedida.

Findas as despedidas com os meus pais e Cibele, Camila e Nick dirigiram-se para a saída, tendo ela resumido a minha despedida a um aceno frio com a mão e um olhar de “fica aí”.

Retribui o aceno e fiquei a vê-la partir no luxuoso carro que o noivo alugara. Não era uma desistência dela, pois sentia que ainda tínhamos que falar mais uma vez, nem que fosse para dizer e ouvir as mesmas coisas. Estava a tornar-me um Camiladependente.

Alguns convidados passaram por mim e despediram-se com afecto, recordando-me que eu continuava a ser uma figura querida da terra.

Segui até ao local onde os meus pais se sentaram e também eu me sentei numa cadeira vaga.

— Vou regressar a Lisboa, amanhã bem cedo. — informei-os.

— Pensei que ficasses até ao jogo. — disse o meu pai. — Alguns dos teus ex-colegas contam com isso.

— Bem sei. Mas, não estou cá a fazer nada. E sempre tenho mais tempo para descansar.

— Tens razão filho! — concordou a minha mãe.

Olhando para ambos, indaguei:

— E vocês, quando voltam?

— Na próxima semana. — informou o meu pai.

— Depois avisem-me! Eu vou buscá-los à estação.

— Não é preciso. — recusou. — Nós safamo-nos bem.

Aproximei-me de ambos e sussurrei:

— Não falem a ninguém da minha partida. Não gosto de despedidas, vocês sabem.

— Tudo bem. — concordaram ambos.

Dei um beijo a cada um e levantei-me. Olhei para os que ainda ali estavam, levantei o braço e disse:

— Até amanhã!

Quando saí de Paúle, não se via uma única pessoa na rua. O dia mal amanhecera e o Sol dificilmente apareceria resplandecente, com tantas nuvens cinzentas no céu. Não havia dúvidas de que o Inverno estava à porta. Só me cruzei com o primeiro carro para lá de Tábua, a caminho do IP3.

Esforçava-me para não me desconcentrar da condução. Contudo, a minha mente vagueava em pensamentos e não conseguia esquecer aquele reencontro com Camila.

Entrei finalmente no IP3 e a minha apreensão aumentou. Mesmo não havendo muito trânsito, o perigo parecia espreitar em cada curva ou recta.

Incrível como Susana de tornara uma recordação distante nas últimas vinte e quatro horas. Parecia não haver mais nada no mundo para além de Camila. Repentinamente, surgiu na minha cabeça que poderia estar a repetir erros do passado, pois acontecera o mesmo na manhã seguinte a ter feito amor com Raquel. Nessa altura, Camila reapareceu e Raquel passou de amada a “a mais”.

Teria de ter muito cuidado na forma como iria gerir as minhas atitudes futuras. Se queria voltar a tentar recuperar Camila, deveria pôr um ponto final na relação com Susana.

E se não conseguisse ter Camila de volta?

Ficava sem as duas. E isso não me parecia uma boa opção.

Num pensamento egoísta, considereei que a minha relação com Susana, para além das relações sexuais e alguns momentos juntos, não tinha nada de especial. Podia muito bem, sem que Susana soubesse, tentar nova oportunidade com Camila. Se visse que conseguia, então arranjaría maneira de terminar com ela. Como disse anteriormente, uma forma egoísta de pensar.

Parei na portagem e retirei o *ticket*, antes de entrar na auto-estrada. Tinha pela frente, perto de duzentos quilómetros de monotonia.

Adorava os momentos que passava com Susana. Lamentava apenas que ela se afastasse tanto, durante a semana, quase fingindo que não me conhecia. Se fosse daquelas pessoas que vêem histórias em tudo, ficaria logo a pensar que ela escondia alguma coisa. Porém, sabia que não.

Nunca conhecera ninguém como ela era na intimidade. Fogosa, selvagem, apaixonada e insaciável. Fora de longe a melhor parceira na cama que tivera. Confessava-se apaixonada por mim, mesmo que nunca tivesse dito um “amo-te”. Não a confrontava com o assunto, pois eu próprio também não o dizia. A nossa relação era recente, mas eu estava muito apaixonado por ela... até rever Camila.

Como seria quando a voltasse a ver? Será que a conseguiria olhar da mesma forma como da última vez que a vira? Perceberia Susana essa alteração no meu olhar? Pelo menos, eu percebia sempre algo de estranho no seu. Mesmo nos momentos mais ternos e íntimos, notava-lhe alguma distância no olhar. Era o seu feitio. E quem era eu para a julgar.

Quase nunca a confrontei com estas questões, justificando-as eu para mim com o seu recente divórcio e o receio de uma nova relação. Apreciava-lhe muito a sua preocupação comigo e as suas tentativas de me aconselhar.

A minha condução era quase automática. E quando dei por mim estava às portas de Lisboa, desviando para a ponte Vasco da Gama, rumo a Alcochete.

Cheguei a casa a meio da manhã.

Assim que pousei as malas em casa e fechei a porta, peguei no telemóvel e liguei para Susana. Estava com saudades dela e do que ela me fazia.

— Olá, Ivan! — atendeu.

— Já estou em casa. — disse-lhe. — Queres passar por cá e almoçar comigo?

— Não posso, Ivan. Mas, podemos encontrar-nos à tarde, que achas? — sugeriu após a recusa.

— Vens ter comigo, cá a casa?

— Combinado. — concordou.

E desligou.

Sozinho como já me habituara a estar, fui tomar um banho e pensar no que ia fazer para almoçar.

A tarde ia a meio, quando ouvi a campainha a tocar. Estivera a passar o tempo, vendo um jogo de futebol que estava a dar na SportTv. Levantei-me do sofá e caminhei até à porta, sentindo a ansiedade aumentar com a chegada de Susana.

Só de pensar no aproximar dela, o meu corpo reagia de imediato, como se cada célula despertasse para o que aí vinha.

Aguardando encostado à ombreira da porta de casa, vi Susana subir as escadas envolta num quente casaco comprido escuro. Dirigiu-se a mim e parou à minha frente, segurando-me as faces com as mãos e beijando-me os lábios com ternura.

— Olá, Ivan!

— Olá, Susana!

Susana entrou e começou a desapertar o longo casaco, despindo-o e deixando-o no cabide à entrada. Eu fechei a porta e segui atrás dela para a sala.

Enquanto lhe copiava o caminho, contemplei a forma como vinha vestida, um casaco branco de malha muito justo que realçava as suas formas corporais, uma saia curta preta, as pernas envolvidas num sensual par de meias pretas e sapatos de salto alto da mesma cor.

— Estás muito bonita. — elogiei. — E muito sensual.

Susana virou-se para mim e atirou-me um sorriso atrevido.

— Então? Como correu o casamento da tua irmã? — perguntou.

Seria natural que me viesse à memória a cerimónia. Mas, em vez disso, surgiu-me o rosto de Camila. E algo em mim esfriou.

— Correu bem. Casaram. — disse.

— Que raio de resposta é essa? — irritou-se — Quero saber pormenores, como foi, quem foi, etc...

— Se tinhas tanta curiosidade, devias ter ido. — retorqui.

Susana fulminou-me com o olhar e inquiriu:

— Que se passa contigo?

Apercebi-me que estava a ser parvo e pedi-lhe desculpa.

— Tudo bem. — aceitou, sentando-se no sofá.

— Queres beber alguma coisa? — ofereci.

Susana abanou a cabeça.

Sentei-me no sofá e comecei a contar-lhe tudo o que acontecera no dia anterior, omitindo propositadamente qualquer pormenor que envolvesse Camila.

— Acabei por vir mais cedo, pois não valia a pena ficar mais tempo. — completei. — Tive muita pena que não tivesses ido.

Susana olhou-me com ternura, acariciou-me a face e argumentou:

— Já te expliquei, Ivan. Não me sentiria inserida no meio dos teus amigos.



— Tu nunca os queres conhecer. — lembrei, acariciando a sua mão.

Baixando o olhar, Susana justificou:

— Ivan! Eu ainda tenho medo do caminho que estamos a percorrer. Já me magoei muito. Por isso, agora, quero fazer as coisas com calma. E peço-te que compreendas isso.

Abracei-a com muito carinho e trocámos alguns beijos.

Suspendendo os beijos, Susana levantou-se do sofá e esticou a saia. Direcionou-me um olhar malicioso e perguntou:

— Convidaste-me para vir cá. Que tens em mente?

Levantei-me igualmente, abracei-a pela cintura e coleí o meu corpo ao dela.

— Que achas? — interroguei, sabendo que ela adivinhava o que me ia em mente.

Susana não respondeu. Limitou-se a pegar-me na mão e a levar-me para o quarto. Entrámos de mão dada e ela fechou a porta.

— Su...

— Não digas nada! — ordenou. — Eu é que mando.

Sorri e deixei que ela tomasse conta da acção.

Subitamente, empurrou-me, encostando-me à parede. Encarou-me o olhar, enquanto puxava o fecho do casaco para baixo, abrindo-o completamente e revelando-me o *soutien* branco transparente. Encostou novamente o seu corpo ao meu e recusou que as minhas mãos a tocassem.

— Só quando eu disser! — avisou.

A sua face quase tocava a minha, fazendo-me sentir a sua respiração. Começou a beijar-me os lábios suavemente, aumentando em seguida a intensidade até trocarmos aqueles beijos vorazes... Parou. Olhou-me trocista e passou os beijos para o pescoço.

Iniciou uma descida lenta pelo meu corpo, ajoelhando-se no chão, aos meus pés, e desapertou-me as calças. Puxou-as violentamente para baixo, seguindo-se as minhas cuecas. Fiquei nu da cintura para baixo, mesmo em frente à sua cara.

Não consegui evitar olhar para baixo. Susana ajoelhará-se e a sua saia subirá até à cintura, revelando as cuequinhas de renda que faziam conjunto com o *soutien*. Inclinou-se para trás e agarrou os seios, apontando-os para mim.

— Quere-los? — perguntou.

Não respondi, mas a expressão da minha face fê-lo por mim.

Susana puxou o tecido e fez os seios saltarem para o exterior, ficando ainda mais empinados.

Sentia-me excitado, muito excitado.

As suas mãos avançaram para as minhas coxas, deslizando suavemente até a esquerda me segurar pelos testículos e a direita acariciar lentamente a minha rigidez.

Fechei os olhos para poder sentir melhor o seu toque.

Os seus dedos fechavam-se num anel que se enroscava ao meu membro, acariciando-o em movimentos de rosca. Senti a lubrificação a aparecer. Arrepiei-me com o toque da ponta da sua língua. Abri as pálpebras, olhei para Susana. A sua boca abria-se para me receber. Voltei a cerrar as pálpebras.

Os lábios apertavam-se contra ele, enquanto a língua o saboreava. As mãos dela continuavam a massajar as zonas onde haviam estacionado. Estava a sentir um prazer incrível. Susana tirou-o da boca e fez a língua saltitar à sua volta, mantendo-o seguro com força e sem magoar. Deu-lhe um beijo na pontinha e deixou os lábios encostados. Depois, começou a abri-los lentamente e o anel labial avançou escorregadiamente pela ereção.

Eu deliciava-me com a pressão dos seus lábios. A sua boca avançava até ao máximo, voltava atrás e tornava a ir à frente. A cada vez que fazia o percurso, aumentava o ritmo, procurando os limites do meu membro e da sua boca.

Os meus músculos começaram a contrair-se. Estava quase num clímax intenso.

— Estou quase... — ofeguei.

Susana nem ligou ao que eu dissera, continuando freneticamente o que começara.

Quase arrebetava de prazer. Fiz um esforço para segurar ao máximo a sensação.

Só que chegou o momento em que não aguentei mais e libertei toda a energia... na boca dela.

Aguentou mais algumas, abrandando os movimentos e relaxando a pressão da mão e dos lábios. Retirou-o carinhosamente da boca, massajou-o mais um pouco e largou-o. Reparei que o sabor não deveria ser dos melhores, mas ela não se queixou. Fez-me sinal com a mão para esperar e manteve o olhar no chão, tapando a boca com a outra mão.

Levantou-se, abriu a porta e correu para a casa de banho.

Despi-me todo e fui ao seu encontro na casa de banho. Encontrei-a a limpar a cara com uma toalha, depois de se ter lavado.

Abracei-a e comecei a lambe-lhe os mamilos e a acariciar os seios empinados. Sentei-a numa cadeira que ali tinha e foi a minha vez de me ajoelhar no chão.

Afastei-lhe as pernas e beijei-lhe as coxas, percorrendo um caminho de beijinhos ternos até ao centro. Comecei a beijar-lhe a renda das cuecas até a começar a morder. Levantei os braços e as minhas mãos apertaram-lhe os seios, fazendo-a soltar gemidos de prazer.

Abocanei-lhe o tecido, chupando e puxando-o numa mistura de força e ternura. Mantive uma mão num seio, mas fiz a outra deslizar até ao tecido rendado. Com o polegar, afastei-o carinhosamente e fiz avançar a minha língua.

Senti o gosto dos seus lábios mais íntimos, usando o polegar e o indicador para os afastar um pouco. A minha língua percorria toda a

zona que rapidamente se humidificara. Beijava-a, chupava-lhe cuidadosamente os pontos mais sensíveis e ela soltava uns “issoooo” em resposta.

Encontrei-lhe o ponto principal e levei até lá a ponta da língua, fazendo pressão e movimentos circulares. Seguidamente, saltitei com ela sobre aquele pontinho que sobressaía erecto, abanando-o e atiçando-o, alternando com chupões suaves.

— Oh sim! Oh sim! — repetia Susana. — Isso! Não pares!

O corpo de Susana entesou-se todo, as suas pernas apertaram-me a cabeça e as suas mãos agarraram-me os cabelos.

— OH SIM! — gritou ela em êxtase.

Susana quase pulava da cadeira e contorcia-se toda, explodindo num orgasmo fantástico, a avaliar pela expressão do seu rosto, quando me afastei.

— Foste demais! — afirmou.

— Também tu! — confessei.

Levantei-me, pois os joelhos já doíam de estar apoiados no chão. Saí da casa de banho e regressei ao quarto.

Um minuto depois, Susana passava por mim completamente nua, despenhando-se na cama. Deixara a roupa para trás e deitara-se na cama, de barriga para cima, em frente a mim. Abriu as pernas em jeito de convite e disse:

— Por que esperas? Quero sentir-te dentro de mim.

Abri a gaveta da mesa-de-cabeceira e retirei um preservativo. Estimulei-me um pouco e desenrolei-o em volta do membro sequioso daquelas paredes quentes que ela me oferecia.

Deitei-me sobre ela, entre as suas pernas, e comecei a beijar-lhe os lábios com carinho. Susana abraçou-me ternamente e afastou as pernas ao limite, ansiando receber-me. As minhas mãos navegavam pelo seu corpo.

A minha excitação procurava a entrada, mas só com a ajuda da mão de Susana, encontrou o caminho correcto. Senti-o a escorregar e a entrar com facilidade, saboreando a pressão dela a afagá-lo dentro de si. Empurrei-o até ao fundo e retirei devagarinho. Voltei a empurrar e a retirar, tudo feito deliciosamente devagar.

Temperava os movimentos com beijos vigorosos na sua boca, pressionando os seus lábios com os meus e sentindo as suas respostas.

Aumentei o ritmo das subidas e descidas sobre o seu corpo. Susana começava a ofegar com maior intensidade e os nossos corações palpitavam em grande aceleração.

As suas pernas abraçavam-me pela cintura, mas não evitavam que eu saltasse livremente entre elas.

— Mais! Mais! Mais! Isso. — dizia no meio da respiração descompassada.

O meu corpo comprimia-se com a proximidade do orgasmo. Eu embatia nela cada vez mais depressa e com mais força, quase parecendo magoá-la.

Explodi de prazer e tê-la-ia inundado, não fosse a borracha que nos separava.

Susana venceu o seu orgasmo, apertando-me entre as suas pernas.

Quando me libertou, caí para o lado exausto e reparei que ela também estava.

Permanecemos em silêncio, até eu dizer:

— Ficas para jantar?

— Não posso. — recusou. — Amanhã tenho que me levantar cedo. E não quero sair daqui muito tarde.

Apoiei-me no braço e sugeri:

— Não queres passar cá a noite?

Susana sorriu.

— Se passasse cá a noite, não dormiria certamente.

Voltei a cair sobre a almofada. Observei o tecto e comentei:

— Parece que o Benfica quer rescindir comigo.

Foi a vez de Susana se apoiar no braço e ficar a olhar para mim.

— Como assim? — interrogou.

— Propuseram ao Jorge a minha rescisão, de forma a libertarem-se do salário e, claro, libertarem-me a mim.

— Então vais poder assinar contrato com outro clube. — constatou animada.

— Não é bem assim. — desanimei-a. — Eles impõem como condição serem indmizados, se eu assinar por um clube da Superliga ou do estrangeiro nos próximos dois anos.

— E o que diz o teu empresário, acerca disso?

— Ainda não falei com ele. Só tivemos tempo para ele me dizer isto, na Sexta.

Susana sentou-se na cama, puxou o cabelo para trás e tornou a olhar para mim.

— Desculpa, dizer-te isto! — pediu. — Mas, acho que estás a cometer um erro, em não assinares com aquele tipo que te fez aquela proposta.

— O Ambrósio?

— Sim. — confirmou. — Sei que tens os teus princípios, mas solucionavas os teus problemas.

— E a que preço?

— Bolas, Ivan Pedro! — barafustou, levantando-se da cama. — De que te servirão os princípios com a carreira arruinada? Pensa nisso!

— Eu não posso trocar o Jorge...

— O Jorge, se fosse teu amigo, já tinha ele próprio aberto a porta para o largares. — concluiu. — Tu é que sabes, Ivan! Eu não gosto

de dar conselhos. Só me custa ver-te sair prejudicado por uma guerrinha de empresários.

Levantei-me da cama e abracei-a. Beije-ihe o rosto e disse-lhe:

— Vou falar com o Jorge e saber o que se passa. Talvez ainda esta semana me encontre com os dirigentes do clube.

Susana abanou a cabeça, concordando, apesar de pouco convicta no bom termo da situação.

Deixando-me sozinho no quarto, Susana pegou na roupa e foi tomar um banho. Regressou já vestida, penteada e maquilhada. Despediu-se de mim com um beijo caloroso na minha boca e partiu com a promessa de novo encontro, no final da semana seguinte, como costume.

Ivan Pedro

VII

Mais um dia de Dezembro e mais um dia cinzento, triste e encharcado.

Os jogadores do plantel da equipa B reuniram-se todos no balneário, equipando-se para mais uma sessão de treino. Não sei qual era a vontade deles, mas a minha era nenhuma.

Ao meu lado, equipava-se um jovem jogador, ex-júnior, chamado Aquiles Velez. Fizera dezoito anos seis meses antes e estava em plena primeira época de seniores. Aquiles era um jovem rebelde, agressivo e com muito talento e carisma. Atirava-se incondicionalmente à luta e ao esforço. Antevia-lhe um grande futuro. Tinha uma postura entroncada e era alto, talvez mais de 1,90m, e jogava como defesa central.

Não tinha um grande contacto com os meus colegas. Não fazia grande esforço para os cativar. E a minha fama de desterrado também não os atraía.

No entanto, Aquiles era diferente. Talvez por também ser novo por aquelas bandas, surgiu uma empatia entre nós. Ele conhecia-me pelos meus feitos no futebol, principalmente a minha actuação na meia-final e final da Taça de Portugal, e considerava-me um exemplo a seguir. Procurava-me para o aconselhar e treinava sempre perto de mim.

Sabia que tinha naquele miúdo um bom amigo, apesar de só nos vermos durante os treinos.

Sofremos hora e meia de treino sob uma chuva terrivelmente forte, exercitando-nos às ordens do treinador. Durante a peladinha, a bola mal rolava pelo relvado enlameado. Terminámos o treino encharcados, suados e enlameados. Acho que o duche nunca me soubera tão bem, como daquela vez.

Quando saí do balneário, limpo e bem agasalhado, passei pelo gabinete do treinador da equipa B. Bati à porta e uma voz autorizou a minha entrada. Encontrei-o sentado atrás de uma secretária, ainda com o boné a cobrir a vasta cabeleira grisalha, a ler um jornal.

O seu rosto surpreendeu-se ao ver-me, arregalando os olhos que sobressaiam de uma face coberta por um bigode farfalhudo e uma barba comprida.

— Podemos conversar, *mister*? — pedi.

— Claro! Senta-te!

Dei alguns passos até à cadeira do lado de cá da secretária e sentei-me.

— Que se passa? — perguntou.

— Queria ser convocado e jogar, *mister*. — disse-lhe. — Até hoje, fiquei sempre fora das convocatórias.

O homem franziu o sobrolho.

— Eu gosto que os meus jogadores joguem moralizados, com vontade de ganhar. — afirmou. — Não me parece que seja o teu caso.

Tu foste mandado para cá, por motivos que não conheço, mas que se resumem a situações de indisciplina...

— Indisciplina, *mister*? — interrompi. — Que história é essa? Se não conhece a história, eu conto-lha. Eu não quis ser emprestado ao Alverca. Por isso, mandaram-me para aqui até arranjam outra solução. Isso é indisciplina, *mister*?

— O que me chegou não abona nada a teu favor, Ivan. — retorquiu. — Mas, não falemos nisso, pois é irrelevante para o resto. Tu estás num plantel que disputa o campeonato da 3ª Divisão. E isso, para um jogador como tu, retira toda a motivação.

Naquele tempo, equipas como o Benfica, o Porto ou o Braga tinham equipas B que jogavam naquela divisão, curiosamente a mesma do G. D. Paúle, mas em séries diferentes.

Soltei um riso nervoso.

— Vejo que o *mister* não me conhece minimamente.

— Como assim?

— Sabe onde joguei a época passada, *mister*?

Ele parou um pouco para pensar e respondeu:

— Jogaste naquela equipa que venceu a Taça, a época passada, o Pluto.

— Pluto??? — interroguei com uma gargalhada. — E éramos treinados pelo rato Mickey, não? A equipa chama-se Paúle.

— Ou isso. — atalhou, tornando o facto irrelevante.

— E sabe de que divisão eles são, *mister*? Eu digo-lhe! 3ª Divisão, série C.

— Mas nessa altura...

— Nessa altura, *mister*, eu fui para lá porque não tinha mais nenhum clube para onde ir. E estava habituado a jogar na Superliga ou na II Liga. Campeonatos profissionais, *mister*! — O meu tom era irritado e inconformado. — Agora diga-me, *mister*. Notou falta de motivação em mim, quando lá joguei? Acha que estava desmotivado quando ganhei a Taça, *mister*? Não me venha dizer o que sinto. Eu só quero jogar, nem que seja nos Distritais.

O homem levantou-se da cadeira e opinou:

— Não me parece que venhas a jogar grande coisa. Mas, se queres jogar, por mim... Eu vou convocar-te para o próximo jogo com o Vialonga. E vais ver que, no fim, serás tu a não querer voltar a ser convocado.

Nessa tarde, combinei uma reunião em minha casa com Jorge. Ele próprio me telefonara ao fim da manhã, lembrando que era importante que conversássemos acerca da proposta que a direcção do clube lhe transmitira.



Jorge chegou a minha casa, em Alcochete, a meio da tarde. O seu aspecto revelava o mau tempo que se fazia sentir no exterior. Trazia o sobretudo inundado e o cabelo desarranjado e molhado.

Jorge retirou o sobretudo e entregou-mo para que eu o pendurasse e o deixasse a secar.

— Como estás? — perguntei, dando-lhe um abraço.

— Bem. E tu?

— Como já sabes. — respondi, encaminhando-o para a sala. — Como está o Eduardo?

Jorge encolheu os ombros.

— Está como sempre. Tão depressa é um amor, como é um chato. — confidenciou. — Às vezes, tenho vontade de lhe dar dois pares de estalos, quando fica histérico só porque deixei alguma coisa desarrumada.

— Deixa lá. Ele tem lá o seu feitio, mas ama-te muito!

— Eu sei. — concordou, sentando-se no sofá.

Eu fiquei sentado na poltrona.

— Como correu o casamento da tua irmã? — inquiriu curioso.

— Bem. Depois, quando tiver as fotos, hei-de mostrar-vos. — O meu semblante alterou-se ligeiramente. — Sabias que a Camila estava em Portugal?

Jorge assentiu com a cabeça.

— Podias ter-me dito.

— Só soube na Sexta à noite, quando o Eduardo chegou a casa. — relatou. — Ele foi buscá-la ao aeroporto. E o noivo também veio com ela.

— Eles foram ao casamento.

— Eu sei. Mal chegaram a Lisboa, estiveram algum tempo com o Eduardo e seguiram lá para cima.

Desviei o olhar para o chão e disse:

— Ela odeia-me. Pedi-lhe para conversarmos, quando voltasse a Lisboa. Mas, ela recusou-se.

— Deixa-a seguir a vida dela! — aconselhou Jorge. — Não tenho dúvidas que a amaste, mas magoaste-a muito. Ela conseguiu refazer a vida dela. Não estragues isso, Ivan.

Levantei-me, olhei para o vazio caminhando pela sala e prossegui:

— Pensei que a tivesse esquecido, mas... Vê-la novamente despertou tudo cá dentro.

— E a tua namorada?

Direccionei o olhar para ele.

— Namorada? A Susana é uma amante, nada mais.

— Tens uma relação com ela, Ivan. — lembrou. — Tu tens uma forma estranha de lidar com as mulheres.

— Pareces o Eduardo a falar. Também vais chamar-me mulherengo?

— É verdade, Ivan. Disseste-me que estavas apaixonado pela... Como é que ela se chama?

— Susana.

— Pela Susana. — continuou. — Que adoravas estar com ela. Até me disseste que ela te fizera esquecer a Camila.

— Estava enganado.

Jorge abanou a cabeça.

— Essas coisas não são assim. Tu não podes dispor dos sentimentos das pessoas dessa maneira.

— Preciso de um favor. — pedi, ignorando os seus sermões. — Quero que me avises quando o noivo dela voltar para Nova Iorque.

— Nem penses. — recusou.

— Vá lá, Jorge. — insisti. — Tu és meu amigo.

— Se o Eduardo descobre, mata-me.

— Por favor, Jorge!

Jorge levantou as mãos para o céu.

— Está bem. — concordou. — Logo verei o que posso fazer. Mas, vamos ao que interessa! Não vim aqui para falar na Camila. Precisamos de trocar ideias acerca do Benfica.

Voltei a sentar-me na poltrona.

O olhar do meu empresário tornou-se mais sério e começou a relatar os factos:

— Eles telefonaram na Sexta-Feira de manhã para combinar uma reunião entre nós e a direcção do Benfica. O tipo não queria adiantar nada, mas tanto pressionei que ele lá acabou por dar à língua. Como te disse anteriormente, eles querem rescindir o contrato sem pagar mais nada e ainda com a clausula de indemnização, caso assines por algum clube da Superliga ou do estrangeiro.

— E o que achas disso? — interroguei, confiante nas suas opiniões.

— Se rescindires nestas condições, Ivan, ficas preso a eles e sem ganhar um cêntimo. — afirmou. — Livras-te deles, mas só podes assinar por um clube da Liga de Honra ou menos.

— Que aconselhas?

— Penso que o melhor é recusar a proposta. — disse convicto. — Ou propor a rescisão incondicional do contrato.

— E eles vão nisso?

— Não sei.

Cociei nervosamente a cabeça, pensando um pouco, e questionei:

— Se eles aceitarem, consegues colocar-me em algum clube?

Jorge fez uma pausa. Seguidamente, olhou para mim e respondeu:

— Já tentei falar com vários clubes para negociar o teu empréstimo até ao final da época. Porém, ninguém se quer meter nisso porque sabem que há um atrito entre ti e os dirigentes do clube.

Tornei a levantar-me da poltrona e a andar um pouco pela sala.

— Hoje falei com o treinador. — contei. — Convenci-o a convocar-me e a deixar-me jogar. Não sei a tua opinião, mas pensei em manter-me ali até ao final da época. Jogar na 3ª Divisão não é novidade para mim.

— Eu também te aconselhava isso.

— No entanto, se deixar de jogar, tenho de sair. — avisei.

— Ouve! Vamos à reunião ouvir o que eles têm a dizer. Não decidimos nada e logo analisamos a situação.

— Combinado.

A reunião aconteceu dois dias depois.

Dezembro estava no seu esplendor natural, inundando as ruas de água e envolvendo o céu num manto cinzento. O vento soprava muito forte e o frio arrepiava-nos até à raiz dos cabelos.

Nessa tarde, fui buscar o Jorge e seguimos para o Estádio da Luz no meu carro. Mesmo com toda a chuva que caía, eu mantinha o terrível defeito de conduzir depressa. De tal forma que Jorge só voltou a falar quando entrámos no parque.

— Antes que me esqueça. — disse com a voz ainda tremendo da adrenalina da minha condução. — O noivo da Camila regressou esta manhã a Nova Iorque.

— E a Camila? Onde está ela a viver? — inquiri, imobilizando o carro num dos rectângulos vazios do parque.

Jorge abriu a porta do carro e saiu. Eu saí atrás dele e carreguei na chave, trancando o automóvel.

— Não sei. — informou Jorge.

— Mas, o Eduardo sabe, não sabe? — insisti.

— Possivelmente. — disse com distanciamento. — Só que nem ele, nem eu te diremos onde ela está.

— Porquê? — questionei, enquanto caminhávamos em direcção ao elevador.

— Concordei avisar-te quando o Nick partisse. No entanto, não te auxiliarei em mais nada que diga respeito a Camila. — avisou Jorge num tom que não admitiria mudanças de opinião.

Parámos junto às portas metálicas. Carreguei no botão e elas abriram-se, pois o elevador estava mesmo ali. Entrámos e tornei a carregar noutro botão, fazendo o elevador subir até ao andar desejado. Saímos no piso dos escritórios da direcção e caminhámos lado a lado ao longo de um corredor. Perto da terceira porta, Jorge deu uma pancada leve na madeira e entrámos.

A sala era a mesma de outras reuniões, tal como as pessoas que nos aguardavam... ou quase todas. Para nosso espanto, ao lado dos dois dirigentes do clube, sentara-se Ambrósio.

— Que faz ele aqui? — perguntou Jorge, visivelmente irritado.

— Por favor, tenham a gentileza de se sentar. — convidou o vice-presidente.

Jorge e eu sentámo-nos nas duas cadeiras reservadas para nós, do lado oposto ao deles.

O director de futebol direccionou-nos o olhar e explicou:

— O senhor Ambrósio tem vindo a trabalhar com este clube nos últimos tempos. Por isso, pedimos a sua presença para nos auxiliar neste processo.

— Eu recuso-me a debater qualquer assunto na presença desse senhor. — indignou-se Jorge. — Este individuo tem vindo a aliciar o meu cliente. Logo, não pode ter qualquer participação neste processo.

— Senhor Jorge! — chamou Ambrósio. — Eu não aliciei ninguém. Limitei-me a apresentar uma proposta de trabalho que não foi aceite.

— E por eu não aceitar, você lixou-me a vida. — conclui.

— Não faça filmes! — exclamou o vice-presidente. — Já lhe disse...

Ambrósio não o deixou acabar de falar, confirmando:

— Pois lixei, meu amigo. Você não sabe estar no futebol. Hoje, não basta saber dar pontapés na bola. É preciso estar junto dos bons. Se não os podes vencer...

— Mas, eu hei-de o vencer. Ou você acha que me vai lixar o resto da vida?

— Meus senhores! — chamou o director. — Acalmem-se. Isto não é um mercado de peixeiras, é uma reunião de gente civilizada.

— Nós não continuaremos a reunião com este senhor presente. — insistiu Jorge.

— Deixa estar. — disse a Jorge em tom ligeiro. Seguidamente, olhei para o trio e perguntei qual a proposta que queriam fazer.

O director de futebol puxou de uns papéis e começou a ler:

— Infelizmente, a ligação entre o Benfica e o senhor Ivan Pedro não tem corrido da forma que ambas as partes esperavam. Houve uma inadaptação da parte do jogador...

— O quê? — interrompi. — Você pode ir ler essa merda para os seus amigos, mas não me venha contar isso a mim.

— Calma, Ivan! — aconselhou-me Jorge.

— Inadaptação? Fui afastado da equipa por não ter assinado com aquele pulha. E agora falam em inadaptação.

— Tenha atenção à forma como fala! — ameaçou o vice-presidente. — Lembre-se que está perante a sua entidade patronal.

Jorge aproximou-se do meu ouvido e disse:

— Ele tem razão. Mantém-te calmo.

O director prosseguiu:

— Sendo assim, consideramos ser melhor para ambos que se termine a ligação contratual entre o senhor Ivan Pedro e esta instituição.

— Caros senhores! — interrompeu Jorge. — Vamos acabar com a lengalenga e passar ao assunto principal. Que propõem vocês?

O vice-presidente rabiscava uma folha de papel, quando impediu o director de falar. Ele próprio, olhando-nos com austeridade, disse:

— Finalizamos a ligação contratual imediatamente, ficando ambas as partes livres de qualquer compromisso. Contudo, reservamos o direito a receber uma parcela de qualquer negociação do passe do Ivan Pedro, se o mesmo acontecer com alguma equipa da Superliga ou do estrangeiro nos próximos dois anos.

Jorge atirou-lhe uma gargalhada.

— Isso é surrealista! — exclamou. — Que fizeram vocês pelo Ivan Pedro para reclamarem uma parcela do novo contrato?

— Queremos salvaguardar-nos da hipótese de ele assinar por um rival do Benfica. — respondeu o vice-presidente.

— Mas, se o recambiaram para a equipa B é porque ele não tem valor. — argumentou Jorge.

— Senhor Jorge! — chamou Ambrósio. — Todos aqui estamos conscientes do valor do Ivan. Aliás, se ele quiser, ainda está a tempo de regressar ao plantel principal do clube. Basta que assine o meu contrato.

Jorge olhou para os dirigentes e constatou:

— Não admira que o clube não ganhe nada há vários anos. Com gente como vocês a dirigi-lo.

— O nosso trabalho não lhe diz respeito. — lembrou o director.

Jorge concordou. De seguida, expôs a nossa parte:

— Neste momento, o prejuízo é vosso! Vocês estão a pagar uma fortuna todos os meses a um jogador que não joga. Por isso, não são vocês que vão impor as condições.

— Só que, ao não jogar, o Ivan está a hipotecar a sua carreira.

— Não esteja tão certo disso. — alertou Jorge. — Proponho a quebra do contrato sem condições de ambas as partes.

— Nem pense. — recusou imediatamente o vice-presidente.

Jorge levantou-se da cadeira e colocou um ponto final na reunião, dizendo:

— Então, meus senhores, não temos mais nada a discutir.

Repeti os passos de Jorge e ambos abandonámos a sala.

O resultado da reunião não me deixou totalmente insatisfeito, pois esperava voltar à competição no fim-de-semana seguinte. Iria vestir a camisola do Benfica B, mas não me importava, pois era jogar pelo Benfica, o clube do meu coração.

Em todo o trajecto de regresso, voltei a insistir com Jorge para que me revelasse a morada de Camila. Contudo, fiel a qualquer pacto que tivesse feito, ele recusou-se sempre a dizer-me.

Sozinho em casa, nessa noite, cheguei a pensar na ideia de lhe telefonar, uma vez que o número do telemóvel deveria ser o mesmo. Marquei o número e recebi a mensagem de “número indisponível”. Rapidamente, percebi que aquele número possivelmente se havia perdido no acidente de aviação que ela tivera, cerca de um ano antes. E eu nunca tivera o seu novo número de telemóvel.

Puxei pelos neurónios, tentando engendrar uma forma de a contactar. Tinha um vazio de ideias na mente até ao momento em que reparei no meu computador portátil em cima do móvel da sala.

O seu *email* ainda estava funcional ou, pelo menos, assim o desejava. Peguei no aparelho e liguei-o, aguardando todo aquele processamento informático. O seu endereço electrónico nunca me saíra da cabeça. Podia estar lá arrumadinho, mas se pensasse nele, rapidamente as letras de juntavam e o formavam no meu cérebro.

Abri o meu *outlook* e aguardei que um imenso rol de mensagens se descarregasse, inundando-me a caixa de *junk mail* e outras coisas sem interesse. Cliquei no botão de “nova mensagem” e uma nova janela se abriu.

A princípio, não sabia bem o que escrever, nem tão pouco se o endereço dela ainda estava activo. Tudo poderia ser infrutífero, fosse por isso ou por ela simplesmente apagar a minha mensagem, mal visse o nome do remetente.

Não recordo as palavras, ao certo. Comecei com as perguntas de circunstância, querendo saber como ela estava e a família. Falei um pouco de mim e dos últimos acontecimentos. Por último, mas sem dúvida mais importante, pedi-lhe para que nos encontrássemos e conversármos. Sugeri um encontro na *internet*, numa sala de *chat* do ICQ, pois seria praticamente impossível convencê-la a um encontro físico. Despedi-me com “beijinhos” e assinei. Na mensagem, deixara a sugestão do encontro virtual para a noite seguinte, às 22h00.

Por mais que tentasse evitar, não conseguia deixar de me sentir ansioso com a possibilidade daquele reencontro. Atravessei o dia com a cabeça completamente embrulhada naquela ideia, limitando-me a cumprir as tarefas obrigatórias quase automaticamente, como foi o caso do treino. E à hora marcada, lá estava eu em frente ao pequeno computador.

Não me lembrava há quanto tempo eu não mexia naquele programa. Cliquei duas vezes no *ícone* e vi abrir-se a consola com todas as funcionalidades, juntamente com a lista de contactos. Só lá havia um nome, pois era a única pessoa com quem falava ali. Camila estava *offline*.

Aguardei ansioso que ela aparecesse, navegando por diversos *sites* maioritariamente de informação desportiva, entre outros. Passaram os primeiros dez minutos e nem sinal do *bip* que anunciaria a sua

chegada. Por vezes, clicava novamente no ICQ, esperando vê-la *online*, mas nada.

No canto inferior direito do ecrã, o relógio marcava 22h20 sem que o *status* de Camila se alterasse. Comecei a desesperar, conforme se apoderava de mim a consciencialização de que Camila não ligara ao meu *email*.

Ponderei a hipótese de lhe enviar nova mensagem. Contudo, rapidamente conclui que não serviria de nada. Se não leu a primeira também não leria a segunda.

Não tinha mais nada que fazer, senão continuar ali sozinho a navegar pela *internet*.

Pouco depois das 22h30, chegou aos meus ouvidos o desejado *bip*. Cliquei no botão da barra inferior e toda a consola se reabriu no ecrã. O nome de Camila ficara verde e estava finalmente *online*.

Comecei a teclar uma frase de boas-vindas, mas optei por a deixar falar primeiro. Camila estava presente, contudo, sem dar sinal. Conhecia-a bem. Fora ali “espreitar”, puxada pela curiosidade de saber se eu lá estava, realmente.

“Olá!”, escrevi, clicando posteriormente no *send*.

A resposta tardou, quase levando-me a pensar que o seu *status online* não passava de um erro do programa ou de um esquecimento dela própria, abrindo o programa e deixando-o a funcionar sozinho.

“Olá!”, apareceu na linha abaixo da minha.

“Ainda bem que vieste.”

“Recebi o teu email. Que se passa, Pedro?”

“Nada de especial. Queria apenas falar contigo.”

“Não temos nada a dizer um ou outro. Quando é que será que metes isso na tua cabeça?”

Comecei a teclar, mas nova mensagem apareceu:

“Já te disse para me deixares em paz.”

“Eu continuo a gostar muito de ti!”, confessei. Na *internet* é muito mais fácil expressarmos as nossas emoções, talvez pelo facto de não encararmos a outra pessoa. E o *timing* de recepção e envio de mensagens também permite mais tempo para pensar e procurar as palavras mais correctas.

“És pior que nódoa na roupa, Pedro!”, começou por dizer, arrasando-me. “Quando é que tu desapareces, de vez, da minha vida? Já me fizeste mal suficiente. Se gostas de mim, deixa-me seguir a minha vida.”

“Essa doeu.”, digitei, não sabendo bem como transmitir o que sentia. Notava-lhe nas palavras a mágoa que lhe infligira e o ódio que me devotava. Já não havia amor. Já não se sentia aquela raiva que tentava esconder o amor. Ela falava como se estivesse desesperada por se livrar de mim.

“Sabes quantas me doeram a mim?”

“Sei. Mas, será que não posso fazer nada para emendar o mal que te fiz?”

A resposta demorou. Calculei que procurasse as melhores palavras ou a mensagem fosse muito comprida, quando surgiu um:

“DESAPARECE!”

O meu coração esfrangalhou-se completamente. Não consegui reagir a tanta agressividade. Acabei por escrever:

“Tudo bem. Vou fazer o que me pedes. Mas, antes, quero que saibas que tenho consciência das decisões erradas que tomei na vida, principalmente em relação a ti. Quero que saibas que foste amada como mais nenhuma foi. Que ainda hoje te amo. E que nunca amarei ninguém como a ti. Penitencio-me todos os dias por ter aberto mão do amor que me deste. Senti-me verdadeiramente amado contigo, feliz e realizado.”

Enviei e continuei:

“Troquei-te por um sonho, quando já tinha alcançado o meu verdadeiro sonho. Tu.”

Os segundos que se seguiram pareceram horas. Não escrevi mais e aguardei uma reacção. Ela apareceu com as seguintes letras:

“Vai-te lixar, Pedro! Estou farta que apareças para me fazeres recordar as coisas mais bonitas da minha vida. Não percebes que eu estou a tentar refazer a minha vida? Eu que já tive de o fazer mais que uma vez.”

“Comigo, não precisas de a refazer. Podemos continuar aquilo que tínhamos. Estou disposto a largar tudo por ti.”

“Dizes-me aquilo que eu sonhei ouvir durante tanto tempo. Só que agora é tarde.”

“Nunca é tarde, quando se ama.”

“Poupa-me essas frases feitas! Eu sei e tu sabes que é tarde. Eu vou casar no ano que vem. Tiveste a tua oportunidade e não aproveitaste. Acabou.”

“Duvido que fosses capaz de me dizer isso, olhos nos olhos.”

“Não vás por aí.”, ripostou rapidamente. “Não penses que me encontrarei contigo só para te dizer isto na cara. Tu conheces-me bem e sabes que te repetiria tudo.”

“Por te conhecer é que digo isto.”

“Por favor, Pedro. Esquece que eu existo.”

“Não consigo.”

“Pensei que já o tivesses feito, neste últimos sete meses.”

“Também eu. Só que rever-te, despertou tudo em mim. Acredita que pensei que não fosses mais que uma bela recordação. Mas tu és mais que isso.”

“Estou cansada, Pedro. Vamos terminar este assunto, de uma vez por todas.”

“Sei que não mereço nada de ti. No entanto, concede-me um último momento de despedida. Um último encontro para nos despedirmos. Prometo-te que nunca mais te procurarei.”

Fiquei à espera da resposta. Demorou uma eternidade ou, pelo menos, assim pareceu.

“Como saberei que cumprirás a tua palavra?”



“Juro-te, Camila. Só quero uma última conversa, olhos nos olhos. Garanto-te que, se a tua vontade se mantiver, me afastarei para sempre.”

“Que esperas tu alcançar com isso?”

“Não espero alcançar mais do que um último olhar teu no meu. Será que tens medo de me ver? Estás tão convicta dos teus desejos. Não terás problemas em me repetir isso tudo, olhando os meus olhos.”

“Estás a iludir-te, Pedro. Mas, tudo bem. Encontrar-te-ei quando quiseres, para esse último momento.”

“Amanhã à tarde?”, sugeri.

“Pode ser. Encontramo-nos na Praça do Império em Belém.”

O local não era o ideal. No entanto, qualquer sitio serviria para estar com ela. Concordei e precisei a hora certa para que não houvesse desencontros.

Camila finalizou com uma despedida fria e distante, passando rapidamente a *offline*.

Passei uma noite péssima, mal conseguindo dormir o suficiente para que tivesse um aspecto relaxado na manhã seguinte. O assunto Camila percorria o meu cérebro, fazendo-me pensar e repensar a melhor forma para que ela não se afastasse de mim. A ideia de reatar a nossa relação, por muito bom que fosse para mim, não me parecia minimamente possível. A mágoa e ódio continuavam bem presentes no espírito de Camila. E seria difícil apagá-los nos tempos mais próximos.

Após o treino matinal no Benfica, optei por ficar em Lisboa e almoçar num restaurante na zona do Estádio da Luz.

O cinzento dominava o ambiente, num dia envolto num céu repleto de nuvens escuras, prontas a derramar gotas de chuva a qualquer momento. Conduzi o automóvel em direcção à zona ribeirinha de Belém, vendo uma vez por outra, alguns pingos de água embater no pára-brisas.

O estacionamento não costuma ser fácil para aqueles lados. Porém, quis a sorte que eu encontrasse um lugar para o Megane, perto do Mosteiro dos Jerónimos. Ao sair do carro, senti o vento forte que soprava por ali, bem mais insistente que na zona de Benfica.

Caminhei calmamente até aos jardins, descendo as escadinhas de pedra e caminhei até à zona central da praça. Fiquei a olhar para a água que jorrava da fonte para o enorme vaso de água e para os símbolos heráldicos que o decoravam. Não me aproximei muito, evitando que o vento me acertasse com a água.

Camila não perdia uma oportunidade de me castigar, aproveitando o facto de saber que eu seria pontual para me deixar à sua espera algum tempo. Não me importei, pois o importante era que ela viesse.

Vinte minutos mais tarde, o meu olhar descobriu-a a descer as escadas na extremidade oposta da praça. O seu andar era calmo e pouco importado com o atraso. Desviou-se o mais possível da fonte e dirigiu-se ao local onde eu a esperava.

Não podia deixar de reparar na sua beleza. Camila não se preocupara em parecer bonita, optando mesmo por tentar não o ser. O cabelo esvoaçava ao sabor do vento, despenteado e caindo sobre a face. Vestia um blusão quente e calças de ganga que tapavam o cano das botas de salto pontiagudo. Já perto de mim, constatei que quase não se maquilhara.

— Olá! — cumprimentei-a.

— Olá! — retribuiu com distância.

Camila manteve-se impávida na minha frente, guardando uma pequena distância e mostrando que o cumprimento deveria ficar por ali. Não haveria sequer um beijo na face.

— Aqui estou, Pedro. — O seu tom era áspero. — Queres que te repita tudo o que te disse ontem?

— Posso pedir-te um favor?

— Podes pedir. Não quer dizer que eu o faça.

Olhei-a nos olhos, algo que notava ser evitado por ela. Num tom meigo e simpático, tentando não parecer demasiado carinhoso, sugeri:

— Podemos conversar sem essa agressividade toda?

Camila olhava para o lado, procurado o nada em nenhures, e respondeu:

— Não consigo falar contigo de outra maneira. Só me consegues despertar raiva e ódio.

— Fiz-te assim tanto mal?

Com um olhar colérico, Camila encarou-me, atirando-me um sorriso sarcástico e dizendo:

— Ainda perguntas? Será que te esqueceste de tudo o que se passou entre nós, neste último ano e meio? — A sua voz tremia, enervada. — Esqueceste-te que me trocaste por um clube merdoso? Esqueceste-te que me convenceste que ainda me amavas e acabei por te encontrar na cama com uma puta qualquer?

— Camila, isso...

— Deixa-me acabar! — ordenou, tentando suster uma lágrima.

— Esqueceste-te que, mais uma vez, quase me convenceste a ficar contigo, quando havia outra à espera de um filho teu?

— Posso falar? — pedi.

Camila baixou o olhar e levou a mão à face, naquele gesto dela tão característico de quem tenta esconder as lágrimas. O seu silêncio serviu de permissão.

— Já te disse que, o que aconteceu com a Raquel, só se passou naquela noite e porque eu te julgava morta. E a Raquel não estava grávida. Aliás, assim que o soube, tentei ir ao teu encontro para te dizer. Só que tu já tinhas partido para Nova Iorque.

— Felizmente. — retorquiu, limpando a lágrima que fugia dos seus lindos olhos verdes.

— Talvez. — concordei. — Realmente, chego à conclusão que nunca poderias ser feliz comigo. — O semblante de Camila surpreendeu-se com aquela súbita declaração de derrota. — Estou certo que o teu noivo americano te fará mais feliz.

— Ok! — soltou com ironia. — O que é isso? É a tática do coitadinho para ver se eu tenho pena? Pobre Ivan Pedro, o abandonado.

— Não é isso, Camila. Tu sabes bem que nunca gostei de ser “coitadinho”. Prometi-te que não voltaria a incomodar-te, depois desta tarde, se assim o desejares. Mas...

— Eu sabia. — interrompeu ela.

— Camila! — chamei com doçura. A minha voz ainda fazia efeito nela, principalmente, quando a tratava com ternura. — Queria pedir-te perdão por tudo o que te fiz. Tenho consciência de todos os erros que cometi. Vivo com eles todos os dias. Percebi, tarde de mais, que a minha vida eras tu. E sem ti, ela não tem grande interesse.

Camila teve um gesto de quem iria dizer algo, mas eu não o permiti, continuando:

— Sei que não voltaremos a ficar um com o outro. Tu tens a tua vida bem encaminhada, vais cas... vais casar. Desculpa, mas não é fácil dizê-lo. — Ficara impávida a ouvir-me, deixando as lágrimas escorrerem-lhe pela face. — Não voltarei a pedir o teu amor, apesar de estar disposto a implorá-lo e a deixar tudo por ele. No entanto, nestes últimos dias, percebi que o meu amor só te traz mágoa e dor. E eu não quero magoar-te mais. — Tinha vontade de chorar, ao abrir mão definitivamente dela. — Gostaria que pudéssemos ser amigos! Mas, estou disposto a afastar-me para sempre, se o desejares.

Os momentos seguintes foram de silêncio. Aguardei uma resposta dela. Porém, Camila tentou falar, mas a voz embargara-se com o choro. Levou as mãos à face e cobriu-a, tentando recompor-se. Por entre as lágrimas, balbuciou:

— Não sei, Pedro. Preciso de tempo para pensar.

Camila sentou-se num dos bancos de pedra e retirou um lenço de papel da sua mala. Limpou as lágrimas o melhor possível, esforçando-se por não chorar mais.

Eu sentei-me a seu lado, sem dizer uma sílaba.

Ficámos ambos a olhar para a fonte, mudos, ouvindo o ruído do trânsito e a melodia da natureza que nos envolvia naquele jardim.

— Como é está a tua carreira? — perguntou, quebrando o silêncio e com uma voz bastante mais calma. — O Eduardo contou-me que as coisas não te estão a correr muito bem.

— Nada bem. — confirmei. — Foi um erro, ter assinado com o Benfica.

Direccionei o olhar para ela, enquanto ela mantinha o dela na paisagem distante.

— E a tua carreira? — indaguei.

Camila baixou a cabeça e relatou:

— Quando regresssei a Nova Iorque, voltei a ocupar o mesmo lugar que tivera, antes do acidente. No entanto, acabei por deixar o emprego para vir para Portugal, tratar da empresa que o Nick vai fundar cá.

— Que leva um americano a vir viver para Portugal? — questioneiei, considerando absurdo.

— Ele já tinha vindo a Portugal, várias vezes, e sempre adorou isto. — explicou-me Camila.

Subitamente, começámos a sentir alguns pingos de água a cair sobre nós.

— Parece que vai começar a chover. — disse eu.

Antes que conseguisse completar a frase, abateu-se sobre nós um enorme dilúvio. Camila e eu abandonámos o banco de pedra e corremos em direcção ao Centro Cultural de Belém, procurando protecção sob o edifício. Ao pararmos na entrada, por baixo do túnel de acesso ao pátio interior, estávamos ambos encharcados.

— Olha como tu estás. — reparou Camila, apontando para o meu aspecto molhado. A voz denotava preocupação e ternura, esquecendo por instantes a raiva sentia.

— Tu também estás num rico estado. — disse-lhe.

Camila encolheu os ombros, pois nada podia fazer para o evitar.

— Queres que te leve a casa? — ofereci.

— Não é preciso. Tenho o meu carro ali em baixo.

— Posso acompanhar-te até lá?

Ela assentiu com a cabeça.

A chuva abrandou um pouco e nós corremos para o terceiro carro estacionado ao fundo da rua. Camila abriu a porta e perguntou:

— Onde está o teu?

— Lá em cima, ao pé dos Jerónimos.

— Entra! Eu levo-te lá.

Entrei para o outro lado.

Circulando cuidadosamente, Camila seguiu pela rua e virou para o lado onde estava o Megane vermelho. Ela reconheceu-o imediatamente e parou ao seu lado. Depois, olhou para mim sem saber o que dizer.

— Amigos, Camila? — interroguei, preparando-me para abrir a porta.

— Vamos tentar, Pedro. — respondeu, confusa. — Não sei se conseguiremos ter uma amizade, depois dos sentimentos que partilhámos.

— Como tu disseste, vamos tentar.

Ficámos a olhar um para o outro. Não tinha a mínima vontade de me afastar dela. E o seu olhar revelava o mesmo.

— Posso dar-te um beijo?

Camila desviou o rosto para o volante e lembrou:

— Não devemos, Pedro.

Aproximei-me do rosto dela e segurei carinhosamente o seu queixo, virando o seu rosto para mim. Os seus olhos verdes lutavam para resistir, mas a sua atenção ficara na minha boca que se aproximava.

— Não... Pedro. — sussurrou com o olhar a dizer “beija-me”.

Levei os meus lábios a tocar suavemente os dela, beijando-os com ternura. Um beijo rápido e simples.

No instante em que soltei os seus lábios, estes perseguiram os meus. Camila abraçou-me e beijou-me, sedenta de paixão e saudades de tudo o que partilháramos. Trocámos beijos acalorados dentro do carro envolto pela enorme chuvada que se abatia sobre Lisboa.

— Sai! — ordenou, afastando-me. — Sai daqui, Pedro! Por favor.

— Mas, Camila...

— Não digas nada, Pedro. — pediu. — Deixa-me ir. Preciso de ficar sozinha.

Não sabia bem o que dizer e acabei por aceder ao seu pedido. Contudo, Camila segurou a minha mão e finalizou:

— Estou confusa, Pedro! Preciso de pensar. Preciso de uns tempos para pôr as ideias em ordem. Dá-me uns dias! Não me telefones, nem mandes mensagens. Eu, depois, falo contigo.

Concordei com o seu pedido e despedi-me, dando-lhe um beijo na mão.

Saí do carro e enfrentei os litros de água que me fustigaram no trajecto até entrar no meu carro. Ao fechar a porta, vi o carro de Camila arrancar e desaparecer no meio do trânsito.

Ivan Pedro

## VIII

Domingo amanhecera solarengo para meu agrado, pois tinha um jogo nessa tarde. Espreitei pela janela e encontrei um exterior molhado pela chuva nocturna. Com a alegria contida de quem vê o Sol despontar na época das chuvas, desejei que ele mantivesse a sua presença, pelo menos, até ao fim do jogo.

Camila não me voltara a dizer nada, desde o último encontro, dias antes. E eu respeitara o seu pedido. Contudo, aquela fase de incertezas provocara já alguns efeitos. Nesse fim-de-semana, quando Susana me telefonou para nos encontrarmos, eu recusei com a desculpa de que precisava de me concentrar no jogo desse Domingo. Susana compreendeu e desejou-me sorte.

De facto, se eu queria fazer um bom jogo e demonstrar que continuava a ser o Ivan Pedro dos grandes momentos, tinha de me concentrar e suspender, momentaneamente, as ideias respeitantes a Camila.

Na tarde daquele Domingo, a equipa B do Benfica recebia o Vialonga. O desafio de futebol seria jogado num dos campos secundários do Estádio da Luz. Conforme me prometera o técnico, eu jogaria de início.

Subi ao relvado em último lugar, acompanhado por Aquiles que me lançava palavras de incentivo. Os restantes mostravam-se mais tímidos, mas revelavam-se bons companheiros e eu sabia que podia contar com eles. E olhando para todos, reparei em algo que não reparara antes: Eu era o mais velho entre deles.

Já no relvado, surpreendi-me com a quantidade de público que aguardava para ver o jogo. Não fariam inveja a nenhuma equipa da Superliga ou Liga de Honra, mas eram muitos para um jogo da 3ª Divisão. Ao vê-los, Aquiles confessou-me o seu nervosismo, pois o seu pai viera assistir ao jogo.

As equipas B não são equipas de competição, são equipas de rodagem. Estas equipas não lutam por vencer títulos das suas divisões ou trepar de escalão. São equipas com o intuito de formar jovens saídos dos juniores e dar-lhes competição e rodagem.

Certamente que era isto que o Vialonga esperava daquela equipa B do Benfica. No entanto, eu fui o pior que lhes podia ter acontecido naquela tarde. Claro que aquela equipa do Benfica ganhava jogos e, salvo erro, estavam a meio da tabela classificativa. Contudo, não eram temidos para além do normal.

Eu tinha a necessidade de provar a mim próprio, e com isso aos outros, que ainda mantinha todas as minhas capacidades. Entrei em campo como se fosse disputar uma final. Os meus colegas iniciaram a partida com um ritmo lento, mas, rapidamente, foram contagiados pela minha ambição. Cada vez que tocava na bola, fintava vários adversários e criava uma jogada de perigo para a baliza do Vialonga. Aos dez minutos, marquei o primeiro golo. Aos vinte e cinco, dera mais dois a

marcar. E antes do intervalo, fizera o meu segundo e o Benfica B vencia o Vialonga por quatro a zero.

As pessoas entusiasmaram-se com a minha exibição e gritaram-me elogios no meu caminho de regresso ao balneário. Porém, não era só eu que jogava bem, também a restante equipa estava a fazer um bom jogo, onde sobressaia Aquiles na defesa, revelando enormes capacidades e deixando adivinhar o brilhante defesa central que sairia dali.

A segunda parte foi a cópia da primeira, completo domínio nosso sem que o Vialonga tivesse argumentos para evitar o encaixe de mais três golos, um deles marcado por Aquiles no seguimento de um pontapé-de-canto.

O jogo terminara com uma ovação dos muitos sócios do clube que assistiram ao jogo. Ouvi gritarem o meu nome e incentivarem-me. As pessoas julgavam que eu estava ali por falta de qualidade, por isso, tinham a certeza que, depois daquele jogo, eu regressaria à equipa principal. Nada poderia ser mais errado, mas eles não conheciam a história.

Recebi muitos elogios dos meus colegas e do técnico pela brilhante exibição e pelo espectáculo que tinha dado dentro das quatro linhas. O *mister* chegou mesmo a pedir-me desculpa pela ideia que fizera de mim e informou-me que, se o treinador da equipa principal não me fosse buscar, ele contaria comigo para os próximos jogos.

Não era muito, aquilo que eu conquistara naquela tarde. Considerava-o uma batalha ganha em toda a guerra que se me opunha.

Bastante tempo mais tarde, quando abandonei os balneários, Aquiles convidou-me a conhecer o seu pai. Este esperava-o num restaurante, ali no Estádio da Luz.

Já ouvira falar no seu pai, o senhor Lúcio Freire Velez, homem mediático que dava cara à oposição à actual direcção do Benfica. Individuo não muito alto, magro, usava um cabelo encaracolado aparado e um bigodinho. Diziam-se muitas coisas sobre ele, umas boas, outras más. Contudo, aquelas que prevaleciam eram que nascera numa família humilde, trabalhara desde pequeno nas obras e construía a fortuna que tinha à custa de muito suor. Quase me fazia lembrar Alfredo Carrapiço com aquele relógio de ouro enorme e o anel no dedo mindinho.

Quando entrámos no restaurante, Lúcio Velez levantou-se para nos receber. Abraçou o filho e felicitou-o pelo bom jogo que fizera.

Aquiles olhou para mim e apresentou:

— Pai! Este é o Ivan Pedro.

— Sei bem quem é. — disse o senhor Velez, estendendo-me a mão.

— Também sei quem o senhor é. — retribui, em jeito de graça.

Lúcio Velez riu-se e apontou-nos as cadeiras para que nos sentássemos.

— Espero que não tenha uma ideia muito má de mim, senhor Ivan Pedro.



— Pelo contrário. Sempre tive uma boa impressão de si. E tive pena que não tivesse ganho as eleições do clube.

Lúcio Freire Velez candidatara-se à presidência do Benfica nas eleições anteriores. No entanto, perdera a corrida por escassos dez por cento, num dos sufrágios mais concorridos do clube.

— Diga-me, senhor Ivan Pedro! — exclamou Lúcio Velez. — Que faz um jogador como você, com a sua categoria, perdido na equipa B?

Tamborilei ligeiramente com os dedos sobre a mesa e respondi:

— Tem de fazer essa pergunta à actual direcção do Benfica.

Lúcio Velez franziu o rosto e indagou:

— Algo me diz que a sua presença ali não foi mera opção técnica. Que aconteceu?

Perante os ouvidos atentos de Aquiles e seu pai, relatei toda a história da minha ligação ao Benfica, desde a contratação até àquele dia.

— Canalhas! — barafustou o homem. — Como é que podemos ganhar algum título com gente desta na presidência? — Fez uma pausa, bebendo um golo do copo de vinho à sua frente. — Sabe, Ivan Pedro? Eu hei-de o trazer para a equipa principal. Não quero que o seu talento seja descoberto daqui a um ou dois anos no Porto, como já aconteceu com outros.

Soltei um sorriso, sabendo que ele nada podia fazer. Contudo, Aquiles explicou o porquê daquela crença toda:

— O meu pai vai candidatar-se às eleições do próximo ano.

Olhei para o seu pai.

— É verdade! — confirmou. — Anunciarei brevemente a minha candidatura.

— Espero que ganhe. — desejei. — Fará, certamente, melhor trabalho que os que lá estão.

— Estou certo que sim. E espero contar consigo lá.

Encolhi os ombros, consciente da incerteza do futuro.

Lúcio Velez colocou a mão no meu braço e pediu:

— Aguenta-se, Ivan Pedro! Você tem valor. Aguenta até eu lá chegar. E você será a nova estrela daquele clube.

Quem me dera que as suas previsões estivessem certas. Só que o futuro não se apresentava risonho. E eu não sabia que opções teria ainda de tomar, antes de ele conseguir chegar à liderança do clube. Se é que algum dia lá chegaria.

De facto, eu estava decidido a ficar, mesmo jogando na equipa B. Desde que pudesse jogar, poderia aguentar-me até ao fim do contrato, o que aconteceria pouco depois das eleições. E se tudo corresse como Lúcio Freire Velez desejava, já negociaria com ele a renovação.

No entanto, um novo factor veio trazer novos desenvolvimentos.

O Benfica, mesmo que jogue “a feijões”, arrasta consigo adeptos e comunicação social. Aconteceu que, naquela tarde, havia jornalistas de

alguns importantes jornais. E, no dia seguinte, publicaram com algum destaque a minha exibição e a estranheza por eu não estar no plantel principal. Chegaram mesmo a questionar o técnico e a direcção sobre isso, mas todos se esquivaram a responder.

Se eles perante as câmaras pareciam não se interessar pelo assunto, nos bastidores tomaram as suas medidas. E, infelizmente, não fui o único visado nelas.

No princípio dessa semana, Lúcio Velez convocou a comunicação social, impulsionado pela insatisfação por mais uma derrota da equipa principal do Benfica, para anunciar a sua candidatura à presidência do clube.

A meio da semana, após mais um treino, Aquiles e eu fomos chamados ao gabinete do treinador da equipa B. O nosso rosto revelava bem a completa ignorância daquela convocatória, principalmente, sendo nós os únicos solicitados. Fizemos o percurso juntos e silenciosamente, imbuídos em alguma apreensão.

Encontrámos o treinador no mesmo sítio onde eu o encontrara na última vez que ali estivera. Recebeu-nos com um semblante triste e pediu-nos para que nos sentássemos nas duas cadeiras em frente à sua secretária.

— Lamento imenso, aquilo que tenho para vos dizer. — começou.

— Então diga logo, *mister!* — pediu Aquiles. — Está a deixar-me preocupado.

— Ontem, fui chamado à direcção para receber ordens... — interrompeu-se. — Acreditem que isto me deixa numa pilha de nervos. Estes bandidos que dirigem este clube só querem saber deles.

— Que aconteceu? — perguntei num tom, substancialmente, mais calmo que Aquiles.

— Tu fizeste um jogo formidável! — afirmou, olhando para mim. Depois olhou para Aquiles. — E tu também. — Nova pausa. Direcção novamente o olhar para o meu rosto. — Sinceramente, não percebo esta gente. Ao que parece, eles não querem que tu jogues. Nem aqui, nem em lado nenhum. Não sei o que lhes fizeste, mas odeiam-te!

— Eu sei, *mister!*

— Chamaram-me lá cima e ordenaram-me que não voltasse a convocar-te. Senão... Se eu voltasse a colocar-te em campo...

— Despediam-no! — completei.

O treinador anuiu.

— Já esperava essa reacção! — confidenciei. — Depois do alarido da imprensa.

— Desculpa-me! — pediu. — Estou de mãos atadas. És um jogador formidável. Tinhas lugar em qualquer equipa do mundo. Não percebo porque te fazem isto.

— Fazem-no por eu me recusar a servir de meio para lhes encher os bolsos. — expliquei.

— Tenho quase trinta anos de serviço a esta instituição. — contou. — Dói muito, ver estes canalhas à frente do clube, fazendo passar a imagem de que querem um clube vencedor, quando o andam a destruir, aos poucos, longe dos olhares dos sócios.

— Como fica a minha situação, *mister*? — indaguei.

— Da minha parte, podes continuar a treinar-te com os Bês! Mas, aconselho-te a fazeres tudo para saíres. Arriskas-te a que acabem com a tua carreira, se ficares.

— Já tinha ideia de o fazer, se a situação continuasse.

— Vocês desculpem interromper! — pediu Aquiles. — Mas, que tenho eu com tudo isso?

— A direcção também me ordenou que te afastasse da equipa! — informou rispidamente, apesar de não ter tido intenção de o fazer.

— Porquê? — interrogou Aquiles, alterando-se.

— Parece que é uma represália pela candidatura do teu pai.

— Filhos da puta! — barafustou, elevando o tom de voz. — Cabrões! Eu vou lá acima falar com eles.

— Tem calma! — aconselhei, segurando-o pelo braço, quando ele já se dirigia para a porta. — Não te precipites, nem faças nada de que te arrependas.

Aquiles deu um pontapé na cadeira, deu um grito de raiva, mas acabou por se acalmar e regressar ao seu lugar.

— Lamento imenso tudo isto. Mas, não posso fazer mais nada. — constatou o treinador, retendo toda a indignação que lhe ia na alma. — Só vos desejo que consigam encontrar a melhor solução.

— Quero é que o Benfica se foda. — vociferou Aquiles.

— Não digas isso! — exclamei. — Não confundas a instituição com os animais que a dirigem. Aprende a separar as coisas! Eu aprendi, ao longo destes últimos meses.

Aquiles controlou as suas emoções, principalmente, a raiva que lhe percorria o sangue jovem. Abandonou a sala do treinador comigo e afastou-se, recusando mesmo a minha companhia. Temi que o seu estado transtornado o levasse a alguma atitude que o pudesse prejudicar. Felizmente, ele nada fizera, para além de ir para casa pensar no futuro.

A caminho do meu carro, estacionado no parque do estádio, telefonei a Jorge. Contei-lhe o episódio sucedido e disse-lhe:

— Quero sair daqui! Vamos tratar de rescindir o contrato.

— Mesmo com a clausula dos dois anos? — questionou.

— Tentaremos evitá-la! Mas, se tiver de ser, será!

Nessa noite, Camila telefonou-me para o telemóvel. A sua voz parecia triste e o seu tom saía numa espécie de sussurro.

— Precisamos conversar acerca do outro dia. — disse ela.

— Também acho.

— Quando é que nos podemos encontrar?

— Quando quiseres.

— Amanhã de manhã, no mesmo sitio, está bem para ti?

Para mim, qualquer hora em qualquer sítio, era bom para estar com Camila.

Não escondo que me custou bastante levantar cedo para ser pontual no encontro. Devo ter chegado dois minutos atrasado. Camila já lá estava, sentada no banco de pedra, a olhar para a fonte no centro da Praça do Império.

O dia, tal como já vinha acontecendo nos últimos, pintara-se de cinzento, repleto de nuvens no céu. Não parecia que fosse chover. Contudo, o frio era muito e o Inverno estava à porta. Antes de me aproximar dela, lembrei-me que estava quase a fazer um ano que Camila tivera o seu acidente, deixando todos destroçados com a notícia da sua morte. Tal como naquela altura, já todo o ambiente apresentava motivos festivos, pois a quadra natalícia aproximava-se quase tão rapidamente quanto a estação gelada.

— Olá! — cumprimentei-a com um sorriso

— Olá! — retribuiu sem sorriso.

Passara os dias a pensar nela e a sonhar com a possibilidade de a voltar ter nos meus braços. Depois daquele beijo, do amor que lhe senti nos lábios, estava certo que ela voltaria para mim. E tal como lhe prometera, estava disposto a pôr um ponto final na minha carreira de futebolista, só para a ter comigo.

— Peço desculpa de te fazer vir aqui tão cedo! Mas, precisava de te dizer o que tenho para dizer. Isto tem-me consumido nestes últimos dias.

— Também a mim.

Camila mantinha o olhar nas pedras sob os seus pés.

— Aquele beijo foi um erro! — exclamou friamente. A frase feriu-me como uma espada no coração. Senti todas as minhas fantasias desfazerem-se no nada, adivinhando o que se seguiria. — Foi um momento de fraqueza que não desejo repetir. No entanto, não recuso a amizade que me propuseste. Porém, aviso-te que só existirá isso, entre nós! — Encarou-me com o seu belo olhar e avisou imperiosamente. — Se voltares a insistir em algo mais, não me voltarás a ver. E nem a minha amizade te darei. — Levantou-se do banco. — Vou casar com o Nick no próximo ano, tal como está planeado. — Olhou bem no fundo dos meus olhos. — Eu amei-te, Pedro! Mas, já não... — Desviou o olhar. — ...te amo!

Fiquei a olhá-la sem saber o que dizer, vendo-a perante mim, aguardando uma palavra.

— Tudo bem. — disse eu, por fim. — Se é isso que desejas. Não insistirei mais, apesar do que sinto. Será o meu castigo eterno por não ter sabido dar-te valor.

— Ainda bem que estamos de acordo. — congratulou-se com algum distanciamento.

— Sim, penso que sim.

Como não tínhamos mais nada para conversar, Camila acenou-me timidamente com a mão e afastou-se. Observei-a até ela sair do meu campo de visão, sentindo uma dor profunda, certo de que me despedia dela para sempre.

As negociações com o Benfica demoraram até ao final da semana, pois nem o clube abria mão da cláusula de compensação numa futura transferência, nem Jorge admitia que ela existisse. Houve muita discussão e muitos murros na mesa. Eu nunca estive presente, confiando plenamente nas capacidades de Jorge. Ele não conseguiu o ideal, mas o resultado não foi mau: Rescindi com o Benfica, não recebendo mais nada e com o impedimento de assinar por qualquer clube da Superliga, Liga de Honra ou estrangeiro até final da época (o equivalente à duração do meu contrato com eles).

A notícia da minha rescisão não teve muita publicidade. Porém, teve a suficiente para, numa das noites do fim-de-semana seguinte, receber um telefonema de Alfredo Carrapiço.

Sozinho em casa, sem sequer ter a companhia de Susana que fora para fora em trabalho, atendi o telemóvel.

— Então, rapaz? Soube que deixaste o Benfica. — lamentou.

— Não se preocupe! Estou melhor assim. — atenuei. — Vale mais não ter clube do que andar a vaguear por um.

— E já pensaste o que vais fazer no futuro? Já tens clube? — perguntou curioso. — Há aí muito clube da Superliga que não se importava de te contratar. Tens é que te despachar e conseguir um contrato, antes que as inscrições de Inverno fechem.

— Eu sei. Só que não posso assinar por nenhum clube da Superliga até final da época.

— Então assina por um da Liga de Honra. — sugeriu. — Não podes é ficar sem jogar.

— Também não posso assinar por nenhum deles. — expliquei. — Nem estrangeiros.

Fez-se um silêncio. Senti que Alfredo Carrapiço queria perguntar algo, mas mostrava-se receoso. Eu quase adivinhava o que ele queria perguntar. A sua voz confirmou:

— Podes assinar... pelo... pelo Paúle? — As palavras tropeçavam na língua. — Desculpa perguntar! Sei que não é nada interessante para ti, voltares para aqui. Mas, olha! Esta terra tem muitas

saudades tuas! Tu mereces melhor que nós. Só quero que saibas que a porta do GDP estará sempre aberta para ti.

— Eu sei, senhor Carrapiço.

Perante o cenário que se me deparara nos últimos dias, nada me prendia a Lisboa. Ficara sem contrato com o clube do meu coração e saíra derrotado da última tentativa de recuperar o amor de Camila. Até os meus pais iriam permanecer em Paúle, pelo menos até ao novo ano. Não havia mesmo nada que me prendesse ali... excepto Susana.

— Senhor Carrapiço! — chamei para o lado de lá da linha.

— Sim?

— Terei muito gosto em regressar a Paúle. — afirmei. — Vou telefonar ao meu empresário e pedir-lhe que lhe telefone para acertar os pormenores.

Alfredo Carrapiço não disse mais nada. Só o ouvi gritar de felicidade, do lado de lá, dizendo:

— Ele vai voltar! Ele vai voltar!

Informei, posteriormente, o meu empresário acerca da decisão de voltar. Jorge telefonou a Alfredo Carrapiço para acertar cláusulas principais do contrato, mesmo não havendo muito a discutir. E como o presidente era mais que isso, era um amigo, confiava nele totalmente. Nem houve necessidade de Jorge se deslocar lá, ficando combinada a assinatura do contrato para quando regressasse a Paúle.

O meu regresso foi uma informação que se espalhou rapidamente pela aldeia. Soube-o pelo meu pai que me telefonou, querendo saber o que se passava, pois as pessoas em Paúle não falavam de outra coisa. Relatei-lhe todos os factos sucedidos e percebi a tristeza na sua voz por eu deixar o clube do nosso coração.

Só voltei mais uma vez ao Estádio da Luz, antes de partir para Paúle. Ficara de lá voltar para me despedir dos meus antigos colegas e ir buscar algumas das minhas coisas, deixadas no meu cacifo do balneário. Presenciei o treino matinal da equipa B e aguardei que eles saíssem do balneário, após os exercícios, para os cumprimentar. Os seus rostos não escondiam a mágoa por me ver partir, principalmente, Aquiles.

Aquiles deixou-se ficar para o fim, esperando que todos se despedissem de mim e se afastassem. Seguidamente, deu-me um abraço forte.

— Vou ter saudades tuas!

Retribui o abraço.

— Vais continuar por aqui? — perguntei, quando ele me largou.

Aquiles encolheu os ombros e disse:

— Parece que me vão emprestar ao Real.

— Ao Real Madrid? — interroguei atónito.

— Não. — negou ele, não conseguindo deixar de sorrir, por entre aquele rosto de tristeza. — Ao Real Massamá! E tu?

— Vou voltar ao Paúle. — relatei. — Vou ficar por lá até ao final da época. Depois, logo se vê.

— É o teu antigo clube, não é. Os que ganharam a Taça, a época passada.

Assenti com a cabeça. E nesse instante, uma ideia surgiu na minha cabeça:

— Não queres vir jogar para o Paúle? — Aquiles sorriu, pensando que eu estava a brincar. — Estou a falar a sério, Aquiles! Posso falar com eles para tentarem o teu empréstimo, junto do Benfica.

A ideia não foi totalmente descartada por Aquiles, ficando com o olhar perdido, pensando na hipótese. Acabou por dizer:

— Nem sei onde isso fica.

— Eu também não sabia, quando o Jorge me arranjou contrato com eles. — confidenciei. — Acredita que é um sitio agradável. E jogar por jogar na 3ª Divisão, sempre vinhas comigo e ajudavas o G. D. Paúle.

— Não sei, Ivan! Vou falar com o meu pai. Pedir-lhe um conselho.

— Fazes bem. — concordei. — Se quiseres, telefona-me!

Não lhe estava a propor nada de especial. Aliás, não era nada tentador. Para quem vivia em Oeiras, como era o caso de Aquiles, seria muito mais vantajoso ir jogar para o Real Massamá, que ficava a escassos quilómetros, do que para o G. D. Paúle no fim-do-mundo, algures na região beirã.

Aquiles trocou ideias com o pai, o qual também ficara muito triste e desiludido com a minha saída do Benfica. Ideias acerca da transferência para Paúle. Por muito desvantajoso que isso pudesse parecer, Aquiles equacionava a hipótese pelo simples facto de eu lá estar. Continuava a considerar-me um exemplo e achava que podia aprender muito comigo. E o seu pai concordou com esta ideia. O seu telefonema apanhou-me de surpresa, comunicando-me que gostaria que alguém do Paúle se deslocasse a Lisboa para conversar com o seu empresário.

Quando falei nisto a Alfredo Carrapiço, dando-lhe a minha opinião sobre o miúdo, este entusiasmou-se muito com a ideia e disponibilizou-se a viajar para a capital, de forma a negociar com o empresário de Aquiles e o Benfica, o empréstimo do jovem jogador.

Desejosos de verem o filho do principal rival do presidente bem longe, os responsáveis do clube não colocaram entraves ao negócio. Um pouco mais difícil foi acertar a verba mensal a pagar a Aquiles. O seu empresário tinha umas ideias um pouco megalómanas acerca do assunto, mas felizmente chegou-se a um acordo. E Aquiles viajaria mesmo para Paúle, para representar o G. D. Paúle.

Ivan Pedro



## IX

Os sentimentos são coisas difíceis de explicar. Sentimos o que sentimos, ficamos afectados, mas não encontramos palavras para expressar essas emoções. Foi mais ou menos isto que aconteceu comigo, relativamente, ao que sentia por Susana. Com o passar dos dias, tentei habituar-me, minimamente, à ideia de que Camila jamais voltaria para mim. E isso levou a que tornasse a ver Susana com aquela paixão, ternura e carinho com que a via, antes do dia do casamento da minha irmã.

No entanto, houve algumas coisas na minha vida que se alteraram, naqueles últimos dias. Desvinculara-me do Benfica e assinara contrato por um clube semi-desconhecido no meio da parvónia, como Camila dizia, e que fora a causa da nossa separação. Quase sem me aperceber, a minha vida entrava num caminho parecido com o que vivera ano e meio antes, quando informei Camila da minha decisão.

Assim, passados esses meses todos, a situação tinha tendência a repetir-se, alterando-se apenas a pessoa com quem mantinha uma relação mais íntima. Claro que havia diferenças. Camila e eu fazíamos vida de casados, contrariamente, ao que acontecia com Susana, com quem me encontrava esporadicamente aos fins-de-semana.

Susana era uma mulher lindíssima, apaixonante, muito sensual e sexual, carinhosa e preocupada comigo. Não a amava como amara Camila, mas sentia algo especial por ela. E mesmo que ela, por vezes, parecesse fria, acreditava que também sentia algo especial por mim.

Talvez eu estivesse numa fase em que não sabia o que queria. Porém, sabia bem o que não queria. Não queria voltar a perder alguém que gostava de mim. Não queria cometer mais erros que me trouxessem arrependimentos. E, primordialmente, não queria voltar a partir sozinho. Não sei se afectado pelo casamento da minha irmã ou pelos relacionamentos felizes das pessoas que me envolviam, comecei a sentir necessidade de partilhar a vida com alguém. Recuperar a vida de casal que tivera com Camila, mesmo que não fosse com ela.

Difícilmente, Susana abandonaria tudo para me acompanhar naquele regresso a Paule. Não sabia muito da vida dela, mas aquilo que conhecia, o trabalho no Benfica e a vida estabilizada em Lisboa, deixavam antever a recusa que me daria, quando a convidasse a acompanhar-me. Se não optasse por terminar a nossa relação, ela poderia sugerir a sua continuidade à distância com encontros casuais, conforme a disponibilidade de cada um. Ambas as soluções não me agradavam.

Restava-me até final da semana, altura em que a reencontraria, para pensar numa forma de a convencer. E teria de ficar tudo decidido nesse fim-de-semana, exactamente antes do fim-de-semana natalício, pois eu partiria na Terça-Feira seguinte.

A meio da semana, dei comigo a passear pelo Centro Comercial Vasco da Gama, à procura de uma ourivesaria. Entrei numa loja repleta

de jóias e com aquilo que eu procurava. Pensara bastante no que ia fazer e estava decidido a ir até ao fim. Pedi ao empregado que me mostrasse alguns exemplares de alianças. Encontrei uma muito singela e bonita com uma pedrinha brilhante no topo. Era aquela que ofereceria a Susana, quando a pedisse em casamento.

Planeara tudo ao pormenor para que nada falhasse. Combinara com ela, na véspera, jantarmos em minha casa, Sexta-Feira. Tinha idealizado um jantar romântico, um clima propício e um pedido apaixonado. Só que, por muito que planeemos, isso não é sinónimo que as coisas corram como queremos. E algo, horas antes do jantar, se revelou, colocando tudo em risco.

Na tarde de Sexta-Feira, aproveitei para começar a arrumar as minhas coisas. Não iria, certamente, deixar tudo pronto para a viagem, mas grande parte ficaria. Arrumei a roupa, sapatos, alguns pertences que seguiriam comigo, etc... Contudo, a meio da arrumação, encontrei um caixote com revistas antigas que ali estavam guardadas, ainda do tempo em que Camila vivia comigo. Com o intuito de as deitar para o lixo, mais tarde, atirei o caixote para o chão. Só que ele bateu mal no soalho e virou-se, espalhando vários exemplares de “imprensa cor-de-rosa” pelo chão.

Irritado pelo desleixo, comecei a recolhê-las para o caixote.

De repente, parei ao ver a capa de uma delas, uma das mais antigas. Tinha uma foto de Ambrósio e o título “As férias de Ambrósio em Cuba”. A minha vontade foi rasgar a sua cara sorridente, mas a curiosidade fez-me folhear as páginas e ver como ele gastava o dinheiro que ganhava à custa dos verdadeiros protagonistas do futebol, os jogadores.

Senti um choque tremendo que quase me derrubou, ao ver a primeira foto da reportagem. Numa praia em Cuba, Ambrósio aparecia de calções e camisa abraçado a uma mulher morena de biquíni. Reconheci-a imediatamente e a cólera inundou-me. A legenda dizia “Ambrósio e a sua mulher, Susana, num momento descontraído à beira-mar”.

Senti-me traído, atraído pela mulher que iria pedir em casamento, daí a algumas horas. Equacionei a hipótese de estar a exagerar. Talvez ela já não fosse casada com ele. Aliás, ela própria me contara que se divorciara. Porém, até que ponto estaria ela a mentir?

Coloquei dezenas de questões a mim mesmo, procurando respostas e pondo em causa tudo o que conhecia dela. Dei comigo a tentar justificar injustificáveis. Calculei que ela se tivesse apaixonado por mim e não tivesse tido coragem de me contar a verdade. E assim, tinha razão de ser as suas tentativas de esconder factos relativos a si.

Fosse como fosse, tinha de confrontar Susana com estes factos.

Susana chegou pouco antes da hora de jantar. Irradiava sensualidade, apesar do seu olhar distante e semblante sombrio. Cumprimentámo-nos com um beijo frio nos lábios. Percebi que algo a

fazia levantar todas as defesas contra mim. Não era possível que ela soubesse o que eu tinha descoberto. Porém, algo a retraía.

Retirou o longo casaco quente e entregou-mo, logo que entrámos na sala. Vestia calças de ganga azul e camisola laranja.

Fui pendurar o casaco atrás da porta de entrada. No regresso, passei pelo quarto e trouxe a revista que descobrira, aberta na página fatídica.

Ao entrar na sala, Susana já se sentara no sofá e aguardava o meu regresso. Mal tínhamos trocado uma palavra, parei junto dela e atirei a revista para o seu colo.

— Que significa isto? — perguntei num tom altivo.

Susana pegou na revista e olhou para a fotografia. Seguidamente, encarou-me o rosto irritado e disse friamente:

— Está cá tudo escrito.

— Eu sei. — confirmei. — Mas, queria ouvi-lo da tua boca.

Susana levantou-se do sofá, atirando a revista para o lado, e caminhou até ao móvel onde ficara a sua mala.

— Eu fui casada com o Ambrósio. — relatou, abrindo a mala. — Aliás, o processo de divórcio de que te falei, é exactamente com ele. — Retirou umas folhas de papel da mala. — Não posso dizer que lamento que tenhas descoberto desta forma. Sempre me poupa o trabalho de te contar, coisa que vinha com ideias de fazer.

— Tretas! — exclamei. — Só me estás a dizer isso porque eu descobri.

Susana aproximou-se de mim e entregou-me as folhas. Eu estiquei os papéis e comecei a lê-los. Tinha nas mãos o contrato que Ambrósio me propusera.

— Que vem a ser isto, Susana? — inquiri, incrédulo.

A postura de Susana mantinha-se fria, gélida mesmo, ativa e indiferente ao que eu pudesse pensar ou sentir.

— O Ambrósio colocou como condição ao divórcio, tu assinares contrato com ele, para não me deixar na miséria. — explicou. — Somos casados em separação de bens. E basicamente, eu não possuo nada. Se assinar o divórcio, agora, ficarei com pouco mais que a roupa que tenho no corpo.

O meu rosto denunciava toda a confusão que me ia na mente. Imaginara um pedido de desculpa, uma declaração de amor... Que era aquilo? Quem era aquela mulher?

Susana dava passadas calmas pela sala e ia relatando:

— Quando tu recusaste assinar contrato com o Ambrósio, ainda na Suíça, ele soube que eu te acompanhara na viagem. O processo de divórcio estava a iniciar-se e eu sabia qual seria o resultado para mim. O Ambrósio veio ter comigo e sugeriu-me que te seduzisse. Eu recusei. — Parou novamente na minha frente. — Quando nos reencontrámos, engracei contigo. És uma boa companhia, mas nada mais. Contudo, o

Ambrósio soube da nossa aproximação e telefonou-me. Ofereceu-me um divórcio com muitos milhares de euros, a casa da Ericeira, o carro, a mota e mais algumas coisas. Eu só teria de te convencer a assinar esse papel.

Abanei a cabeça, desejando que tudo não passasse de um pesadelo.

— E aqueles momentos, entre nós? Não significaram nada?

A resposta veio num encolher de ombros.

— Foi sexo! — afirmou. — Tentei usar a arma mais velha do mundo, já que não conseguira convencer-te com conselhos de “amiga”.

— E para que me trazes isto agora? — perguntei, apontando-lhe os papéis.

— Para que os assines! — exclamou. — Não andei este tempo todo, a levar contigo, a ter de ir para a cama contigo, para sair da história de mãos a abanar! Já sei que rescindiste com o Benfica. Mas, o Ambrósio continua interessado em ti.

— E eu que pensei que me amasses. — lamentei.

— Amar-te? — soltou uma gargalhada para o ar. — És bom na cama e pouco mais! Diz antes que sou uma boa atriz.

— Uma puta! O que tu és é puta! — retorqui irado.

Susana fulminou-me com o olhar e dirigiu-se a mim, agarrando-me pela camisola.

— Assina essa merda, Ivan Pedro! — ordenou. — Eu não estou para ficar na miséria. Isso não te faz a mínima diferença. Esse contrato até pode ser vantajoso para ti.

A resposta à sua ordem foi rasgar todas as folhas na sua cara e forçá-la a largar-me, atirando-a para o sofá. Susana caiu desamparada.

Levei as mãos à cabeça, passando-as pelo cabelo. Tinha vontade de lhe bater, de a espancar com toda a raiva de quem se sentia atraído. Susana enganara-me completamente. Nesse instante, veio à minha memória a aliança que lhe comprara. Não havia dúvidas que ela fora uma ótima atriz, pois eu fora bem ludibriado pelos seus falsos sentimentos.

— Merecias um Óscar! — disse-lhe. — Confesso que não desconfiei de nada. — Susana sentara-se no sofá e ficara de cabiz baixo, com a cabeça apoiada nas mãos, a olhar para os bocados de papel dispersos pelo chão. — Só que também tu te enganaste, ao pensar que isso me levaria a assinar aquela porcaria. Sabes o que conseguiste? Sabes? — Ela não respondeu, mantendo a postura. — Conseguiste que me apaixonasse por ti. E talvez seja isso que me faz sentir tão ferido.

Levantando a cabeça, Susana olhou para mim.

— Podes não acreditar. — continuei. — Acredita no que quiseres. — Sentei-me no chão, encostado ao armário. — Devia correr contigo daqui. Mas, confesso que já não tenho forças para nada. A minha vida tem sido uma merda. E eu estou a começar a ficar farto dela.

Nos minutos seguintes, permanecemos imóveis, cada um no seu canto, a olhar para o vazio. Ela estava consciente do que se avizinhava, pois jamais eu faria o que ela queria.

— Sei que a última coisa que te importa é o que me possa acontecer. — disse ela, quebrando o silêncio que se instalara na sala. — Mas, mesmo assim, vou contar-te as consequências. Ele não me vai dar nada do que te enunciei antes, nem o que quer que seja, e ainda fará com que eu perca o emprego. Consequentemente, se não arranjar outro emprego, terei de deixar a casa que arrendei no Parque das Nações.

— Se esperas que tenha pena de ti, não percas tempo. — avisei num tom ríspido.

Susana levantou-se do sofá e soluçou. Sem olhar para ela, percebi que deixara escapar uma lágrima.

— Poupa-me as lágrimas de crocodilo! — pedi no mesmo tom.

Ela não disse nada, caminhando pela sala, pegando na mala e dirigindo-se à porta. Ao passar por mim, agarrei-lhe uma perna e travei-lhe o trajecto.

— Espera! — ordenei.

Susana travou e desviou o rosto, enquanto eu me levantava e ficava à sua frente.

— Olha para mim!

Ela recusou-se, ficando a olhar para a parede oposta.

— Olha para mim! — repeti.

Com os olhos inundados em lágrimas, ela virou a cabeça e encarou o meu rosto. Tentei ser forte para que os seus belos olhos verdes molhados não me comovessem. Esforcei-me por manter o tom de voz ríspido.

— Dá-me a tua morada! — ordenei com frieza.

Ela franziu o rosto e questionou:

— Para quê?

Não respondi, esperando que ela fizesse o que eu mandara. Susana assim fez, retirando da mala um papel, uma caneta e escreveu o endereço postal. A seguir, estendeu-me o pedaço de papel.

— Não sei que pensas fazer com ele. — disse ela, tentando reter o choro. — E também pouco me importa.

— Susana! — chamei, evitando olhá-la directamente nos olhos para não ser afectado pela sua fragilidade. — Tenho uma proposta para ti.

O semblante dela revelou-se exasperado com a situação.

— Poupa-me, Ivan! — pediu. — Não quero saber de propostas tuas ou de quem quer que seja.

— Ouve o que tenho para te dizer. — insisti, não perdendo por um momento a voz dura e pouco simpática. — Não quero que sejas prejudicada por minha causa. Nem mesmo, não tendo eu nada com esse o assunto. Se quiseres fazer, ou não, o que te vou dizer, é contigo. A

proposta é muito simples. Vou iniciar uma nova etapa na minha vida e vou regressar ao meu antigo clube. Preciso de ter alguém comigo, uma assistente, secretária, uma merda qualquer que lhe queiras chamar. Estou disposto a dar-te o lugar e a pagar-te um ordenado.

— E para que funções me queres? — interrogou com ironia. — Certamente para “traballar” na tua cama.

— Também! — confirmei com frieza. — Mas, não só. Quero que te encarregues do meu dia-a-dia. Oficialmente, no local para onde vou, serás a minha namorada. Deveremos parecer sempre muito felizes para que ninguém desconfie. Se contares o que se passa dentro de portas, ponho-te na rua!

— Se queres uma empregada doméstica, contrata uma.

— É o que estou a fazer. — confirmei com desprezo. Falava como se nada que ela dissesse me pudesse agredir. — Como te disse, és livre de recusar. Na próxima Terça, passarei por esta morada, antes de partir para Paúle. Se aceitares a minha proposta, deves estar pronta com a bagagem, à minha espera quando eu chegar. Lá, ficarás a viver comigo na minha casa. — Fiz uma pausa. — Agora desaparece daqui!

Saí da sua frente e Susana foi buscar o seu casaco e vestiu-o.

— E vê se assinas a merda do divórcio. — avisei, antes de ela sair.

Sozinho em casa, refugiei-me no meu quarto e caí desalentado para cima da cama. Fechei os olhos e evitei pensar naqueles momentos, mas era impossível. Desse lá por onde desse, as minhas relações com as mulheres tinham sempre um triste final. Destino ou o que lhe queiram chamar, só sei que a minha vida circulava numa linha à qual eu não conseguia fugir.

Voltei a levantar-me, permanecendo sentado, e vislumbrei a pequena caixa quadrada de veludo escuro, arrumada sobre o camiseiro do quarto. A minha primeira vontade foi atirá-la pela janela, deitá-la para o lixo... Destruir aquele símbolo da minha estupidez, ao acreditar que Susana me amava.

As competições nacionais iriam estar paradas no fim-de-semana do Natal e do Ano Novo. Sendo assim, na melhor das hipóteses, eu só voltaria a jogar daí a quase três semanas. No entanto, a proximidade do Natal e o facto de ter a minha família toda em Paúle, fizeram-me agendar a viagem para aquela semana, de forma a estar com eles nas quadras festivas.

Assim, na Terça-Feira a meio da manhã, parti de Alcochete com o automóvel carregado de malas e caixas, deixando somente livre o banco a meu lado. Confesso que a dúvida de saber se Susana me acompanharia, ou não, me causava um certo nervoso miudinho.

Deixara a casa em Alcochete arrumada e trancada, desconhecendo quando lá voltaria. A mobília ficara toda muito bem

protegida com lençóis. E tudo o que não pudera levar na viagem, lá ficou acomodada até ao meu retorno.

Não querendo ser repetitivo, permitam-me que diga que parti perante mais uma manhã cinzenta, vendo a chuva miudinha cair sobre o pára-brisas. A intensidade da chuva aumentou ligeiramente na travessia da ponte, mas voltou a diminuir quando entrei no Parque das Nações, chegando mesmo a desaparecer.

Percorri o Parque das Nações de uma ponta à outra, rumo à zona sul, onde se situava a morada que Susana me dera. Entrei na rua e circulei vagorosamente, olhando para os números nas portas, procurando o dela. Não sei quem teve a ideia de colocar aquele tipo de numeração, já que é tudo composto por algarismos, pontos, letras...

Finalmente descobri o seu prédio e parei o carro ao lado de outro ali estacionado. Saí do Mégane e tentei vislumbrar a presença dela. Olhei em toda a volta, mas não a vi. Susana, aparentemente, recusara a minha proposta.

Contudo, antes que eu regressasse ao carro, a porta do edifício abriu-se e Susana saiu do seu interior. Elegante como costume, caminhou até mim sobre uns belos sapatos de salto alto, envergando um dos seus *tailleurs* que usava sempre que ia trabalhar. Parou à minha beira e disse:

— Parece que não me resta alternativa, senão ir contigo.

Não esquecera a raiva que lhe sentia pelo que me fizera. Porém, também não esquecera que gostava dela e que me sentia muito atraído por si.

— Falei com o Ambrósio no Sábado e contei-lhe o que se passou. — relatou. — Confirmei-lhe o insucesso da minha missão. — Susana evitava encarar-me, tal como vinha fazendo desde o momento de todas as verdades. — Pedi-lhe para assinar o divórcio, apesar de todas as consequências.

— E contaste-lhe a minha proposta? — inquiri.

— Não, Ivan! Se o tivesse feito, ele ter-me-ia tentado usar para continuar a perseguir-te.

— Vejo que aprendeste alguma coisa.

Susana encarou-me irradiando ódio e ripostou:

— Deves pensar que eu tinha muito gozo naquilo que estava a fazer?! Que me sentia bem, estando a enganar-te para que ele não acabasse com a minha vida. Achas?

— Não vamos falar mais nisso. — atalhei, altivo. — Já chega desse assunto.

Ela tornou a desviar o olhar para as pessoas que passavam e prosseguiu:

— Ontem, quando cheguei ao emprego, tal como eu previra, comunicaram-me o meu despedimento. Acertaram as contas comigo e mandaram-me embora. E o Ambrósio revelou-me a sua autoria por este facto, quando ambos assinámos a papelada.

— Tens bagagem? — perguntei.

Susana apontou para o *hall* de entrada e disse:

— Está tudo ali.

— Então, vai buscá-la! — sugeri com dureza, demonstrando que não faria nada para a ajudar.

Susana desapareceu, momentaneamente, atrás da porta do prédio, reaparecendo com três malas e alguns sacos. Abri-lhe o porta-bagagem e indiquei-lhe o local onde deveria acondicionar tudo. Já quase não havia espaço para nós, dentro do carro.

Entrei para o meu lugar, aguardando que Susana fizesse o mesmo. Com a chuva novamente a cair sobre nós, coloquei a primeira velocidade e avancei pelo alcatrão.

Quanto mais avançávamos para norte, maior era o temporal. As previsões anteciparam aquela frente chuvosa para aquela manhã, tarde e até noite. Não havia clima melhor para anunciar a chegada do Inverno, o qual escolhera tradicionalmente aquele dia para substituir o Outono.

Quem não se ralava nada com o tempo ou a viagem era Susana. Desde que partíramos, retirara um rádio pequeno da mala, colocou uns auriculares nos ouvidos e assim ficou, ignorando-me completamente. Não lhe interessava conversar comigo, preferindo dividir a atenção entre a música e a paisagem.

O trânsito era muito, acentuado pelo elevado números de camiões, a circular na auto-estrada, e pelo mau tempo que nos fazia a todos circular mais devagar... ou quase todos. Havia sempre aqueles inconscientes que furavam pelo trânsito, saltando de faixa para faixa, conduzindo a velocidades loucas. Só após a passagem pela zona de acesso à A23 é que o afluxo de veículos diminuiu.

A alienação de Susana fizera-me ignorá-la completamente, esquecendo praticamente que ela ia ali comigo. Conduzia com os olhos na estrada, a atenção no trajecto e a mente em vários pensamentos. Interrogava-me, a mim próprio, se teria sido o mais correcto, tê-la trazido comigo. Basicamente, contratara-a para ser uma acompanhante, quase uma prostituta de luxo com aquilo que lhe pagava. É certo que lhe iria atirar um monte de tarefas para cima, mas mesmo assim... E Susana era uma mulher muito independente, ar executivo, óptima relações públicas... Sabia que não ia ser fácil para ela. Tudo podia ter sido muito mais simples, se a realidade fosse a que eu imaginara, quando pensara em pedi-la em casamento.

Gostava muito dela! Penso que eram os sentimentos que nutria por ela que me levavam a fazer aquilo. Esforçava-me por a agredir verbalmente, fazê-la sentir odiada pelo que me fizera. Cada frase que lhe dirigia era carregada de ira e cólera, misturada com indiferença e desprezo. Mas, no fundo, lá bem no fundo do meu coração, eu queria-a junto de mim.

Uma coisa perdera definitivamente, a confiança nela. Qualquer atitude sua merecia a minha suspeita. Vigia-la-ia sempre que possível,



não fossem os interesses de Ambrósio pairar novamente sobre a minha vida.

A hora de almoço já ficara para trás, no instante em que parei na portagem de Coimbra, pagando o tributo à concessionária da via. Abandonava a auto-estrada e iniciava nova travessia pelo temível IP3.

Susana desligara-se completamente do mundo à sua volta, chegando a retirar um livro da mala, dedicando-se à leitura para passar o tempo. Mantivera o rádiozinho ligado e os auriculares postos. Era-lhe indiferente o caminho que eu fazia, se demorava muito ou pouco, nada lhe interessava.

A minha mente abstraiu-se de pensamentos estranhos ao evoluir da condução. Aquela via era perigosa e traiçoeira, exigindo uma concentração total do condutor.

Chuva, chuva, chuva e... mais chuva. Abatera-se um temporal forte sobre a via. A velocidade a que seguia era extremamente lenta, resultado do avolumar de perigos. Felizmente, cheguei sem percalços até cerca de dois terços do percurso, altura em que desviei o meu trajecto. A fome apertara e com tanta chuva no caminho, optei sair após a placa da Aguieira, seguindo rumo à Barragem, onde havia um restaurante muito bom, não muito longe dali.

O edifício do restaurante não tinha mais de um piso. Era comprido e deveria ter lugar para largas dezenas de clientes. Existia um pequeno parque, logo ao lado, no qual estacionei o carro.

Susana fechou o livro e retirou os auriculares.

— Já chegámos? — perguntou.

— Não! Decidi parar aqui para almoçarmos. — respondi.

A chuva não era tão intensa, mas caía bem. Aconselhei Susana a correr, quando saísse do carro, tal como eu iria fazer, para evitar molhar-se muito.

Abri a porta do carro, saí, fechei-a e corri para a entrada do restaurante. Susana tentou fazer o mesmo. Porém, o chão dali não é como os passeios calcetados da cidade, pois a maior parte é terra batida ou pedras soltas. E os saltos de Susana fizeram-na tropeçar e cair.

Sem pensar, corri em seu auxílio, ajudando-a a levantar-se e trazendo-a para a protecção do alpendre na entrada. Não se ferira, mas torcera um pé, o que a fazia coxear ligeiramente.

O local era acolhedor. O ambiente era rústico e de bom gosto com paredes decoradas a madeira com motivos regionais. Pendurado numa delas, um grande quadro pintado mostrava a Barragem da Aguieira. O salão povoava-se de mesas e cadeiras de madeira num tom escuro envernizado, as quais estavam praticamente vazias, devido ao adiantado da hora.

Escolhemos uma mesa e aguardámos que o empregado nos interpelesse.

— Como é que está o pé? — perguntei.

— Melhor...

Ao que eu chegara, pensei para mim. Tivera tantos casos, desde relações de ocasião, onde uma noite de sexo era princípio e fim, até relações mais duradouras como a que mantivera com Camila. Ai, a Camila! Como ela continuava tão presente no meu coração. Chegara ao ponto de “comprar” a minha companheira, pagar-lhe para viver comigo. Se Camila tivesse voltado para mim, certamente, teria corrido com Susana. Porém, naquele instante, Susana era o que tinha de mais parecido com uma namorada, uma companheira. Odiava-a tanto quanto gostava dela, mesmo que esse gostar não passasse da atracção física e desejo. Contudo, percebia no seu olhar que ela não gostava de mim e que só ali estava por manifesta necessidade, sendo eu a melhor solução para os seus problemas, pelo menos, por enquanto.

— Agora que julgo já não teres nada a esconder-me, não queres falar-me um pouco de ti? — sugeri, durante a refeição.

Susana mastigava um pedaço de comida, o qual engoliu, bebendo posteriormente um golo de vinho. Sem olhar para mim, disse:

— Não.

— Posso saber porquê? — insisti.

— Não me apetece conversar.

— Vais deixar de falar comigo?

Parando de comer, Susana direccionou-me um olhar duro e respondeu:

— Pediste para que parecesse uma namorada feliz, quando chegássemos. É o que farei no cumprimento do meu trabalho. Mas, que eu saiba, ainda não chegámos. E quando estivermos sós, não tenciono representar.

— Estás a inverter os papéis! — exclamei, respondendo à sua dureza. — Deveria ser eu a indignar-me. Não tu.

— Foi por tua culpa que fiquei sem nada. — retorquiu. — Foste tu com a tua recusa que me levou a ter de assinar um divórcio altamente lesivo para mim.

Abanei a cabeça, não querendo acreditar na maneira como ela via as coisas.

— Só espero que honres a tua proposta.

— Se quiseres, até te faço um contrato de trabalho. — disse com ironia.

— Não é preciso. — recusou com brusquidão. — E aviso-te que assim que puder, quando arranjar algo melhor, te deixarei para sempre.

— Como queiras. — disse com distanciamento.

Continuámos a comer, em silêncio, mais alguns minutos. Contudo, voltei a insistir:

— Tens família?

— Não quero falar sobre isso.

A agressividade da sua voz era bem patente a cada palavra que dizia. Optei por não a maçar mais com perguntas, saboreando a refeição

e apreciando o interior do local. Fora Augusto quem me levava a conhecer aquele restaurante, certo dia em que fomos almoçar juntos. Costumava falar-me muito daquele local, principalmente da barragem, onde passava tardes à pesca com alguns amigos na adolescência.

Lá fora, a chuva continuava a cair e a luminosidade parecia diminuir com o avançar da tarde. Não queria fazer nenhuma parte da viagem à noite, mas isso seria quase impossível. Pelo menos, esforçar-me-ia por chegar ao final do percurso que me restava do IP3, antes de anoitecer.

Por entre as gotas que se despenhavam no solo, surgiu um clarão brilhante, ao qual se seguiu um estrondoso trovão. O clima tinha tendência a piorar. Seguiram-se outros clarões e o som do trovejar aumentava, significando a sua aproximação.

— Parece que vem aí um temporal dos fortes. — disse o empregado, trazendo a conta que lhe pedira.

— Infelizmente, parece que sim. — concordei. — É péssimo para quem ainda tem uma viagem pela frente.

— Vai para longe?

— Para Paúle.

O homem franziu o rosto e alertou:

— Ainda é um bocado longe. Não é muito, mas com este tempo...

Anui com a cabeça, reparando no semblante entediado de Susana.

O pequeno diálogo foi interrompido pelo toque do meu telemóvel. Retirei o aparelho do bolso e atendi uma chamada do meu pai, preocupado pelo facto de eu ainda não ter chegado, pois sabia que eu faria a viagem naquele dia. Descansei-o, informando onde estava.

— Como é que está aí o tempo? — indaguei.

Um novo relâmpago ecoou no exterior.

— Está a chover. — disse o meu pai. — Mas, parece que aí está pior. Estou a ouvir a trovoadas...

Antes de desligar, avisei o meu pai que iria esperar algum tempo para ver se o temporal abrandava.

Devemos ter estado ali cerca de meia hora, desde que pagara a conta. Esperava uma melhoria do clima, mas tive que me dar por satisfeito com o afastamento da trovoadas.

Simpaticamente, um empregado do restaurante acompanhou-nos até ao carro com um guarda-chuva. Susana agradecera-lhe a gentileza, não deixando de reclamar pelo solo enlameado que lhe arruinou os sapatos. O indivíduo deixou-nos, quando ambos já beneficiávamos da protecção do interior do carro, regressando ao edifício.

Com o motor a trabalhar, liguei os faróis do automóvel e voltei a colocar as escovas do limpa-pára-brisas a limpar a água que tapava a visão. Receava o resto do percurso. As nuvens dispersaram-se um pouco com o findar dos trovões, mas ainda chovia muito e o entardecer

já dava lugar à noite. Fiz-me à estrada e esforcei-me ao máximo na concentração no percurso, pois mil olhos seriam poucos para tudo o que tinha pela frente. E não poderia contar com os olhos de Susana que voltara a colocar os auriculares e a olhar para o vazio.

Senti um enorme alívio, minutos mais tarde, no momento em que virei na saída do IP3. A noite já se instalara por completo, deixando tudo escuro e igualmente húmido. Essa escuridão e as gotas no vidro do carro aumentavam o contraste da luminosidade dos faróis dos carros que se cruzavam comigo. O resto do trajecto, mesmo com aquela chuva, foi bastante mais pacífico, uma vez que o trânsito era muito menor. Circulava a uma velocidade muito moderada e defensiva, o que me levou a chegar a Paúle à hora do jantar.

Estacionei o Megane em frente à minha casa na aldeia. Não se via ninguém, apenas as luzes nas janelas fechadas. A chuva continuava sem indícios de parar.

— Como é que vamos descarregar a bagagem com esta chuva?  
— interoguei-me em voz alta.

Percebendo que eu falara, Susana retirou um dos auriculares e perguntou:

— O quê?  
— Como é que vamos descarregar a bagagem com esta chuva?  
— repeti.

— Não sei. — respondeu com indiferença.  
— Até me admirava se soubesses. — retorqui.  
— Que queres dizer com isso?  
— Nada, nada!

Sem adiantar mais assunto, peguei no telemóvel e liguei para o meu pai, avisando-o da minha chegada. Enquanto marcava o número, olhei para a cara de Susana que vislumbrava o exterior com um semblante de quem se interroga “Onde vim eu parar?” Compreendia-a bem. Eu próprio me sentira assim, quando cheguei a Paúle pela primeira vez.

O meu pai insistira comigo, várias vezes, para que fosse jantar a casa da minha irmã. Recusei em todas com a desculpa de que estava cansado. Não me estava a apetecer ir para lá com Susana. Queria entrar em casa, se possível descarregar o carro e deitar-me na minha cama. Estava estafado.

Saímos do carro, demos uma corrida por entre a chuva e subimos as escadas. Introduzi a chave na fechadura e abri a porta. Acendendo a luz, disse:

— Susana! Esta é a minha casa.

O aspecto do interior era arrumado, tal como sempre estava, pronto a receber-me a qualquer altura. Contudo, o rosto dela não melhorou. Abanou a cabeça, não querendo acreditar no que via.

Nesse instante, a chuva parou. Sem pensar em mais nada, aproveitei para voltar a descer e começar a carregar a bagagem para

casa. O céu mantinha-se muito adensado de nuvens, o que levava a crer que o intervalo não duraria muito tempo. Claro que todo o conteúdo que trazia no carro foi transportado por mim, pois Susana ignorara propositadamente o meu esforço, limitando-se a conhecer a casa e a torcer o nariz a quase tudo.

Arrasado era pouco para descrever o meu estado, assim que pousei no chão a última mala. Sentei-me estoirado, junto à porta da sala, atenuando o esforço. Susana sentara-se no sofá e olhava para mim, desfrutando do facto de me ver naquele estado sem fazer nada para me ajudar.

— Se quiseres comer alguma coisa, há comida na cozinha. — disse-lhe. — A minha irmã deixou cá algumas coisas para quando eu chegasse. — Voltei a levantar-me do chão. — Eu estou cansado. Vou para a cama! Amanhã arrumo as minhas coisas.

Sem esperar qualquer resposta dela, dirigi-me ao meu quarto. Retirei-me da roupa húmida e transpirada e despenhei-me no interior de um par de lençóis lavados. Não sei o que Susana fez ou deixou de fazer, a seguir. Adormeci instantaneamente.

Ivan Pedro

X

Dormi como uma pedra. Acordei, sentindo que o sono fora altamente retemperante. No segundo seguinte, surpreendi-me com a presença de Susana a meu lado, dormindo profundamente. Não sei o que esperava, realmente. Se eu próprio lhe dissera que ela deveria portar-se como minha namorada, nada mais natural do que ela dormir na minha cama. A minha casa só tinha um quarto. E esse quarto uma única cama, a qual era de casal. O sofá da sala tinha uma cama de abrir, mas Susana não iria pôr-se à procura, nem dormir no chão. E não seria a primeira vez que dormíamos juntos.

A nossa relação pautava-se por ódio, entre portas. No entanto, era bom que acontecesse o inverso na presença de outras pessoas, senão, pegaria em Susana e recambiava-a para Lisboa no primeiro comboio.

Esbocei um sorriso, vendo-a anichada nos cobertores, protegendo-se do frio. Senti uma enorme ternura pelo seu ar frágil, dormindo sossegadamente. Olhei para a janela. A persiana ficara meia corrida, permitindo o entrar dos raios de Sol de mais uma manhã fria. Alegrei-me por ver o brilho solarengo da primeira manhã daquele Inverno.

Levantei-me da cama e fui tomar um duche quente.

Quando regresssei ao quarto, Susana já acordara e estava sentada na cama, compondo a camisa-de-dormir. Devia ter acabado de acordar, pois o seu rosto denunciava um ar ensonado.

— Bom dia! — disse-lhe.

— Só se for para ti. — respondeu amuada.

— Dormiste bem? — indaguei.

— Que te interessa? — retorquiu rispidamente.

Dei alguns passos até ela e inquiri:

— Será necessária toda essa agressividade?

Susana levantou-se da cama e cambaleou com sono. Passou por mim, lançando-me um olhar de ódio, dizendo:

— Que queres? Trazes-me para esta merda e... Pediste que me portasse como uma namorada apaixonada, perante outras pessoas! — Olhou em redor do quarto. — Não vejo aqui ninguém. Por isso, não preciso de fingir. Posso odiar-te à vontade.

Agarrei-a pelo braço e puxei-a para mim. Os nossos olhos desafiaram-se, enquanto as nossas respirações se misturavam. Tentei não me deixar influenciar por a ter tão perto de mim. Retomei o tom duro e disse:

— Não és só tu a odiar, aqui dentro. Eu também te odeio!

— Então não sei para que me trouxeste, para que me pagas para estar aqui contigo?!

O seu rosto estava muito próximo do meu. Não resisti e beijei-lhe os lábios. Susana não retribuiu, limitando-se a receber o meu beijo e a

aguardar que me afastasse. Quando o fiz, ela olhou-me com desprezo e perguntou:

— Posso ir? Ou vais querer ir para a cama comigo, agora? Não me esqueci que também me pagas para me foderes.

Larguei-lhe o braço, fulminando-a com um olhar colérico.

— Podes ir!

Susana fechou-se na casa de banho e, também ela, foi tomar um duche quente.

Retirei algumas roupas de uma das minhas malas. A manhã brilhava com o Sol, mas mal coloquei um pé fora de casa, notei logo a baixa temperatura. Até estranhei que não tivesse nevado. Ainda tinha o Inverno anterior bem vincado na memória, não me deixando esquecer como era rigoroso, nada semelhante com o da capital.

Havia comida em casa. Contudo, achei melhor afastar-me um pouco do apartamento, deixando Susana sozinha, habituando-se à sua nova casa. Assim, optei por um belo pequeno-almoço no café da dona Palmira.

Em passadas calmas, caminhei junto à estrada em direcção ao café. Nem sequer levei o carro, pois sabia-me bem andar por entre aquele ambiente frio. Entrei na aldeia e segui pela estrada principal. Encontrei alguns conhecidos pelo caminho, os quais me chamavam e cumprimentavam-me saudosos. Alguns até já sabiam do meu regresso definitivo para voltar a vestir a camisola do Paúle, felicitavam-me por isso e desejavam-me sorte. Outros, alguns que nem ligavam ao futebol, esboçavam um sorriso e confessavam as suas saudades da minha pessoa. Se eu tivesse alguma duvida, aquela pequenina viagem revelar-me-ia o quanto as pessoas de Paúle gostavam de mim.

Alguns minutos mais tarde, estava a passar a porta do café da dona Palmira. Apenas Augusto se encontrava a trabalhar, mas não tinha clientes para atender. Ao ver-me, saiu detrás do balcão e veio abraçar-me.

— Olá cunhado! — disse ele. — Já estava a pensar em passar lá por casa para te ver.

— Podes lá ir, à mesma.

Augusto voltou para trás do balcão e perguntou-me se queria comer alguma coisa.

— Um pequeno-almoço ligeiro. — respondi.

Com o alto balcão entre nós, vi-o começar a preparar umas torradas.

— O teu pai, ontem, avisou-nos da tua chegada! — iniciou o relato. — Estávamos muito apreensivos por ti com aquele temporal.

— Não foi uma viagem fácil. — confessei, sentando-me num dos bancos que contornavam o balcão.

— Podias ter lá ido. — opinou. — Desculpa dizer-te isto, Ivan! Mas, pareces-me estranho desde o dia do casamento. Aliás, nem foste capaz de te despedir de ninguém, antes de regressares a Lisboa.



— Tens razão, Augusto! — concordei. — Só que estava a sentir que não havia necessidade de ficar cá mais tempo — Forcei um sorriso. — E tinha alguém à minha espera.

Augusto olhou-me intrigado e questionou:

— Novo amor?

— Já andamos há algum tempo. — contei, fazendo parecer que vivia uma enorme felicidade. — Ela veio comigo.

— Está lá em casa? — perguntou surpreso.

— Sim. — confirmei.

— Então é sério?

Encolhi os ombros, lançando a dúvida:

— Quem sabe? Por enquanto, estamos a dar-nos bem.

As torradas ficaram prontas. Pedi um copo de leite simples e natural.

— E o resto do pessoal? — inquiri, mastigando o pão.

— O Teo está a trabalhar. A minha mãe e a Maria de Fátima foram comprar algumas coisas que faltam cá no café.

— E os meus pais? Como se têm dado com a aldeia?

— Lindamente! — afirmou com satisfação. — Têm estado a adorar a estadia. A tua mãe é que se tem queixado do frio.

Assenti com a cabeça, recordando-me como a minha mãe detestava o frio.

— Isto está muito calmo. — constatei, olhando em redor.

Augusto concordou, justificando:

— Nesta época de Inverno, o pessoal passa por aqui a caminho do emprego. A meio da manhã, é raro aparecer alguém. Depois, volta a haver muita gente é à hora de almoço. Por falar nisso, espero que elas não se demorem, senão o almoço atrasa-se.

Não fiquei muito mais tempo à conversa, acabando por continuar o meu passeio, logo que acabei de comer. Continuei a descer a rua até ao cruzamento, perto do campo do G. D. Paúle. Não vi ninguém e prossegui a caminhada rumo à casa da minha irmã, do outro lado da aldeia.

Quando cheguei, o meu pai brincava com a neta no jardim, aproveitando ambos o bonito Sol que irradiava uma luz forte, mas nada quente. Indiferentes ao frio, ele tentava ensiná-la a andar de bicicleta. Ao verem-me, largaram tudo e receberam-me com imensa saudade. Entrei em casa com Cibele ao colo e o meu pai a conduzir-me com o seu braço sobre os meus ombros. Seguidamente, foi a minha mãe quem me ofereceu um abraço, fustigando-me com beijos nas faces, como se já não me visse há muitos anos.

Só Manuela não estava em casa. Àquela hora, deveria estar a acompanhar a engenheira Calheiros em algum assunto importante.

Aproveitei o tempo para conversar longamente com eles, relatando-lhes os últimos acontecimentos em Lisboa. O meu pai não

conseguia esconder a tristeza pelo fim da “novela” Benfica. Contudo, sabia que o melhor para o meu futuro era sair de lá.

Depois de muito tempo a conversar, ganhei coragem para dizer algo importante. Havia uma informação nova que lhes queria dar, ignorando completamente a sua reacção.

— A minha namorada veio comigo. — disse-lhes. — Trouxe-a para viver comigo, aqui em Paúle.

Apesar de nunca me terem dito explicitamente, sabia que os seus corações estavam relutantes em receber uma nova Camila. Custara-lhes muito perder “aquela” nora. E talvez não estivessem preparados para receber uma nova.

— Quem é ela? — perguntou a minha mãe?

— É aquela rapariga com quem andavas, em Lisboa? — interrogou o meu pai.

Confirmei com a cabeça, adicionando:

— Chama-se Susana.

— Isso é sério? — indagou desconfiado, o meu pai.

— Não sei... — hesitei. — Sei ao que se referem com essa pergunta. E isso, eu não sei.

— Quando é que a conhecemos? — quis saber a minha mãe, querendo parecer ansiosa.

— Vão conhecê-la, brevemente. Só não veio agora comigo porque estava a dormir.

Ambos tentaram mostrar-se satisfeitos por mim, mas... Que querem de alguém que vê ouro e depois lhes dão prata?

Mesmo com as dezenas de insistências para que almoçasse com eles, recusei sempre. Já passara algum tempo fora de casa, o suficiente para retemperar a paciência e enfrentar a antipatia de Susana. Só esperava que ela fosse a excelente actriz que fora comigo, quando eu a desse a conhecer a todos.

Por mais que tentasse, essa preocupação assolou-me o espírito durante todo o trajecto de regresso. Como seria, se ela não cumprisse o acordo? Sei o que lhe faria, porém... Como ficaria a minha imagem perante todas as pessoas?

Cheguei a casa, refazendo o percurso inverso e demorando mais algum tempo, devido a mais algumas pessoas que encontrei, as quais não se coíbiam de me oferecer um abraço e desejar felicidades.

Quando entrei, ouvi Susana atarefada na cozinha. Não escondo que me surpreendeu que ela estivesse tão empenhada, fazendo-me lembrar aquela Susana com quem passara o fim-de-semana na Ericeira, a qual se mostrava uma dona-de-casa muito à vontade com todas as tarefas.

Apanhara o cabelo para se mover melhor. Vestia roupas informais, umas calças de ganga e uma camisola, tal como sucedera na Ericeira, e protegia-se com o meu avental. Este ainda era uma peça que ali ficara da estadia anterior. Susana conseguia ser linda de qualquer

forma. O meu coração batia mais forte com as recordações de quando não nos odiávamos. Como tudo podia ter sido diferente, pensei. Vê-la, despertava-me toda a paixão que nutria por ela. Contudo, não conseguiria partilhar os momentos íntimos de outrora. Não suportaria uma serviçal sexual no lugar da mulher apaixonada... ou supostamente apaixonada.

Tentei adiar o mais que pude, aquele momento em que apresentaria Susana à minha família. Não confiava nela. Receava que ela aguardasse o momento certo para me humilhar e se vingar de mim, só por eu não assinar o contrato com Ambrósio, negando toda a riqueza que ela desejava.

A minha irmã telefonara-me ao fim dessa tarde, já informada das novidades, para que eu fosse jantar lá casa com Susana. Hesitei inicialmente, procurando uma forma de me escapar. Contudo, poderia parecer estranha a recusa, por isso, concordei.

Susana não se manifestara muito, quando lhe comuniquei o convite.

— Não te esqueças do combinado! — avisei.

— Está descansado, “amor”! — disse com sarcasmo.

Já noite serrada, seguimos de carro até ao outro extremo da povoação. Susana não escondia a rosto aborrecido, evitando olhar-me ou atirando-me todo o ódio quando tinha de o fazer. Preparara-se com todo o cuidado e estava lindíssima, muito bem maquilhada, o cabelo solto caído sobre os ombros...

Parámos em frente à casa. Saímos do carro e sentimos novamente o frio intenso do exterior. Antes de entrar, olhei para ela. Susana percebeu os meus receios e sorriu com um sarcasmo ameaçador.

Augusto apareceu à porta, como se adivinhasse a nossa chegada. Susana contornou o carro e caminhou até mim. Interpretando o papel da namorada apaixonada, agarrou o meu braço com carinho e deixou-se conduzir para o interior da casa.

Comecei por a apresentar a ele. Seguiram-se a minha irmã e a minha sobrinha. Susana distribuía sorrisos afáveis, mostrando grande contentamento em os conhecer. Era, de facto, uma grande actriz.

Os meus pais apareceram vindos da sala. Estremeci com receio do que ela poderia dizer ou fazer. Observava todos os seus movimentos, mantendo-me alerta. Apresentei-a ao meu pai e à minha mãe, vendo-a cumprimentá-los com enorme gentileza.

— Estava ansiosa por os conhecer. — disse Susana. — O Ivan fala tanto da família e tão bem. Hoje estou a confirmar as pessoas maravilhosas que são e que ele me descreveu.

— Bondade sua e exagero dele! — exclamou o meu pai, encantado.

A minha mãe permanecia mais reservada. Porém, notara-lhe a satisfação quando Susana me abraçou, beijando-me o rosto e dizendo:

— Percebo agora, onde o Ivan aprendeu a ser tão maravilhoso.

Eu abracei-a com carinho, sendo cúmplice da sua representação.

— Venham! — chamou Manuela. — O jantar está a arrefecer.

A minha mãe e Manuela prepararam um belo macarrão para o jantar. Eram ambas muito competentes na cozinha italiana, para além de todos os outros pratos que sabiam fazer.

O jantar decorreu bastante bem, acima até das minhas expectativas. Estive quase sempre calado, envolto no nervosismo e ansiedade a cada gesto de Susana. No entanto, ela foi o centro das atenções, colocando em prática a sua habilidade de relações públicas e conversando com todos, mostrando-se muito simpática e inteligente. Sorria sempre que olhava para os meus pais, encantando-os. Trocava assuntos com Manuela como se fossem amigas de longa data. Estava a fazer um trabalho formidável de representação, o que me criava novo problema.

Eu não tinha noção de como terminaria a relação com Susana, não só porque ela própria me prometera afastar-se à primeira oportunidade, como eu próprio a demitiria das suas funções, chegado o momento. Só que, após aquela noite, notei que ela tocara o coração dos meus pais, o que me afligiu, sabendo que os estava a enganar. Esse facto era irrelevante para Susana. Contudo, para mim, magoá-los era a última coisa que desejava. Não queria uma segunda Camila nas suas vidas com o respectivo desgosto.

Após a refeição e um serão agradável, despedimo-nos de todos. Conhecia bem a minha família e sabia que quando estivessem novamente comigo, sozinhos, me diriam o quanto Susana os fascinara. E eu não teria coragem de lhes contar a verdade.

Assim que entrou no carro e a minha família ficou para trás, o rosto de Susana endureceu, recordando-me os sentimentos negativos que nos uniam. Não trocámos uma única sílaba, naquele curto trajecto entre as duas habitações.

Ao entrar em casa, quebrei o silêncio entre nós, dizendo:

— Parabéns! Foste uma grande atriz.

— Caso não saibas, costumo ser muito profissional nas minhas funções. — retorquiu, amarga.

Desprezando qualquer resposta minha, seguiu para o quarto. Eu percorri o seu caminho e também fui para lá. Cada um do seu lado da cama, começámos a despir-nos para nos deitarmos. Não pude evitar de a observar e sentir saudades de ter aquele corpo nos meus braços e de fazer amor com ela.

Susana ignorava-me completamente. Estar eu ali ou um vaso com plantas era igual para ela. Vesti a camisa-de-dormir e encobriu-se nos lençóis e cobertores da cama. Eu vesti o pijama e deitei-me do meu lado.

A vontade de fazer sexo era enorme. Aproximei-me dela, por baixo da roupa da cama, e coloquei um braço sobre o seu corpo.

Comecei a beijar-lhe a face e a acariciar-lhe a barriga. Susana compreendeu o que eu queria e deixou-se ficar de barriga para cima, aguardando profissionalmente o meu corpo.

A minha boca procurou a sua. Mas, Susana colocou a mão entre elas e disse:

— Sem beijos!

— Porquê? — questionei.

— Não queres sexo? Então anda! Não precisas de me beijar para me comeres.

A forma como falava, quase esfriava o meu desejo. No entanto, estava tão carente de sexo que tentei ignorar e prossegui. Puxei-lhe a camisa-de-dormir para cima, acariciando-lhe as pernas e subindo suavemente até aos seios. Coloquei o meu corpo sobre o dela, dando-lhe beijos ternurentos no peito e tacteando a sua pele em múltiplos sítios. Olhei para o seu rosto, procurando uma expressão de prazer, mas encontrei-a a olhar para o tecto, impávida. Susana não se mexia, a menos que lhe pedisse para fazer isto ou aquilo. Cada gesto, cada expressão, cada toque, tudo era feito de maneira a recordar-me que só o fazia porque eu estava a pagar.

A situação era inadmissível para mim. E por muita necessidade que tivesse de sexo, naquela noite, optei por me atirar para o lado e regressar ao meu canto na cama.

— Já acabaste? — perguntou com frieza.

— Nem comecei. — respondi com a mesma frieza, sentindo uma raiva enorme.

— Então posso ir dormir... patrão?

Lancei-lhe um olhar enraivecido, sentindo-me inundar pela cólera. Apetecia-me bater-lhe, fazer algo que a magoasse, mas...

— Podes! Vai dormir!

Levantei-me da cama e deixei-a sozinha. Se estivesse em Lisboa, sairia porta fora e iria procurar alguém para uma queca pontual, sem nomes nem nada que nos ligasse, só uma troca de satisfação sexual. No entanto, em Paúle, teria de ir bem longe para que pudesse fazer algo semelhante sem que o assunto fosse notícia nos dias seguintes. E não estava para isso.

Sentei-me numa cadeira e fui ligar o computador. Usaria a navegação na *internet* para me distrair um pouco e ganhar sono. Como estávamos a três dias do Natal, lembrei-me de enviar um postal electrónico a Camila, a desejar as Boas Festas.

Cinco minutos após o envio, recebi um *email* de Camila com a mensagem “Obrigado pelo postal! Também te desejo um óptimo Natal! Se estiveres online e quiseres conversar, estou no sítio do costume. Beijinhos.”

Apresei-me a abrir o ICQ, falhando alguns cliques, mas chegando lá. Com o programa a finalizar a iniciação, reparei no nome de Camila a azul nos contactos. Abri uma janela de mensagem e escrevi:

“Olá!”

“Olá!”, apareceu quase de imediato.

“Obrigado pelas Boas Festas!”, agradeceu.

“Não foi nada de especial. Desculpa não te mandar um postal, mas não estava com paciência para procurar um bonito.”

“Não faz mal.”, escrevi. Não ligara a esse facto, pois o que contava era a intenção.

“Como estão as coisas por aí?”, perguntou Camila.

“Normais.”

“Soube que os teus pais também foram viver para aí.”

“Não. Vão voltar a Lisboa na próxima semana.”

Houve uma pequena pausa no diálogo. Aguardei e li a mensagem seguinte:

“Perdoa-me a intromissão, mas gostava de te fazer uma pergunta. Os teus pais contaram-me, no casamento da tua irmã, que tu estavas a ter um caso com uma rapariga. É verdade?”

“Engraçado, estares a fazer-me essa pergunta agora. Porque não me perguntaste isso, quando estivemos juntos?”

“Não tem nada de mais. É mera curiosidade.”, escreveu.

Não percebendo muito bem onde queria chegar, digitei a resposta:

“Não lhe chamaria um caso. Era uma *amiga colorida*. Não te vou mentir. Tínhamos uma relação íntima.”

“Ainda estás com ela? Ela foi contigo?”

“Porquê esse interesse?”, questioneei curioso.

“Por nada. Desculpa a pergunta. Não tenho nada com isso.”

“Não tem importância. Sim, ela veio comigo.”

Mais uma vez, a resposta demorou. Apareceu com a seguinte mensagem:

“Fico feliz que tenhas encontrada uma mulher que te ame! E que te possa acompanhar na tua carreira.”

Eu já encontrara a mulher ideal e que me amava, anos antes. E estava a falar com ela. Porém, não iria repetir coisas que Camila sabia de cor.

Sentia-me um pouco desmoralizado, a necessitar de conversar e desabafar. Precisava de falar com alguém acerca daquela situação. Sem o planejar, Camila surgiu como a ouvinte ideal.

“As coisas não são bem assim.”, escrevi, deixando adivinhar algo de errado.

“Que se passa? Pressinto que me queres contar alguma coisa. Podes confiar na tua amiga!”

“Eu sei. Mas, isto fica entre nós! Não contes a ninguém, nem ao Eduardo.”, pedi.

“Podes estar descansado.”

Não deixava de ser curioso, estar ali a falar com a mulher que mais amava, sobre a minha vida e a confiar-lhe os meus segredos. Bem vistas as coisas, esse era o meu desejo, poder confiar-lhe tudo, até a

minha vida. Teclei com a maior velocidade que consegui, tentando não cometer grialhas, nem erros de português. Escrevia uma a duas frases e enviava para que Camila não pensasse que eu estava ausente. E ela aguardava, lendo e enviando uns “sim”.

Contei-lhe abreviadamente como conhecera Susana e como nos tornámos amigos. Não adiantei pormenores de como a relação subira para o patamar amoroso, limitando-me a referir que tudo acontecera num fim-de-semana passado em conjunto. Omiti os receios que tivera quando decidi regressar a Paúle e, jamais, lhe referiria que tivera a ideia de pedir Susana em casamento. Relatei-lhe como descobrira o plano de Susana, como as suas velhas revistas tinham sido úteis e a confissão dela. Expliquei-lhe que precisava de alguém para cuidar da casa e dos meus assuntos. Justifiquei a encenação com o facto de as pessoas, ali, sabendo-a a viver comigo fariam várias histórias. Assim, pintava o filme como todos gostariam que fosse, apesar de em privado, Susana e eu, mal nos falarmos. Novamente, omiti a parte de que também a contratara para fazer sexo.

“Ao que tu chegaste!”, digitou ela por fim, após a finalização do relato.

“É o que repito a mim mesmo, todos os dias.”

“Não quero ofender-te, mas parece estúpido estares a pagar, quando podes ter qualquer mulher sem desembolsar nada.”

“Não posso ter qualquer mulher! E tu sabes bem.”

“Pedro...”

“Descansa! Não vou voltar a esse assunto.”, teclei de imediato, evitando que ela fugisse com a possibilidade do assunto tabu.

“Como pensas resolver isso?”, indagou, procurando ajudar-me.

“Não sei, Camila! Para já, deixo andar. A minha única preocupação são as ilusões que possa criar aos meus pais.”

Houve mais alguns segundos sem mensagens de ambos os lados, como se estivéssemos os dois a pensar o que dizer. Camila adiantou-se:

“Tenho uma reunião, amanhã cedo! Preciso de ir descansar. Quando quiseres voltar a falar, manda um email.”

“Obrigado, Camila!”

“Não agradeças. É para isso que servem os amigos.”

Despedimo-nos com ofertas de “beijinhos” e terminámos a conversação.

Desliguei tudo, apaguei as luzes e fui para o quarto. Susana dormia profundamente. Deitei-me na minha metade do colchão e fiquei a olhar para o escuro até o sono se apoderar de mim.

Ivan Pedro



XI

A noite da Consoada fora fria como tradicionalmente o era. Ao longo do dia, o Sol espreitara por entre as poucas nuvens no céu sem nunca ser suficientemente forte para aquecer. E o Inverno ainda mal começara, pois os meses seguintes seriam significativamente mais frios. Havia até quem dissesse que a neve iria regressar a Paúle, o que poderia inviabilizar algum dos nossos jogos.

Nessa noite, ficara combinada a reunião familiar para a casa da minha irmã. Iriam estar presentes os meus pais, Manuela, Cibele, Augusto, Maria de Fátima, Teodoro e a dona Palmira, juntando-se assim as duas famílias para o jantar. Aquela era a noite da família. E eu também lá iria estar acompanhado de Susana.

Durante a tarde, andei a passear por Oliveira do Hospital com Susana para comprarmos os presentes de Natal. Em público, ela nunca se distraía da sua personagem de namorada apaixonada, tal como não se esquecia de me lançar algumas palavras amargas, entre dentes. Comprámos presentes para todos, inclusive aquele que Susana me ofereceria com muito amor nessa noite, o qual eu teria de comprar, pois ela não estava preocupada com o assunto.

No caso de Susana, não sabia o que lhe oferecer, nem tive muitas oportunidades de procurar, com ela sempre a meu lado. Decidi que lhe daria como presente a aliança que comprara em Lisboa.

Quando chegámos a casa de Manuela e Augusto, encontrámos um interior acolhedor, como sempre, decorado com motivos natalícios em diversas partes da casa. Eu carregava todos os presentes que trazíamos, enquanto Susana se limitava a acompanhar-me.

A sala comum, uma divisão estruturada em duas secções, uma para estar outra para jantar, brilhava ao sabor das luzes que se espalhavam por uma grande árvore de Natal, arrumada junto à parede, no meio das secções. As luzes do tecto estavam acesas, mas o piscar cadenciado das luzinhas imprimia um toque especial ao ambiente. O pinheiro artificial cobria já um vasto número de embrulhos, aos quais juntei os que carregava comigo.

O meu pai e Susana juntaram-se em amena cavaqueira, falando sobre vários assuntos. Reparara desde o primeiro momento que havia uma certa empatia entre eles. Se Susana estava a representar ou não, era uma incógnita para mim.

Por vezes, a minha mãe juntava-se à conversa, interrompendo logo a seguir para ajudar Manuela, que preparava o jantar, voltando depois. Os meus pais tinham apreciado muito Susana e recebiam-na sempre muito bem.

Por muito que Manuela dissesse que não era necessário, Maria de Fátima e a sua mãe não abdicavam de a ajudar nos preparativos. As quatro atarefavam-se na cozinha, esforçando-se para que não falhasse nada. Até Susana lá fora oferecer os seus préstimos (para minha surpresa), mas Manuela recusou, pois já lá havia gente a mais.

Junto à televisão da sala, Cibele sentara-se no chão sobre umas almofadas a ver os desenhos animados.

Abandonei a sala e segui até às traseiras da casa, local onde existia uma pequena adega. Encontrei Augusto e Teodoro a beber um copinho de vinho e a conversar. Ao verem-me, cumprimentaram-me e convidaram-me a juntar-me a eles.

— Nos copos? — interroguei em jeito de brincadeira.

— Um aperitivo, antes do jantar. — justificou Teodoro.

Augusto deu-me uma palmadinha nas costas e entregou-me um copo pequeno com vinho para eu provar.

— Já trataste do contrato com o Carrapiço? — indagou.

— Ontem! — respondi, dando um golo na bebida. — Fui ontem ao clube e assinei o contrato.

— Já vais poder jogar no próximo jogo?

— Sim, Teo! Se o treinador assim o decidir.

Ficámos alguns minutos a conversar sobre a equipa, tendo eles partilhado comigo algumas situações ocorridas nos jogos já disputados. Um diálogo interrompido por Manuela que veio chamar todos para o jantar.

A refeição compunha-se de um belo peru assado, repleto de batatas igualmente assadas. Havia também como opção bacalhau com batatas cozidas, mais ao gosto de alguns. Augusto escolhera dois belos vinhos, um tinto e um branco, para ajudar a digerir.

Na mesa, Manuela entregara uma cabeceira da mesa ao meu pai, ficando a oposta para a dona Palmira. Ao lado direito do meu pai sentava-se a minha mãe, Manuela, Cibele e Augusto. E ao lado direito da dona Palmira sentava-se Maria de Fátima, Teodoro, eu e Susana.

— Então, Susana! Está a gostar do jantar? — perguntou o meu pai.

— Está uma delícia! — afirmou ela com um sorriso. — Parabéns à cozinheira.

— Tive uma boa professora. — revelou Manuela, olhando para a minha mãe.

A minha mãe sorriu e abanou a cabeça, desvalorizando o elogio.

— A sua família deve estar com pena de não a ter consigo, este Natal?! — disse o meu pai a Susana.

Eu olhei para ela e receei a sua reacção, temendo que ela não soubesse o que dizer ou se atrapalhasse. Contudo, eu também não sabia o que dizer para a ajudar. Só sabia que Susana sempre se recusara a mencionar o que quer que fosse da sua vida privada.

O rosto de Susana entristeceu-se.

— Não tenho família! — exclamou num tom triste. Todos a olharam com atenção e piedade. — O meu pai abandonou a minha mãe, quando ela estava grávida. Por sua vez, a minha mãe deve ter achado que eu dava muito trabalho e deixou-me aos cuidados da irmã, bastante

mais velha que ela. A minha tia era viúva e nunca tivera filhos. Criou-me com muito amor e fez de mim aquilo que sou hoje. Infelizmente, faleceu há cinco anos.

— Peço desculpa! — pediu o meu pai. — Não queria...

— Não tem importância. — respondeu ela, lançando-lhe um sorriso amistoso. — Não me sinto só. O Ivan tem sido uma companhia excepcional. — Olhou para mim. Notei-lhe a falsidade daqueles olhos verdes. — Eu amo-te muito, Ivan!

— Eu também. — respondi-lhe, forçando um sorriso.

A minha mãe ficara tão tocada pela história que lhe disse:

— A Susana tem família! Pode considerar-nos todos a sua nova família.

E todos concordaram com ela.

Eu fiquei aparvalhado. Não sabia se a história que ela contara era verdadeira ou não. Nada do que saísse da boca de Susana poderia ser aceite sem uma enorme carga de suspeita. E para complicar tudo, via a minha família abrir cada vez mais o seu coração a ela. Senti que estava a construir todos os dias mais um bocadinho de uma bomba que estouraria a qualquer momento.

— Quando é que abrimos as prendas? — perguntou Cibele, despertando-me dos pensamentos.

— Amanhã de manhã. — respondeu Manuela.

— Ó mãe...

— Não me digas que não deixas a criança abrir as prendas à meia-noite? — interferi eu. Manuela fulminou-me com o olhar, repreendendo-me por me meter no assunto. — Vá lá. — insisti. — Deixa-a lá abrir as prendas daqui a pouco.

— Deixa lá, mãe.

Manuela acabou por aceder a que ela ficasse acordada até à meia-noite para abrir as prendas. E Cibele sorriu-me satisfeita, agradecendo ter advogado em seu interesse. A minha irmã não deixou de me recriminar com a expressão do seu rosto, mas mudou de assunto, questionando:

— Que fazias em Lisboa, Susana?

— Trabalhava em Relações Públicas no Benfica! — contou ela. — Foi lá que conheci o Ivan. Lamentável o que lhe fizeram.

Que cabra miserável, pensei. Foi por culpa do ex-marido dela que as coisas tinham corrido daquela forma. E ela fora cúmplice dele. Actriz fenomenal, constatei para os meus botões.

— E largaste tudo para vir com o Ivan?

— O que não se faz por amor? — retorquiu Susana, abraçando-me o braço e dando-me um beijo na face. Beijo de Judas.

Manuela anuiu com a cabeça e, olhando para mim, disse:

— Sortudo! Finalmente, uma mulher à tua medida.

Dissera aquilo com o significado de “encontreste uma mulher que te ama e sem as lacunas de Camila”.

Susana protagonizava o papel da namorada perfeita. Espantoso como ninguém desconfiou da realidade, perante uma perfeição tão grande. E teria eu suspeitado, no lugar deles? Talvez não.

Todos se deliciavam com a comida. Eu optara pelo peru assado com batatas para comer e pelo vinho branco para beber. Magnífico seria pouco para descrever o sabor.

— Estamos a pensar voltar no início da próxima semana. — comunicou-me o meu pai.

— Já? — interrogou a dona Palmira. — Contava que só regressassem depois do Ano Novo.

— Tem de ser. Preciso de tratar de alguns assuntos em Lisboa. — explicou ele.

Houve alguns lamentos pela partida dos meus pais, pois tinham gostado de os conhecer e afeiçoaram-se à sua presença. A dona Palmira, então, adorava conversar com o meu pai. Perdiam horas a discutir os mais diversos assuntos, desde os temas mais simples aos mais complexos.

Manuela também sentiria muito a falta deles. Para além do amor que lhes nutria, eles tinham sido uma grande ajuda a cuidar de Cibele, desde o casamento.

O jantar decorreu calmamente, onde todos comiam e conversavam sobre isto e aquilo. Os mais faladores eram o meu pai, Manuela e a dona Palmira. Susana recatou-se nos assuntos, evitando expor-se. E os restantes também não a interpelavam muito, receosos de tocar em mais algum assunto melindroso.

Quando a refeição terminou, os homens reuniram-se na sala de estar, arrumando-se pelos sofás. Augusto fizera questão de servir uns *whiskeys* a todos, excepto ao meu pai que recusara. As mulheres entreajudaram-se na recolha do que ficara na mesa, transportando tudo para a cozinha. Maria de Fátima e Susana ficaram a ajudar Manuela a lavar e secar, enquanto a minha mãe e a dona Palmira foram conversar para a sala de jantar.

— Em que lugar está o Paúle? — perguntei.

— Em quinto. — respondeu Augusto. — Este ano as coisas estão a correr bem. Dificilmente, correremos o perigo de descer.

— E estão a jogar muito bem! — afirmou o meu pai.

— O teu pai foi assistir ao nosso último jogo. — disse o meu cunhado.

— Ainda subimos de divisão. — equacionou Teodoro, a gozar.

Mais sério, Augusto deu a sua opinião:

— Só sobem os dois primeiros! E os três primeiros classificados, neste momento, estão a jogar a um nível muito superior.

— Quem são? — indaguei.

Augusto respondeu:

— É o Cesarense, o União de Coimbra e... Quem é o outro?

— Anadia! — completou Teodoro. — E o quarto é o Valecambrense que tem mais dois pontos que nós.

— O nosso próximo jogo é com o União de Coimbra, em Coimbra. — informou Augusto. — E, na semana seguinte, recebemos o Cesarense.

— Complicado... — suspirei.

— Não me parece que conseguíssemos subir à 2ª Divisão B. — continuou Augusto. — Mas, se houvesse essa possibilidade, penso que o Carrapiço não queria. Há quem diga que o clube não teria dinheiro para isso. E para acontecer o que aconteceu, esta época, com a UEFA... Não quero ser injusto, mas acho que se nos aproximássemos muito da frente, ele nos pedia para perdermos.

— Não quero acreditar nisso. — disse eu. — Então que andamos nós a fazer em campo, se nos pedem para perdermos?

— Espero estar errado! — desejou Augusto. — Mas, é o que se diz por aí.

Seguidamente, ficámos todos em silêncio, pensando naquela possibilidade. Fomos despertados dos pensamentos vagos pelas senhoras vindas da cozinha. Susana veio sentar-se a meu lado, dando-me a mão e sorrindo-me para que nada fosse suspeito. Manuela foi falar com Cibele que ficara ao lado da avó, vindo posteriormente sentar-se perto de Augusto. E Maria de Fátima foi para perto da sua mãe e da minha conversar com elas.

A meia-noite chegou. Mal apareceram os quatro zeros no relógio digital, arrumado numa prateleira do armário da sala, Cibele começou a pular e a chamar todos. Eu estava tão confortável no sofá, envolto no ambiente quentinho da sala com a lareira acesa, que ficara ensonado e com pouca vontade de me mexer.

Manuela levantou-se e foi com Cibele para junto dos embrulhos. Coube à criança abrir primeiro todos os seus presentes, não a demorando com os nossos. Augusto também ajudava, perante os olhares enternecidos de todos os outros que ficaram nos sofás.

Foram minutos que valeram pelas expressões de felicidade de Cibele, descobrindo uma após a outra, quase todas as coisas que pedira. Lembrou-me o tempo em que eu tinha a idade dela, quando a nossa mente ainda é um poço de ingenuidade e a quantidade de brinquedos mede a nossa felicidade. Naquele instante, olhando para a minha sobrinha, o melhor presente que eu podia ter era estar ali, junto de todas as pessoas que me eram queridas.

Após uma pilha enorme de papel de embrulho para deitar para o lixo e uma nova colecção de bonecas, entre outros brinquedos, Cibele foi obrigada a despedir-se de todos para ir dormir.

— Mas, eu queria brincar... — suplicava ela.

— Não, Cibele! — recusou Manuela. — Já ficaste acordada até tarde para abrir os embrulhos. Amanhã brincas!

Manuela não abdicava da educação de Cibele, repleta de regras e princípios, primando sempre pela boa educação, respeito e amor. E estava correcta, pois a criança bem-educada resulta normalmente num adulto bem formado.

Contrariada, Cibele lá deu dois beijos a cada um, desejando as boas noites. Todos aguardámos que Manuela deitasse a minha sobrinha, não havendo grande pressa na abertura dos presentes.

Novamente junto a nós, Manuela foi a primeira a abrir um presente, uma oferta dos meus pais composta por um faqueiro muito bonito para a casa. Acabava por ser um presente para ela e para Augusto. Vez após vez, todos foram recebendo os seus presentes. Quando recebi o relógio que comprara para mim em nome de Susana, tive que fazer um ar estupidamente surpreso, como se não imaginasse o que vinha no embrulho.

— Espero que gostes, amor. — disse Susana, mantendo o seu papel.

— Obrigado! — agradei com um sorriso forçado, dando-lhe um beijo nos lábios.

Mais alguns embrulhos foram abertos, ficando quase para o fim o...

— De Ivan Pedro para Susana! — leu a minha irmã que os distribuía, pegando no pequeno pacote.

Susana foi buscá-lo e começou a rasgar o papel que o envolvia. Por muito boa actriz que fosse, não conseguiu esconder o olhar de espanto, vendo a aliança no interior.

— É lindo Ivan! — disse com um tom falso que a todos pareceu encantado.

A surpresa era evidente nos rostos que nos olhavam. Ficaram a pensar que se tratava de um pedido de casamento.

— É uma aliança! — exclamou a minha mãe.

— Uma aliança de casamento. — adicionou o meu pai.

Susana alterou o olhar, encarando-me furiosa, mas esforçando-se para que a “máscara” não caísse. O seu rosto parecia perguntar, o que significava aquilo.

— Calma! — pedi eu. — É só um anel. Encontrei-o numa ourivesaria e achei que era a cara da Susana.

— É muito bonito. — concordou a minha irmã.

Susana colocou o anel no dedo. Servia na perfeição. Deu-me um beijo apaixonado, para eles verem, aproximando-se depois do meu ouvido e sussurrando:

— Não sei qual é a tua ideia com esta merda.

Como sabia que os outros tinham percebido que ela me dissera algo, disse em voz alta:

— Não sou nada, amor! Tu mereces tudo.

Abriram-se os últimos embrulhos. Susana prosseguia a sua interpretação de namorada apaixonada, mas o seu olhar revelava-me a

sua irritação. Mal o último presenteado abriu o seu presente, todos começámos a preparar-nos para regressar a casa.

Despedimo-nos uns dos outros, ganhando coragem para enfrentar o frio do exterior. Só os meus pais, Manuela e Augusto tinham a sorte de não o fazer, pois já estavam em casa. Acabei por dar boleia à dona Palmira, filha e genro, evitando-lhe a caminhada a pé por entre a noite gelada.

Quando arranquei novamente com o carro, após os deixar à porta do café, Susana abandonou a personagem e perguntou furiosa, apontando para a aliança:

— Que significa esta merda?

— Essa merda não significa nada.

— Não me podias ter dado outra coisa? — questionou. — Agora, todos pensam que vamos casar.

— Descansa! — retorqui. — Isso nunca acontecerá.

— Ai não acontece, não! Deus me livre, se casaria com alguém como tu. — desdenhou.

— Tu só casas com Ambrósios! — ripostei.

Circulava pela estrada deserta e escura. Os candeeiros, junto à estrada, pouca luz ofereciam a quem por ali passava. Era possível observar uma ligeira neblina no ar, fruto da temperatura muito baixa.

— O Ambrósio é muito melhor que tu! — afirmou Susana, em resposta.

No interior do automóvel, o ambiente era escuro, fazendo sobressair as luzinhas dos manómetros e do visor do rádio. Olhei-a de relance, mas as suas feições não eram perceptíveis. Contudo, notara-lhe a rispidez com que falava.

— Vocês estavam bem um para o outro. — redargui. — Nem percebo porque se divorciaram. — Estacionei o Megane no lugar do costume, em frente à minha casa. — Mas, confesso-te uma coisa: És uma grande actriz! Então aquela treta da tia que te criou, a coitadinha abandonada pelos pais... Foi demais. Parecias uma novela mexicana.

Susana virou-se para mim com os olhos inundados de raiva. O seu rosto franzia-se e os seus lábios mordiam-se, procurando as palavras certas para responder. A face avermelhara-se com a cólera e os punhos fecharam-se ameaçadoramente. A resposta surgiu num pranto imenso, fazendo-a desabar num mar de lágrimas. Cobriu a face com as palmas das mãos e chorou.

— Pára lá de representar! — ordenei. — Fingida do caraças!

Sem parar de chorar, Susana abriu a porta do carro e saiu, dirigindo-se para as escadas, em direcção a casa.

Eu também saí e percorri o mesmo caminho. Senti o ar gelado acertar-me no rosto, incentivando-me a ficar no interior quente do carro. Susana esperava-me no cimo das escadas. Quando cheguei até ela, as

suas lágrimas mantinham-se, mas conseguira acalmar-se. Evitou olhar para mim, desprezando-me.

Comecei a ponderar a hipótese de a história ser verdadeira. Por isso, sentindo algum arrependimento pelo que dissera e mudando o tom de voz, perguntei.

— A história é verdadeira?

Susana não respondeu, ficando a olhar para o vazio. Só se voltou a mexer, no instante em que abri a porta, caminhando apressadamente para o interior.

— É verdade, Susana? — insisti na pergunta.

Enervada como ainda não a tinha visto, ela respondeu:

— Que te interessa saber? Não tiraste já as tuas conclusões? — A voz era trémula e soluçava por entre as palavras, não conseguindo parar de chorar. — Tu não sabes nada da minha vida! Não sabes... Não sabes nada!

— Peço desculpa! — disse eu. — Mas, as tuas histórias... É difícil acreditar em ti.

— Então não acredites. — retorquiu irada. — Não preciso que acredites em nada! Nem tão pouco penses que choro pelo que disseste. Choro pela lembrança do passado. — Levou a mão à aliança e retirou-a do dedo. — E esta merda, podes enfiá-la pelo cu acima! Não penses que usarei isto. Aliás, continuo sem saber a razão disto.

Com todo o desprezo, atirou a aliança para o chão, na direcção dos meus pés. Eu apanhei-a do chão e disse-lhe:

— Vais ter de a usar, pelo menos, perto das outras pessoas. Podem desconfiar...

— Que se fodam as outras pessoas! — exclamou. — Que te fodas tu!

— Fala baixo! — mandei, temendo que a nossa discussão fosse ouvida na casa do doutor Gervásio.

Completamente fora de si, Susana gritou:

— VAI-TE FODER!!!!

Perdi totalmente a paciência e corri para ela. Susana percebeu as minhas intenções e tentou fugir. Ainda lhe deitei a mão à roupa, rasgando-lhe a camisa, por baixo do casaco desapertado. Ela escapou para o quarto, mas não teve tempo para fechar a porta, entrando eu de rompante atrás dela.

— Que vais fazer? — perguntou, encarando-me cheia de coragem. — Vais bater-me? Anda! Sê homem.

Estávamos frente a frente, olhando um para o outro com o ódio a correr-nos nas veias. Senti-me excitado com aquela cena.

— Anda cá dizer quem é que se vai foder, puta miserável. — vociferei.

— Puta é a tua mãe! — respondeu.



Não suportei o insulto e atirei-me a ela, agarrando-a e empurrando-a contra a parede.

— Larga-me! — exigia Susana. — Larga-me, bruto! Animal!

Virei-a de frente para a parede e comprimi-a entre mim e os tijolos. Comecei a desapertar-lhe as calças, dizendo:

— Vê lá como é que falas da minha mãe.

Sentindo-me desapertar-lhe as calças e puxá-las a baixo, Susana debatia-se para que a soltasse. Usando de toda a minha força, mantive-a bem presa, enquanto baixava as minhas.

— Grande homem! — exclamava ela. — Vais violar-me? Vá anda! Não me sentirei pior que das outras vezes.

Já nada que ela pudesse dizer me faria parar. Perdera a conta aos dias de inactividade sexual. E, naquele momento, precisava de o fazer. Conduzi a minha erecção até a sentir tocar-lhe nas cuecas. Subitamente, um raio de lucidez passou pela minha cabeça. Que estou eu a fazer, interroguei-me. Soltei-a bruscamente, fazendo-a cair sobre a cama. Vesti-me novamente e deixei-a sozinha no quarto.

Ficara atónito com a minha atitude. Nunca me tornara tão selvagem, tão bruto como fora com Susana. Os nossos ódios aumentavam mais um bocadinho a cada dia, sem se saber onde iríamos parar. Ainda nos matávamos um ao outro.

Sentei-me no sofá da sala com a cabeça a andar à roda, querendo esquecer que quase a forçara a ter relações sexuais comigo. Que traste era eu? Encostei a cabeça às costas do sofá e fechei os olhos.

Ouvi passos a saírem do quarto. Abri os olhos e vi Susana com outra roupa, aquela que usava para dormir, a passar a porta do quarto em direcção à cozinha. Chamei-a.

Susana entrou na sala. O seu olhar permanecia duro, mas a sua voz denotava uma trégua temporária.

— Que queres? — perguntou.

— Quero pedir desculpa. — disse eu. — Desculpa... — Encolhi os ombros, sem saber como dizer o que sentia. — Desculpa tudo o que te fiz hoje! Desculpa não ter acreditado na tua história! Desculpa, quase ter-te... tu sabes.

Ela permaneceu sem expressão. Após o meu silêncio, interrogou com frieza:

— É tudo?

— Só mais uma coisa. — continuei. — Não precisas de usar a aliança! Se alguém perguntar, diremos que achaste melhor não a usar, pois poderíamos estar a dar um passo maior que a perna.

— Como queiras... — concordou como se fosse irrelevante. — É tudo?

— É.

Susana virou-me as costas e foi para o quarto, deitar-se na cama. Eu permaneci na sala mais alguns minutos, dando tempo para que ela adormecesse, de forma a não nos encararmos mais nessa noite.

A nossa relação era semelhante a um barril de pólvora. Bastava uma faísca e a explosão seria brutal.

No momento em que me deitei na cama e apaguei a luz, Susana não se mexera, o que me levou a crer que já estava a dormir. Eu não tinha sono nem vontade de dormir. Fiquei a olhar para os vultos na escuridão, pensando na vida.

— Ivan... — chamou Susana num sussurro, surpreendendo-me.

— Sim...

O seu corpo permanecia imóvel. Ainda pensei que ela estivesse a falar a dormir. Porém, ela continuou:

— Ivan! Se voltares a fazer o que fizeste hoje, eu vou-me embora! Podes pagar-me para fazermos o que combinámos, mas não me pagas para me bateres. Nem eu aceitaria isso.

— Não voltará a acontecer. — sussurrei no mesmo tom que ela.  
— Perdoa-me!

— Se queres sexo, diz! Não precisas de me obrigar, nem forçar a nada. Temos um acordo, o qual inclui isso. Eu sei as regras e cumproras. Mas, se me voltas a bater ou a forçar, eu...

— Já sei, Susana. — interrompi. — Não te preocupes.

Susana virou-se na cama, ficando virada para mim. Houve uns segundos de completo silêncio, altura em que ela sussurrou:

— Queres?

— O quê?

— Sexo.

— Não. — recusei, esforçando-me para que o desejo não tomasse conta de mim.

Ela soltou umas risadinhas de gozo e disse:

— Já não fazes há tanto tempo... De certeza que não queres? Anda! Assim no escuro não percebo que és tu. E tu podes imaginar que eu sou quem tu quiseses.

— Vai dormir!

Tornou a voltar-se para o outro lado, continuando com as risadas de sarcasmo.

O seu gozo irritava-me. Continuava a sentir aquela vontade de fazer sexo e ela sabia-o. E gozava com isso. Talvez fosse a sua pequena vingança contra mim.

Deitado de barriga para cima, tocava nele e sentia a sua “fome”. Olhava para o tecto, tentando relaxar e atenuar o desejo. Porém, não era fácil. Não era mesmo nada fácil.

XII

Curiosamente, calhou que a chegada de Aquiles a Paúle coincidissem com a partida dos meus pais. A descrição que eu fizera de Aquiles, dando ênfase à sua qualidade de defesa central, criou uma enorme expectativa nas pessoas, relativamente, à sua vinda. Aliás, na aldeia, bastava contar algo a meia dúzia de pessoas para que, em poucos dias, todos soubessem.

Logo pela manhã, bem cedo, fui buscar os meus pais a casa da minha irmã. Ofereci-me para os acompanhar a Carregal do Sal, onde apanharia o comboio com destino a Lisboa. Claro que o comboio não era directo, mas levá-los-ia até ao que ligava Coimbra a Lisboa.

A manhã pintara-se de cinzento claro. Não parecia que a chuva marcasse presença, mas o frio era terrível, trazendo uma temperatura que pouco acima dos zero graus se mantinha. Quase que preferia uma enorme chuva àquela brisa capaz de congelar os ossos.

Susana não me acompanhou nas últimas despedidas aos meus pais. Não que ela não se tivesse disponibilizado para tal. Eu é que decidira assim, tentando afastá-la o mais possível deles, de forma a tentar reverter a afeição que eles lhe devotavam. Justifiquei a sua ausência com uma noite mal passada e mal dormida, tendo ela ficado a repousar na cama, naquela manhã. Claro que os meus pais me repetiram dezenas de vezes para lhe dar um beijo da sua parte, mas eu não tencionava fazê-lo. Ainda para mais porque a minha relação com ela estava numa fase em que poucas palavras trocávamos, tendo chegado à conclusão que a melhor forma de conservar aquela trégua seria evitar o diálogo.

Antes de nos fazermos à estrada, o meu pai não dispensou um último café no estabelecimento da dona Palmira e uma última despedida. Notava-se no semblante de todos a saudade e o lamento pelo seu regresso a Lisboa.

O comboio partiria cerca de meia hora após a nossa chegada à estação. Para fazer tempo, eles sentaram-se num banco de pedra na zona de embarque, ficando eu em pé à sua frente.

— Ivan! — chamou o meu pai. — Ainda bem que estamos sós. Queria perguntar-te uma coisa.

— Diz.

— A tua relação com aquela moça, a Susana, é séria? — indagou.

— Porquê? — interroguei, pensando o que dizer.

— Ficámos todos surpreendidos com a aliança que lhe ofereceste. — explicou a minha mãe. — Eu e o teu pai até pensámos que a fosses pedir em casamento.

— De facto, um anel daqueles só poderia significar isso.

E fora com essa ideia que fora comprado, apesar que quando o ofereci não tinha essa intenção. Contudo, não era altura para lhes contar a verdadeira história. Lancei um sorriso para o ar e respondi:

— Nada disso! Eu vi aquele anel numa montra em Lisboa. Achei que era a cara dela e comprei-o para lhe oferecer no Natal. Nada mais.

— Mas, não respondeste à minha pergunta. — insistiu o meu pai.  
— É séria, a vossa relação?

Encolhi os ombros, dizendo:

— Vocês sabem tão bem como eu que as relações podem ser sérias e não dar em nada. Foi o que aconteceu com a Camila.

— Sim... É verdade! — concordou a minha mãe, inconformada.

— Eu gosto muito da Susana. — menti. — Convidei-a para me acompanhar. Só agora começámos a viver juntos e a partilhar o dia-a-dia. Não sei se vai resultar. Por enquanto... — Interrompi-me com a recordação da real relação que partilhava com Susana.

— Sim...? — disse o meu pai. — Por enquanto, o quê?

Os olhos de ambos dirigiam-se para mim, expectantes na resposta.

— Por enquanto, tudo corre bem. Não se preocupem.

Subitamente, o apito da locomotiva anunciou a chegada do comboio à estação. Dei um par de beijos a cada um e acompanhei-os até à sua carruagem. O meu olhar seguiu o seu trajecto aos lugares.

O comboio partiu pouco depois, tendo eles acenado da sua janela até os perder de vista.

Quando o comprido conjunto de carruagens puxado por uma robusta locomotiva desapareceu após a primeira curva, eu regresssei ao meu carro estacionado no largo exterior à estação. Porém, antes de entrar, o meu telemóvel tocou.

— Ivan Pedro!

— Sim...

— Bom dia! Tás bom? É o Aquiles.

— Olá Aquiles! — cumprimentei. — Então? Quando vens para Paúle?

— Estou a caminho. — informou. — Esperava que me pudesses ajudar a chegar aí.

— Onde é que estás? — perguntei, tentando localizá-lo.

— À saída da auto-estrada, no IP3, perto de Coimbra. — explicou.

— Estás no bom caminho! — afirmei, antes de lhe fornecer o trajecto.

Aquiles estacionara no parque, logo a seguir à portagem do IP3, junto à saída da auto-estrada em Coimbra. Conhecia o percurso até ali, pois costumava fazê-lo quando ia visitar o seu tio Ulisses, dono de um hotel na Figueira da Foz, conforme me contou posteriormente. Indiquei-lhe o caminho, explicando-lhe que ele deveria seguir ao longo daquele

itinerário principal até avistar uma placa de desvio para Carregal do Sal. Como não estava muito longe, combinei que me encontraria com ele lá e o traria para Paúle.

Assim fiz, seguindo no meu carro até ao local e parando na berma, aguardando avistar o seu carro, um Smart Forfour Pulse preto de 109 cv. Aquiles chegou uns trinta minutos depois. Reconheceu o meu automóvel e parou atrás de mim. Abraçámo-nos com saudade.

— Como correu a viagem? — perguntei.

— Bem. Estava com receio que chovesse.

— Tiveste sorte. — disse, olhando o céu. — O mesmo não posso eu dizer.

Aquiles olhou para a estrada e indagou:

— Falta muito para Paúle? É muito longe daqui?

— Uns vinte e tal quilómetros. Mas, faz-se bem. — expliquei. — E já pensaste onde vais ficar?

— Esperava que me pudesses dar uma ajuda, aconselhar-me um hotel.

Recordei-me como fora a minha chegada a Paúle, ficando instalado em Tábua, antes de alugar a casa às portas da aldeia. Naqueles minutos seguintes, contei-lhe resumidamente como tudo acontecera. Aquiles considerou ser uma opção válida e pediu-me para o levar até ao hotel.

Cada um de nós entrou para o seu carro e arrancámos em direcção a Tábua, eu à frente, conduzindo o Mégane, e Aquiles a seguir-me com o seu Smart. O percurso percorreu-se rapidamente, tendo nós parado em frente à fachada do hotel, alguns minutos passados.

O primeiro a conhecer Aquiles foi Joselino. Estava de serviço na recepção do hotel e recebeu com enorme fraternidade o novo reforço do clube. Não foi difícil arranjar-lhe um quarto, apesar de estarmos numa época do ano em que há sempre muitos visitantes.

Ajudando-o a instalar-se, senti-me um pouco na pele de Augusto, quando me auxiliara a mim, naquele dia em que o conheci. Contudo, não o acompanhei na sua primeira visita a Paúle, pois ele ficou no hotel, tendo eu regressado à aldeia. Quem o levou a conhecer a região foi o próprio Joselino, o qual se ofereceu para o levar ao primeiro treino que decorreria ao fim da tarde.

A equipa do Grupo Desportivo de Paúle já não se reunia para treinar, desde as vésperas do último jogo do campeonato, estava eu ainda em Alcochete. Fizera-se uma pausa para a época natalícia, agendando-se apenas um treino para a semana antes do Ano Novo. Compromissos de campeonato, só daí a semana e meia. E todos sabíamos que o ritmo de treino diários seria retomado na primeira semana do novo ano.

Reentrar no balneário do Paúle provocou-me uma sensação estranha, de quem regressa a um local de boas memórias, sentindo

simultaneamente que não se conseguia libertar de ali estar. Gostava de jogar lá, tinha ali muitos amigos... Porém, para um futebolista profissional como eu, aquele não era o meu objectivo. Pela segunda época consecutiva, estava a jogar na 3ª Divisão. A idade não pára e os anos do auge da carreira começavam a ficar para trás.

Quando cheguei, Aquiles conversava alegremente com todos. Isso deixou-me satisfeito e aliviado pela sua rápida integração no grupo. Cumprimentei todos e sentei-me no meu lugar, preparando-me para me equipar.

Estivera ausente do clube pouco tempo, cerca de seis meses, mas as diferenças da época anterior eram algumas. O facto de não ter José Luís a treinar, estando no seu lugar Freitas e o seu adjunto Barnabé, revelava que a imagem desta equipa técnica nada tinha de comparável ao carisma de José Luís. Também o capitão de equipa era diferente, um lugar que eu ocupara na final da Taça de Portugal e que perdera com a minha desvinculação do clube, fora entregue a Miguel Carrapiço, não por competência, mas por ser filho do presidente. E havia as caras novas que já referi anteriormente, durante o casamento da minha irmã.

Felizmente, o dia cinzento não passou disso mesmo, não havendo chuva para incomodar o treino. Começámos por uma corrida ligeira, em volta do relvado. Todo o plantel agrupado, encabeçados por mim e por Aquiles, visivelmente mais bem preparados fisicamente que os restantes. Sempre que passávamos junto da equipa técnica, Barnabé gritava:

— Fogça! Fogça! Cogam.

Havia sempre sorrisos, cada vez que o “baixinho” abria a boca.

No entanto, olhando para os técnicos e observando-os com atenção, reparava que era sempre Barnabé quem opinava. Freitas parecia muito conformado e disposto a seguir tudo o que o adjunto dizia. E o tempo mostrar-me-ia que quem realmente dava as ordens era Barnabé.

A maior manifestação disso mesmo, aconteceu em Coimbra, no segundo Domingo do ano seguinte. Era o nosso primeiro jogo após as festas e após o meu regresso.

Os treinos nessa semana foram uma desgraça, se tivermos em consideração a preparação física dos jogadores. O primeiro deles foi mesmo o pior, tendo acontecido no segundo dia do ano com quase todos a denotarem bem o resultado das farras na noite da passagem de ano. Penso que só eu, o Aquiles e o Augusto não nos mostrávamos mais gordos ou cansados. Curiosamente, os únicos que decidiram comemorarem essa noite numa pequena festa na casa da minha irmã.

O autocarro com os convocados para o jogo e restante *staff* partiu de Paúle, a meio da manhã. O percurso até Coimbra não era grande. O almoço aconteceu num restaurante da cidade, a poucos metros do estádio onde a União de Coimbra costumava efectuar os seus jogos.

O jogo tinha início marcado para as 15h00. Freitas e Barnabé haviam convocado vinte jogadores, o que os obrigava a deixar dois de fora da ficha de jogo. E o que surpreendeu todos foram as escolhas.

No instante em que entrámos no balneário, o senhor Freitas aproximou-se de mim. O seu semblante revelava que não me iria dar boas notícias, mas tentava transmitir-me alguma simpatia.

— Tu e o Aquiles vão ficar de fora! — informou.

Aquiles, a meu lado, conformou-se rapidamente. O facto de ser novo na equipa e ser um jovem comparado com os experientes Reis e Joselino, habituais titulares, levaram-no a aceitar com naturalidade a decisão do técnico, mesmo sendo para o excluir até do banco de suplentes. Contudo, eu não me contentei com essa facilidade.

— Desculpe lá, *mister!* Mas, essa não compreendo. — disse-lhe, indignado.

— As decisões do tgeinadog não são para compgendeg. — intrometeu-se Barnabé. — São para cumpgig!

Fulminei-o com o olhar e ignorei-o nos meus argumentos. Reparei que toda a equipa nos olhava, pois conheciam-me bem e sabiam como era o meu feitio.

— Lamento, Ivan! Ainda não estás entrosado com os colegas e...

— Entrosado? Você esquece-se que eu joguei com quase todos a época passada? Acha que não os conheço o suficiente.

— Ivan Pedgo! — chamou Barnabé, em tom de reprimenda.

— Você, quando quiser dizer o meu nome, faça-o como dever ser! — corriji-o.

Os meus colegas começaram a perceber que a coisa poderia acabar mal e intervieram. Joselino aconselhou-me calma e pediu-me para não prosseguir a discussão, o mesmo acontecendo com Augusto e Reis, entre outros.

— Tudo bem! — exclamei, olhando para os técnicos. — Não querem que eu jogue? Vou-me embora.

Saí porta fora, sendo seguido por Aquiles. Tinha mesmo vontade de me ir embora do clube, pois percebera que a minha dispensa daquele jogo se devera a alguma antipatia que Freitas e Barnabé pudessem ter por mim. Eu estava em melhor forma que todos e enquadrava-me dentro do sistema de jogo, o qual não se alterara muito do que José Luís implementara.

Não tinha interesse sequer em ver o jogo. Ponderara regressar sozinho a Paúle, não fosse Aquiles pedir-me para que ficasse e me acalmasse. Acabei por aceder a ir para a bancada ver o jogo. O Paúle perdeu por cinco a um, num jogo em que andaram a ver a União de Coimbra jogar. E notava-se que estavam mal preparados.

Nunca tinha assistido a uma viagem do autocarro do clube com toda a equipa no mais absoluto silêncio. Todos de cabiz baixo, remetidos aos seus próprios pensamentos, talvez tentando adivinhar como teria sido se eu tivesse jogado. Ninguém saberia. O que contava era o facto

de ter entrado em campo com o desejo de se aproximarem da frente da classificação e saíram com uma humilhação no resultado.

Tinha a certeza que os técnicos tinham aprendido a lição. Só que eles eram um bocado burros. E na semana seguinte, aconteceu algo pior.

A relação com Susana atingira um ponto de estabilidade. Não falávamos um com o outro, para além do estritamente necessário, apesar de continuarmos a dormir juntos. Nunca mais houvera sexo entre nós. E os problemas que se me deparavam, inconscientemente, retiravam-me essa vontade.

Susana mal saía de casa, desde a partida dos meus pais. Apenas me acompanhava em algumas visitas à minha irmã. E isso tornava-se conveniente para ela, pois reduzia-lhe os tempos de representação.

As poucas vezes que estávamos juntos, fora de casa, se alguém o questionasse perguntando se estava tudo bem, eram desvalorizadas com o mau tempo e a fraca vontade dela enfrentar o frio cortante de Paúle, extremamente agressivo aos alfacinhas.

A semana que antecedeu o último jogo da primeira volta do Campeonato Nacional da 3ª Divisão - série C, o qual nos oporia ao primeiro classificado, o Cesarense, foi carregada de chuva com dias de muito frio e intempéries terríveis. Fomos aconselhados pelo jardineiro do clube a evitar os treinos sobre o relvado, sob pena de o inutilizarmos para o jogo de Domingo. A equipa técnica acedeu ao pedido, transferindo as corridas para a mata enlameada e não fazendo qualquer tipo de peladinha.

Sinceramente, Freitas não parecia muito à vontade na tomada de decisões, optando sempre pelo fácil em detrimento do razoável ou obrigatório. Não treinar jogadas de equipa ou fazer pequenos jogos de treino entre os jogadores do plantel não era um bom princípio para encarar o jogo que se avizinhava. Recordo-me que José Luís apanhou igualmente um clima péssimo, mas sempre encontrou forma de realizar os treinos que considerava necessários.

No Domingo à tarde, repleto de chuva, o pequeno estádio de Paúle tinha menos de meia casa. O clima húmido e a fraca prestação da equipa afastaram muitos paúlenses do estádio.

Perante a postura de Freitas e Barnabé, não esperava vir a jogar. Não fui titular, mas colocaram-me no banco. Augusto estava comigo, pois tivera uma pequena constipação e o doutor Gervásio recomendara a sua não utilização naquela tarde. Assim, Coelho ocupou o seu lugar na baliza. Miguel Carrapiço, Reis, Joselino e Sassi na defesa. Teodoro, Samuel, Ramalho, Sergei e Castanha no meio-campo. E Preto na linha avançada.

O campo parecia uma horta, antes de começar o jogo, até se transformar quase num pântano com o desenrolar dele. Foi um jogo muito mal jogado, caracterizado por tropeções, faltas, passes errados,



etc... No princípio da segunda parte, uma desatenção da nossa defesa deu o golo ao Cesarense.

As dezenas de espectadores desesperava com a situação e gritavam para que Freitas me colocasse a jogar. Por duas vezes, Freitas sugeriu essa hipótese a Barnabé. E em ambas, ele respondeu:

— Pog enquanto não! A equipa está a jogag bem. Podegia destabelizag o colectivo.

Contudo, a forma de jogar do Paúle não evoluía. Começaram-se a ouvir os primeiros insultos para o banco, gente da terra descontente com tanta inércia de uma equipa que jogava sem saber muito bem o que andava a fazer.

A quinze minutos do fim, lá substituíram o Sergei e eu entrei para o seu lugar. Não havia muito a fazer, para além de me sujar. O campo mal dava para pisar sem recear torcer um pé e fazer uma lesão grave. Entrei num momento em que toda a equipa mal corria, devido ao cansaço. Naqueles quinze minutos, só por uma vez toquei na bola, tendo escorregado, acabando por a perder pela linha lateral.

— Vai-te embora! — gritaram da bancada.

— Se voltaste para essa merda, mais valia teres ficado onde estavas! — ouvia outro reclamar.

Memória curta, a das pessoas. Pelos vistos, já se haviam esquecido dos triunfos que dera ao clube.

— Só queres é ganhar dinheiro! — exclamou outro, perto da linha.

Não liguei a ninguém. No futebol passamos de bestiais a bestas num segundo. Não sei o que esperavam eles de mim, naqueles últimos minutos de jogo.

O árbitro apitou para o final do jogo, o qual foi encarado como um alívio, pois jogar naquele pantanal fora uma tortura. Perdemos o jogo, fomos vaiados e saímos de cabeça baixa e com o olhar na lama.

Ivan Pedro

### XIII

Nunca vivera num clima tão frio e tão implacável como era o Inverno em Paúle. E aquele ano parecia estar a ser um dos mais agrestes dos últimos anos. Raramente se via um dia de Sol, os quais eram igualmente gelados. A cor cinzenta dominava diariamente, acompanhada pelo frio. As noites tinham sempre uma névoa no ar e tudo ficava carregado de humidade. O ar na rua era tão frio que parecia queimar as vias respiratórias. E sentia-se, quase sempre, uma chuva miudinha a cair. Naquele Inverno, convenci-me que iria nevar num desses dias.

Paúle ficara com um habitante novo. Aquiles mudara-se do hotel em Tábua para o quarto que a dona Palmira lhe alugara. Desde que Augusto deixara de lá viver, o quarto ficara sem uso. Por isso, a sua mãe decidiu-se a arrendá-lo. Como Aquiles procurava um lugar para ficar, juntou-se o útil ao agradável. Sabia que ele andava algo desmoralizado, pois o treinador Freitas não parecia contar muito com ele, afastando-o das convocatórias.

Comigo, as coisas mudaram. Na tarde em que enfrentámos o último classificado, Freitas concedeu-me a titularidade. E eu correspondi com uma daquelas exhibições que maravilham as gentes de Paúle. Marquei dois golos e dei mais um a marcar, numa vitória fácil. Ouve elogios das bocas que outrora me insultaram. Liguei-lhes tanto como fizera com os insultos.

O G. D. Paúle lá se ia mantendo nos lugares de topo, após alguns bons resultados seguidos, permanecendo em quarto lugar, relativamente perto do terceiro. A diferença ficara em apenas um ponto, após a vitória no jogo realizado no primeiro Domingo de Fevereiro.

Nesse jogo, Aquiles estreou-se na ficha do jogo com a camisola do Paúle, mesmo não tendo jogado. Tivemos a sorte de o Sol ter iluminado o desafio, o que foi bom para a partida e para os cofres do clube, uma vez que encorajou mais gente a ir ver o encontro. Contudo, ao cair da noite, desabou um temporal forte sobre a aldeia, obrigando todas as pessoas a passarem o serão a coberto das suas casas.

Confesso que me sentia bastante cansado, nessa noite, ainda com o resultado do esforço empreendido no jogo. Eu e Susana jantámos envoltos no habitual clima de silêncio, onde nos limitávamos a mastigar e a desviar o olhar, um do outro, recusando-nos a abrir a boca para outra coisa que não fosse ingerir alimentos ou beber água. Todos os dias o padrão era respeitado: Susana cozinhava, punha a mesa, eu sentava-me a comer, ela acompanhava, eu terminava e ia para o sofá ver televisão, ela levantava a mesa e lavava a louça. Não houvera mais discussões, nem desentendimentos. O silêncio e o distanciamento, um pelo outro, traziam o benefício de afastar as zangas. No entanto, nessa noite, algo aconteceu.

Sentado no sofá, ocupava o meu tempo a ver mais um jogo da Superliga em directo na SportTv. Tinha um especial interesse, pois

defrontavam-se Estoril e Boavista, no campo do primeiro. Felizmente, para eles, o tempo por lá estava bem melhor. Aquele jogo deveria estar a ser seguido por muitos paúlenses, os quais davam especial atenção aos resultados do Estoril, equipa treinada pelo saudoso José Luís, o treinador adorado da aldeia. E também por essa razão, ali estava eu, a ver aquele desafio de futebol.

Subitamente, ouvi:

— Aii!

O grito viera da cozinha.

Sem pensar duas vezes, levantei-me e corri para lá. Encontrei Susana em frente ao lava-louças, agarrada à mão direita, a qual sangrava com alguma abundância. O seu rosto empalidecera e o seu olhar revelava todo o pânico que a assolava.

Peguei num pano e enrolei-o à volta da mão, aconselhando:

— Calma, Susana!

Nada parecia acalmá-la. Susana confessou que tinha horror a sangue e entrava facilmente em pânico com ferimentos que pudessem sangrar. Não sabia explicar muito bem aquela fobia, mas pela sua reacção, notava-se como aquilo a perturbava.

Toda a minha preocupação se centrou em acalmá-la e tratar-lhe o ferimento que ela fizera com uma faca, enquanto a lavava. Uma pequena desatenção com uma lâmina afiada e... o golpe acontecia.

Sem que me apercebesse disso, esquecera toda minha raiva e ódio, por ela. Abracei-a com ternura e conduzi-a até à casa de banho, onde tinha um estojo de primeiros-socorros com o qual a podia tratar. Sentei-a no tampo da sanita e fui buscar o que necessitava, vendo-a agarrada ao pano, temendo que o sangue passasse pelo tecido.

— Não te preocupes! — descansei-a. — Eu cuido de ti!

“Eu cuido de ti!”. Mal o acabei de dizer, senti um arrepio pelo significado que tal expressão podia ter. Olhei para ela e vi-a encarar-me com ar fragilizado, lançando-me um olhar de derrota e incapacidade para me agredir verbalmente, como costumava fazer.

Ajoelhei-me defronte dela e comecei a desembrulhar o pano. Susana retesou-se toda e franziu o rosto, fechando os olhos para não ver a ferida.

Não era nenhum perito de primeiros-socorros, mas os meus pais sempre me ensinaram o que deveria fazer nestas situações.

— Não abras os olhos! — sugeri, olhando para o corte na sua mão.

Ela confiou e manteve-os cerrados.

— Deves achar-me uma parva?! — disse ela, mantendo-se imóvel, como se eu estivesse a fazer-lhe uma cirurgia.

— Porquê? — interroguei, limpando a ferida.

— Pareço uma criança, em pânico.

— És impressionável! — afirmei. — Não tem mal nenhum. Por exemplo, o meu pai não suporta ver operações. Quando estão a dar

documentários de medicina, muda de canal para não ver as cirurgias. — A minha voz parecia acalmá-la. — Agora imagina! A minha mãe é o oposto. Gosta de ver.

Susana sorriu com a história. E eu senti que a conseguira descomprimir dos seus medos.

Coloquei um pouco de Betadyne na ferida, alertando:

— Isto vai arder.

— Fod... — soltou, cerrando os dentes e continuando com os olhos fechados.

Coloquei uma compressa na sua mão, sobre a ferida, e liguei-a com uma ligadura.

— Já podes abrir os olhos! — disse, por fim.

Susana revelou-me os seus belos olhos verdes. Direcção-os para a mão ligada e soltou um suspiro. Seguidamente, olhou-me nos olhos e disse:

— Obrigado, Ivan!

— Não foi nada.

— Senti-me em pânico com tanto sangue. — confessou. — Desde pequena que não suporto ver sangue. Não sei porquê. — Sorriume e o seu olhar já não demonstrava raiva nem ódio. — Nunca pensei que me ajudasses.

— Rica ideia que deves fazer de mim. — tentei adivinhar.

Susana encolheu os ombros e retorquiu:

— Não é isso! Depois do que te fiz. Depois da forma como ambos nos temos tratado, ultimamente. Acho que no teu lugar, tinha voltado para o sofá e ia continuar a ver a bola.

— Seria incapaz de deixar quem quer que fosse sem auxílio. — assumi. — Muito menos tu.

— Muito menos eu? — repetiu, intrigada. — Porquê, muito menos eu?

— Nada! Esquece. — disse, tentando finalizar o assunto.

Saí da casa de banho e regresssei ao sofá. Susana abandonou o seu lugar e seguiu-me até lá, sentando-se a meu lado.

— Que queres dizer com aquilo, Ivan? — insistiu.

Virei a cabeça para ela. Percebi que me exigiria uma resposta e jamais aceitaria que não lha desse. Olhei-a bem nos olhos.

— Eu gostei muito de ti, Susana! — afirmei. — Tu nunca gostaste de mim, tal como já me disseste, mas eu gostei de ti. És uma mulher linda e a tua representação enquadrava-se no meu tipo de mulher. — Fiz uma pausa. Não sei o que me levou a isso, mas decidi abrir o que sentia o meu coração. — Tu traíste-me. Tu enganaste-me. Mas, o que senti por ti não se esquece assim. — Susana olhava-me com atenção sem dizer nada. — Não me és indiferente. Se o fosses, não te tinha trazido comigo.

— Tu contrataste-me para as tuas necessidades. — lembrou. A sua frase poderia parecer o início de nova discussão. Porém, o tom da sua voz era terno e carinhoso, semelhante a como me falava, na época em que namorávamos.

— Talvez... — suspirei.

Susana abandonou o sofá e regressou à cozinha. Mas, antes de entrar, voltou-se para trás e perguntou:

— E ainda gostas de mim?

— Não! Não da forma como gostei.

Susana compreendeu a resposta e desapareceu para lá da porta da cozinha.

Com aqueles acontecimentos, acabei por não prestar muita atenção ao jogo, dando por mim a olhar para o ecrã no instante em que o árbitro apitara o final. O Estoril vencera por dois a um.

Levantei-me do sofá e mudei-me para uma das cadeiras em volta da mesa, pegando no meu computador e ligando-o. Susana saiu da cozinha e reparou no que eu estava a fazer.

— Vou para a cama. — informou-me.

— Boa noite! — desejei, sem tirar os olhos do que estava a fazer.

— Não queres vir? — sugeri.

— Vou mais tarde. — avisei, sempre com o olhar no portátil.

Sem que eu prestasse muita atenção, Susana seguiu para o quarto e foi direitinha para a cama. Não a voltei a ouvir. Minutos mais tarde, já não se via luz por baixo da porta, o que me levou a concluir que adormecera.

Esprei algum tempo, até que Camila aparecesse *online*. Combináramos o encontro por *email*, na noite anterior. Tinha-se tornado um hábito agradável, conversarmos na *internet*, desabafando o que nos ia na alma. Fazíamos-lo, no mínimo, uma vez por semana.

Camila acabou por ser a minha confessor, durante aqueles tempos de mau ambiente com Susana, os insucessos no futebol, etc... Era a única pessoa que conhecia a verdadeira história da minha relação com Susana. Por estranho que me pudesse parecer, anteriormente, a nossa amizade estava a resultar. Pelo menos, virtualmente, ela resultava.

“Estive em casa do meu pai.”, contou-me, após os cumprimentos do costume.

“Está cá, ele?”, perguntei eu.

“Chegou a Lisboa na Sexta. Vai passar cá uns dias, antes de seguir para a Alemanha.”

O pai de Camila passava a vida a viajar, fosse em trabalho ou por puro divertimento. Nunca fora um pai muito presente na vida de Camila. E quando ela se tornou mais independente, então, raramente lhe punha a vista em cima. Contudo, davam-se bem e ele avisava-a sempre que vinha a Portugal ou quando passava por Nova Iorque, quando ela lá estava.

“Como tens passado, Pedro?”

“Mais ou menos. Felizmente, as coisas no futebol têm corrido bem melhor! Hoje vencemos mais um jogo.”

“Fico feliz, por ti!”

Sentia-me muito cansado. Gostava muito de conversar com ela. Porém, o dia fora estafante e a necessidade de repousar aumentava. Sendo assim, foi quase um alívio quando li:

“Amanhã vou ter um dia terrível! Tenho duas reuniões com pessoal da empresa do Nick. É melhor não ficar até muito tarde.”

“Também me sinto um pouco cansado.”

“Então vamos para a cama, Pedro! Beijinhos”, escreveu Camila, logo a seguir.

“Beijinhos!”

O sono era tanto que me limitei a desligar o aparelho sem o arrumar. Apaguei as luzes e cambaleei até ao quarto. Despi-me todo e nem perdi tempo a vestir o pijama, encobrindo-me nos lençóis e cobertores, adormecendo quase de imediato. Susana já dormia havia algum tempo e nem deu pela minha chegada.

A noite fora tranquila. Dormi lindamente até meio da manhã, quando ainda sonolento e mais a dormir que acordado, comecei a sentir as minhas pernas a serem tocadas. A princípio assustei-me, pensando ser algum bicho. No entanto, apercebi-me que se tratava do tactear de dedos. Mantive os olhos fechados e deixei-me desfrutar dos acontecimentos. As mãos acariciavam-me as coxas e a barriga, movimentando-se em volta dos genitais. Entreabri os olhos e vi o volume que se elevava por baixo da roupa da cama, revelando apenas um par de pés a sair de um dos lados. Reconheci imediatamente os pés de Susana, como se houvesse alguma dúvida de que era ela quem ali estava.

As carícias avançaram vagorosamente, aproximando-se dos locais que eu mais desejava serem tocados. Permaneci silencioso e de pálpebras cerradas. O meu corpo reagiu e o crescimento fez-me sentir que a face de Susana não deveria andar muito longe daquele local. Uma das suas mãos iniciou uns movimentos ligeiros, ora para cima, ora para baixo, enroscada naquilo que de mais rijo eu tinha. Arrepiei-me com o toque de uma língua quente a saborear os redondinhos. A mão puxou tudo quanto havia para puxar, proporcionando-me uma erecção firme, cobrindo depois tudo com a sua boca. Os seus lábios exerciam pressão, enquanto o saboreavam, transmitindo-me um prazer extremo.

No entanto, apesar de todo o prazer que aquilo me dava, travei-lhe os movimentos. Não disse nada, mas Susana percebeu que eu queria que ela parasse. Susana soltou-me e roçou-se pelo meu corpo até aparecer por entre os lençóis, completamente nua.

— Bom dia! — disse-me com a preocupação de o fazer num tom, sedutoramente, rouco. — Que se passa? Não estavas a gostar da minha “prenda”?

— Não é isso.

— Então o que é? — interrogou, colocando-se de joelhos, apoiada sobre os tornozelos, mostrando-se-me como viera ao mundo. — Não acredito que não tenhas vontade, pelo que vi...

— Não é isso, Susana! — repeti sem saber muito bem como o dizer. — Não quero que seja assim.

— Assim, como?

Sentei-me na cama, igualmente nu como me deitara.

— Que me queres retribuir com essa “prenda”? — indaguei.

— Não se trata de retribuir, Ivan. — respondeu Susana. Falava ternamente como já não fazia havia muito. — Foi uma forma de te agradecer, por ontem.

Sorri-lhe, dizendo:

— Não acredito que seja essa a forma como costumás agradecer a quem te ajuda.

Susana correspondeu ao meu sorriso e respondeu:

— Claro que não! Por quem me tomas?

A sua expressão de ofendida revelava que não o sentia a sério.

— Não precisas de me agradecer. — disse eu.

Acariciando-me os pêlos das pernas, lembrou:

— Tu foste muito gentil, ontem! Confesso que não esperava aquilo de ti. — Desviou o olhar para a janela. — Pensei em recompensar-te, nada mais. Sei como tens andado “a seco”! — Tornou a olhar para mim, atirando-me um olhar inquisidor. — Ou terás tu arranjado alguém para te saciar? — Mudou o olhar e baixou a cabeça. — E quem sou eu para te questionar sobre isso? Afinal, não passo da tua empregada para todo o serviço!

Segurei-lhe o queixo com carinho e elevei-lhe o rosto, fazendo-a encarar-me.

— És mais que isso! Não te descrevas assim. Não és para todo o serviço. Neste tempo todo que temos vivido juntos, neste clima de desentendimento, seria incapaz de me deitar contigo.

— Deitaste todos os dias. — lembrou.

— Tu sabes ao que me refiro.

Susana anuiu.

— Tu mostraste-te sempre insensível, quando... Tu sabes. — continuei. — Atiraste-me à cara que nunca gostaste de mim. Fazias-me sentir o sacrifício que foram as nossas relações. Não me passaria pela cabeça, fazer sexo contigo, perante um ódio tão grande e tamanho distanciamento, conforme davas a entender das poucas vezes em que tentei, aqui. — Respirei fundo. — Não quero, Susana! Prefiro ficar “a seco”, como referiste, a usar-te como instrumento sexual.

Ela ouvira-me com atenção. E só com a certeza que eu terminara, se pronunciou:



— Os meus sentimentos por ti não mudaram! — afirmou. — Pelos menos, os sentimentos amorosos. Não gosto de ti da mesma forma como tu gostaste de mim. Contudo, a noite de ontem, fez-me deixar de te odiar. Revelaste-me um Ivan Pedro generoso, mesmo para quem o odiava. Isso tocou-me! — Esboçou um sorriso. — Tal como tu, também eu não faço sexo desde a nossa última vez. Talvez não acredites, mas fui-te fiel. Nem em Lisboa, antes de descobrires a verdade, eu te enganei. Não penses que a cumplicidade com Ambrósio ia para além do acordo que te falei. As intimidades entre nós terminaram muito antes de te conhecer. — Parou de falar, ficando a olhar para o vazio. — Por vezes, penso no que me fez vir contigo, aceitar ser paga para me passar por tua namorada. Chego sempre à mesma conclusão: Medo. Medo das consequências que o divórcio me iria trazer, se não viesse contigo. Preocupava-me em te odiar, esquecendo-me que foras tu quem me dera a mão, quando precisei. — Olhou bem no fundo dos meus olhos. — Adorava amar-te! Adorava ser tudo o que desejas de uma mulher. Só que esses sentimentos não se têm com a vontade. E nem eu me considero merecedora de alguém como tu, muito menos depois do que te fiz.

— Susana...

— Deixa-me acabar, Ivan! — pediu. — Sexo contigo nunca foi um sacrifício! Não, não estou a dizer isto para te fazer sentir melhor. É a verdade. És um homem bonito, atraente e amigo. Demonstraste-me isso, antes de nos aproximarmos ao ponto de dormirmos juntos, e voltaste a mostrá-lo ontem. — A sua expressão mudou, oferecendo-me um sorriso malicioso. — Anda! Vamos saciar-nos da vontade que ambos temos!

Retribuí-lhe o sorriso, avançando na direcção aos seus lábios e colando os meus neles. Como tinha saudades de a beijar. Trocámos alguns beijos com sofreguidão, até ela me afastar. Perante o meu olhar, debruçou-se para a frente, ficando apoiada nos joelhos e nos cotovelos, empinando o rabo, lançando o convite.

Ajoelhei-me atrás dela, colocando o preservativo que retirara da gaveta, antes de a penetrar. A sensação do avançar para dentro de si e a pressão das paredes do seu interior, só por si, era quase orgásmica. Coloquei as mãos nas suas ancas e iniciei os movimentos que ela aguardava, fazendo as suas nádegas embaterem na parte inferior da minha barriga. Os movimentos aumentaram, aumentaram, aumentaram... até ela soltar um grito de êxtase e eu libertar toda acumulação que a "secura" provocara.

Nunca o declarámos abertamente, mas, a partir daquela manhã, a nossa relação ficou mais próxima. Eu gostava dela, não sendo amor, talvez uma atracção física e muita paixão. E ela não escondia que não me amava, mas gostava do sexo comigo. Susana não descurava a representação da namorada apaixonada perante terceiros. Porém, em casa, a nossa relação convertera-se numa amizade, partilha de sexo e completo descomprometimento, se alguma parte quisesse começar uma

vida nova com outra pessoa. Isto era, aliás, uma frase que repetíamos muitas vezes, um ao outro.

Mesmo com o muito frio que se fazia sentir, eu gostava de ir até ao varandim defronte da casa, olhar para a estrada, para a entrada de Paúle e ouvir a natureza. Nessa tarde, o doutor Gervásio saíra da sua casa e viera fazer-me companhia. Aproveitámos para pôr a conversa em dia.

Subitamente, vi o carro de Miguel sair de Paúle e prosseguir pela estrada em direcção a Oliveira do Hospital. O facto era curioso, pois raramente se via Miguel Carrapiço pela aldeia, fora das horas dos treinos. E, por estranho que pareça, só nessa altura tive consciência disso.

— Doutor! Estava aqui a pensar que, desde que regressei a Paúle, nunca vejo o Miguel por estas bandas.

— Ele vive em Oliveira! — informou o doutor Gervásio.

— Então, já não vive em Paúle?

O doutor Gervásio abanou, negativamente, a cabeça e explicou:

— O povo de Paúle conhece a história da moça com quem ele vive a... Como se chama ela?

— Carla! — lembrei. Como me poderia esquecer de tamanha víbora, a qual me traíra anos antes e quase arruinara a vida da minha irmã e da minha sobrinha.

— Sabem da ligação dela com o seu ex-cunhado.

— O Rui!

— Exacto. — confirmou. — As pessoas não lhe perdoam o que eles tentaram fazer à sua irmã. Ninguém lhe iria atirar pedras, se ela por cá passasse, mas criar-lhe-iam mau ambiente, certamente. Por isso, o Miguel achou por bem mudarem-se para mais longe.

A antipatia que Miguel Carrapiço nutria por mim era sobejamente conhecida, fosse pelos ciúmes que tivera em relação a Raquel, fosse por todo o “veneno” que Carla lhe impingia sobre mim. Esperava sempre que, um dia destes, um deles tentasse algo para me prejudicar, mas até à data...

Segundo o doutor Gervásio, Miguel Carrapiço tinha a seu cargo o bar de alterne do seu pai, nuns terrenos baldios, não muito longe de Oliveira do Hospital. E Carla trabalhava lá com ele. Conhecendo como conheci Carla, julguei logo que não passaria de mais uma alternadeira no local. Porém, a versão do doutor relatava que ela se encarregava da parte de escritório.

— Não é estar a duvidar de si, doutor. — disse eu. — Mas, a Carla a trabalhar num escritório é anedótico. Ela é mais burra que os burros!

— É o que se diz. — reafirmou ele. — E a rapaziada que costuma lá ir, nunca a viu por lá, a fazer-se aos clientes.

Por muito que me custasse a acreditar, lá aceitei a história.

Nisto tudo, bem me podia dar por satisfeito ao ter ultrapassado o primeiro grande obstáculo do meu regresso ao Grupo Desportivo de Paúle. Miguel Carrapiço e Barnabé eram bastante amigos, usando o primeiro essa amizade para o segundo influenciar o treinador Freitas a deixar-me de lado nas convocatórias. Só que os maus resultados e a ameaça que começava a pairar de “chicotada psicológica” (despedimento da equipa técnica), levaram-nos a ceder nas suas pretensões.

No entanto, o bar de Alfredo Carrapiço era um local muito pouco recomendado. Eu chegara a visitá-lo uma vez com os meus colegas do Paúle, quando vim pela primeira vez para a aldeia. A localização erma e o mau ambiente do interior, repleto de provincianos bêbados e mulheres horrorosas, apertadas em vestidos justos quase a rebentar, rapidamente me motivaram a não voltar. Porém, nessa época, Miguel Carrapiço mal tomava conta do bar.

Neste tempo decorrido, Miguel concentrara-se mais na gerência do local, afastando o seu pai de lá, o qual agradecia, pois a construção civil já lhe dava problemas de sobra. Com poderes plenos para fazer o que queria, sendo que o dinheiro vinha sempre que era preciso, o filho de Alfredo começou a afastar a alternadeiras horrorosas, trocando-as por brasileiras ilegais no nosso país. Isso cativou mais gente ao bar, o que agradou à família Carrapiço.

Alfredo não se preocupava com o que lá se passava, satisfazendo-se com os relatórios do filho. Muitas das brasileiras, se não todas, além da companhia nos copos, iam com os clientes que o desejavam até uma residencial, não muito longe, ter relações sexuais em troca de alguns euros.

Miguel Carrapiço recebia comissão sobre todos estes negócios, sendo o papel de Carla o de gerente das brasileiras. Estas viviam escondidas numa casa não muito longe do bar.

Com o passar do tempo, Miguel descobriu outra forma de ganhar mais dinheiro, o tráfico de droga. E a ideia surgiu numa conversa com Xavier, o qual se associou a ele, em troca dos contactos com alguns traficantes. O bar de alterne transformava-se assim em local de prostituição e tráfico de droga.

Ao que se dizia, havia muita clientela para a droga, vindos principalmente da cidade. Ali de Paúle, que se soubesse, ninguém se metia em drogas, apesar de alguns paúlenses serem visitas assíduas das meninas brasileiras. Somente, Xavier era conhecido como drogado e nem era da aldeia de Paúle.

Saber destas histórias, permitiu-me compreender porque Samuel não falava com Miguel. Tinha conhecimento da sociedade do filho de Alfredo com o seu irmão, contribuindo para a sua continuidade nas teias da droga. E isso era imperdoável.

A gestão destes negócios, por parte de Miguel Carrapiço, apesar do conhecimento de todos, nunca tivera problemas com as autoridades. Esta sua gestão começara meses antes, no Verão do ano anterior, sem

## Ivan Pedro

que houvesse relatos de alguma rusga ou inspecção ao local. Dizia-se que as autoridades locais tinham um acordo com ele, algum dinheiro todos os meses e os olhos fechavam-se ao que ali se passava. Só que algo fez isso mudar. E curiosamente, o ponto de viragem aconteceu na noite daquele dia em que eu conversava com o doutor Gervásio, véspera de Carnaval.

## XIV

Os paúlenses não eram muito tradicionais no que respeita a carnavais. Contudo, a crescente publicidade aos eventos que se desenrolavam, naquele dia, um pouco por todo o país, levou a que se agendasse um desfile na aldeia, durante a tarde do feriado.

Não querendo ficar atrás dos organizadores do evento, Miguel Carrapiço organizou uma festa nocturna na véspera, um pouco à imagem do que acontecia nos bares do Brasil, nesta época.

A festa foi amplamente publicitada, tendo aquela visita de Miguel à aldeia, servido para distribuir panfletos a anunciá-la. No treino dessa tarde, repetira diversas vezes o convite a todos, insistindo para que não faltassem.

Sinceramente, não estava com grande vontade de comparecer. Nem, tão pouco, ele me convidara. Podia subentender-se que o convite era geral. Porém, não me seduzia.

Aquiles, rapaz ainda fresco na sua juventude, manifestou logo o seu interesse em ir. Quase todos os que ali estavam se dispuseram a ir. Eu recusei. Contudo, Augusto insistiu para que eu fosse, pois era o único da equipa que não ia. Acabei por aceder aos seus pedidos.

Quando chegámos ao local, já noite escura e avançada, encontrámos um ambiente previamente preparado para um público masculino. E, de facto, os visitantes eram quase todos homens. Por exemplo, a minha irmã não acompanhara Augusto, ficando com Cibele. Ambas tiveram a companhia de Susana, a qual não quis ficar sozinha em casa, após eu lhe ter pedido para que não viesse.

Lá dentro, percebi outras ausências, como a de Samuel. Claro que ele nunca dissera que iria, mas também não declinara o convite. No entanto, a sua ausência era compreensível, pois não simpatizava com Miguel e desagradava-lhe a vida que o irmão levava. Que me recorde, mulheres conhecidas vi Maria de Fátima, a acompanhar o marido. E Livia também lá estava.

As brasileiras foram-se espalhando pelos homens sozinhos que por ali andavam. Uma delas ofereceu-se para me fazer companhia, mas eu recusei. Augusto também fora interpelado, dando a mesma resposta. Ficámos os dois com Teodoro e Maria de Fátima, numa mesa, a beber. Aquiles veio, igualmente, juntar-se a nós, sentindo-se deslocado.

Donde estava, vi Livia conversar com uma brasileira. A estrangeira pareceu recusar o que ela lhe dissera, mas mudou de ideias com a entrega de uma nota de cinquenta euros. Vi a mulher de trajes provocantes sentar-se ao lado de Livia e ali ficar. O aspecto de Livia e a sua forma de vestir continuavam a fazê-la parecer um miúdo.

Desde o primeiro momento em que entrara no bar, notei múltiplas diferenças em relação ao que conhecera. O ambiente já não era iluminado por luzes psicadélicas, sendo estas substituídas por focos de luz espalhados estrategicamente. Tinha havido um certo cuidado em melhorar a decoração, cativando mais gente. A música também se

alterara, colocando-se definitivamente de lado as canções do Néilson Ned, substituindo-as por música actual, muito mais ao gosto das camadas jovens. Já referi que o elenco de alternadeiras mudara de tipos horrorosas com as banhas a sair pelas bordas dos vestidos, para brasileiras com ar exótico e corpos atraentes. Não me recordo de casos de prostituição antes, ao contrário destas que ao fim de dois copos se ofereciam para encontros sexuais em troca de umas tantas “prendinhas”, expressão usada como sinónimo de euros.

No bar, dois indivíduos encarregavam-se de servir as bebidas, enquanto o serviço às mesas era feito por empregadas. Estas só ali estavam para aquilo, sendo frequente depararem-se com convites sexuais, os quais recusavam, irredutivelmente. E se o cliente insistisse, o mais certo era ser convidado a sair. Se não quisesse sair, um segurança “aconselhá-lo-ia” a fazê-lo.

Em frente ao bar, espalhavam-se conjuntos de mesas com três ou quatro cadeiras, feitas em alumínio e pouco confortáveis. À volta do salão, vários compartimentos pequenos com sofás e uma mesa, locais mais visitados pelas raparigas, uma vez que os seus utilizadores eram clientes habituais e mais ricos.

Nessa noite, devido ao elevadíssimo número de clientes, também Carla se juntou ao grupo de empregadas que serviam às mesas. E Miguel Carrapiço, de vez a vez, aparecia atrás do bar, controlando as coisas e falando com o seu pessoal. O único que não vislumbrei por lá foi Xavier. Esse, só viria a aparecer muito mais tarde, acompanhado por um homem alto, aspecto sombrio, vestido de fato e gravata e a fumar charuto. Sentaram-se num dos compartimentos de sofás, tendo logo duas brasileiras a oferecer-lhes companhia.

O salão estava completamente apinhado de gente, causando um certo mal-estar a algumas pessoas que se sentiam apertadas.

Apesar da música alta, conseguíamo-nos ouvir uns aos outros.

— Quem é aquele individuo? — perguntei eu a Augusto. — Aquele ali com o Xavier.

— Não conheço. — respondeu, disfarçando a observação.

Eu bebia uns golos da minha cola e observava-os, tendo o cuidado de que não reparassem em mim. As duas brasileiras cercaram o homem, ficando uma de cada lado. Nenhuma se aproximou de Xavier. A conversa entre os dois homens era imperceptível, conseguindo eu, apenas, perceber alguns gestos explicativos e uns abanares de cabeça. Não tinha dúvidas de que se tratava de uma discussão de negócios. E a vinda de Miguel, algum tempo depois, para se juntar à conversa, confirmou isso mesmo.

— Estás muito interessado. — disse-me Augusto, reparando na minha atenção.

— Gosto de ter os inimigos debaixo de olho. — respondi.

— Deixa-os lá! Estão a lixar-se para ti. — constatou Augusto. — Devem andar a fazer alguma negociata de droga.

— Droga? — interrogou Aquiles, espantado. — Também já há disso aqui?

— Infelizmente. — suspirou Teodoro.

— Vá lá que em Paúle não temos lá dessa gente. — referiu Maria de Fátima.

— Tens o Xavier. — lembrou-lhe o marido.

— O Xavier não é de Paúle! — retorquiu ela.

Os meus acompanhantes de mesa continuaram a conversar, tendo eu alheado-me do assunto, prosseguindo a observação. Mais um aspecto da importância do que ali se deveria estar a discutir era o facto de só Carla ter permissão para servir aquela mesa. Tal como as outras empregadas, vestia uma camisa rosa, saia preta curta e meias pretas, caminhando em sapatos de salto alto. O seu cabelo continuava ruivo, tal como quando a conhecera. Achei a indumentária e o ar delas muito provinciano, procurando serem sensuais, mas passando uma imagem de prostitutas baratas, mesmo não sendo elas quem se prostituía ali.

Passado pouco tempo, reparei que entraram no salão alguns indivíduos suspeitos. Todos eles eram encorpados, usavam blusões almofadados e óculos escuros. Pareciam fazer parte do mesmo grupo, mas entraram em separado e colocaram-se em posições estratégicas, dentro do recinto. Curiosamente, não vi nenhum dos seguranças do bar, por ali.

Na mesa de Miguel, Xavier levantou-se e desapareceu por entre a multidão. Calculo que tivesse ido ao escritório, nas traseiras do bar, pois regressou com uma maleta preta. Tornou a sentar-se no seu lugar e colocou a maleta sobre a mesa, cabendo a Miguel a tarefa de a abrir, perante o olhar do estranho.

— Augusto! — chamei, disfarçadamente.

O meu cunhado ouviu-me e olhou para o local que eu lhe indicara.

— Estão a vender droga! — adivinhou ele.

— Também me parece. — concordei. — E já topaste aqueles tipos?

Augusto olhou para os indivíduos que eu apontara, discretamente, com o rosto.

— Já tinha reparado neles. — disse Aquiles, entrando na conversa.

Na mesa do negócio, o homem assentiu com a cabeça e Miguel voltou a fechar a maleta. Seguidamente, o estranho abriu a sua maleta sobre a mesa, mostrando a Miguel aquilo que calculei ser o pagamento. Miguel concordou e entregou-lhe a sua maleta, recebendo a dele.

— Isto não me está a cheirar nada bem. — disse eu. — O melhor é irmos embora.

Contudo, antes que algum de nós tivesse tempo de tomar alguma decisão, vi dois homens aproximarem-se da mesa deles,

enquanto um terceiro se dirigiu para a zona de colocação de músicas. Os outros permaneceram nos seus lugares.

Um dos homens disse qualquer coisa que fez Xavier tentar levantar-se e pôr-se em fuga. Foi, imediatamente, agarrado. Miguel não conseguiu reagir, sendo bloqueado pelo “comprador”, o qual estava combinado com os outros todos. Nesse instante, a música parou, deixando todos surpreendidos. O terceiro homem aproximou-se do microfone, na zona de música, e disse:

— Meus senhores e minhas senhoras! Polícia! — Algumas pessoas tiveram um movimento instantâneo de fuga. — Não vale a pena fugirem, pois estão cercados por vários agentes. Fiquem nos vossos lugares!

Os vários homens de óculos escuros começaram a organizar as pessoas para fazerem algumas perguntas. Vi os outros agentes algemarem Miguel e Xavier, levando-os para o exterior, onde os transportariam num carro patrulha da GNR para as celas do posto mais próximo. Logo de seguida, entraram vários elementos da GNR fardados, os quais detiveram todas as raparigas brasileiras, após se constatar que estavam todas ilegalmente no nosso país.

Eu, Augusto, Aquiles, Teodoro e Maria de Fátima permanecemos nos nossos lugares, completamente sossegados, aguardando que alguém viesse falar connosco.

Passado cerca de um quarto de hora, um agente acercou-se de nós. Com muita educação, o indivíduo disse:

— Boa noite! Os vossos documentos?

Retirei a carteira do bolso e fui o primeiro a entregar-lhe o Bilhete de Identidade. Os restantes foram buscar os seus, aos lugares onde os guardavam, ficando à espera que o agente os pedisse.

— Profissão, senhor Ivan Pedro?

— Jogador de futebol. — respondi.

O homem olhou para mim, ligeiramente, surpreso. Continuou:

— Onde?

— Grupo Desportivo de Paúle.

Ele abanou a cabeça afirmativamente, pois deveria ser da região, logo, conhecia o Paúle. Entregou-me o Bilhete de Identidade e indagou:

— E qual é a sua profissão, para além do futebol?

— Não tenho! — respondi com naturalidade.

— Então como ganha a vida? — questionou.

— Já lhe disse! Como jogador de futebol. — repeti, enfadado.

O homem olhou-me duvidoso e prosseguiu:

— Quer que acredite que o rendimento que obtêm num clube de aldeia lhe chega para governar a vida?

— Eu não quero que acredite em nada! — exclamei. — Se não sabe quanto eu ganho, se não sabe quanto é que eu tenho de despesas, como é que quer acreditar no que quer que seja?



— O senhor agente, desculpe! — intrometeu-se Augusto. — O Ivan Pedro é jogador profissional e foi contratado...

— Isso não me interessa! — atalhou. — Dê-me a sua identificação!

Augusto entregou-lhe o Bilhete de Identidade.

— Senhor Augusto! Qual é a sua profissão? — inquiriu o agente. — Não me diga que também é jogador da bola?!

— Sou! — respondeu Augusto. — E trabalho no café da minha mãe, em Paúle.

— Também joga no Paúle?

— Sim.

O homem apontou-lhe o Bilhete de Identidade e solicitou o de Aquiles.

— Aquiles? Nome pouco comum. — referiu. — Que faz?

— Sou jogador de futebol. — informou Aquiles, usando do tom de naturalidade que eu usara.

— Outro? São todos jogadores da bola? — questionava-se o agente. Virou-se para Maria de Fátima. — E a senhora? Não me diga que também joga?

— Não! — respondeu-lhe ela com antipatia. — Trabalho no café da minha mãe em Paúle, juntamente com o meu irmão Augusto.

— Tudo bem. — disse o agente. — Já lá vamos. Joga no Paúle, senhor Aquiles?

— É verdade. — confirmou Aquiles.

O agente ia tomando apontamentos sobre tudo o que perguntava.

— Estuda? Trabalha?

— Trabalho.

— Onde?

— No Grupo Desportivo de Paúle.

O agente arregalou os olhos como se achasse que estavam a gozar com ele. Escreveu mais umas notas e disse:

— Esse clube deve ser muito rico para pagar ordenados tão bons.

— Por acaso, quem paga o meu ordenado é o Benfica.

— Você está a gozar comigo? — interrogou o agente, irritado.

— É verdade! — disse eu. — Ele veio por empréstimo para o Paúle. Se tem dúvidas, depois do feriado, ligue para o clube e confirme.

Mantendo um olhar de suspeita, o homem entregou os documentos a Aquiles e passou para Teodoro. Repetiu as perguntas e ficou a saber que ele também jogava no Paúle e que era pintor.

— São todos jogadores de futebol do Grupo Desportivo de Paúle? — interrogou para o ar, elevando a voz.

Um dos seus colegas ouviu e, aproximando-se dele, disse-lhe:

— Não são os únicos. Há aí mais. Deve cá estar plantel todo.

— Isso é muito suspeito.

O segundo agente concordou e adicionou:

— E um dos gerentes também é, o tal Miguel Carrapiço!

O primeiro agente olhou para nós e indagou:

— É verdade?

Nós confirmámos com um aceno de cabeça.

— E o presidente do clube, o senhor Alfredo Carrapiço, é o pai dele e dono do bar. — explicou o segundo.

— Isso é tudo muito suspeito.

Perante os factos, os jogadores do G. D. Paúle passaram de futebolistas a membros de um grupo de malfeitores, reunidos naquele bar e ligados ao tráfico de droga. Isto, na mente daquele agente, o qual se deveria ter convencido que era o Sherlock Holmes lá do sitio. Contudo, a sua opinião foi levada em conta, o que obrigou todos os elementos identificados como jogadores do Paúle, e/ou amigos dos detidos, a deslocarem-se ao posto da GNR de Oliveira do Hospital, imediatamente.

Tal como fôramos para o bar, todos entrámos no Smart de Aquiles e seguimos para lá. Pedi a Augusto que telefonasse à minha irmã, pois poderia ser útil a presença de uma advogada.

A sala de espera foi demasiado pequena para receber todos aqueles a quem foi solicitada a presença para prestar declarações. Carla foi a primeira a ser ouvida. Não fora detida, pois o agente infiltrado não conseguira provas da sua cumplicidade nos crimes. Durante o seu interrogatório, chegou ao posto Alfredo Carrapiço, visivelmente abalado com a prisão do filho.

Como o ambiente estava muito pesado e havia muita tensão no ar, eu e Augusto fomos para a rua, sentindo o frio gelado da noite já longa, esperar a minha irmã.

Ela chegou alguns minutos depois, conduzindo o seu carro, o qual estacionou do outro lado da rua. Saiu do interior e revelou-nos um rosto muito irritado:

— Que aconteceu? — questionou.

Augusto ficou mudo, quase como se tivesse medo dela. Calmamente, expliquei-lhe tudo o que sucedera, tendo o cuidado de o fazer detalhadamente, pois os pormenores poderiam ser importantes para ela.

— Estás a ver? — interrogou ela, furiosa, olhando para Augusto.

— Eu bem te avisei para não ires para lá.

— Ó amor, eu ia lá adivinhar...

— Cala-te! Não me digas nada. — ordenou-lhe.

Entrámos os três no posto e aguardámos com os outros a nossa vez.

— Quem é que ficou a tomar conta da Cibele? — indaguei.

— A Susana. — informou Manuela, não abdicando do semblante duro. — Aquela rapariga é um amor. Ofereceu-se logo para lá ficar, até eu voltar.

Parecia que Susana estava a mudar, pensei para mim. Ou teria sido ela sempre assim, não sabendo eu descobri-la?

— Senhor Ivan Pedro! — chamou um agente, depois de já quase todos terem sido ouvidos.

Caminhei até ao gabinete do comandante do posto, o qual estava a chefiar o interrogatório. Passei pelo agente, acompanhado da minha irmã. Este não queria deixá-la entrar. Porém, Manuela identificou-se como minha advogada, mantendo um tom de voz inflexível.

— Não era necessário advogados. — disse o comandante, aguardando que eu e Manuela nos sentássemos.

— Eu sou irmã dele! — afirmou. — Sei que só estão a fazer algumas perguntas. Não vejo inconveniente na minha presença.

— Claro que não, senhora doutora. — concordou o comandante, revelando alguma simpatia.

A sala do comandante era uma divisão com uns vinte metros quadrados. As paredes eram brancas e havia alguns armários com documentação. O comandante sentava-se atrás de uma secretária de madeira, tendo a seu lado um agente, de pé, o qual me pareceu ser o chefe da operação. Eu e Manuela ficámos nas duas cadeiras colocadas em frente à secretária.

— O senhor conhece o senhor Miguel Carrapiço? — perguntou o comandante.

— Sim. — confirmei. — É capitão da equipa onde jogo.

— E o senhor Xavier?

— Mal. — disse eu, encolhendo os ombros. — Sei que é irmão de um colega nosso, no Paúle, mas nunca falei com ele.

— E qual era sua relação com Miguel Carrapiço?

— Distante. Nunca houve grande simpatia entre nós. — expliquei.

— Alguma razão em especial?

Em poucos minutos, relatei resumidamente os ciúmes dele em relação a mim e a Raquel.

— E uma rapariga chamada Carla? Penso que ela teria uma relação com o senhor Miguel Carrapiço. — proseguiu. — Conhece-a?

— Conheço. Aliás, a minha irmã também a conhece.

— Que me podem dizer acerca dela?

Expliquei ao comandante como a conhecera, a relação que havíamos tido, anos antes, e como tudo acabara. Falei-lhe no aparecimento dela em Paúle com o ex-marido da minha irmã e... A partir daí, Manuela tomou a palavra e relatou o que sucedera, a tentativa de rapto da sua filha, planeada por Rui, tendo Carla e Xavier sido cúmplices, apesar de não se conseguirem provar a intervenção dela.

O comandante ouvia-nos com muita atenção, considerando haver informações importantes nas nossas declarações. Findas as histórias, ele informou:

— Essa senhora, a Carla, declarou que o senhor também estava envolvido no grupo, apesar de não saber explicar muito bem como.

— Penso que, depois do que lhe contámos, poderá tirar as suas ilações dos propósitos dessas declarações. — referiu a minha irmã.

— Sim. — concordou o comandante. — Aliás, todas as pessoas que já questionámos nos dizem que nunca viram o senhor Ivan Pedro por aqueles lados. E que pelo que conhecem dele, não o viam envolvido nesse tipo de coisas. Um dos seus grandes defensores foi o senhor Alfredo Carrapiço, pobre homem, o qual justificou os seus rendimentos e até os daquele miúdo, o... Não me lembra o nome.

— Aquiles? — sugeri.

— Exacto. — confirmou.

O comandante fez-me mais algumas perguntas, tendo-me dispensado logo a seguir. Abandonei o gabinete e regresssei à sala de espera, onde apenas Augusto, Aquiles, Maria de Fátima e Teodoro nos esperavam. Já todos os outros tinham prestado declarações, faltando apenas Augusto.

Manuela acompanhou o marido até ao gabinete.

Aquiles ofereceu-me boleia para Paúle. Porém, eu recusei, preferindo esperar que o interrogatório a Augusto chegasse ao fim. Aquiles, Maria de Fátima e Teodoro despediram-se de mim e partiram no automóvel de regresso a casa, deixando-me sozinho na sala de espera.

Passados uns vinte minutos, saíram do gabinete, podendo todos regressar sem problemas e completamente livres de qualquer suspeita sobre o caso.

Susana adormecera no sofá da sala na casa de Manuela e Augusto, tombando com a força do sono que o adiantar da hora lhe provocara. Fui encontrá-la a dormir profundamente. Manuela e Augusto nem a viram, seguindo directamente para o quarto de Cibele.

— Susana! — chamei baixinho.

Ela reagiu com um gesto, mas continuou a dormir.

— Susana! — voltei a chamar.

Completamente ensonada, lá abriu os olhos. Vendo que era eu, despertou rapidamente e levantou-se.

— Então? Está tudo bem? — perguntou, habituando o olhar à claridade. — Houve algum problema?

— Não te preocupes! — descansei-a. — Está tudo bem. Fizem-nos umas perguntas e mandaram-nos embora.

Susana levantou-se do sofá, meia a cambalear com o sono. Eu segurei-a, apoiando-a nos meus braços.

Manuela surgiu na sala.

— Obrigado, Susana! — agradeceu. — Desculpa, ter-te feito ficar aqui até tão tarde! Ela não deu aborrecimentos?

— Não. — disse Susana com um sorriso. — É uma criança maravilhosa!

Seguidamente, apareceu Augusto. Eu e Susana aproveitámos para nos despedirmos deles e regressar a casa. Sem nunca largar Susana, encaminhei-a para o meu carro que ficara estacionado em frente à casa da minha irmã, desde que fora com os meus amigos para o bar. O trajecto de retorno foi silencioso e tranquilo, fazendo ela um esforço enorme para não adormecer.

Ivan Pedro

XV

Aquela noite não fora nada abonatória para o prestígio de Paúle, do seu clube e das suas gentes. Alguns jornais regionais, no primeiro dia útil a seguir ao feriado de Carnaval, deram grande destaque ao sucedido, apelidando os jogadores de Paúle de indisciplinados, amantes da noite e das borgas, havendo mesmo um que insinuou a possibilidade de estarmos ligados ao tráfico de droga. Claro que todos sabemos como a comunicação social é um óptimo meio para se dizer o que quer que seja, mesmo que não passe de mentiras, não havendo defesa para os visados.

Relativamente às autoridades, mais ninguém teve problemas ou aborrecimentos com o caso, para além dos detidos. Miguel e Xavier ficaram em prisão preventiva. Carla não ficou presa, pois não havia provas da sua ligação e Miguel conseguira protegê-la, omitindo factos encriminatórios. Também as brasileiras se mantiveram encarceradas, sendo posteriormente entregues ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras que as repatriou para o Brasil.

De forma a evitar mais problemas, Alfredo Carrapiço encerrou o bar. Contudo, isso não lhe evitou uma convocatória urgente ao palacete da família Calheiros, após todas as notícias e histórias saídas nos jornais.

Na reunião entre a engenheira Amândia Calheiros e o senhor Alfredo Carrapiço, a primeira não abdicou de ter a seu lado a minha irmã. E foi ela quem me relatou os factos lá falados.

Assim que entrou no salão, onde era esperado pela engenheira, Alfredo Carrapiço ainda trazia os sinais da desgraça que se abatera sobre a sua família. O seu rosto continuava pálido e perdera o ar risonho com que se dirigia às pessoas da aldeia. Do velho Carrapiço, apenas restara a subserviência para com a poderosa senhora.

— Estou espantada, Carrapiço! — exclamou ela. — Logo o seu filho? Poderia esperar de muitos outros, mas... logo o seu filho.

— Não sei que dizer... — suspirou, mantendo a cabeça baixa.

Amândia Calheiros levantou as mãos para o ar, dizendo:

— Que fazia toda a equipa lá?

— Foram convidados. — explicou. — Ia haver uma festa de Carnaval...

— Toda esta publicidade é negativa para o clube e para os negócios. — barafustou. — O nome Paúle é uma marca!

— Não sei que lhe diga, senhora engenheira. — rendeu-se Alfredo. — Neste momento, a minha preocupação é o meu filho.

O rosto da engenheira compadeceu-se dos lamentos de Alfredo Carrapiço. Não abdicando da pose altiva, perguntou:

— Já arranjou um advogado para ele? Se não, aqui a doutora Manuela pode encarregar-se disso.

Para enorme satisfação de Manuela, Alfredo Carrapiço agradeceu a oferta, mas já contratara um advogado para se encarregar

do caso. Se assim não fosse, Manuela teria recusado a tarefa, pois jamais representaria Miguel ou Xavier.

Miguel Carrapiço já tinha um advogado, o que não acontecia com Xavier.

A família de Xavier também sofrera um choque. No entanto, continuaram a apoiá-lo no que ele necessitasse. Todos, excepto Samuel que estava farto das negociatas do irmão. A sua irmã Deolinda ia visitá-lo à prisão e dava conta aos seus pais do seu estado. Perante a necessidade de um advogado, a empregada no palacete da engenheira Calheiros foi pedir à patroa a sua ajuda.

Esse pedido não lhe valeu um advogado. Quando a engenheira oferecera os serviços de Manuela a Alfredo Carrapiço, a minha irmã comunicou à senhora as suas convicções e a sua recusa em defender criminosos. Sabendo isso, a engenheira não ofereceu uma ajuda maior que algum dinheiro para o que fosse preciso, a Deolinda. Segundo se conta, quem pagou o advogado que viria a defender o seu irmão toxicodependente, foi Justino. Este não descurava o seu compromisso de auxiliar a viúva do seu irmão.

Outra das envolvidas, Carla, mesmo não tendo sido presa, temia que a polícia a voltasse a procurar para mais inquéritos. Manteve-se a viver sozinha em Oliveira do Hospital no apartamento que Miguel comprara para eles. E visitava-o na prisão.

Miguel Carrapiço e Xavier foram ouvidos no tribunal de Oliveira do Hospital, sendo-lhes imposta a prisão preventiva até ao julgamento, justificando-se a decisão com a possibilidade de se colocarem em fuga, caso saíssem em liberdade.

O tempo foi passando e a lembrança dos acontecimentos foi caindo no esquecimento. Não que as pessoas esquecessem o sucedido, apenas, já não se falava tanto no assunto.

Uma semana antes da Páscoa, já na segunda quinzena de Março, O Paúle recebeu e venceu o São João Ver, o que nos deixou colados ao Anadia, a cinco pontos do União de Coimbra e a sete do Cesarense.

No princípio dessa semana, Aquiles aproveitou o facto de o clima apresentar sinais de melhoras para visitar o seu tio na Figueira da Foz. A estadia não seria maior que um dia, partindo de manhã e regressando ao fim da tarde. Ele tinha uma óptima relação com o seu tio Ulisses, andando desde algum tempo a falar em visitá-lo. Como no fim-de-semana seguinte não haveria jogos, os treinos só se retomariam a meio da semana. Era, de facto, uma altura ideal para a pequena viagem.

Já por diversas vezes me falara no seu tio. Gostava que eu o conhecesse, por isso, convidou-me para ir com ele. Eu aceitei. Convidei Susana a vir também, mas ela declinou o convite. Desde que conhecera a minha irmã, ambas se haviam tornado muito amigas. E como estávamos em plena época lectiva de férias da Páscoa, Manuela pediu a Susana que tomasse conta da minha sobrinha, afastando-a do café da dona Palmira, onde normalmente ficava, quando não estava nas aulas.



Cibele gostava tanto de Susana que até já lhe chamava tia. Porém, eu não gostava muito disso, pois não queria grandes aproximações entre a minha família e Susana. Não passava pelos meus horizontes futuros a continuidade da relação com Susana, pois sabia que um dia ela terminaria. Mesmo que estivéssemos num óptimo momento da nossa relação sem compromissos, a qual corria maravilhosamente bem, não havendo responsabilidades de parte a parte, apenas muita atracção e sexo. Contudo, eu continuava a não confiar nela, tal como não lhe perdoara o que fizera. Susana não me amava e, por vezes, dizia-mo com medo que eu interpretasse mal os seus sentimentos.

Como já referi, havia um acordo entre nós, o qual atribuía o compromisso de se afastar, eu ou ela, se o outro iniciasse uma relação amorosa. Por exemplo, se Susana arranjasse um namorado, só teria de chegar a casa, fazer as malas, dizer-me o sucedido e ir-se embora, sem cobranças de parte a parte. Uma espécie de pedido de demissão. Sim, porque apesar da nossa relação, eu continuava a pagar-lhe o que contratara com ela

Eu tinha consciência que o inverso seria mais difícil para ela, uma vez que, se eu encontrasse uma nova namorada, ela teria de abandonar a casa sem ter para onde ir. Essa ideia preocupava-me, levando-me a ter isso em consideração, se tal acontecesse.

Em ambos os casos, a situação iria parecer muito estranha a todas as pessoas, as quais nos viam como um casal apaixonado em vias de se casar. Fora o filme que realizáramos e tornáramo-nos reféns dele.

A manhã solarenga animava a nossa viagem. Eu conduzia o meu Mégane, enquanto Aquiles conversava animado. O seu estado de espírito melhorara muito, desde que conseguira ser mais assíduo no onze inicial do G. D. Paúle, muito à custa de uma lesão de Reis. Durante esse período, cerca de duas semanas, Aquiles realizou três excelentes exposições, o que levou Freitas a mantê-lo na equipa, mesmo após o restabelecimento de Reis.

Não conhecia a Figueira da Foz. Por isso, a partir de um certo ponto, Aquiles teve de me ir dando indicações sobre o caminho. Conduzi pelas vias-rápidas, atravessando o concelho até às praias. O hotel do senhor Ulisses Velez ficava junto ao areal, permitindo aos hóspedes uma paisagem magnífica do extenso manto de areia e do mar.

O vento soprava com força, junto à entrada do alto edifício. Aquiles encaminhava-me pela entrada, recepção, corredores, conhecendo todos os caminhos e quase todos os funcionários, tal como eles a ele. Subimos no elevador até ao último andar e saímos num *hall*, o qual nos deu acesso ao escritório de Ulisses.

Uma senhora de meia-idade, muito simpática e elegante, recebeu-nos, cumprimentando com grande afecto o jovem Aquiles. Pela conversa, percebi que a senhora o conhecia desde pequeno. Fui apresentado e apertei a mão da senhora, retribuindo a gentileza com que me cumprimentava. Abriu-nos a porta do gabinete do patrão e anunciou-

nos ao senhor sentado atrás de uma longa secretária em carvalho envernizado.

O tio de Aquiles levantou-se e abraçou o sobrinho, saudoso da sua presença. Seguidamente, Aquiles apresentou-nos. Ulisses estendeu-me a mão e cumprimentou-me, soltando alguns elogios à minha qualidade futebolística. Mesmo sabendo que havia muita gente que me conhecia dos relvados, sentia-me sempre surpreendido quando alguém me reconhecia.

O rosto de Ulisses Velez revelava feições muito parecidas com as de Lúcio Velez, seu irmão. Eram daqueles irmãos que não deixavam dúvidas que o eram. A única diferença, entre eles, notava-se no facto de Ulisses ser mais baixo e mais gordo.

O senhor Ulisses parecia uma pessoa muito simpática. Fez questão em mostrar-me o seu hotel numa visita guiada por ele. Sentia orgulho na sua obra e gostava de a revelar a quem por ali passava.

Entre o edifício e a praia, existia uma enorme piscina, dentro do lote do hotel, onde os hóspedes se podiam descontrair na água doce ou numas das muitas cadeiras espalhadas à volta do rectângulo, banhando-se de raios solares.

— O ponto alto é o Verão! — afirmava Ulisses, justificando a desertificação do local. — Principalmente, quando se disputa o Mundialito de Futebol de Praia e o Torneio de Voleibol de Praia do Circuito Mundial.

— Isto costuma estar cheio. — confirmou Aquiles. — Eu venho cá ver os torneios, todos os anos.

O dia estava bonito, mas soprava um vento desagradável. De tal forma que, quando o meu telemóvel tocou, tive que me resguardar no interior do hotel, para ouvir a chamada. Tratava-se de uma ligação de Jorge.

— Olá, Jorge! — cumprimentei.

— Olá Ivan! — retribuiu ele. — Estás ocupado?

— Mais ou menos.

— Podes vir a Lisboa? — perguntou apressadamente.

— Bolas, Jorge! Falas em ir a Lisboa como se eu estivesse ao virar da esquina. — referi eu.

— Desculpa, Ivan! Mas, surgiu um imprevisto. O senhor Lúcio Velez telefonou-me esta manhã. — explicou o meu empresário. — Está a tratar de pormenores da candidatura à presidência do Benfica. Quer reunir-se connosco para oficializarmos um acordo para o teu regresso ao clube, caso ele vença as eleições.

Fiquei surpreso com a notícia, apesar de o poderoso pai de Aquiles me ter prometido esse regresso. A ideia de poder regressar ao clube do meu coração, desta feita sem a atrapalhação de terceiros, deixou-me nervoso. Acabei por dizer:

— Não estou em Paúle. Estou na Figueira da Foz.

— Ainda melhor. — retorquiu Jorge. — Estás mais perto. A reunião é à tarde. Passa pelo meu escritório! Seguimos juntos para o escritório dele.

Desliguei, esforçando-me para que a ansiedade não tomasse conta de mim. Olhei para o aparelho e comecei a marcar o número de Susana.

— Susana?

— Sim, Ivan. — atendeu ela.

— Telefonei-te para te avisar que tenho de ir a Lisboa. — informei-a.

— Que se passa? Algum problema? Está tudo bem com os teus pais? — questionou com voz preocupada.

— Não! Está tudo bem.

— Então, que vais fazer a Lisboa? — interrogou.

Já ia para lhe contar o telefonema de Jorge, quando se acercou de mim o receio de partilhar o assunto com ela. Eu não confiava nela. Tinha receio que pudesse ir contar a Ambrósio, tentar tirar dividendos com essa informação. Talvez estivesse a ser injusto, mas quem me engana uma vez, dificilmente, me engana segunda.

— Tenho uns assuntos a tratar, Susana!

Susana tentou insistir na pergunta, mas eu descartei-me, dizendo que precisava de desligar. Quase que lhe desliguei o telefone na cara. Contudo, ainda lhe mandei “beijinhos”, antes de carregar no botão vermelho.

Ulisses e Aquiles conversavam alegremente, no instante em que retornei ao pátio onde os deixara. Aproximei-me deles, carregando no rosto uma leve tristeza por não poder continuar ali. Comuniquei-lhes a necessidade de viajar imediatamente para Lisboa, o que fez Ulisses dizer:

— Que pena! Esperava que nos acompanhasse ao almoço.

— Tenho muita pena, mas é uma urgência. — disse eu.

— Algum problema? — perguntou Aquiles.

Não tinha razões para não confiar em Aquiles, razão pela qual lhe relatei:

— O teu pai quer reunir-se comigo e com o meu empresário para falarmos no meu regresso, caso ele vença as eleições.

— Que bom! — exclamou Aquiles.

— Mas, não contes nada disto em Paúle. — pedi.

— Fica descansado

— Boa sorte! — desejou o seu tio.

— Obrigado, senhor Ulisses! — agradecei.

— Espero que volte a visitar-nos. — desejou ele. — Fica a dever-me a sua companhia numa almoçarada.

— Está combinado.

Naqueles últimos dois anos, já fizera tantas vezes a viagem de Paúle para Lisboa e de Lisboa para Paúle que lhe perdera a conta. Estava capaz de fazer as cerca de duas centenas de quilómetros de olhos fechados.

Antes de partir, preocupei-me com o regresso de Ulisses a Paúle, pois o rapaz viera no meu carro. Com um sorriso divertido, disse-me para não me preocupar, logo se arranjará. O mais certo seria voltar num dos autocarros que fazem a carreira da Figueira da Foz ao interior do país, talvez um que passasse por Oliveira do Hospital. Ou então, teria sempre o comboio que passava pelo Carregal do Sal.

Em hora e meia, atravessei a pista de alcatrão, entrando na capital pouco depois da hora de almoço. Como ainda tinha tempo até à hora marcada com Jorge, decidi fazer uma visita surpresa aos meus pais, acabando mesmo por almoçar com eles.

Em Lisboa, a temperatura era significativamente mais alta. Quase se tornara habitual os últimos dias de Março serem quentes, quase a chegarem aos trinta graus, para depois o frio voltar em Abril e Maio, dando depois lugar definitivamente ao Verão.

Conforme combinara com Jorge, fui buscá-lo ao seu escritório e seguimos para uma das empresas de Lúcio Velez, onde o rico industrial nos receberia para uma reunião solicitada pelo próprio. O seu escritório ficava num edifício espelhado, em Algés.

Dentro do edifício, fomos conduzidos por um jovem bem vestido até ao gabinete do patrão. Lúcio Velez recebeu-nos com enorme simpatia, apertando a mão de Jorge e abraçando-me com força.

— Ainda bem que pôde vir. — disse-me, satisfeito. Apontou-nos as cadeiras em volta de uma mesa oval, no amplo gabinete. — Por favor, sentem-se!

Lúcio Freire Velez preparou uma reunião muito informal, fazendo-a parecer mais uma conversa de amigos. E, realmente, houvera sempre um bom entendimento entre mim e ele, desde que nos conheceramos. Parecia mesmo que a simpatia era uma característica comum da família Velez, pelo menos dos elementos que eu conhecia.

Assim que se sentou, Jorge perguntou:

— Tinha-me falado, hoje de manhã, que queria discutir o regresso de Ivan ao Benfica, em caso de vitória nas eleições.

— Calma! — exclamou Lúcio, levantando os braços. — Já lá vamos. — Olhou para mim. — Ivan Pedro! Como é que o meu filho se tem dado lá pelo... Como é que se chama o clube?

— Grupo Desportivo de Paúle. — respondi. — Tem estado bem. O seu filho é um grande jogador! Já se tornou titular da equipa.

— E você?

— Vou fazendo pela vida.

— Tem marcado muitos golos?

— Alguns... — disse, encolhendo os ombros. — Não é essa a minha função.

Lúcio Velez anuiu. Seguidamente, puxou de uma folha de papel, onde fizera alguns apontamentos, e começou a falar:

— Lembra-se que lhe disse que gostaria de o ver a jogar no Benfica? Quando lho disse, não esperava que tivesse que o contratar novamente. Mas, já que aqueles pulhas que lá andam quebraram o contrato consigo, vamos lá fazer tudo de início. — A sua atenção passou para Jorge, pois sabia que era com ele que tinha de lidar. — A minha proposta é um contrato por uma época com o mesmo vencimento que tinha, havendo depois o direito de opção para a seguinte, aumentando dez por cento na seguinte.

— Estamos a falar de cinquenta mil euros por mês? — questionou Jorge.

— Exacto. — confirmou Lúcio Velez. Olhou para mim. — Parece-lhe bem?

Jorge não me deixou responder, continuando:

— Isso dá seiscentos mil euros por ano, mais prémios. Correcto?

— Sim. — tornou a confirmar Lúcio Velez. — Claro que os prémios terão de ser negociados mais tarde, dependendo dos objectivos.

— Os objectivos do Benfica costumam ser ganhar todas as competições onde estão envolvidos. — lembrou Jorge. — Não me parece que o senhor vá mudar isso.

Lúcio Velez sorriu-lhe, respondendo:

— Onde quer chegar, senhor Jorge?

— Gostaria que os prémios ficassem já definidos no contrato.

— Não os posso definir agora, neste acordo. — explicou. — Mas, serão bem definidos quando formalizarmos o contrato final.

Jorge concordou. Vi-o pegar numa pequena calculadora e fazer contas. Olhou novamente para o candidato e indagou:

— Estamos a falar de seiscentos e sessenta mil euros por ano na segunda época. Correcto?

— Você é que fez as contas... — disse ele, levantando os braços.

— Parece-te bem? — perguntou-me Jorge.

— Penso que sim.

— Sendo assim... — prosseguiu Lúcio Velez, ouvindo a minha concordância. — Formalizaremos este acordo, por escrito, havendo a necessidade de fazer um contrato oficial, após as eleições.

— Acha que vai ganhar? — interroguei, sorrindo.

Lúcio Velez respondeu:

— Meu caro Ivan Pedro! Se não me achasse capaz de vencer aqueles bandidos hipócritas, não me teria candidatado.

O candidato à presidência ordenou a uma funcionária que redigisse um acordo com as clausulas combinadas. Durante esse tempo,

ficámos à conversa, ouvindo-o principalmente falar dos seus projectos para o clube. Algum tempo depois, a funcionária trouxe duas cópias do acordo, o qual lemos e assinámos. Pode parecer que tudo não demorou muito tempo, mas ao sairmos do seu gabinete, a tarde já findara e a noite tornara-se já realidade nas ruas de Lisboa.

— Que te pareceu? — indagou-me Jorge, enquanto caminhávamos para o carro.

— Parece-me bom. Resta saber se ele ganha as eleições.

Entrámos no Mégane e partimos de Algés, rumo a Lisboa.

— Queres jantar lá em casa? — convidou Jorge. — Há já algum tempo que não vês o Eduardo.

— Tens razão. Vamos lá, então.

Conduzindo pelas ruas iluminadas da cidade, segui o trajecto que nos levaria até uma das torres das Amoreiras, local onde Jorge comprara uma bela casa para viver com Eduardo. Viemos pelo Viaduto Engenheiro Duarte Pacheco, contornando posteriormente todo o complexo habitacional e comercial das Amoreiras, entrando no parque de estacionamento subterrâneo, no lado oposto ao Centro Comercial. Jorge tinha direito a dois lugares de estacionamento, estando um deles ocupado pelo seu carro, o qual nunca levava para o escritório, preferindo deslocar-se em Lisboa nos transportes públicos.

O apartamento de Jorge ficava no décimo andar. O elevador transportou-nos até um *hall* amplo e iluminado, tendo ele saído primeiro para abrir a porta de casa.

Ao entrar, ouvi duas vozes conversarem alegremente.

— Temos visitas. — constatou Jorge, espantado.

Do fundo do corredor, ouvi a voz de Eduardo perguntar:

— És tu amor?

— Sou. — respondeu Jorge. — Trago um convidado para o jantar.

Eduardo aproximou-se de nós. A forma de vestir dele era hilariante, camisola justa, decotada, calças largas e chinelos rosa com uma bolinha de pelos na ponta. Como estava na cozinha a fazer o jantar, envergava também um avental colorido. Porém, ao ver quem era o convidado, o seu rosto mudou para alguma apreensão. Deu um beijo a Jorge e dirigiu-se a mim.

— Olá, Ivan! — cumprimentou-me, apertando-me a mão.

— Olá, Eduardo!

Estranhei a sua reacção, mas compreendi-a assim que vi quem era a segunda pessoa lá em casa.

— Quem é o convidado, Eduardo? — perguntou Camila, saindo da cozinha.

Senti o meu coração a bater com mais força. Não esperava encontrá-la lá. Camila aparecia espantosamente linda, dentro de um vestido azul-escuro com um decote sóbrio, mas tentador. Calçava

sandálias pretas com fios que se entrecruzavam ao longo das suas pernas até aos joelhos.

— Olá, Pedro! — cumprimentou, aproximando-se, enquanto prendia o longo cabelo num rabo-de-cavalo. Ainda não perdera aquele tique de quando se sente nervosa. Dei-lhe um beijo em cada face.

— Convidei o Ivan para jantar! — informou Jorge.

— Até aí já tinha reparado. — disse Eduardo, colocando as mãos nas ancas. — Podias ter avisado. Agora, não sei se o jantar chega.

— Fazes sempre comida para trezentos. — redarguiu Jorge.

— Isso é uma critica?

— Vá lá, não se zanguem. — interrompeu Camila. — A comida chega para todos.

Eduardo regressou à cozinha, abanando a cabeça e levantando as mãos para o ar.

— Está tudo bem, Camila? — indagou Jorge.

— Sim. Aproveitei o dia para passear e visitar os amigos.

— Fizeste bem.

Camila falava com Jorge. Não evitava olhar-me ocasionalmente, encontrando-me sempre de olhos fixados nela.

— E tu, Pedro? Está tudo bem contigo?

Antes que eu falasse, Jorge antecipou-se:

— Está tudo óptimo! Vimos de uma reunião com o futuro presidente do Benfica.

— Olha que ele ainda não ganhou. — lembrei.

— Vais voltar ao Benfica? — interrogou Camila, revelando uma enorme alegria com o olhar. — Que bom.

— Só se o Velez ganhar as eleições. — referi.

— Tens dúvidas? — questionou Jorge, certo do resultado.

Eduardo reapareceu, trazendo o jantar e colocando-o a meio da mesa. Foi buscar mais um prato e preparou o meu lugar para a refeição.

— Está pronto, queridos! — avisou.

Sentámo-nos à mesa, ligeiramente arredondada, ficando Camila, Eduardo, Jorge e eu nesta ordem, espalhados por ela. Fora Eduardo quem planeara as nossas posições, muito cuidadoso com a presença dos convidados que tinha. Sei que receava o facto de Camila e eu estarmos na mesma sala, depois do tudo o que acontecera entre nós. Contudo, desde o nosso acordo de amizade, a nossa relação estabilizara, havendo um esforço mútuo para que, após falhado o amor, a amizade vingasse. E íamos no bom caminho. Notava isso nas longas conversas na *internet* com Camila. Claro que ela não me era indiferente como mulher, ainda para mais, lindíssima como se apresentava naquele jantar.

Não tenho dúvidas de que Camila contara a Eduardo a minha última tentativa, três meses antes de reatarmos a nossa relação. Eduardo era o seu amigo, confidente e conselheiro. Sabia que ele me via

sempre como o mulherego, tentando conquistar novamente a sua amiga. Talvez por isso, Eduardo tivesse iniciado o seguinte assunto:

— Então, Ivan? Soube que tens um relacionamento sério, lá na terrinha.

Olhei para Camila que me sorriu, como quem diz “não lhe contei nada sobre a vossa representação”, aliás, conforme eu lhe pedira.

— É verdade. — confirmei.

— Vão casar?

— Ainda não pensámos nisso.

— Fazia-te bem, casar! — afirmou Eduardo.

— Concorde, se o fizesse com a mulher certa. — retorqui, lançando um olhar a Camila.

— Ohhhhhh! — exclamou Eduardo no seu jeito. — Não é ela a mulher certa?

Encolhi os ombros, como se não soubesse responder à pergunta.

— Já viste isto? — interrogou ele para Camila. — Nem todos têm a nossa sorte que encontrámos os homens da nossa vida.

Jorge sorriu-lhe ao elogio, dirigindo-se depois a Camila:

— Quando é que o Nick regressa?

— Perto da data do casamento. — informou.

— Quando é que é? — inquiri eu.

— No último Sábado de Maio.

Eduardo segurou o braço de Camila e interpelou-a:

— E como vai a empresa?

— Muito trabalho, principalmente a aturar os americanos que vêm dirigir os diversos departamentos.

A sala onde jantávamos era um local muito confortável, requintado com uma decoração excêntrica, obra de Eduardo, mas acolhedora. As paredes tinham vários quadros com pinturas de paisagens, sendo intercaladas com pequenos apliques de iluminação. Ao centro, no tecto, um enorme candelabro com doze lâmpadas. Nós estávamos no sector menor da sala, pois o maior continha vários sofás com uma mesa baixa ao meio e um televisor ao fundo, um plasma de muitas polegadas.

— Tu és uma espécie de presidente da empresa. — continuou Eduardo.

— O presidente é o Nick! — emendou ela. — Eu sou a vice-presidente.

— Logo, na ausência dele... — insistiu.

O serão estava bastante agradável. Findo o primeiro prato, passámos a uma bela salada de frutas que Camila confeccionara, antes de nós chegarmos, quando ajudava Eduardo na cozinha.

— Então, para o ano, lá irás tu para o Benfica, novamente! — disse Eduardo, trincando uma uva.

— Só se o Velez ganhar. — tornei a dizer.



— Quais são as possibilidades? — questionou Camila.

Jorge apressou-se a engolir o que tinha na boca e respondeu:

— Os adeptos estão muito descontentes com a direcção. O Lúcio Freire Velez tem boas hipóteses.

— Vou torcer por ele! — afirmou Camila. — Só para que consigas, finalmente, realizar o teu sonho, Pedro.

Eduardo lançou-lhe um olhar de reprimenda, condenando aquele apoio tão frontal.

O jantar não se prolongou por muito mais tempo. E com o fim da refeição, vieram as despedidas.

— Queres que te leve a casa? — sugeriu Jorge a Camila.

— Não. — recusou. — Eu apanho um táxi.

— Eu levo-te! — ofereci.

— A sério, Pedro! Não vale a pena. Eu apanho um táxi aqui em baixo.

Ainda insisti mais uma vez, mas ela recusou.

— Então, deixa-me acompanhar-te lá baixo.

— Está bem.

Despedimo-nos de Jorge e Eduardo e desaparecemos no interior do elevador. Carreguei no botão “-2”, onde tinha o carro. Camila esticou o dedo e ia a carregar no “0”. Num impulso, travei-lhe o movimento, segurando-lhe o pulso meigamente.

— Que fazes? — perguntou.

— Posso convidar-te para um copo? — sugeri. — Podíamos conversar um bocado. Há tanto tempo que não falamos pessoalmente.

— Mas, eu amanhã...

— Por favor, Camila! Se quiseres, eu imploro pela tua companhia. — disse, demonstrando a intenção de me ajoelhar.

— Levanta-te, Pedro! Tudo bem. Mas, não pode ser até muito tarde.

— Obrigado! — agradei, oferecendo-lhe um beijo nas costas da mão que segurara.

A porta do elevador abriu, colocando-nos em frente aos vários carros estacionados no parque. Caminhámos por entre eles, ao ritmo do bater das solas das sandálias de Camila no cimento.

Abri a porta do carro para ela entrar, contornando-o depois para entrar para o meu lugar. Liguei a ignição, acendi as luzes e arranquei rumo à saída.

Ivan Pedro

XVI

A noite amena convidava a passear na rua. Não se sentia frio, apenas uma brisa suave, onde dificilmente uma mente menos atenta diria que a Primavera mal tinha começado.

Tanto eu como Camila gostávamos de música ao vivo, por isso, optei por a levar a um bar, perto do rio, onde todas as noites um artista cantava num pequeno palco, colorindo o ambiente com a sua voz, acompanhada por melodias suaves que temperavam a penumbra romântica do interior. Escolhi uma mesa pequena para duas pessoas, permitindo-me ficar olhos nos olhos com Camila. Em cada mesa, havia uma pequena vela a arder calmamente, espalhando um odor adocicado no ar.

— É um sitio bonito. — concordou Camila. — Parece-me é pouco compatível com dois amigos que vêm conversar.

Falta de inteligência não era uma característica de Camila. Daí, rapidamente me dar a perceber que o ambiente era demasiado romântico.

— Não é nada disso que estás a pensar. — contrariei. — Só quero conversar. Não tenho segundas intenções.

— Espero que não. — retorquiu em tom de aviso, franzindo as sobrancelhas.

No palco, uma rapariga tocava e cantava uma música. O estilo era *jazz* e a língua era o inglês, pois raramente se ouvia aquele género em português. Em frente ao palco, não havia mesas, permitindo aos casais dançarem ao ritmo lento da balada.

Pedi uma cola para mim e um *martini* para Camila.

— Como se têm dado, tu e a rapariga? — perguntou Camila.

A nossa relação estava ótima. Contudo, optei por responder:

— Como te tinha dito da última vez. Mal falamos um com o outro.

— Não me digas que vocês não... — tentou adivinhar com um sorriso malicioso.

Abanei a cabeça negativamente.

— Não me lixes, Pedro! — redarguiu. — Eu conheço-te bem! Não acredito que estejas há tanto tempo sem sexo.

Encolhi os ombros, desvalorizando o facto de ela acreditar ou não.

— Andas a encontrar-te com a “direita”? — interrogou a gozar.

Correspondi aos seus sorrisos, questionando:

— Também posso dizer o mesmo de ti? Com o teu noivo no estrangeiro, já lá vão quantos meses?

— Com as mulheres é diferente. — ripostou. — Nós não temos tanto desejo como os homens.

— E neste tempo...

— Não lhe fui infiel, se é isso que tentas saber. — respondeu prontamente. Sorriu maliciosamente, dando um golo no *martini*. — Claro que tenho uns objectos, lá em casa, que ajudam.

Por momentos, ficámos a olhar um para o outro.

— Até quando vais manter essa situação? — interrogou.

— Não sei. Pelo menos, até regressar a Lisboa para jogar no Benfica. Aproveito isso para separar a Susana do contacto com a minha família. Cá em baixo, será mais fácil de a despachar e de justificar isso aos meus pais.

— Vai ser um desgosto, segundo me disseste.

— Não será maior que aquele que eu lhes dei, quando me separei de ti.

— Não vamos falar sobre isso, Pedro! — pediu imperativamente.

Anui com a cabeça, acatando o seu pedido.

— Podias ir visitá-los. — sugeri. — Sei que gostariam que os fosses ver.

— É melhor não.

Camila temia que a reaproximação aos meus pais os fizesse ter esperanças de um regresso ao passado, o que os faria sofrer mais. Não duvido que ela gostava deles, mas compreendia a sua posição.

A rapariga que actuava no palco, embalando os vários casais que dançavam à sua frente, decidiu mudar o género de música, apesar de manter as baladas. Ao ouvir os primeiros acordes, arrepiei-me e percebi que o mesmo sucedera a Camila. Ela ia cantar o “Private Emotion”.

— Juro-te que não planeei nada disto. — disse eu a Camila, temendo a sua reacção.

— Tudo bem.

— Queres dançar? — convidei.

Camila fulminou-me com o olhar, abanando a cabeça e recusando determinantemente o convite.

— Vá lá, Camila! — insisti. — Não me digas que dois amigos não podem dançar.

— Pedro...

— De que tens medo? Não somos só amigos? — desafiei.

Camila sentiu o desafio que lhe lançara. Se éramos só amigos, que mal tinha dançarmos. Se ela recusasse, poderia ser visto por mim como um sinal de fraqueza da sua parte, como se ainda sentisse alguma coisa por mim.

— Está bem! Vamos lá.

Caminhámos até à pequena pista de dança, parando no meio dos casais. Abracei-a pela cintura, sentindo-a fugir ou afastar-me para que não ficássemos perigosamente juntos. Encostámos os rostos e balançámos ao ritmo da música.

— Recordo-me sempre de ti, quando ouço esta música. — sussurrei ao seu ouvido.

Camila não se manifestou.

— Nunca me esquecerei do momento em que a dancei contigo, pela primeira vez. — continuei. — Aliás, nunca me esquecerei de nenhum segundo de todos os maravilhosos que vivi contigo.

— Pára, Pedro! — pediu ela, com a boca perto da minha orelha.

— Espero que sejas muito feliz, Camila! — desejei. — Que tenhas tudo o que eu não te consegui dar!

Camila descolou o seu rosto do meu, colocando a sua cabeça em frente à minha, encarando-me o olhar.

— Fui uma besta! — confessei. — Como pude abrir mão do teu amor? Como pude abrir mão de ti?

Camila não dizia nada, limitando-se a olhar para o fundo dos meus olhos. Eu desejava que aquela dança não tivesse fim. Não teria muitos mais momentos, assim, abraçado a Camila com o seu corpo colado ao meu, o seu rosto diante do meu, a sua respiração misturando-se com a minha... Não resisti e beijei-lhe os lábios. Surpreendentemente, Camila deixou-se levar pelo momento e correspondeu ao beijo. Um beijo quente, muito quente, fazendo-nos esquecer que a nossa relação terminara e deixando-nos dar largas à paixão que sentíamos.

Subitamente, Camila parou.

— Não devemos. — lembrou.

— Porquê? — questionei. — Estamos ambos carentes. Vamos desfrutar do momento.

— Não posso, Pedro! Eu estou noiva.

Sorri nervosamente.

— Não quero ser injusto, mas...

— Mas, o quê?

— Não acreditas que o Nick seja celibatário, pois não? — sugeri eu, levantando um falso testemunho sobre alguém que nem conhecia.

No entanto, percebi que a desconfiança permanecera na mente de Camila. Era a minha oportunidade e não ia desperdiçá-la.

— Estamos ambos carentes, Camila. Para quê procurar saciar o que sentimos em terceiros, se podemos passar um bom bocado juntos?

— Por favor, Pedro! Por quem me tomas?

— Não me interpretes mal, Camila! Não estou a tentar convencer-te a largar o Nick, nem a voltar para mim. Apenas uma noite de recordação. Uma espécie de despedida de solteira.

Camila olhava-me, franzindo o rosto como se se sentisse ofendida. Porém, o seu íntimo ansiava pelo que eu lhe propunha.

— Anda até minha casa. — convidei.

— Não. — recusou, desviando o olhar. — Ofendes-me com uma sugestão dessas.

— Ok. Desculpa! — pedi, inclinando a cabeça para que ela olhasse para mim.

— Leva-me para casa! — exigiu.

Afastámo-nos e regressámos à mesa. Fiz sinal ao empregado para que trouxesse a conta. E vi o individuo aproximar-se com um talão sobre um pires que trazia na mão.

Antes de chegar ao carro, caminhávamos nós pelas ruas quase desertas junto ao rio, quebrei o silêncio que se mantinha desde que saíramos do bar.

— Camila!

— Sim.

— Vou voltar amanhã para Paúle! — informei. — Não sei quando voltarei a Lisboa. Mas tenho a certeza que não volto antes do teu casamento. — Travei a caminhada, colocando-me diante de si. — Podíamos passar o resto da noite juntos?

— Pedro!!! — irritou-se.

Levantei os braços em jeito de defesa. Olhei-a com seriedade e insisti:

— Não é isso que estás a pensar.

— Há pouco também não era. — recordou Camila. — E vê no que deu.

— Prometo que não tento nada. — disse eu. — Só quero conversar e desfrutar da tua presença.

— Isso só te prejudica. — avisou com distanciamento. — Devias habituar-te a não me ter perto de ti. Quando eu casar com o Nick... Aliás, assim que ele regressar dos Estados Unidos, estes encontros deixam de ser possíveis. Compreendes? Para quê alimentarmos situações que não levam a nada?

— Então, mais razão me dás. — insisti, intransigente. — Só te peço a tua companhia. Peço-te isso por todos os bons momentos que vivemos juntos.

Camila não respondeu de imediato. Talvez na sua mente passassem todas as probabilidades do que poderia acontecer, se aceitasse o convite. Não lhe estava a pedir mais que uma conversa de amigos, apesar de eu saber que se tivesse oportunidade, faria amor com ela. E calculo que ela também o sabia. Restava saber se ela correria o risco ou até que ponto, ela própria também não o queria. A forma como me beijara, revelara muito. Muito do que ainda sentia por mim, muito da sua carência, muito do seu desejo, muito da sua vontade de esquecer a realidade e desfrutar do prazer de uma noite de paixão...

— Tudo bem! — concordou. — Espero poder confiar em ti.

A noite de Alcochete era tão silenciosa que os nossos passos ecoavam pela rua, durante o percurso entre o automóvel e a minha casa.

A viagem fora relativamente rápida, não havendo qualquer trânsito. Não me lembro bem a que propósito, Camila viera todo o trajecto a falar nas viagens do pai e da última vez que estiveram juntos.

No entanto, assim que chegámos, Camila silenciou-se. Não sabia o que ela temia ou a fazia ficar tão apreensiva. Porém, apercebi-me que era a primeira vez que ela regressava ali, desde a nossa separação.

— Continua tudo igual ao que era, quando vivias cá. — disse eu, retirando os lençóis de cima dos sofás para nos sentarmos.

— Não mudaste nada. — concordou. — Mas, também não tens vivido cá muito tempo.

Destapei o restante mobiliário da sala, atirando os lençóis para um canto, pois teria de os recolocar quando regressasse a Paúle.

— Só cá vivi no segundo semestre do ano passado. — informei, recordando e calculando o tempo.

Camila sentou-se no sofá, cruzando a pernas e deixando-me, inconscientemente, uma bela visão delas.

— Queres beber alguma coisa? — ofereci.

— Só se ainda tiveres aí a minha garrafa de *martini*. — disse ela, trocista.

Caminhei até ao bar e agachei-me atrás do balcão, retornando com a garrafa na mão.

— Esta? — inquiri com um sorriso.

O rosto espantado de Camila mostrava toda a surpresa.

— Não acredito! — exclamou incrédula. — Ainda a guardas aí?

— Espero que esteja dentro da validade. — desejei, procurando uma data no rótulo.

Camila levantou-se, aproximou-se de mim e, retirando a garrafa da minha mão, explicou:

— Isto não tem validade, Pedro!

— E será que está bom?

— Claro que está, Pedro! Tu és demais. Guardares a minha garrafa.

Olhei-a encantado por a ter ali. Camila retirou um copo e abriu a garrafa.

— Nunca me desfiz de nada teu, que tivesses cá deixado. — confessei-lhe.

— Não bebes nada? — perguntou, despejando o líquido para o copo.

Abanei a cabeça negativamente.

Camila regressou ao seu lugar no sofá, adoptando a mesma posição e segurando o copo com a mão direita. Bebeu um golo, fechando os olhos e sentindo o sabor que tanto gostava.

— Maravilhoso! — exclamou. Olhou para mim, alterando o semblante. — Não me lembro de ter deixado cá nada.

— Anda cá! — convidei.

Camila levantou-se do sofá e seguiu-me no meu trajecto pela casa. Atravessámos o corredor e entrámos na cozinha, logo que eu acendi a luz.

— Lembras-te? — indaguei, apontando para o relógio de cozinha pendurado na parede. — Foste tu que o compraste e o quiseste pôr ali.

Abandonámos a cozinha e fui até à casa de banho. Acendi novamente a luz e chamei a sua atenção para o armário, ao fundo.

— Deixaste cá a escova-de-dentes e o copo. — disse eu, indicando-os.

Camila estava fascinada. Jamais esperava que eu, ao fim de tanto tempo, ainda mantivesse aquelas pequenas coisas. Foram pormenores que eu não tivera tempo de tocar ou alterar, antes de partir para Paúle, logo que nos separámos. E quando regressei, não fui capaz de me desfazer deles. Olhava para os poucos objectos que Camila esquecera, imaginando que ela ainda ali vivia comigo.

— Talvez nunca tenha perdido a esperança de que voltasses. — desabafei.

Camila não se manifestou, mas eu conhecia-a bem e notara como ficara tocada com aquilo. A sua opção foi voltar à sala. Segui as suas passadas, vendo-a entrar na sala e procurar a garrafa e servir-se de mais um *martini*.

— Até as tuas velhas revista eu mantive. — continuei. — Também é verdade que nunca dera por elas. E quando dei, a primeira reacção foi deitá-las fora. Foi nelas que descobri a foto da Susana com o canalha do Ambrósio. Aliás, acho que já te tinha contado.

— Sim, sim. Contaste-me. — confirmou Camila, andando vagarosamente pela sala, com o copo na mão. Perto da parede, parou. Deu mais um golo na bebida e encostou a testa à tinta fria. Numa voz embargada, suspirou:

— Como tudo poderia ter sido diferente!

Dando passos como se tentasse não ser ouvido, acerquei-me dela, imobilizando-me atrás de si. Fiquei a contemplar as suas costas, as curvas das suas nádegas, a barriga das suas pernas...

— Fui um estúpido! — afirmei, recordando a forma como abdicara dela pelo futebol.

As nossas posições mantinham-se inalteráveis, ficando Camila com um braço caído a segurar o copo com as pontas dos dedos, enquanto o outro se apoiava na parede, acima da sua cabeça.

— Não foste só tu. — corrigiu ela. — Eu também abdiquei de ti.

Dei mais um passo e fiquei com o meu corpo a milímetros do dela. Devagarinho, coloquei as mãos nas suas ancas. O seu corpo reagiu ligeiramente à surpresa da sua presença, mas não as afastou.

— Se pudesse voltar atrás, teria sido diferente! — afirmei, deixando as mãos deslizar pelas pernas dela.



Camila não dava sinais de recusa, deixando-me tactear o seu corpo e falando como se nem se apercebesse da sua presença.

— Dizes isso, agora. — retorquiu ela. — Agora que sabes o que se passou. Mas, naquela altura, com todos os sonhos na cabeça, não creio que fizesses diferente.

Encostei o meu corpo ao dela, curvando-me sobre as suas costas. Desviei com o rosto o rabo-de-cavalo e levei os meus lábios a saborearem a pele do seu pescoço. Camila despegou a testa da parede, repelindo o meu beijo. Porém, deixou-se ficar a sentir o meu corpo, levando o copo aos lábios e ingerindo o resto da bebida.

Eu sentia um desejo enorme por ela. A atracção e a paixão que lhe devotava, sempre que a via, tinham crescido ao longo da noite. E a sua permissividade, deixando-me tocá-la, aumentavam os níveis de desejo em fazer amor com ela.

— Eu amo-te Camila! — exclamei, quase ofegante, agarrando-a pela cintura e beijando-lhe o pescoço.

— Vem Pedro! — foi a sua resposta, deixando que eu a encostasse à parede.

As minhas mãos entraram na sua saia, algo que ansiava fazer, mal a vira na casa de Jorge e Eduardo. As pontas dos meus dedos passaram por pontos saudosos, livrando-a da cobertura ao meu desejo. Fi-la sentir as saudades que tinha do calor do seu corpo, enquanto as minhas mãos subiram até aos seus seios, apertando-os suavemente sobre o tecido do vestido. Camila arfava de prazer, deixando-se pressionar entre o meu corpo e a parede, sentindo-me em si. Foi inesquecível, explodir de prazer dentro de si, repetindo algo que o meu corpo não tinha havia demasiado tempo e ansiava desde o primeiro segundo longe dela.

Camila revelava um semblante saciado, quando a voltei para mim. Beijei-lhe os lábios e continuei a acariciá-la como se o orgasmo ainda não tivesse acontecido. Ela mantinha os olhos semi-cerrados, beijando-me aos tropeções e apoiando-se em mim com os braços à volta do meu pescoço.

Parecia estar algo embriagada, mas longe de não ter consciência do que se estava a passar. Não trocava as palavras nem dizia coisas sem nexo. Apenas se equilibrava com alguma dificuldade.

— Promete-me que esta noite fica só entre nós. — pediu, olhando-me nos olhos.

— Achas que iria contar a alguém? — interroguei eu, beijando-lhe os lábios.

— Vou... confiar... em ti. — respondeu, entre beijos.

Conduzi-a até ao quarto e ajudei-a a despir-se. Camila deixava-me fazer tudo o que quisesse, demonstrando-se fragilizada, rendida e carente. Completamente nua, entrou na cama e ficou a observar-me, enquanto eu me despia para me juntar a ela. Recebeu-me no calor do seu corpo, entre os lençóis e cobertores da cama, querendo sentir o meu

peso e abraçando-me com as suas pernas. Fizemos amor novamente, entregando-nos totalmente até adormecermos saciados nos braços um do outro.

— Não o devíamos ter feito! — foi a primeira coisa que ela me disse na manhã seguinte.

Camila acordara-me logo que também ela despertara de um sono calmo. Tentei dar-lhe um beijo, mas ela recusou.

— Não sei o que me passou pela cabeça. — lamentou-se.

— Pára com isso, Camila! — exigi. — Ambos o desejávamos, ontem.

— Aproveitaste-te de mim. — queixou-se, levantando-se da cama e tapando-se com a ponta do lençol.

— Não digas disparates. — retorqui. — Podes estar arrependida. Mas, não me vens dizer que não o desejavas tanto quanto eu.

Camila virou-me as costas, sentada na cama, sem encontrar palavras para me contrariar. Tentou levantar-se, mas eu travei-a, puxando-a pelo pulso.

— Camila...

Ela voltou a sentar-se, aguardando as minhas palavras.

— Eu amo-te, Camila! Nunca deixei de te amar. Tu sabes isso. Sempre soubeste.

Camila olhou para mim, trazendo um olhar entristecido e forçando-se a um sorriso.

— É tarde, Pedro! Tivemos a nossa oportunidade. — lembrou. — Desperdiçámo-la.

— Nunca é tarde, quando se ama. — argumentei.

— Essas frases caem bem, mas não nos levam a lado nenhum. — redargui. — O que sucedeu esta noite não irá alterar, em nada, o nosso futuro. Eu continuarei noiva do Nick e irei casar com ele.

Sentia-me magoado com as suas palavras, mas não a condenei por elas. Se criara novas expectativas em relação a Camila, só as devia a mim. Quando a convidara para ali, até quando chegara a sugerir o que de facto acontecera, não lhe propusera mais que uma noite de amor como recordação do passado. Apenas uma noite e não um regresso.

— Eu amo-te, Camila! — tornei a repetir como se a sua mudança de decisão estivesse pendente do número de vezes que repetisse aquela frase.

Camila abanou a cabeça, desesperando. Escondeu o rosto com o cabelo e começou a soluçar. Desviei os cabelos caídos, destapando a sua face de traços ténues asiáticos, e encontrei duas lágrimas a verterem dos olhos verdes.

— Porque choras? — perguntei num tom carinhoso.

— Parvoíce... — balbuciou, limpando o rosto com as costas da mão.

— Perdoa-me! — pedi, quase não evitando chorar por a ver chorar. — Começo a chegar à conclusão que te faço mais mal que bem.

— Não! — contrariou prontamente. — Não é isso. — Fez uma pausa, segurando o choro. — Estou tão confusa. Parece que os meus sentimentos andam todos embrulhados, cá dentro. — Soluçou novamente, derramando mais lágrimas. — Até ontem, parecia ter a certeza que estava a fazer o correcto, mas agora... — Caiu num pranto desesperado.

Abracei-a com força e deixei-a chorar à vontade, sem dizer nada e aguardando que ela se recompusesse. Camila deixava-se proteger por mim, escondendo-se no meu abraço. Acalmou-se e limpou mais uma vez o rosto com as costas das mãos.

— Já não sei se quero casar. — confessou, subitamente, espantando-me com a mudança de decisão. — Eu amo o Nick, mas também te amo, Pedro! Que merda. Porque é que a vida é tão confusa?

— Camila...

A sua mão esticada na minha face, obrigou-me a calar.

— Não digas nada, Pedro! Peço-te. — implorou sem evitar o corrimento das lágrimas pelo rosto. — Preciso de tempo para pensar. Tenho que pensar muito bem no que vou fazer. — Fez nova pausa. — Por amor de Deus, Pedro. Não interpretes isto como uma intenção de voltar para ti.

— Como queres que interprete, então? — inquiri, contagiado pelas suas duvidas.

— Não sei, Pedro. — respondeu. — Só não quero criar-te novas esperanças.

Com aquela frase, levantou-se da cama e refugiou-se na casa de banho.

A manhã já ia avançada. Demasiado avançada para quem planeara partir cedo para Paúle. Camila e eu caímos no silêncio, enquanto nos vestimos e preparámos para deixar a casa. Tapei os móveis que descobrira e fechei o apartamento, ignorando quando voltaria ali. No caminho até ao carro, sugeri a Camila um pequeno-almoço, o qual ela recusou por falta de apetite.

Conduzi o Mégane em direcção a Lisboa, envolto num silêncio capaz de me ferir os ouvidos. No entanto, não queria falar com Camila, temendo cair no mesmo assunto de sempre. A casa de Camila localizava-se na zona do Restelo, uma moradia que Nick comprara em Lisboa para ambos viverem.

Compreendi que Camila não quisesse que a levasse até à porta, receando algum comentário dos seus empregados. Parei a mais de cem metros da casa.

— Podemos voltar a encontrar-nos? — perguntei, antes das despedidas.

— É melhor, não! Eu...

— Por favor, Camila. — pedi. — O teu noivo só volta daqui a dois meses. Tal como dizes, não vou criar esperanças. Mas, podemos repetir a dose desta noite, até ele voltar.

Camila tentou lançar o seu melhor olhar de ofendida. Contudo, a recordação do que fizéramos não a deixou. Ela seria capaz de encontrar os piores adjectivos para se classificar, perante o que fizera. Só que o seu corpo queria repetir. Que mal faria, fazermos amor até o seu noivo voltar?

— Combinávamos e encontrávamo-nos em minha casa, em segredo. — insisti. — Não contamos a ninguém. Nem aos nossos maiores confidentes.

A ideia do fruto proibido tentava-a.

— Não sei, Pedro.

Só o simples facto de ela vacilar na recusa, já era um motivo para eu acreditar que iríamos repetir aqueles encontros.

— Tenho de ir. — avisou, abrindo a porta do carro.

— Não me dás um beijo? — questioneei.

Camila hesitou um instante, acabando por me dar a saborear a sua boca e a sua língua. Mal findou o beijo, afastou-se e saiu do carro, fugindo a qualquer coisa mais que eu pudesse dizer.

Três horas mais tarde, cheguei a Paúle, encontrando a chuva no lugar do Sol e da temperatura agradável que deixara em Lisboa.

A monotonia do percurso permitiu-me pensar se deveria contar a Susana o sucedido com Camila. Fora isso que nós combináramos. E se havia a hipótese de reatar a relação com Camila, eu deveria afastar Susana. No entanto, Camila já me habituara a tomar decisões opostas ao que esperaria dela. Talvez fosse cedo para tomar uma atitude dessas. Seria melhor esperar para ver se Camila se encontraria novamente comigo. E “despedir” Susana não levaria muito tempo.

Ao entrar em casa, em Paúle, Susana recebeu-me com muita saudade. Abraçou-me muito e beijou-me com paixão. Ela não percebeu, mas eu não a conseguia encarar da mesma forma como o fazia, antes de partir na manhã anterior.

— Será que já posso saber o que foste fazer a Lisboa? — inquiriu Susana.

Segui até à sala e sentei-me no sofá-cama.

— O pai do Aquiles queria falar comigo. — informei, tentando descansar.

Susana seguiu-me, interrogando-se:

— O senhor Lúcio Velez? O candidato à presidência do Benfica? Que queria ele de ti?

— Quer que eu volte ao Benfica, caso ele ganhe as eleições. — expliquei.

Sentando-se ao meu lado, Susana constatou:

— Por isso é que não querias que eu soubesse. Tinha medo que eu fosse contar a alguém. Tu não confias em mim!

Olhei-a sem dizer nada, mas com um semblante que confirmava as suas palavras.

— Compreendo-te. — disse ela. — Eu, no teu lugar, teria as mesmas desconfianças. Mas, podes acreditar, não tenciono voltar a falar com o Ambrósio. Talvez um dia confies em mim.

— Tive receio que pudesses... Sei que já não tens qualquer contacto com o Ambrósio. — justifiquei. — Só que a dúvida assolou-me o espírito e optei...

— Tudo bem, Ivan! — atalhou ela. — Não tem importância.

Percebi que ficara magoada. As últimas semanas tinham-lhe dado a ilusão de que as coisas haviam mudado. De facto, a nossa relação mudara, mas não ao ponto de confiar nela. Contudo, não quis que se sentisse ferida. Ajoelhei-me no chão, em frente a ela, e encarei o seu olhar.

— Acredito que tenha sido injusto. — disse.

— Não tem importância.

Lançou-me um sorriso e começou a puxar a saia para cima, revelando-me a ausência de qualquer outra peça de roupa. Afastou as pernas e convidou-me a aproximar-me.

— Comissão de boas-vindas! — exclamou. — Estava desejosa que voltasses.

Ajoelhado no chão, arrastei-me para o meio das suas pernas e puxei as calças para baixo. Segurava-o na direcção do seu convite, quando me lembrei:

— Vou buscar um preservativo.

— Não sejas parvo, Ivan! Há já tanto tempo que não usamos?!  
— lembrou ela. — Anda! Quero sentir-te dentro de mim.

Ivan Pedro

XVII

A semana aproximava-se do fim, acordando eu a meio da manhã do feriado de Sexta-Feira Santa, sozinho na cama. Apalpei a metade dos lençóis onde Susana dormia e encontrei-os frios, sinal de que se levantara bastante cedo.

Desde que eu voltara de Lisboa que não conseguira voltar a ser o mesmo com ela, evitando-a, afastando-a cordialmente, esfriando uma relação que corria bem. Camila não me saía da cabeça e ansiava por notícias dela. Nunca perdia o telemóvel de vista e todas as noites ficava horas a navegar na *internet*, deitando um olho ao *email* e outro ao ICQ.

Susana notara o meu afastamento, mas preferiu não se pronunciar ou interpelar-me acerca do que mudara em mim. Talvez tivesse alguma suspeita, optando por não acelerar um processo que teria como fim o seu afastamento da minha vida.

Levantei-me da cama e espreitei pela janela, encontrando uma manhã iluminada pelo Sol quente de princípio de Primavera. Saí do quarto e constatei que estava sozinho em casa. Fui tomar um banho e aprontar-me para o dia que se iniciava para mim.

Susana entrou em casa quando eu me preparava para sair. Estivera às compras no minimercado de Sebastião Lenin, mesmo por baixo da casa. Carregava vários sacos com compras, os quais largou à entrada, pedindo-me para a ajudar a levá-los para a cozinha.

— Não me dás um beijo? — questionou ela, vendo-me pegar nos sacos e ignorando-a.

Não o fizera intencionalmente, por isso, pedi-lhe desculpa e toquei-lhe os lábios levemente com os meus.

— Que se passa, Ivan? — perguntou, enquanto eu transportava as compras para a cozinha. — Tens andado estranho.

— Está tudo bem. Talvez seja algum cansaço. — justifiquei.

Susana caminhou até á cozinha e começou a abrir os sacos para arrumar o conteúdo nos armários. Sem perder a atenção no que fazia, ela inquiriu:

— Não estarás assim por causa da filha da ricaça?

— De quem? — interroguei eu, sem perceber.

— A filha da engenheira. — explicou, guardando um pacote de arroz no segundo armário. — A Raquel Calheiros.

Franzi o rosto, não entendendo onde queria ela chegar.

Susana guardou os ovos e a carne no frigorífico, dizendo:

— Ivan! Eu sei da história da vossa relação. A Manuela contou-me tudo, quando estiveste fora. Somos amigas e ela quis avisar-me que a Raquel ia voltar a Paúle, na Páscoa.

— A Manuela é parva! — exclamei.

— Não fales assim da tua irmã! — repreendeu-me indignada.

— E não é só ela. Tu também és! — continuei. — Que coisa mais estúpida, eu preocupar-me com a Raquel.

— Não percebo porquê. — retorquiu Susana. — Foi uma pessoa importante na tua vida.

— Quem? Ela? — interroguei com uma expressão incrédula. — Porquê? Só porque a “comi” uma vez?

Susana largou as arrumações para me enfrentar na discussão, encarando-me olhos nos olhos. Colocou as mãos na cintura e barafustou:

— Como te atreves a falar assim de uma rapariga que quase engravidaste?

— Não fales do que não sabes, Susana! — avisei, começando a ficar farto das suas condenações. — Ela nunca esteve grávida! E à custa dessa treta, perdi a hipótese de voltar para a mulher que amava.

Aquela parte, Susana não conhecia porque Manuela também não a conhecia e não lha poderia ter contado. Reparei que o seu rosto se alterou, assolado pela dúvida de quem era a outra pessoa. Podia não lhe conhecer a identidade, mas sabia a quem eu me referia, pois eu falara-lhe, algumas vezes, na minha história com Camila.

— Eu não tenho nada com isso. — atalhou Susana, virando-me as costas.

— Agora é que disseste uma verdade! — exclamei, levantando os braços ao céu. — Talvez a única nestes últimos dias.

Susana tornou a olhar para mim, visivelmente magoada. Encarou-me com os olhos a tremer e indagou:

— Que foi que eu fiz, Ivan?

Encolhi os ombros, revelando um desconhecimento total ao que ela se referia.

— Porque me tratas tão mal, desde que vieste de Lisboa?

— Eu não te trato mal. — argumentei.

— Não? — insistiu ela. — Vejo que não te tens observado. A forma como me falas, a forma como foges de mim, me evitas. Tens vindo a levantar a barreira que pensava termos derrubado. — Suspirou, desiludida. — Que aconteceu em Lisboa?

— Não aconteceu nada, Susana! — exclamei fatigado. — Estou farto dessa pergunta, caraças. — Virei-lhe as costas e caminhei para a porta da rua com a intenção de sair.

— Vais atrás dela? — inquiriu.

— De quem?

— Da Raquel.

Parei junto à porta e direcionei-lhe um olhar irritado. Peguei nas chaves do carro, deixadas sobre uma mesinha na entrada, e retorqui:

— Não me lixes o juízo com esse assunto! A Raquel foi apenas mais uma, entre tantas com quem fui para cama.



— Tal como eu?!

— Tal como tu! — confirmei secamente.

— Incrível, como consegues magoar tanto as pessoas, Ivan Pedro!

— Magoar? — questioneei. — Sabes lá o que é ser magoado. Pensas que te estou a magoar? Estou a ser sincero contigo. Se essa tua cabecinha imaginou alguma coisa, entre nós, para além de umas fodas, és tu quem te está a magoar.

— És uma besta! — afirmou, colérica. — A minha “cabecinha” não imaginou nada. Julguei ter conhecido um ser humano encantador, tal como te mostraste ser até ao início desta semana. Não penses que esqueci os nossos acordos. Sei o que esperas de mim e sei o que esperar de ti. Só peço que, em consideração ao cumprimento de todas as tarefas que me exigiste, me respeites. Não quero ter uma imagem de “encornada”.

Aproximei-me ligeiramente dela. Baixei o tom de voz, acalmando a discussão.

— Não tenho qualquer vontade de rever a Raquel. — disse-lhe. — Estamos a discutir um assunto sem fundamento.

Susana baixou o olhar, direccionando-o para o chão. Acabou por dizer:

— Tens razão, Ivan! Desculpa-me!

Dei-lhe um beijo na testa e afastei-me, saindo para a rua.

Claro que a notícia do regresso de Raquel Calheiros à região (não a Paúle, pois odiava aquele antro de pacóvios) trouxe para a ribalta a recordação do caso que tivera com ela. Estava certo de que o assunto era falado pelas pessoas de Paúle, as quais teriam alguma curiosidade em ver as nossas reacções, quando nos reencontrássemos. No entanto, eu não tinha a mínima vontade de rever Raquel. Esperava mesmo conseguir atravessar a quadra pascal sem sequer lhe pôr a vista em cima.

A filha da engenheira Amândia Calheiros regressara ao palacete da família na noite anterior, trazida pelo motorista da casa que a fora buscar a Coimbra. Não deveria ficar muito para além do dia de Páscoa, regressando na Segunda-Feira seguinte.

No entanto, calhou que no Sábado à tarde, logo a seguir ao almoço, a encontrasse na estrada que ligava Paúle a Midões, já dentro da zona midoense. Isso acontecera porque eu tivera de ir à mercearia do senhor Herculano e da dona Gertrudes comprar batatas, coisa que nunca havia no minimercado de Sebastião.

Na viagem de regresso, vi a lambreta de Raquel parada à porta da farmácia de Midões. Sei que disse não ter intenções de a voltar a ver, mas senti um impulso de a rever, nem que fosse para saber se estava diferente. Estacionei o carro, ligeiramente, mais acima na estrada apertada que descia à parte baixa da povoação, onde se situava a farmácia, saindo do Mégane e aguardando.

Apenas o cabelo estava mais curto, continuando ela em todos os aspectos a ser a Raquel que eu conhecera. Permanecia elegante e atraente, sobressaindo de longe entre qualquer outra mulher daquela terra. Através dos óculos escuros, apercebeu-se da minha presença. Fingiu que não me viu e sentou-se no assento da lambreta.

— Raquel! — chamei.

Ela virou a cabeça para trás e olhou-me com um semblante pouco simpático.

Retirei os meus óculos escuros e aproximei-me dela.

— Que queres? — perguntou com arrogância.

— Reconheci a tua lambreta. Parei só para te cumprimentar.

— Escusavas de te ter incomodado. — retorquiu com desprezo.

Levantei os braços em sinal de rendição e questionei:

— Para quê essa atitude, Raquel?

— Que atitude?

— Essa arrogância e esse desprezo?

Raquel soltou uma gargalhada irónica e contrapôs:

— Deveria tratar-te de outra maneira?

— Pensei que fossemos amigos.

Abanando a cabeça, ela interrogou:

— Amigos? Deves ter uma memória muito curta, Ivan Pedro.

Depois do que me fizeste, ainda achas que somos amigos.

Baixei a cabeça, olhando para as suas calças de ganga. Mantive os braços cruzados e um pé apoiado na pedra, ao lado da mota.

— Que te fiz eu? Não terá sido o que me fizeste a mim? — argumentei. — A história da gravidez que afinal não era. Ter ido para a cama contigo foi dos maiores erros da minha vida!

O rosto de Raquel endureceu ainda mais, retirando os óculos-escuros e lançando-me um olhar de completo ódio.

— És um cabrão! — afirmou. — Foste tu quem me convidou para a cama. Sabias que gostava de ti e aproveitaste a situação.

— Tu andaste meses a oferecer-te! — redargui. — Só faltou meteres-te debaixo de mim. Até quiseste ter um caso temporário até eu voltar para a Camila.

Raquel deu-me uma chapada violenta na cara, respondendo ao que lhe dissera. Recompus-me do impacto, reparando que algumas pessoas nos observavam, sentadas nos bancos de jardim, em frente à farmácia. Olhei para ela, esfregando devagar a face que ela atingira.

— Se não estivessem aqui estas pessoas, levavas um murro nessa tromba... — disse baixinho, disfarçando para os curiosos.

— És muito mau! — exclamou, enraivecida. — Também já bates em mulheres? Um canalha completo, sim senhor. — E colocou o capacete na cabeça, arrancando na sua motorizada e seguindo pela estrada.

Sem grande pressa, regresssei ao carro e fui atrás dela. Não teria muita dificuldade em alcançá-la. Contudo, não queria espectadores. Por isso, perseguindo-a, deixei que chegasse à zona da estrada onde só havia pinheiros em ambas as bermas. Nessa altura, ultrapassei-a e fiz-lhe sinal para que parasse. Como ela não obedeceu, atravessei-lhe o automóvel à frente da motorizada, obrigando-a a travar rapidamente, parando a escassos centímetros do carro.

Abandonei o carro e contornei-o na direcção dela. Raquel retirou o capacete da cabeça, segurando-o sobre as pernas, e disse:

— Ó grandessíssimo filho da puta! Queres matar-me?

Num acto reflexo, dei-lhe uma estalada na cara que lhe fez saltar o capacete das mãos e quase a derrubou da motorizada. Ficou com o cabelo despenteado em volta da cabeça, tacteando a face avermelhada.

— Agora que estás mais calma, podemos conversar como gente séria? — disse-lhe.

— Não temos nada a dizer. — respondeu, arranjando o cabelo.

— Desculpa o estalo! — pedi. — Posso aceitar que me ofendas, mas não à minha mãe.

Raquel desmontou da lambreta e foi apanhar o capacete. Logo que puxou o cabelo louro para trás, notei a marca dos meus dedos na sua face. Acertara-lhe com demasiada força.

— As minhas desculpas à mamã. — ironizou, evitando encarar-me o olhar.

— Sinceramente, não pensei que reagisses daquela forma, quando te vi. — confessei. — Se soubesse, não teria parado lá.

Ela limpava a poeira do capacete, parecendo nem me ouvir.

— Se pensasses um bocadinho, chegarias à conclusão que não serias muito bem recebido. — contrapôs. — Até mesmo agora, ainda me ofendes a dizer que... — Olhou para mim, magoada. — Foda-se, Ivan! Insinuaste que eu era uma puta.

— Tens razão. — concordei. — Peço desculpa!

Voltou a subir para o assento da lambreta.

— Pedir desculpa não resolve tudo! — afirmou. — Em relação ao que aconteceu entre nós? Eu pensei que estava grávida e cometi o erro de o partilhar contigo. Deu para perceber, assim que reviste a Camila, que eu podia morrer aos teus pés que tu nem ligarias. — Uma lágrima começou a escorrer-lhe pela face. — Tu nunca me amaste! Mas, eu amei-te. Suportei a ressaca de um sonho tornado realidade numa noite, mas que não durou até à manhã seguinte.

— Eu pensava que a Camila tinha morrido. — lembrei.

— Tenho andado este tempo todo a recuperar do que me fizeste sofrer. — prosseguiu. — Durante aquele tempo em que julgava estar grávida, não sabia o que fazer à minha vida, pois sabia que tu nunca ficarias comigo. Nem eu te queria, sendo o bebé a única razão de ficares

comigo. Por isso recusei a merda do teu pedido de casamento. Ainda para mais, depois de teres sido desprezado pela Camila.

— Ela não me desprezou. — corrigi. — Afastou-me porque eu lhe contei que estavas grávida. É por causa disso que digo que essa história me custou o amor de Camila. Ela estava a dar-me uma segunda oportunidade, quando... — Encolhi os ombros. — A besta fui eu, se não lhe tivesse contado...

— Tens uma rica forma de ver a vida. — ripostou Raquel. — Basta ver pelo que me disseste á pouco: “Ter ido para a cama contigo foi dos maiores erros da minha vida”.

— Não te quis ofender.

— Não ofendeste. — emendou. — Magoaste-me! — Suspirou desiludida. — Nós fizemos amor... Ou melhor, eu fiz amor contigo! Para ti deve ter sido mais uma queca.

Encostei-me ao carro, despenhando o olhar no solo empedrado e empoeirado. Cruzei os braços e fiquei a esfregar a sola do sapato na terra. Voltei a levantar os olhos para ela e encontrei-a a encobrir a cabeça com o capacete.

— És capaz de ter razão. — conclui. — Sou um estupor.

— Se o és ou não, pouco me importa. — disse com a voz abafada pelo interior do capacete. — Só te peço que te afastes de mim. Evita-me! Eu farei o mesmo contigo.

Ligou novamente a ignição da lambreta e retomou a linha de alcatrão até desaparecer após o cruzamento, desviando para o caminho que passava á porta da Casa de Paúle, o palacete da família Calheiros.

Caminhando lentamente, voltei ao interior do Mégane e conduzi vagarosamente pela estrada até Paúle. Ficara chocado com toda a raiva que Raquel demonstrara para comigo. Estupidamente, pensara que ela encarara o que acontecera entre nós com naturalidade. Fora um erro de cálculo e de avaliação das emoções dela. Respeitaria o seu pedido de não me aproximar dela e evitá-la ao máximo.

Estacionei o carro no sítio do costume. Retirei os sacos com as batatas do porta-bagagem e carreguei-os para casa. Entrei no apartamento, encontrando Susana à minha espera, em pé com as mãos nas ancas e irritada.

— Demoraste muito tempo! — constatou, esperando uma justificação.

Estranhei a postura, pois ela nunca me cobrava demoras ou as escalas que fazia fora de casa.

— Nem reparei no tempo que demorei. — respondi, transportando os muitos quilos para a cozinha.

— Todo este tempo para ir a Midões comprar batatas? — continuou. — Devia estar uma grande fila para as comprar.

— Onde queres chegar? — questionei, farto daqueles rodeios.

— Estiveste com a Raquel, não foi? — inquireu, possessa.

— O quê?

— Não mintas! Sei de tudo.

— Estás parva? — soltei, incrédulo. — Sabes o quê?

— Tenho estado ali na varanda, à tua espera. — contou Susana.

— Entretanto, o doutor Gervásio chegou e disse-me que te tinha visto, em Midões, a conversar com a Raquel.

Engraçado que o pobre homem o dissera sem intenção, pois ele próprio me pedira desculpa, dias mais tarde, por tal informação se lhe ter escapado.

— É verdade. — confirmei. — Qual é o problema?

— Qual é o problema? — repetiu. — Ainda perguntas? Como é que eu fico no meio desta história?

Apontando com o meu indicador para a minha testa, disse:

— Deves estar maluquinha. Eu não te devo satisfações daquilo que faço.

— Sei que não. — concordou. — Mas, a partir do momento em que me “pintas” como tua namorada, exijo que me respeites. Já hoje te disse: A nossa relação pode não passar de um acordo, mas para as pessoas de Paúle, somos quase noivos. Se queres envolver-te novamente com essa galdéria, avisa-me para eu fazer as malas e ir-me embora.

— O filme que já vai para aí! — suspirei num misto de aborrecimento e diversão. — Concordo contigo. Devo-te esse respeito! — Sentei-me no sofá. — Encontrei a Raquel em Midões e fui cumprimentá-la, nada mais. Ficámos a conversar algum tempo. Foi só isso, ó “noiva”.

Susana esforçou-se por segurar o sorriso, mas acabou por o soltar. Eu levantei-me do sofá e fui até ela, abraçando-a pela cintura e beijando-a com paixão.

— Vamos fazer amor!

— Agora? — interrogou ela como se houvesse uma hora exacta para o fazer.

— Agora! — confirmei, não aceitando recusas.

Peguei-lhe ao colo e levei-a para o quarto, enquanto ela me fustigava a boca com beijos fogosos, reveladores de uma vontade selvagem em saciar toda a tesão que lhe percorria as veias. Podia ter alguns defeitos, mas era uma amante fenomenal.

Larguei-a sobre o colchão e fiquei a observá-la a despir-se, ajoelhada na colcha da cama. Abriu a camisa, acariciando os seios e lambendo os mamilos, insinuando-se para mim. A saia foi puxada para a cintura e a sua mão entrou nas cuecas. Susana começou a acariciar-se, fechando os olhos e soltando pequenos gemidos.

— Queres que me masturbe para ti? — sugeriu, olhando-me com languidez.

Abanei afirmativamente a cabeça, encostando-me à parede do quarto, deliciando-me com a sua actuação.

Susana inclinou o tronco para trás, apertando um dos seios com uma mão, levando a outra a pressionar o interior do tecido rendado. Ela sabia como aquilo me excitava. Soltava gemidos arrastados, ronronando a cada toque que oferecia a si própria. Atirou as cuecas para o chão, largou a camisa na cabeceira da cama, ficando só com a saia enrolada na cintura. Virou-se de barriga para baixo e abriu as pernas, empinando o rabo.

— Anda! — convidou. — Vem penetrar-me!

Libertei-me da roupa que vestia e saltei para a cama, colocando-me sobre ela, encostando o meu peito às suas costas. Entre as suas pernas, conduzi o fruto do seu desejo, fazendo-o entrar em si. Susana respondeu com um ronronar sensual.

Segurava os tornozelos com as mãos, puxando as pernas para cima, tornando o seu corpo num baloiço, enquanto eu saltava sobre si, embatendo nas suas nádegas rijas e curvilíneas. Apoiava-me nas mãos e nos joelhos, investido freneticamente contra ela. Quanto mais aumentava o ritmo, mais ela gemia de prazer.

Foi mais um momento delicioso de paixão com sexo intenso e uma enorme explosão de prazer. Porém, o nosso entendimento alterara-se, esfriando aquela ligação que se vinha a edificar desde as vésperas do Carnaval.

Logo que terminámos, levantei-me da cama e fui para a casa de banho sem dizer uma palavra. Não partilhámos um beijo nem qualquer assunto, nem tão pouco permanecemos a desfrutar da companhia do parceiro. Susana já estava completamente arranjada quando voltei, deixando-me um quarto vazio de calor humano.

Se acendíamos a chama ela ardia bem, mas apagava-se rapidamente.

Jantámos com os olhos na televisão, mantendo um completo silêncio entre nós. Ninguém se esforçava por quebrar a falta de diálogo.

Observávamos o noticiário com uma atenção concentrada. Nesse instante, o jornalista relatava alguns acontecimentos desportivos, o que fez Susana aproveitar para levar os pratos para a cozinha. Naquele bloco, o homem anunciou mais uma transferência do futebol português, um antigo colega meu no Benfica que se transferira para o Real Madrid. E calcule-se quem era o empresário dele? Ambrósio.

— O estupor do teu amigo facturou mais uns milhões. — disse eu, quando Susana regressou à sala.

— Que amigo? — questionou.

— O Ambrósio!

— Deves ser parvo. — respondeu, zangada pelo comentário.

— Que foi? Ofendi-te o querido? — interroguei num tom irónico, franzindo o nariz.

Susana olhou-me com raiva e contrapôs:

Ivan Pedro

— Não sei a que propósito vem a merda dessa conversa, Ivan.

— Tão a propósito como a tua, esta tarde, em relação à Raquel.

— argumentei.

— Ahhhhhh! — exclamou, elevando a voz. — Então é isso. Que eu saiba, eu não tenho andado a falar com ele.

— Sei lá...

— Ouve, Ivan! — dirigiu-se-me irritadíssima com a suspeita. — Não te admito isso! Não tens razão para duidares do que te digo.

— Nem tu, em relação à Raquel. — retorqui, levantando-me da cadeira.

— Mas, a merda da Raquel já estava esquecida, Ivan. Tu é que estás a falar nisso.

Apontando-lhe o dedo, ameaçadoramente, avisei:

— Vê lá como falas da Raquel. Pára com os “merda” a cada frase que dizes. Parece que vieste das barracas.

Susana ficou incrédula, a olhar para mim, mas sem dizer nada. Observava-me com um olhar enraivecido e magoado, sem compreender porque a tratava assim.

— Porque é que não o dizes? — interrogou, meio engasgada.

— Não digo, o quê?

— Porque é que não dizes que queres que me vá embora? — completou. — É isso que queres não é? Prefiro que o digas, a tratares-me como me tens tratado. — Levantou as mãos. — Aliás, não é preciso que o digas! Eu vou-me embora.

— Não sejas parva! Não é nada disso.

Susana ignorou-me e seguiu para o quarto. Eu fui atrás dela.

— Eu não quero que te vás embora! — afirmei, encarando-a. — Não te armes em vítima, numa questão que tu própria levantaste.

— Vítima?

— Sim. — confirmei. — Parece que hoje nos temos desentendido demasiado. Vou espairer um pouco, mas não quero que te vás embora.

E com aquelas palavras, saí de casa e fui andar de carro pela noite.

Ivan Pedro



XVIII

Nem sabia bem para onde ir, conduzindo o carro pela estrada de Paúle. Passei em frente ao café da dona Palmira e encontrei Aquiles à porta. Parei e fiz-lhe sinal para se aproximar.

— Que andas a fazer? — perguntou-me.

— Ando a dar uma volta. — respondi.

— Sozinho? — indagou. — Deixaste a Susana em casa?

Assenti com a cabeça.

— Queres ir até Oliveira, beber qualquer coisa e conversar um bocado? — convidei. — Estou a precisar de me afastar um pouco de Paúle.

Aquiles percebeu que eu não estava muito bem e aceitou o convite.

A estrada entre Paúle e Oliveira do Hospital embrenhava-se na mais completa escuridão, interrompida apenas na passagem por Travanca de Lagos. Os candeeiros que se perfilavam ao longo do alcatrão, mal se iluminavam a eles próprios, quanto mais à estrada. Decidi parar junto a um pequeno bar, numa rua da cidade de Oliveira do Hospital.

O lugar era bastante calmo com uma suave música ambiente, a qual permitia que as pessoas pudessem conversar. Parecia um pequeno *pub* irlandês.

Aquiles e eu sentámo-nos ao balcão, num dos altos bancos que o rodeavam, pedimos duas colas fresquinhas, as quais saberiam bem num ambiente tão quente como aquele.

— Pareces preocupado. — alertou Aquiles. — Posso ajudar em alguma coisa?

Abanei a cabeça negativamente, enquanto dava um golo na bebida. Pousei o copo no balcão e disse:

— Está tudo bem. Precisava espairecer um pouco.

Aquiles não se convenceu com a minha justificação, porém também não insistiu. Optou por olhar para a movimentação da clientela que se espalhava pelo interior. Poderia haver uma ou outra rapariga que chamasse a sua atenção, mas a maior parte não lhe despertava interesse.

— Ainda bem que amanhã não há jogo, senão... — constatou Aquiles. — Não poderíamos estar aqui. Houve uma vez que ia tendo problemas, ainda jogava nos juvenis, por ter ido para a *night*, duas noites antes de um jogo.

— No Paúle não ligam a isso, a menos que te queiram lixar. — disse eu, recordando o que acontecera comigo. — No ano passado, souberam que cheguei a casa depois das quatro da manhã e excluíram-me de um jogo.

— E como é que se resolveu?

— Quiseram instaurar-me um processo disciplinar. Só que o jogo foi tão humilhante para o Paúle que preferiram esquecer o assunto, a revelarem-se culpados pela minha ausência.

— Foste para a má vida? — questionou com um ar gozão.

— Não! Estive a conversar com uma amiga e perdi-me nas horas.

— Sei...

Sabia que ele não acreditava naquilo. Contudo, pouco me importava com isso. Dei mais uns golos na minha cola. Reparei que o olhar de Aquiles se desviara na atenção de algo. Deixei-o divagar naquilo que prendia a sua concentração, até ele dizer:

— Já viste aquela miúda?

la a olhar para trás, mas ele travou-me:

— Não! Não olhes que ela vê.

— Está sozinha? — indaguei.

— Parece que sim.

— Porque não vais falar com ela? — sugeri.

— Não sei...

— Vai lá! — insisti. — Não te preocupes comigo. Eu fico aqui com a minha cola.

A princípio, Aquiles hesitou. No entanto, a jovem correspondera aos seus olhares e instigara-o a interpelá-la. Ele largou o copo no balcão e saltou do banco, caminhando pelo meio das pessoas, sentindo uma tremedeira nas pernas. Segui as suas passadas até ele se abeirar da mesa dela, podendo finalmente ver a quem ele se referia. Vi uma jovem mulata de cabelo comprido, roupas jovens e informais, aspecto atraente e pouco mais velha que ele, se é que não tinha a mesma idade.

Aquiles abordou-a e ela acolheu-o de forma simpática, convidando-o a sentar-se ou a aceitar o seu pedido para lhe fazer companhia. Donde estava não dava para perceber.

Permaneci sozinho no balcão, olhando para o copo meio vazio e pensando na vida. Passados alguns minutos, fartei-me de ali estar e decidi ir-me embora. Virei-me no banco para procurar Aquiles, de forma a dizer-lhe que iria para casa. Nesse instante, sem intenção, acertei com o cotovelo na pessoa que ia a passar atrás de mim.

— Desculpe! — pedi eu, assim que senti o toque.

Olhei para trás e surpreendi-me com o rosto conhecido.

— Devo ter feito algum mal a alguém para estar a levar contigo outra vez. — barafustou Raquel. — Com tantos sítios nesta parvónia, logo tinha de entrar num em que estivesses tu.

— Desculpa a cotovelada. — repeti. — Não te queres sentar?

Raquel ficou a olhar para o banco vazio.

— Tens uma lata! — exclamou. — Achas que me vou sentar a teu lado?

Espreitei ao longo do balcão e referi:

— É o único vago. Podes sempre sentar-te no chão.

— Engraçadinho...

Contra vontade, Raquel lá acabou por se sentar, não deixando de avisar:

— Vê lá se não falas comigo!

— Como queiras. — concordei. — Vieste sozinha?

Raquel lançou-me um olhar colérico.

— Vês alguém aqui comigo? — questionou furiosa. — Só se estiver no meu bolso. Parece que és parvo.

— Podias estar à espera de alguém. — contrapus.

— Porquê? Uma mulher não pode vir beber um copo sozinha?

Encolhi os ombros, aceitando o facto como sendo perfeitamente natural.

Antes que voltasse a dizer alguma coisa, Aquiles apareceu junto de mim, informando-me que iria sair dali com a rapariga que conhecera. Não lhe perguntei onde ia, nem tinha nada com isso. Limitei-me a saber:

— Queres que espere por ti?

— Não. Eu arranjo-me.

Dei-lhe um abraço e vi-o abandonar o bar, acompanhado pela rapariga.

— Vê-se logo que é teu amigo. — concluiu Raquel, quando retornei à minha posição anterior, virado para o balcão. — Anda no engate, à noite, atrás de uma queca com uma desconhecida.

— Não digas isso. O Aquiles não é assim.

— Pois não. — ironizou. — Vocês, homens, são tudo estrume da mesma merda!

Soltei uma risada, dizendo:

— Não é “farinha do mesmo saco”? É uma versão nova de tua autoria?

Raquel não respondeu.

— Não podemos fazer umas tréguas? — sugeri. — É Páscoa. Isso não te deixa mais... Sei lá. Mais apaziguadora?

— Só podes estar a gozar-me. — retorquiu com raiva. — Deves estar a esquecer-te que, para mim, a Páscoa significa a época em que nos envolvemos e em que me deixaste, ao rever a Camila. Já percebi que não te recordavas que tinha sido na Páscoa.

O meu olhar demonstrava isso mesmo. Esquecera por completo que a fora buscar ao comboio, a Carregal do Sal, na Sexta-Feira Santa do ano anterior. E fora nessa noite que nos envolvêramos. E fora na manhã seguinte que Camila aparecera na minha porta, em Paúle, para me dizer que não morrera.

— Peço-te desculpa, Raquel! — pedi, acentuando o tom pesado na minha voz. — Não foi com intenção.

Ela encolheu os ombros, desinteressada na questão.

— Nunca tens intenção de nada! — redargui. — Só que as pessoas saem sempre magoadas, quando se aproximam de ti.

— Não tenho argumentos para te rebater. — disse eu. — É um facto. Sei que magoo as pessoas. Mas, acredita que não é de propósito. E, no teu caso, não foi.

— Já hoje te disse que não basta pedir desculpa. Não podemos fazer as porcarias e esperar que um “desculpa” resolva tudo. — Raquel falava com um tom menos agressivo e mais condenatório, tipo reprimenda. — Não te digo isto para que mudes o que quer que seja, em relação a mim. Digo-to para que sirva de aviso a evitares magoares outras mulheres.

— Terei mais atenção.

— Terás mesmo? — inquiriu, descrente. — Olha para ti! Estás num bar, sozinho, à noite, em vez de estares em casa com a tua namorada. Uma namorada que é quase como se fosse tua mulher, segundo se diz. Vivem maritalmente não é? Que diria ela, se soubesse que estavas aqui a falar comigo?

— Mas, tu agora és a minha consciência? — interroguei aborrecido.

— Não, Ivan! Aliás, nem digo mais nada. Se não queres ouvir o que penso, também não vou dizer só o que queres ouvir.

— Ok, desculpa! — Dei o último golo na bebida. — Pela tua boca, sou o maior estupor do mundo.

— É a imagem que me passaste. — explicou. — Espero, para teu bem, que nem toda a gente tenha a mesma que eu!

Senti-me cansado fisicamente e agastado com a conversa. Poderíamos ficar ali a noite inteira a debater o meu carácter. Uma ideia que não me interessava.

— Vou-me embora. — comuniquei.

— Também vou. — Pegou no telemóvel. — Vou telefonar ao meu motorista para me vir buscar.

— Deixa lá estar o homem a dormir. — disse eu. — Eu levo-te!

— Não é preciso.

— Vá lá! — insisti.

Raquel acabou por se deixar transportar até casa.

Felizmente que optara pelo silêncio, durante a viagem. Trouxera-a por cortesia, ficando-lhe agradecido por não me entupir os ouvidos com repreensões e condenações pelo passado. Não queria continuar a discutir. Teria muito gosto em ter novamente a amiga, mas dispensava tudo o resto.

Não encontrámos uma pessoa ou um carro que fosse, em todo o trajecto entre Oliveira do Hospital e o palacete da família Calheiros. A noite ia longa e dificilmente haveria alguém por aquelas bandas, na rua. Parei junto aos altos portões verdes, esperando que ela saísse do carro.

— Obrigado! — agradeceu com simplicidade, saindo do carro.

Nem respondi, limitando-me a observá-la a caminhar pelo terreno até à entrada. O segurança de serviço abriu-lhe a porta e ela entrou. Não olhou uma única vez para trás. E ainda bem que não o fez.

A estrada em frente aos portões seguia numa longa recta que se perdia na escuridão da floresta, a qual se estendia por largos quilómetros até São Geraldo. Vista de dia já não era tão verde como outrora, devido ao fogo que ali acontecera. Contudo, àquela hora, olhando para o fundo da estrada, via-se o amontoado escuro de sobras, tendo um pouco acima pequenos pontos de luz, vindos da povoação mais próxima.

Preparava-me para arrancar de regresso a Paúle, quando... Os meus olhos quase podiam jurar que o tinham visto, ao fundo na estrada, perto do último foco de luz, um cavalo branco saltar do nada para a estrada, atravessando-a na direcção da mata e perdendo-se do meu ângulo de visão.

Não quis acreditar, mas não deixei de acelerar até lá, embrenhando-me na escuridão da mata. Parei na berma da estrada, saindo apressadamente do carro e correndo até ao muro lateral, espreitando para a floresta. Muito ao fundo, no meio do negrume, pareceu-me ver um vulto branco perder-se no meio das árvores. Não sei o que seria ou se seria realmente alguma coisa. Esfreguei os olhos, tentando espevitá-los. Contudo, apenas a escuridão e as sombras ali se mantinham.

Regressei ao carro com a imagem na cabeça, mesmo não tendo a certeza de nada, pois a recordação era semelhante a um sonho. Conduzi pela estrada iluminada, rumo a Paúle, temendo sempre ser surpreendido por uma cena idêntica. Só que isso não aconteceu.

Estaria eu louco? Quase poderia jurar que se tratava de um cavalo branco. Talvez um animal fugido de uma qualquer quinta... Talvez até mesmo da propriedade da família Calheiros. Foram tudo dúvidas que me assolaram o espírito, enquanto chegava a casa.

Susana já dormia na cama, sozinha e enroscada nos cobertores. Deitei-me e adormeci quase de imediato. Na manhã seguinte, a imagem não passava de uma recordação ténue a que não dei importância.

O Domingo de Páscoa apresentara-se algo nublado. Acordei tarde e encontrei um almoço frio na mesa à minha espera. Susana deixara-me um bilhete a dizer que ia visitar a minha irmã.

Nessa tarde, fui até ao café da dona Palmira, procurando os amigos para passar a tarde à conversa. Encontrei um estabelecimento praticamente cheio, repleto de paulenses conhecidos. Os almoços na vila tinham sido em família, onde muitos se juntavam na celebração da quadra. No entanto, à tarde, após a passagem do padre com a cruz pelas casas dos devotos, a população reunia-se no café como costume. Numa mesa, Augusto, Teodoro e Aquiles conversavam animadamente. Mal me viram, chamaram-me para junto deles.

— Olá pessoal! — cumprimentei. — Estão animados.

— O Aquiles está a contar-nos as suas peripécias. — explicou Augusto.

— Que peripécias?

— Com a miúda, ontem. — disse Aquiles.

Tive receio que ele pudesse comentar a presença de Raquel, naquela noite. No entanto, não sei se Aquiles reparara nela. E se tivesse reparado, não teria notado que estávamos a conversar. Além disso, Aquiles não conhecia Raquel.

— Para onde foram? — perguntei, curioso.

— A gaja era tímida. — começou Aquiles. — Estávamos a conversar, a lançar olhares... Perguntei-lhe se não queria ir para outro sítio. Disse-me que sim. — Largou um sorriso. — Levou-me para uma esquina a alguns metros dali e começámos a curtir.

— Curtir? — interrogou Teodoro, pouco acostumado aos termos da juventude da capital.

— Deram uns beijos. — traduzi.

— Beijos? — questionou Aquiles. — Não foram só beijos. Aquele corpinho foi todo passadinho a ferro.

— Mas, disseste que era tímida. — lembrou Augusto.

— Tentei despi-la. — prosseguiu Aquiles. — Disse-me que ali não. Perguntei onde, então. Respondeu-me que não era uma qualquer e que não andava a fornicar nas esquinas. Já viste isto, Ivan? Atirou-se a mim e depois não era nada com ela.

— E então? — indagou Augusto, expectante.

— Lá lhe fui dando uns beijinhos... toquei aqui e ali...

— E...? E? — insistia Augusto.

— Bolas, Augusto! — exclamou Teodoro. — Pareces os putos a ver uma revista pornográfica.

Soltámos todos uma gargalhada.

— O resto deixo à vossa imaginação. — rematou Aquiles. — E tu, Ivan? Como foi o resto da tua noite?

— Nada de especial.

— Estava uma loura ao teu lado. — recordou-se Aquiles. — Não tentaste nada?

Abanei a cabeça.

— Não seria necessário! — respondi. — Era a Raquel.

— Eh lá! — espantou-se Teodoro.

— Quem é a Raquel? — perguntou Aquiles.

Com um olhar preocupado para mim, Augusto respondeu:

— É a filha da engenheira Calheiros.

— Vocês...? — questionou Teodoro.

— Não! — apressei-me a negar. — Ficámos a conversar. E acabei por a levar a casa. Mas, por favor, não deixem este assunto sair daqui.

Todos se comprometeram a não comentar aqueles pormenores. Eu não queria que Susana soubesse, pois iríamos discutir, certamente. Notei que Augusto ficara com um semblante preocupado, adivinhando um novo caso com Raquel, o que colocaria um fim à minha relação com a actual melhor amiga da minha irmã. Esse fim estava próximo, mas não pela razão que ele esperava.

— Aconteceu uma coisa estranha, quando a deixei no palacete dos Calheiros. — disse eu, partilhando com eles, o que sucedera. — Vão dizer que eu estou maluco, mas acho que vi um cavalo branco a atravessar a estrada da floresta.

Esperava uma gargalhada geral como reacção aos meus relatos. Contudo, os rostos de Augusto e Teodoro permaneceram sérios. Só Aquiles esboçava um sorriso, estranhando logo de seguida os seus semblantes.

— Também tu? — inquiriu Teodoro.

— Também eu, o quê? — perguntei.

— Aqui o Teodoro não acredita nessas coisas. — disse Augusto.

— Não acredita no quê? — voltei a perguntar.

— No mito do unicórnio branco. — explicou Augusto.

— No quê? — espantei-me eu. — Unicórnio branco? Afinal, vocês é que estão doidos.

Aquiles interrompeu as questões lançadas para o ar e quis saber do que se falava. Teodoro explicou:

— Diz-se que existe na mata um unicórnio branco, o qual aparece a meio da noite, saltando para estrada e desaparecendo no meio do pinhal.

— Certo é que só foi visto por uma pessoa, até ontem. — adicionou Augusto.

— Sim. — confirmou Teodoro. — Pelo bêbado do Norberto, quando trabalhava em São Geraldo e vinha de mota, a meio da noite, com copos a mais. Antes de desviar para Paúle, a seguir à mata, dizia que lhe aparecia um cavalo branco enorme com um grande corno na testa, a saltar a estrada e a desaparecer no pinhal. Nunca ninguém viu nada. E a palavra de um bêbado, vale o que vale.

— Mas, o Ivan não bebe. — lembrou Augusto.

— E tens a certeza que o viste mesmo? — questionou Teodoro, olhando-me.

Encolhi os ombros e o assunto ficou por ali.

Ao fim dessa tarde de Domingo, Raquel Calheiros retornou a Coimbra, voltando para o ambiente estudantil que tanto apreciava, especialmente por se encontrar longe de Paúle e dentro do urbanismo que adorava.

A história do unicórnio branco não fora esquecida, apesar de não se ter falado no assunto no resto da semana. Ninguém lhe ligara, enquanto a única testemunha fora Norberto. Contudo, quando eu falei

nisso com a suspeita de ter visto algo semelhante, pelo menos os que me ouviram, interessaram-se.

Numa semana em que nada de relevo acontecera, Augusto sugerira no treino de Sexta-Feira que fossemos, nessa noite, até às imediações da propriedade Calheiros, perto da floresta para ver se víamos o unicórnio. Não falámos do assunto a ninguém, pois tomar-nos-iam por loucos.

Assim, logo após o jantar, reunimo-nos no café da dona Palmira e seguimos no carro de Aquiles, pois era mais discreto. Percorremos os dois quilómetros entre Paúle e o palacete dos Calheiros, estacionando na berma da estrada, logo depois da propriedade, virados para a escuridão da floresta. Aquiles conseguira colocar o carro mesmo fora da estrada, evitando alguma desatenção de qualquer condutor que ali passasse.

O Smart Forfour era um carro pequeno exteriormente, porém, bastante espaçoso por dentro. A zona do banco traseiro chegava a ser mais ampla que a do meu Mégane Coupé. Sentado no seu lugar de condutor, Aquiles desligou a ignição e todas as luzes. A seu lado sentava-se Augusto, olhando para as sombras da noite. Eu optara pelo assento traseiro, atrás de Aquiles. E Teodoro fazia-me companhia naquele sector.

Estávamos para lá do último candeeiro da estrada, completamente envolvidos na escuridão da noite. A Lua mal se via, escondida pelas nuvens. Todos procurávamos qualquer movimento nas sombras da floresta, observando o negrume e esperando que dele saltasse um unicórnio branco.

— Se os seguranças do palacete nos vêem, ainda cá vêm. — disse Teodoro, olhando para trás e vislumbrando ao longe a entrada da propriedade.

Mantendo a atenção no exterior, Augusto exclamou:

— Isso é que era bom! Só faltava que nos viessem aborrecer, estando nós numa via pública.

— Não me admirava que o fizessem. — confidenciou Teodoro.

O meu ângulo de visão abrangia parte da floresta e o muro lateral da propriedade, junto à estrada que seguia directa à parte inferior de Paúle, uma via muito mal tratada com mais terra que alcatrão. Raramente era utilizada por carros. A estrada contornava a propriedade ao longo de muitos metros, perdendo-se para lá de uma curva à esquerda, continuando a cercá-la, mas já fora do nosso ângulo de visão.

Aquele muro recordava-me a noite em que assistira ao aproximar das chamas, naquele incêndio ateadado por Rui com a cumplicidade de Xavier. Foi dali, estando eu do lado de dentro dos terrenos da família Calheiros, que presenciara o pânico das pessoas que se aglomeraram naquela estrada rudimentar, temendo pelos seus haveres.

As horas foram passando e nem sinal do mito. Começávamos a ficar impacientes e com vontade de regressar às nossas casas.



Tínhamos até já chegado a esse consenso, quando eu avistei luzes ao fundo da estrada velha.

— Que é aquilo? — perguntei.

— É um carro, Ivan! — respondeu Aquiles. — Não debes estar a pensar que, esta noite, o unicórnio veio de carro, pois não?

Os outros dois soltaram umas risadas.

Continuei a olhar e vi as luzes apagarem-se. Nada de extraordinário se, segundos mais tarde, não tivesse vislumbrando no escuro, dois vultos negros caminharem cautelosamente, junto ao muro.

— Conseguem ver aquilo? — interroguei para o grupo, apontando para lá.

Eles seguiram a minha indicação com o olhar. A princípio, tiveram dificuldade em os discernir por entre as sombras. Porém, após alguns instantes, também os viram.

— Que estarão a fazer? — interrogou-se Teodoro.

Por enquanto, ninguém tinha resposta para ele.

O carro de Aquiles era perfeito. Pequeno e escuro, disfarçado pelo amontoado de sombras na berma. Mesma assim, tomávamos precauções para que não se apercebessem da nossa presença. Contudo, por muito camuflados pela escuridão que estivessemos, se continuassem a caminhar naquela direcção, dariam por nós ali.

A meio da travessia entre a curva e o cruzamento onde estávamos, os indivíduos pararam e encostaram-se ao muro. Só Aquiles não conhecia o interior da propriedade, pois eu e os outros percebemos o porquê de pararem ali.

— Eles vão saltar o muro. — constatou Augusto.

— Sim, aquele é o local onde o terreno interior é mais alto, logo, mais fácil de transpor. — disse eu.

Ingénuo, Aquiles perguntou:

— Que vão eles fazer?

— Nada de bom, certamente! — afirmou Teodoro. — É melhor avisar os seguranças.

— Concordo.

Os dois estranhos desapareceram do lado de lá do muro. Não havia tempo a perder. Sugeri a Teodoro que seguisse com Aquiles de carro até aos portões, ficando eu e Augusto ali, aguardando a eventualidade de eles saírem novamente por onde entraram. Todos concordaram com a ideia.

Augusto e eu saímos do carro e escondemo-nos atrás do muro, em frente ao alto muro da propriedade Calheiros. Vi Aquiles ligar a ignição com suavidade e dar a volta, seguindo na direcção da entrada e só ligando as luzes, a meio do trajecto para não denunciar a nossa posição.

Teodoro sugerira que tivéssemos os telemóveis à mão e os usássemos em caso de necessidade. Apesar da distância, consegui vê-lo sair do carro e dirigir-se aos portões. Não dava para ouvir o que

dissera. Os seguranças deram-lhe toda atenção, pois conheciam-no. Vi Aquiles sair do carro e seguir Teodoro, acompanhando os seguranças na procura dos estranhos invasores.

Ao perdê-los de vista, direcionei a minha atenção para o muro da propriedade. Subitamente, ouvi gritos de alerta, vindos do interior da propriedade. Os seguranças haviam detectado a localização dos invasores e perseguiam-nos pelo terreno privado. Estava certo que se trataria de miúdos numa qualquer aventura irresponsável, talvez uma aposta de amigos em como conseguiriam entrar na propriedade.

Mantendo a nossa posição, Augusto e eu vimos os vultos saltar o muro, por onde entraram. Corriam em fuga desesperada. Peguei no telemóvel, ligando para Aquiles, de forma a denunciar o seu posicionamento. Só que Augusto teve a infeliz ideia de gritar:

— Eih! Vocês! Onde pensam que vão?

Um dos tipos voltou-se para trás. A escuridão não deixava ver muito, mas dera para perceber que tinha algo nas mãos. Algo comprido que apontou para nós. Como Augusto estava de pé, tive o impulso de me atirar na sua direcção e derrubá-lo, ao mesmo tempo que ecoava um estrondo pavoroso. Ouvi os chumbos embater no muro. Fora uma sorte, o tiro que o indivíduo disparara não ter acertado em nenhum de nós.

Alertados pelo som do disparo, os seguranças apareceram no cimo do muro da propriedade com alguma precaução, não fossem eles voltar a disparar. Porém, os dois homens desapareceram após a curva e mais ninguém soube nada deles.

Nunca houve uma certeza absoluta do que ali acontecera. A hipótese mais plausível dava conta de um grupo de criminosos, vindos sabe-se lá donde, que tentaram assaltar o rico palacete da família Calheiros. Valeu a todos os que lá se encontravam que ali estivéssemos, dando o alarme para o que estava prestes a acontecer.

Felizmente não acontecera nada de grave. Havia uma certa ideia de que a província era um sitio calmo e sem criminalidade. Infelizmente, já não era assim. E ninguém estava a salvo de nada em lado nenhum.

Quanto ao unicórnio branco, enfim... Nunca mais houve relatos que tivesse sido visto. Eu próprio não tivera a certeza que o vira. E depois de uma aventura tão perigosa, não voltámos a pensar em procurá-lo.

XIX

— Pedro?

Nem acreditei, quando atendi o telemóvel e ouvi a voz de Camila no outro lado da linha. Apanhara-me sentado no sofá a ver um jogo da Superliga e a descansar do desgaste do jogo do G. D. Paúle, nessa tarde de Domingo.

— Olá, Camila!

— Espero não estar a incomodar-te. — desculpou-se ela, falando num tom suave e afável. Ouvia em fundo uma melodia harmoniosa. — Precisava de te falar.

— Tu nunca me incomodas! — disse, retribuindo o tom de voz.

Camila estava sozinha em casa, acompanhada pela música ambiente que pusera a tocar. Enquanto falava com ela, Susana passou pela porta da sala, espreitando e procurando saber com quem eu falava, sem me perguntar. Não sei se chegou a descobrir, pois virou costas à sala e seguiu para o quarto.

— Estás a pensar vir a Lisboa, brevemente? — indagou Camila.

— Porquê?

Sem evitar uma ligeira hesitação, respondeu:

— Gostava de te voltar a ver!

Por minha vontade, partiria de imediato para Lisboa. No entanto, já era tarde.

— Posso encontrar-te amanhã, ao fim da tarde, em Alcochete. — sugeri. — Que achas?

— Parece-me bem.

Não falámos muito mais, pois Camila pareceu-me apressada, logo que combinara o encontro. Desejei-lhe uma boa noite e bons sonhos, irradiando felicidade pelo seu convite.

Continuei sentado no sofá a ver televisão. Não que estivesse a dar alguma coisa que me interessasse. Apenas não tinha vontade de ir para a cama e encontrar Susana acordada. Esperei quase uma hora até me recolher.

Na manhã seguinte, quando me levantei, Susana já andava atarefada na cozinha. Sorriu ao ver-me, esperando um gesto igualmente simpático. Respondi com a notícia:

— Depois de almoço vou a Lisboa!

— Algum problema? — interrogou, preocupada.

— Não. — neguei friamente. — Vou porque tenho de ir.

Susana encolheu os ombros, dizendo:

— Se não queres dizer o porquê da viagem, tu é que sabes. — Retomou os seus afazeres. — Quando voltas?

— Amanhã.

O nosso relacionamento estava tão frio e distante que começava a ser indiferente a Susana, se eu estava em casa ou não.

Lá diz o povo “em Abril, águas mil”. E era verdade. Desde o começo do mês que ainda não houvera um dia sem chuva. Sabia bem o que me esperava, conduzindo pela estrada regional em direção ao IP3.

Não vou relatar a viagem, pois já devem estar tão fartos delas como eu.

A noite instalara-se completamente, no momento em que cheguei a Alcochete. Não chovia como durante a maior parte da viagem, mas, olhando para o céu, dava para perceber o nublado.

Entrei em casa, sentindo aquele sossego da zona, onde os ruídos eram fracos ou nulos. Assim que me sentei no sofá, telefonei a Camila para a informar que já chegara e saber que ela vinha a caminho. De seguida, novo telefonema para uma loja de pizzas, encomendando duas para o jantar.

Permaneci no sofá, perdido em pensamentos até ao momento em que a campainha tocou. Não sei ao certo quanto tempo passou. Levantei-me e caminhei para a porta.

Camila surgiu linda como sempre, movimentando-se com elegância e soltando sensualidade. Junto a mim, beijou-me na boca com naturalidade, como se a nossa relação nunca tivesse terminado.

— Desculpa, fazer-te vir até cá baixo! — pediu, despiendo o casaco.

— O que é que eu não faço para estar contigo? — interroguei.

Camila sorriu e mordeu o lábio inferior em jeito de provocação. Abraçou-me e convidou:

— Vamos fazer amor, Pedro!

Partilhando beijos apaixonados, conduzimo-nos mutuamente pela casa até ao quarto, desapertando botões e fechos, libertando os nossos corpos das roupas. Caímos em cima da cama, acariciando-nos. Observava o seu corpo, excitado e saudoso de apertar os seus seios, lambe os seus mamilos... E ela estava tão insaciável quanto eu.

Ficámos completamente exaustos, assim que toda a nossa excitação rebentou num poderoso orgasmo. Deitado na cama, aconchegando a cabeça de Camila no meu ombro, ali continuámos, tapados pelos cobertores.

— Vejo que acabaste por aceitar a minha sugestão. — disse eu, por fim.

— Como assim? — questionou.

— A ideia de nos encontrarmos até o “teu” Nick regressar. — expliquei.

— Não foi bem com essa ideia. — retorquiu. — Precisava de falar contigo.

— Gostei da conversa! — afirmei na brincadeira.

Camila levantou-se ligeiramente, ficando apoiada no cotovelo e olhando-me seriamente.

— Não brinques, Pedro! Estou com muitas dúvidas. — confessou. — O nosso último encontro mexeu muito comigo. Tenho pensado muito em ti e...

— E? — interroguei, expectante, transformando o meu semblante para um ar mais sério. — Onde queres chegar, Camila?

Baixando o olhar, confidenciou:

— Já não tenho a certeza de querer casar com o Nick.

Senti uma felicidade imensa a subir pelo corpo. Quase parecia um sonho, estar ali na cama com a mulher da minha vida, após fazermos amor, a ouvi-la dizer que não ia casar...

— Não estou a dizer que não vou casar! — exclamou como se adivinhasse os meus pensamentos. — Só estou a dizer que perdi as certezas.

— Não cases com o Nick! — pedi.

— As coisas não são assim tão fáceis. — lembrou.

Segurando a sua mão e encarando-a com toda a seriedade e todo o amor que sentia por si, disse:

— Casa comigo, Camila! Não cases com ele! Casa comigo.

Não esperava um “sim”. Foi mais uma tentativa desesperada para não a perder, daí a pouco menos de dois meses. Para ser franco, esperava um “não” ou “nem penses”. Só que a resposta foi... o silêncio.

— Então? Que me dizes? Aceitas? — insisti.

— As coisas não são assim tão fáceis. — repetiu. — E para te ser sincera, o teu convite não me ajuda em nada nas minhas dúvidas.

— Sabes como te amo, Camila!

Camila levantou-se da cama, procurando a roupa que se espalhara pelo chão.

— A questão não é essa. — contrapôs. — Não posso, agora, ir telefonar ao Nick e dizer: Olha, já não caso contigo. Vou casar com o Ivan Pedro!

— Não digo que o faças dessa forma, mas...

— E há a empresa. — recordou.

— Estou a ver qual é o teu problema. — constatei, desiludido. — Dinheiro!

— Achas, Pedro? — questionou, ofendida. — Achas que as minhas decisões se prendem com o dinheiro? Quando falo da empresa é pelo facto de ser vice-presidente, nada mais. Uma rotura com o Nick, obrigar-me-ia a abandonar a empresa, deixando-a à deriva até ele voltar. Além disso, eu também lá investi dinheiro. — Abanou a cabeça, descrente na minha compreensão. — Vou tomar um banho.

O seu regresso do banho coincidiu com a chegada do rapaz das *pizzas*. Coloquei-as no balcão da cozinha e retornei ao quarto.

— Encomendei duas *pizzas* para o jantar.

— Desculpa, mas não vou poder ficar para o jantar. — avisou.

Aproximei-me dela e indaguei:

— Ficaste chateada com o que eu disse?

Camila sorriu, acariciando-me o rosto.

— Não! — negou ela, dando-me um beijo — Só não quero demorar-me para não regressar a casa muito tarde.

— Pensei que passasses cá a noite.

— Perdoa-me se te levei a essa conclusão. — pediu ela, oferecendo-me mais um beijo e um abraço carinhoso. — Só queria estar contigo para fazermos amor e conversar.

— Voltamos a ver-nos?

Sorrindo-me com muito carinho, respondeu:

— Claro! Só não te sei dizer quando.

Trocámos um último beijo, antes de ela sair.

Camila deixara-me a ideia de que a minha proposta de casamento seria levada em consideração, restando apenas saber como terminar o noivado com Nick. O tempo que ela necessitava até voltarmos a estar juntos serviria para resolver isso. Fora esta a certeza com que ficara a pensar, enquanto saboreava a minha *pizza*, em casa, sozinho.

No entanto, todas estas supostas certezas eram equacionadas por mim, sem que ela me tivesse dito claramente o que planeava em relação ao futuro. A única certeza que me dera foi que nos voltariamos a encontrar.

Passei uma noite tranquila, mesmo sendo solitária. Dormi repousadamente e acordei muito cedo para percorrer novamente os quilómetros que me separavam de Paúle.

Se o Sol estivesse descoberto, não seria difícil perceber que a manhã estava no fim, no instante em que estacionei o carro às portas de Paúle, frente-a-frente com a minha casa. Contudo, a densa aglomeração de nuvens cinzentas dava uma tonalidade triste e incolor à realidade envolvente.

Entrei em casa e não encontrei Susana. Reparei num bilhete sobre a mesa da sala e caminhei até ele, pegando-lhe para ler a mensagem. Por momentos, cheguei a pensar que ela aproveitara a minha viagem para desaparecer da minha vida. Mas, não. O bilhete dizia só que a minha irmã tivera de ir ao Porto e a convidara para a acompanhar. Voltaria no final da tarde.

Sem nada que comer em casa, decidi ir almoçar a Oliveira do Hospital e passar a tarde a passear pela cidade. Regressei ao anoitecer, com tempo suficiente para ir buscar o equipamento a casa e seguir para o estádio do G. D. Paúle, onde cumpriria mais um treino da equipa. Nessa passagem por casa, ainda não havia sinal de Susana.

Quando saí do treino, acompanhado por Augusto, encontrei a minha irmã. Manuela já regressara do Porto. A primeira coisa que me disse foi:

— Já deixei a tua querida em casa!

Cumprimentei-a com dois beijos na face.

— Que se passa com vocês? — inquiriu com o seu ar autoritário de mana mais velha. — Ela anda tão triste.

— Deve estar com o período. — sugeri desinteressado.

Manuela olhou-me preocupada e continuou:

— Que se passa? Vocês já não se dão bem?

Encolhi os ombros.

— Julguei que fosse sério! — afirmou ela. — Aliás, julgámos todos!

Augusto abanou a cabeça em concordância.

Caminhando para o meu carro, disse-lhe:

— Temos que conversar, eu e ela. Esclarecer alguns assuntos. Penso que a nossa relação se está a esgotar. É melhor seguir, cada um, a sua vida!

— Ivan! Quando é que tomas juízo? — interrogou ela.

— Eu tenho juízo, Manuela! — ripostei. — Isso não implica que tenha de suportar uma relação doentia.

Eu usava argumentos que ninguém entendia. Nem eu mesmo os entenderia, se parasse para pensar neles. Dizia qualquer coisa para justificar o que se avizinhava, pois não queria contar a realidade.

Despedi-me de ambos e parti para a curta viagem até casa, onde encontraria Susana para uma conversa a que me obrigara, desde que chegara.

Susana estava sentada no sofá a ler uma revista, quando eu entrei em casa. Larguei o saco com o equipamento desportivo no corredor e sentei-me a seu lado.

— Olá! — cumprimentei.

— Olá! — retribuiu sem tirar os olhos da revista.

— Precisamos de conversar. — disse eu.

Susana folheou a revista, continuou a ler e disse:

— Fala! Estou a ouvir.

— Será que podes largar a revista e dar-me atenção? — pedi.

Susana depositou a revista no sofá, entre nós, e virou-se para mim. Notei-lhe o olhar magoado, quando aguardou as minhas palavras. E eu nem sabia bem por onde começar.

A sala iluminava-se com o candeeiro de tecto, não deixando faltar luz a nenhum canto. Olhei para a televisão e vi que estava a transmitir a quarta ou quinta novela da tarde.

— Quero falar-te sobre a minha viagem a Lisboa. — comecei. — Dizer-te o que fui fazer. — Fiz uma pausa, tentando encontrar uma forma simples de o dizer. — Fui encontrar-me com a minha ex-namorada, a Camila.

Susana permaneceu estática, encarando-me com esforço para não denunciar as suas emoções.

— Já da outra vez, quando fui tratar do contrato com o Benfica, nos reencontrámos. — continuei. — Passámos a noite juntos e começámos a falar em reatar a relação. Ontem, ela disse-me que já não quer casar com o noivo. E estamos a pensar casar!

O seu lábio inferior tremia, ligeiramente, seguro pelos dentes para não se notar muito. A revelação abalara-a. Eu, naquela altura, não percebera bem o porquê, considerando que a sua preocupação se limitava ao facto de ter de procurar uma solução para o seu futuro. Vi uma lágrima a escorrer do seu rosto, a qual ela limpou com a palma da mão.

— Queres que me vá embora? — perguntou com a voz trémula.

— Para já não. — respondi. — Quis, apenas, que estivesse a par do assunto para começares a planear a tua vida.

Susana anuiu com a cabeça e levantou-se do sofá. Antes de sair da sala, ainda lhe disse:

— É natural que volte a ausentar-me para a ir encontrar em Lisboa.

— Faz como quiseres! — exclamou, fechando a porta da casa-de-banho.

Senti um alívio enorme, após a informar dos factos, congratulando-me por não ter havido discussão. Permaneci sentado no sofá e mudei de canal, procurando algum noticiário.

Susana não colocou quaisquer objecções às minhas intenções, até porque aquilo era o resultado previsível do nosso acordo. Contudo, a relação transformou-se mais fria que nunca, tendo Susana passado a dormir no sofá e a dialogar comigo o mínimo indispensável. E não houve mais qualquer contacto íntimo entre nós.

Em finais de Abril decorreriam em Lisboa as eleições à presidência do Benfica, disputadas entre a direcção em funções e o senhor Lúcio Velez. Este convidara-me a estar presente na sede de campanha, na noite dos resultados.

Como era uma Sexta-Feira, tive de pedir autorização ao presidente Alfredo Carrapiço e ao treinador Freitas. Liberaram-me com o compromisso de estar de volta no dia seguinte, à tarde, pois o Paúle teria mais um jogo importante no Domingo. Tal como eu, também Aquiles obteve a autorização para se deslocar a Lisboa.

Lúcio Velez fizera uma campanha extraordinária, arrastando consigo multidões de sócios do clube. As sondagens atribuíam-lhe uma derrota à justa com valores entre os 47% e os 49%. Só que as sondagens valem o que valem.

Aquiles e eu partimos de Paúle pela manhã, pois ainda queríamos dar o nosso contributo nos resultados. Chegámos à capital à hora de almoço, seguindo para o Centro Comercial Colombo, onde almoçámos. Só após a refeição é que seguimos, a pé, até ao Estádio da Luz para exercer o nosso direito de voto.



Encontrámos uma longa fila de espera para chegar às urnas de voto. Segundo se dizia, aquele seria o sufrágio mais concorrido de sempre, calculando-se uma adesão de 80% a 90% dos sócios do clube.

Felizmente, o tempo estava agradável com um Sol encantador no céu. Ainda se sentia algum fresco no ar, mas dificilmente a chuva compareceria naquele dia.

— Achas que o teu pai vai ganhar? — perguntei a Aquiles.

— Espero que sim. — respondeu-me, abrindo o jornal desportivo que comprara antes de entrar na fila. — Já viste, o treinador do Porto vai deixar o clube. Parece que tem uma boa proposta do estrangeiro.

Espreitei para a folha e li o cabeçalho da notícia.

— Tem sido um técnico fenomenal. — referi. — Ganhou praticamente tudo.

— Diz aqui que se fala no técnico do Estoril para o substituir na próxima época.

— O José Luís? — interroguei, pasmado.

— Sim. — confirmou Aquiles. — Este não era o técnico do Paúle, a época passada?

— Era.

De facto, foi o grande salto na carreira de José Luís. Nada que me surpreendesse, só não esperava que fosse tão rápido. Porém, após a brilhante vitória do Paúle na Taça de Portugal e sua boa época no Estoril, colocando o clube a lutar por um lugar nas competições da UEFA, aumentaram ainda mais a atenção sobre o seu trabalho. Sabia que um dia ele chegaria ali. Tive pena que não fosse para o Benfica, pois tinha certeza que faria um bom trabalho e esperava reencontrá-lo lá.

José Luís foi mesmo para o Porto, na época seguinte, conseguindo ainda ir buscar Justino à Académica. O Porto só não contratou também o Hélder porque o Sporting se antecipou. Eram dois jogadores a atravessar um grande momento.

— Já estamos perto. — avisou Aquiles, olhando para a cerca de duas dezenas de pessoas que se entrepunham entre nós e a secção de voto.

Entrámos no enorme pavilhão, vendo uma linha de várias mesas de voto ao longo do interior. Diversas filas apinhadas de gente dividiam-se por elas, sendo que havia umas quantas mesas para sócios com direito a um voto, a cinco votos e a vinte votos, dependendo da antiguidade.

Não posso dizer que tenha sentido uma decepção ou surpresa pelo facto de ninguém me reconhecer. Já esperava que assim acontecesse. Passara pouco tempo no clube e longe da ribalta. Contudo, esperava pelo menos que um ou dois anónimos me reconhecessem da final da Taça de Portugal.

Chegado à beira da urna, apresentei o meu cartão de sócio. Um homem, de aspecto formal, conferiu a minha quota e entregou-me o boletim de voto com os nomes dos dois candidatos. Caminhei alguns

metros até ao biombo onde exerceria o meu direito ao voto secreto e desenhei uma cruz no quadrado de Lúcio Freire Velez. Aquiles repetiu os meus passos, logo a seguir, tendo saído do biombo depois de mim. Coloquei o papel dobrado na urna e aguardei que ele o fizesse. Tal como viéramos, saímos do pavilhão.

— Que vais fazer, agora? — indagou Aquiles.

Encolhi os ombros.

— Nem sei. Talvez vá até à minha casa, em Alcochete.

— Eu vou ficar por aqui. — informou. — Encontramo-nos logo, na sede de candidatura do meu pai?

— Não sei. Que vou lá fazer?

— O meu pai vai gostar de te ver lá. — disse ele. — Assiste connosco ao resultado. Sempre é melhor que ficar sozinho em casa.

— Tudo bem. Lá estarei.

A caminho de Alcochete, liguei a Camila. Encontrei-a a sair da empresa. Respondeu-me com frases curtas, pois estava a conduzir e com a atenção na estrada.

— Estou em Lisboa! — disse eu. — Queres ir ter comigo a Alcochete?

— Está bem. — concordou.

Fiquei a olhar para o fumo no ar, expelido pela boca de Camila, enquanto fumava um cigarro. Mal termináramos o nosso momento de paixão, ela retirou o maço de cigarros da mala e puxou um, segurando-o com os lábios. Permanecemos deitados na cama, cada um no seu lado, olhando para nenhures.

— Há muito tempo que não te via fumar. — constatei eu.

— Esta vida tem-me stressado imenso. — disse ela, dando uma baforada no cigarro. — Mais esta história do casamento...

— Já tomaste uma decisão? — perguntei, olhando para ela.

Camila abanou a cabeça negativamente.

— Ainda não tomei nenhuma decisão definitiva. E como não o farei, antes de o Nick voltar, tenho tempo para o fazer.

— Mas, eu gostava de saber com o que contava. — lembrei.

Camila levantou-se da cama, desfilando o corpo nu em frente aos meus olhos. Olhou-me com ternura e apagou o cigarro num cinzeiro velho que eu tinha sobre a cómoda do quarto.

— Tudo a seu tempo, Pedro. — disse ela. — Já me chegam as decisões que tenho de tomar na hora. Descansa que, assim que tomar a decisão, te direi.

Com aquelas palavras, pegou na roupa que trouxera vestida e seguiu para a casa de banho, onde foi tomar um duche. Continuei deitado na cama, pensando na instabilidade de toda aquela relação. Camila parecia inclinada para o fim do noivado, mas não se decidia. Restava-me ter paciência e confiar no seu juízo.

Já vestida e completamente arranjada, Camila regressou da casa de banho. Pensei que passasse a noite comigo, mas mais uma vez comunicou-me que não, justificando com os compromissos da manhã seguinte e a necessidade de descansar. Aceitei ambas, mais o beijo que me ofereceu, tocando-me os lábios com os seus, numa despedida meia apressada, deixando-me novamente sozinho.

Momentos depois, também eu fui tomar banho e arranjar-me. Vesti uma roupa informal, mas cuidada, e saí de casa, rumo a Lisboa.

Não tinha muita vontade de comparecer na sede de campanha de Lúcio Velez. O seu *staff* montara o quartel-general num edifício de esquina entre a Praça Duque de Saldanha e uma rua adjacente. Não acreditava que ele vencesse e a ideia de passar por lá só para “picar o ponto” entediava-me.

Chegado a Lisboa, fui jantar ao Centro Comercial Vasco da Gama. Curiosamente, ao mesmo restaurante onde jantara pela primeira vez com Susana, naquela época em que a cegueira da paixão me fazia suspirar por ela. Quando pensava nesses dias, tinha vontade de me bater por ter sido tão estúpido. Claro que Susana estava diferente, bastante diferente, o que não deixava de me surpreender. Contudo, sentia que aquela época da falsa Susana seria sempre uma marca adjacente à lembrança dela.

O restaurante já se encontrava numa fase de menor clientela, pois também não chegara cedo. Talvez estivessem metade das mesas disponíveis. A hora de maior movimento já passara. Perguntei a um empregado se ainda serviam jantares, àquela hora. Muito simpático, o jovem disse que sim e encaminhou-me para uma mesa.

Sentado na cadeira a olhar para a ementa, tive consciência que me perdera nas horas. Deveria faltar cerca de uma hora para fecharem as urnas de voto, no Benfica. Só depois se procederia à contagem dos boletins.

Feito o pedido, fiquei a contemplar o ambiente envolvente, enquanto aguardava pela refeição. Apesar de sozinho, sentia-me bem ali, envolto numa agradável paz de espírito, acompanhada pela música relaxante que ecoava pelo restaurante. Felizmente, não havia nem rádios nem televisões por perto.

Passada meia hora, estava eu a pagar a conta e a deixar o restaurante. Segui pelo elevador até ao parque de estacionamento, no piso -2, caminhei por entre os carros até chegar ao meu.

Liguei a ignição do Mégane e ouvi a música do rádio, o qual mantinha sempre ligado, sempre que conduzia. Pensei em procurar uma estação com notícias para saber as previsões dos resultados, uma daquelas sondagens feitas à “boca das urnas” que quase sempre davam o resultado final. Porém, concluí que tinha tempo de saber, pois tudo apontava para a vitória da actual direcção do clube.

Parti do Parque das Nações e conduzi calmamente pelas ruas de Lisboa, rumo à zona do Saldanha. Não devo ter demorado mais de vinte minutos, pois não havia trânsito. Foi mais complicado arranjar lugar

para estacionar. Tive de deixar o carro a uns bons cento e cinquenta metros do edifício sede de campanha.

Ao aproximar-me, dando passadas em ritmo de passeio, notei a iluminação abundante das janelas do edifício e o barulho do aglomerado de gente. Onde me tinha ido meter, pensei. Entrei no edifício, ficando a ser mais um dos muitos que por ali andavam, largando sorrisos. Dei por mim num salão apinhado de jornalistas que aguardavam uma declaração de Lúcio Velez.

Olhei para o relógio e constatei que as urnas já haviam fechado quinze minutos antes. No fundo do salão, vi Lúcio Velez aparecer na outra ponta, andando por um estrado e parando no meio, virando-se para os jornalistas.

— Meus amigos! — começou a discursar. — Apesar dos resultados das sondagens que a comunicação social tem transmitido, quero fazer um apelo à calma, pois ainda demorará algum tempo para termos os resultados finais. No entanto, quero expressar a minha alegria pelas previsões e garantir que, caso se confirmem, os benfiquistas terão em mim um veículo para o regresso aos títulos. Muito Obrigado!

E abandonou o estrado, não dando hipóteses a perguntas.

Fiquei confuso. Era um discurso de vitória. Olhei para o jornalista ao meu lado e perguntei:

— O que se está a passar? Quem ganhou?

— As sondagens indicam que o Lúcio Velez venceu com 62% contra 38%. — respondeu ele com naturalidade.

Só naquele momento percebi a importância da sua vitória. Ou melhor, só naquele momento é que parei para pensar no que poderia significar. E tudo se resumia a uma única coisa: Na época seguinte, eu estaria de regresso ao Benfica.

XX

Ao que parecia, o calor dava sinais de ter regressado, naqueles primeiros dias de Maio. Ainda não tínhamos chegado ao Verão, mas a temperatura durante o dia já era elevada. Só à noite é que o clima arrefecia.

Num belo Domingo primaveril, o G. D. Paúle iria deslocar-se a Santa Comba Dão para defrontar a equipa local, naquele que seria o nosso antepenúltimo jogo do campeonato. E era mais um desafio importante, pois estávamos em segundo lugar a defender a posição da ameaça do União de Coimbra, equipa com menos um ponto que nós.

Pelo segundo ano consecutivo, o Paúle fazia história. Desta vez não fora um acontecimento tão mediático como vencer a Taça de Portugal. Contudo, para o clube era a primeira vez que poderia chegar à 2ª Divisão B. E isso era um feito histórico para as gentes daquela aldeia.

Logo a seguir ao almoço, saí de casa e dirigi-me para o estádio de Paúle para me juntar aos meus colegas. Partiríamos dali para Santa Comba Dão num autocarro fretado, algo que era usual fazer, sempre que os jogos se disputavam no terreno do adversário.

Ao sair de casa, tentei saber se Susana estava bem, pois desde manhã que reparara que não andava muito bem-disposta, talvez alguma coisa que tivesse comido que não lhe tivesse feito bem, pois já vomitara. No entanto, o facto de a nossa relação não ser boa fez com que me respondesse com indiferença. Mesmo com a sua postura de “não te interessa”, telefonei a Manuela, a caminho do estádio, para lhe pedir que fosse vê-la.

Rumo ao local da concentração, fiquei a pensar se Camila já teria tomado uma decisão. Não me voltara a contactar, desde a última vez que estivera em Lisboa. E eu sabia que o regresso de Nick estava previsto para o fim do mês, logo, o prazo estava a esgotar-se. Quem também não voltara a dar notícias fora o recém-eleito presidente do Benfica, o senhor Lúcio Velez, para acertarmos os pormenores do meu contrato com o clube. Falara nisso a Jorge e este dissera-me para não me preocupar com isso, pois havia tempo para o fazer.

Todos os convocados se reuniram perto do autocarro, estando já todos lá quando eu cheguei. Pouco depois, chegou a equipa técnica, o doutor Gervásio e Livia. Por último, sem que fosse muito habitual a sua companhia, chegou Alfredo Carrapiço que seguiria connosco. Não pude deixar de reparar no seu semblante carregado, algo que se tornara regra, desde a prisão do filho.

A viagem até Santa Comba Dão não chegava às três dezenas de quilómetros. Uma viagem praticamente em silêncio, havendo apenas um ou dois focos de conversa entre a comitiva. À chegada ao estádio do nosso adversário, um clube classificado no meio da tabela, pude observar alguns dos nossos adeptos. Aliás, houve muitos paulenses a deslocarem-se ao estádio para nos apoiar, pois havia muita esperança que conseguíssemos esse feito histórico de subir à 2ª Divisão B.

Tal como era normal, equipámo-nos no balneário e subimos ao relvado para fazer alguns exercícios de aquecimento, perante o olhar dos poucos espectadores que começavam a chegar às bancadas.

Cerca de vinte a trinta minutos depois, regressámos ao balneário. Ao entrarmos, Alfredo Carrapiço aguardava toda a equipa. Sempre de semblante carregado, pediu a todos que se sentassem e começou a falar:

— Hoje temos uma boa hipótese de consolidar a boa época que temos vindo a fazer. — Freitas e Barnabé ficaram a seu lado e assentiam com a cabeça a cada frase que ele proferia. — É já uma grande vitória, tudo o que fizemos esta época. Por isso, não considero importante o facto de subirmos, ou não, de divisão. E é isso mesmo que está em causa, hoje. O Grupo Desportivo de Paúle não tem condições financeiras para jogar numa 2ª Divisão B. Por isso, aquilo que vos peço é que com toda a dignidade que nos têm habituado, façam um bom jogo, mas não o vençam.

— O quê? — interroguei, incrédulo com o que chegava aos meus ouvidos. — Terei ouvido bem? Está a pedir para que percamos o jogo?

— Não há dinheiro para a próxima época, se subirmos. — argumentou. — Ninguém se dispôs a patrocinar-nos, para além das empresas da engenheira Calheiros. E ela já afirmou que não vai aumentar o orçamento.

— Foi ela que o mandou pedir-nos para perder? — questionei.

— Não, Ivan! Eu sou o presidente deste clube. Eu é que sei o que é melhor para o clube. — disse Alfredo Carrapiço. — Também eu gostava de ver o clube a subir de divisão, mas não temos dinheiro para isso.

Barnabé deu um passo à frente e disse:

— Ó senhog Ivan Pedgo! O senhog é pago paga jogag! Não é paga fazeg a gestão do clube.

— Eu sou pago para ajudar o clube a ganhar jogos! — lembrei. — Como não é esse o objectivo, esta tarde, prefiro ficar de fora.

— Ivan! — chamou Joselino. — Tem calma!

— Não vou jogar! — acentuei, determinado. — *Mister!* Agradeço que coloque outro no meu lugar.

— Se não jogages, levas com um pgocesso disciplinag! — ameaçou Barnabé.

Contudo, Alfredo Carrapiço puxou-o pelo ombro e pediu-lhe para não se meter. Seguidamente, disse-me:

— Lamento que não compreendas a situação.

— Tenho alguma dificuldade em compreender a mediocridade, senhor presidente.

Alfredo Carrapiço, homem visivelmente abatido, encolheu os ombros e conformou-se com a minha opinião. Abandonou o balneário e

seguiu para o seu lugar na bancada. Alguns dos meus colegas acharam que eu devia ter sido mais compreensivo. Eu discordei.

A equipa técnica começou a dar instruções aos onze jogadores titulares, enquanto eu me vestia.

O G. D. Paúle perdeu o jogo, uma derrota que não foi mais que um complemento à exibição miserável que fora pedida. No entanto, quis o destino que não perdêssemos o segundo lugar, uma vez que a União de Coimbra também perdera, em casa, com o Cesarense. Com essa vitória, a equipa de Cesar garantia o primeiro lugar.

Penso que poderão imaginar o clima e estado de espírito de toda a comitiva, durante a viagem de regresso a Paúle. E na aldeia, eram muitos os rostos desiludidos. Felizmente, ninguém soubera do pedido de Alfredo Carrapiço, apesar do boato de que a direcção do clube não queria a subida. Aos que perguntaram, a minha ausência foi justificada com uma pequena lesão, após o aquecimento.

O Sol já se começava a pôr, quando chegámos a Paúle. Mal o autocarro parara dentro do terreno frontal à sede do G. D. Paúle, fui o primeiro a sair e segui para o meu carro, agastado com tudo o que acontecera nessa tarde. Não falei com ninguém e evitei Augusto e Aquiles que me pediram para aguardar.

Susana não se encontrava em casa, quando lá cheguei. Deparei-me com uma casa desabitada, o que me levou a pensar que Susana pudesse ter partido. Desde que lhe relatara os acontecimentos com Camila, ficara com a sensação que ela partiria a qualquer momento. Como pedira à minha irmã para olhar por ela, decidi telefonar-lhe para saber se Manuela sabia de alguma coisa.

— Ela está cá em casa! — informou-me a minha irmã, quando lhe liguei. — Estava a sentir-se mal e eu trouxe-a para aqui. Agora está melhor e vai cá passar a noite. Se quiseres, vem também.

Não senti a mínima vontade de aceitar o convite. Respondi com um:

— Obrigado, mana! Mas, vou ficar por aqui. Avisa a Susana que eu amanhã vou a Lisboa.

— É para ela ir aí ter contigo, amanhã?

— Não! Eu vou sozinho. É só para ela saber.

— Que vais fazer a Lisboa? — indagou Manuela. — Vais visitar os pais?

— Talvez.

Senti um ligeiro silêncio, do outro lado da linha, até ouvir a pergunta:

— Que andas tu a fazer em Lisboa, Ivan? Para que vais lá tantas vezes? Ainda para mais, sozinho e deixando a tua namorada cá.

— Depois conto-te. — atalhei, desligando o telefone e não dando possibilidade a mais perguntas.

## Ivan Pedro

Nessa noite, tentei ligar a Camila para lhe dizer que iria até Lisboa no dia seguinte. Não consegui contactá-la, pois tinha o telemóvel desligado. Acabei por lhe enviar um *email* com a notícia, pedindo-lhe para que me ligasse ao fim da manhã.

Apesar de toda a insatisfação que sentia pela forma como a minha equipa encarava o futuro, deixando-se perder e aceitando de ânimo leve as justificações de Alfredo Carrapiço, consegui passar uma noite tranquila. Dormi como uma pedra e só o despertador, a alertar para as sete da manhã, me conseguiu despertar.

Ainda não eram 08h00, já eu seguia pela estrada, deixando Paúle para trás, rumo a Lisboa.



XXI

Não passei mais que um dia em Alcochete, tendo partido novamente para Paúle na manhã seguinte. O encontro com Camila aconteceu em minha casa como era costume. Nunca ficava mais tempo para além do necessário. Quase se tornava um padrão os nossos encontros. Ela chegava a minha casa e envolvíamos-nos naqueles quentes momentos de prazer até cairmos exaustos. Trocávamos algumas frases, actualizando as informações um do outro. Esperava sempre que ela trouxesse a decisão final relativamente ao seu futuro. Só que a resposta continuava a ser um “preciso de mais tempo”. Mas, já não havia muito tempo até ao regresso de Nick.

Circulava pela A1 com um objectivo diferente ao que costumava ter quando por ali passava. Durante a noite, pensando na situação absurda do G. D. Paúle querer perder os jogos por falta de dinheiro para jogar numa divisão superior, surgiu-me um plano para ajudar o clube.

A meio da manhã... talvez mais ao fim da manhã, cheguei ao hotel do senhor Ulisses Velez. Ainda tive alguma dificuldade em encontrar o caminho, pois não me recordava de todos os pormenores do trajecto. Entrei no edifício e dirigi-me à recepção, sendo atendido por um senhor fardado com as insígnias do hotel no casaco.

— Bom dia! Gostaria de falar com o senhor Ulisses Velez.

— Quem devo anunciar? — perguntou o individuo.

— Ivan Pedro! — informei, sentindo algum receio que Ulisses Velez não se lembrasse de mim.

O recepcionista ligou para o escritório do patrão, enquanto eu fiquei a olhar para o interior do hotel, mais povoado de hóspedes que quando lá estivera da última vez. Assim que pousou o telefone, disse-me:

— O senhor Velez vai recebê-lo. — Fez sinal a um empregado e ordenou-lhe que me acompanhasse até ao gabinete do patrão. — O rapaz leva-o até lá.

O jovem levou-me pelo interior do edifício, guiando-me pelo mesmo caminho por onde passara com Aquiles. Só parou no instante em que nos deparámos com a simpática secretária do senhor Ulisses.

— Como vai, senhor Ivan Pedro? — perguntou gentilmente, estendendo-me a mão delicada.

— Bem, obrigado. — respondi, apertando com cuidado a sua mão.

Após dispensar o rapaz, conduziu-me até ao gabinete de Ulisses Velez.

Ao ver-me, Ulisses levantou-se da cadeira e veio cumprimentar-me no seu jeito afável.

— Peço desculpa por vir assim sem avisar. — disse eu, apertando a mão que me estendera.

— Não tem importância. — respondeu com um sorriso. — Quer um cafezinho?

— Não, obrigado.

Ulisses Velez fez sinal à secretária que não necessitava de mais nada e ela abandonou a sala, regressando ao seu local de trabalho.

— Que o traz por cá, amigo Ivan Pedro?

— Nem sei bem por onde começar. — confessei. — É um assunto algo melindroso.

— Ora essa, meu amigo. Desembuche! — exclamou, sentando-se na sua cadeira e convidando-me a fazer o mesmo na outra, em frente à sua mesa de trabalho.

— Não sei se é uma pessoa que dê atenção ao futebol...

— Alguma. — respondeu prontamente. — Acompanho a Superliga com especial interesse na Académica. E sigo os jogos daqui da Naval. Também tenho atenção aos resultados do Paúle, desde que o Aquiles joga lá. Por falar nisso, parece que o último jogo não correu muito bem.

— A nossa equipa está a passar por uma má fase. — expliquei. — Aliás, era por causa disso que lhe vinha falar. Temos boas hipóteses de subir de divisão, mas o clube não tem dinheiro para enfrentar uma competição como a 2ª Divisão B. Precisa de um patrocinador para a próxima época, mas tem sido difícil encontrá-lo. Por isso, pensei em falar consigo e saber se estaria interessado em patrocinar o Paúle.

O semblante de Ulisses alterou-se ligeiramente, abandonando a expressão amistosa de conversa de amigos para a postura de homem de negócios equacionando as vantagens da proposta.

— Vou ser muito sincero consigo, amigo Ivan Pedro. — disse-me. — Não tenho muito interesse em patrocinar uma equipa da 3ª Divisão.

— Mas, aquilo que lhe peço é que os patrocine, caso subam à 2ª Divisão B. — argumentei. — Até porque compreendo que só assim se justificaria para si, pois só aí a equipa teria uma visibilidade que lhe poderia trazer lucros.

— Como compreende, é uma situação que tem que ser pensada. — retorquiu. — Tem ideia dos valores que estamos a falar?

— Não. Mas, posso dar-lhe o contacto do presidente do clube. Ele, melhor que ninguém, o poderá elucidar nesse aspecto.

O senhor Ulisses Velez olhou para o relógio e disse:

— Tenho de ir almoçar. Faz-me companhia, amigo Ivan Pedro?

Abanei a cabeça afirmativamente.

— É uma situação difícil para os jogadores. — percebeu Ulisses, cortando um bocado de bife. — Mas, também compreendo a posição do vosso presidente. Também é difícil para ele, constatar que não pode ir mais longe por falta de dinheiro.

— Seja como for, sempre joguei para ganhar, por isso, se isto se mantiver assim, prefiro não jogar. — afirmei.

Estávamos ambos a almoçar na esplanada do hotel com o mar e a praia como paisagem. O restaurante estava bem movimentado, pois a melhoria do clima aumentara o afluxo de clientela ao local.

— Permita-me a pergunta, amigo Ivan! — pediu. — Se o meu amigo vai jogar para o Benfica, na próxima época, porquê essa preocupação?

Bebi um golo do meu sumo e expliquei:

— As pessoas de Paúle merecem que a equipa suba de divisão. E seria uma forma bonita de sair do clube, para mim, participando em mais um momento de glória. Talvez o que mais me irrite nesta história seja o pedido para perdermos. Sei que sempre fui terrivelmente ambicioso, por isso... Já quase tinha aceitado a ideia de não voltar a jogar pelo Paúle, perante os factos. Só que quando me lembrei desta possibilidade, decidi tentar falar consigo.

— O que me pede não é fácil. — argumentou Ulisses Velez. — Já para não falar que iria patrocinar uma equipa fragilizada, pois não iriam contar consigo na próxima época. E talvez nem com o Aquiles, pois não duvido que o meu irmão o queira de volta ao clube.

— O senhor Lúcio Velez prometeu-me um acordo com o senhor Alfredo Carrapiço, de forma a emprestarem alguns jogadores ao Paúle. — relatei. — Serão reforços para ajudar na campanha da próxima época.

— Sim... — concordou, torcendo o nariz. — São reforços, mas não deverão ir para Paúle mais que um ou dois. Não se esqueça que os jogadores do Benfica são indivíduos com ordenados altos. E o Benfica não vai suportar muitos salários de jogadores emprestados. Para além disso, não vão mandar para lá mais-valias, talvez emprestem algum ex-júnior ou alguma contratação falhada. Não sei até que ponto seriam reforços.

Dava para perceber que Ulisses Velez percebia do que estava a falar. Não se tratava de um mero curioso na informação desportiva. E, de facto, ele não deixava de ter a sua razão.

— Confesso que não sei o que dizer para o convencer. — suspirei. — Não o enganaria e concordo com as dúvidas que levantou. Sinceramente, acredito que eles têm potencial para fazer uma boa época na 2ª Divisão B.

— Você é bom rapaz, amigo Ivan! — exclamou Ulisses. — Até me sinto tentado a aceder ao seu pedido em consideração a si.

— Isso deixar-me-ia muito feliz! Mas, temo que possa ter algum prejuízo com o patrocínio. E não quero que pense que tento enganá-lo.

— Caro amigo Ivan! Estou consciente dos riscos. — disse peremptório. — Sou um homem de negócios. E os negócios acarretam riscos. — Bebeu um pouco do vinho tinto. — Meu amigo, se subirem de divisão eu patrocino o Paúle!

Senti uma enorme satisfação. Apesar de ter tido a ideia, não acreditava muito que conseguisse. Assim, estavam reunidas as condições para que o Paúle voltasse a jogar para ganhar.

Logo que terminámos o almoço, o senhor Ulisses Velez pediu-me imensa desculpa, mas teria de me deixar, pois tinha uma reunião. Convidou-me a permanecer no hotel e a desfrutar da praia. Agradei-lhe a oferta, mas declinei com a justificação que pretendia regressar a Paúle, nessa tarde. Despedimo-nos, não sem que antes o senhor Ulisses Velez reafirmasse a sua disponibilidade no patrocínio.

Lancei-me na travessia do IP3 debaixo de um Sol quente, rumando do litoral para o interior do país. Levava comigo a boa-nova do patrocínio, mas decidi não o revelar até encontrar a altura indicada.

Ao estacionar o carro no lugar do costume, deparei-me com o senhor Lenin à porta do seu minimercado.

— Olá, senhor Sebastião! — cumprimentei. Ninguém lhe chamava Lenin, pois era uma alcunha.

— Boa tarde, Ivan!

— Sem clientes? — questionei perante a sua postura sossegada. Lenin encolheu os ombros.

— Até logo! — finalizei, subindo as escadas para o apartamento.

Ao entrar, encontrei o mais completo sossego. Não se ouvia nada e o ambiente tinha uma penumbra escura. Ainda julguei que Susana estivesse deitada a descansar, mas afinal não estava lá ninguém. Sempre que regressava a casa, interrogava-me se seria daquela vez que Susana havia partido para sempre.

Sinceramente, na altura, não era um facto que me importasse. Sentia-me o melhor do Mundo, inchado de orgulho e arrogância. Parecia que tinha tudo ao meu alcance. Conseguira reatar a relação com a mulher que amava, estando em vias de poder vir a casar com ela, e estava a caminho do clube dos meus sonhos. O que se passava com Susana, se teria partido ou não, se estava bem ou mal era irrelevante para mim.

Como tinha treino nesse fim de tarde, optei por me deitar um pouco e repousar da viagem. Reparei nas roupas de Susana no quarto e constatei que não partira.

A vida corria-me bem. Parecia que nada me podia atingir. Considerava-me tão importante que até fora capaz de arranjar o patrocínio para o Paúle jogar a 2ª Divisão B, caso subisse de escalão.

Ali me deixei ficar, adormecendo despreocupado. Acordei pouco antes da hora de sair de casa e rumar ao treino.

No estádio de Paúle, encontrei uma equipa ainda abatida com os acontecimentos do fim-de-semana. Notava-lhes no olhar a desmoralização e a condenação pela minha atitude.

Augusto foi o primeiro a acercar-se de mim, dizendo:

— Voltaste hoje de Lisboa?

Assenti com a cabeça.

— Podias ter dito alguma coisa. — lembrou.

Olhei-o com má cara e questionei:

— Qual é tua, Augusto? Agora tenho que te dar justificações?

— Não é isso. Só que esperávamos que chegasses de manhã e...

— Eu tenho telemóvel, jovem! Se estavam preocupados, ligassem para mim.

Augusto não deu resposta, segurando no equipamento para se começar a vestir.

— A Susana tem ficado lá connosco. — disse, após vestir a camisola.

— Faz ela bem. — retorqui, borrifando-me para o assunto.

O plantel subiu ao relvado, onde era aguardado pela equipa técnica. Seguiram-se os exercícios habituais. Comportava-me de maneira diferente. Cada vez que me lembro disso, sinto-me envergonhado pela minha postura de quem se achava mais importante que todos os outros.

No final do treino, regressei a casa desejando que Susana tivesse tido a feliz ideia de não voltar, deixando-me à vontade. Porém, mal parei o carro em frente ao edifício, reparei nas luzes acesas e concluí que ela voltara de casa de Manuela.

Ao entrar no apartamento, encontrei Susana sentada no sofá a ver a telenovela. Não duvido que me tenha ouvido entrar, mas permaneceu estática a olhar para o ecrã, fingindo que não dera pela minha presença. Caminhei até ela e disse:

— Olá!

Susana olhou para mim. Notei-lhe a palidez do rosto e o ar abatido.

— Olá! — retribuiu secamente.

— Estás bem? — perguntei preocupado, pois ela tinha um aspecto doente.

Encolheu os ombros em resposta, dizendo:

— Até parece que te interessas.

— Preocupo-me contigo. — retorqui, apesar de ultimamente não ser verdade. — Estás pálida e tenho-te visto indisposta.

— Grande preocupação! — exclamou, virando-se para mim, no sofá. — Ficaste tão preocupado que quando vieste do jogo nem quiseste saber como eu estava. E foste para Lisboa sem me veres e ficaste lá sem te ralares minimamente se eu estava bem ou não. É assim que te preocupas com as pessoas?

— É o que tenho para te oferecer. — respondi com desprezo. — Se te agrada ou não, para mim é indiferente.

Susana levantou-se do sofá, passando a mão pelo cabelo.

— Já não espero muito de ti. — confessou. — Houve alturas em que compreendia a forma como me tratavas. Até achava que tinhas

razão, perante o que te fizera. — Fez uma pausa, sorrindo com ironia. — Mas, agora, Ivan... Juro-te que não percebo a tua mudança. Não te fiz nada, a não ser tentar agradecer-te. E tu...

— Tentaste agradecer-me por medo que te pusesse na rua. — interrompi bruscamente. — Sabes que tens os dias contados aqui e tentaste usar a tua melhor arma para não seres corrida. — Susana franziu-me o rosto, chocada com o que eu insinuava. — Pensaste que irmos para a cama te manteria cá para sempre?

— Nunca pensei isso. — ripostou com amargura. — Tínhamos um acordo e eu estava a cumpri-lo. Nunca quis fazer parte da tua vida, se assim o não desejassem! Tu é que ficaste diferente, desde que te tens encontrado com a...

— Camila.

— Sim. — concordou. — Estiveste novamente com ela, não foi?

— Foi! — confirmei com felicidade. — Já não falta muito para que fiquemos juntos definitivamente. Quero casar com ela o quanto antes.

Eu falava como se o que Susana pudesse pensar ou sentir fossem irrelevantes. Tentava agredi-la com as palavras e fazê-la sentir-se como lixo para mim. No entanto, surpreendi-me ao ver as lágrimas escorrerem-lhe pela face, após a última frase.

— Não precisas de ficar assim. — disse com arrogância, enfadado com a sua falsa tristeza e a sua teatralização de coitadinha. — Tentarei ajudar-te a encontrar um canto para ficares. E vou empenhar-me nisso, pois esta situação tem de ter uma resolução rapidamente.

— Não estou a chorar por causa disso! — afirmou segura de si, mantendo uma postura firme, onde só não conseguira controlar as lágrimas. — Mas, também não te vou explicar porquê, pois não compreenderias.

— Estás a chamar-me burro? — interroguei irritado.

— Não. — negou ela, limpando o rosto. — Tenho pena que ao longo deste tempo não tenha percebido certas coisas.

— Que coisas?

Susana lançou um sorriso lacónico por entre as lágrimas.

— Não consegues adivinhar?

— Nem me darei ao trabalho. — retorqui com frieza.

Novamente, limpou as lágrimas com as costas das mãos, olhou-me com firmeza e disse:

— Apaixonei-me por ti!

Se houve alturas em que desejaria ouvir aquilo, naquela, a declaração surgia como um incómodo. Mais um incómodo com Susana, de entre tantos que tivera com ela.

— Azar o teu. — respondi, desvalorizando completamente os seus sentimentos. — Não me interessa nada que venha de ti! Lamento que sintas isso, se é que de facto o sentes...

— Não acreditas? — questionou irritada, ferida no seu orgulho e fragilizada com a situação. — Como podes ser tão cruel? Como podes ter uma ideia de mim tão...

— Poupa-me esta cena, Susana! — ordenei. — Não estou com paciência para declarações de amor fraudulentas de uma mulher que mente com quantos dentes tem na boca.

Susana baixou a cabeça, dando-se por vencida. Sentiu que não valeria a pena continuar. Limpou as lágrimas pela última vez, secando o rosto e tornando a encarar-me.

— Lamento que não queiras acreditar. — disse ela com a voz embargada.

Sem dizer mais nada, passou por mim em direcção ao quarto. Contudo, antes de sair da sala, voltou a olhar para mim e disse:

— Não preciso que te preocupes mais comigo! Tenho uma proposta de trabalho no Porto e vou aceitá-la. Partirei o mais rapidamente possível. Descansa que nunca mais aparecerei na tua vida.

E seguiu para o interior do quarto.

— Faz como quiseres! — respondi, pouco interessado no futuro dela. Naquela altura, só me interessava a Camila e o Benfica.

Susana não perdeu muito tempo a dar seguimento à sua vida, uma vez que a situação era insustentável para ela. Logo nessa noite, telefonou à minha irmã e pediu-lhe que a levasse até Oliveira do Hospital, na manhã seguinte, para apanhar o Expresso para o Porto. Tudo isso sucedeu tão cedo que eu nem me apercebi, pois ainda dormia descansadamente.

Manuela foi buscá-la ao amanhecer, permitindo-se levá-la até ao Expresso antes de entrar ao serviço. Quando regressou de Oliveira do Hospital, seguiu sem demora para o emprego. No entanto, aproveitou a hora de almoço para me procurar.

— Não dá para entender. — dizia-me ela, sem perceber o porquê do fim da minha relação com Susana. — Que aconteceu?

— Fartei-me. — respondi, aborrecido com a sua inquirição.

— Rica justificação. — concluiu. — Que raio de maneira tu tens de tratar as mulheres.

— Não fales do que não sabes. — avisei.

— Primeiro a Camila, depois a Raquel. — continuou. — Agora a Susana. Fora as outras que eu não sei.

— Mas tu és minha mãe, bolas? — irritei-me. — Não tenho que te dar justificações daquilo que faço, maninha.

— Aí isso é que tens. — ripostou com a mesma irritação. — Tens, quando as tuas atitudes têm influência nos sentimentos dos nossos pais.

— Que queres dizer com isso?

— Sabes muito bem, o que quero dizer! Fizeste com que se afeiçoassem à Camila. Tiveram de ultrapassar a vossa separação e sofreram com isso. Agora, apresentas-lhes a Susana... Bolas, Ivan! Sabes como também se afeiçoaram a ela.

Pensei contar-lhe a verdade ou, pelo menos, falar-lhe no regresso de Camila à minha vida. Só que considereei não ser ainda o momento, limitando-me a abanar a cabeça em concordância com ela, dizendo:

— Também o lamento.

Manuela levou a mão à testa como se tentasse sentir o seu peso.

Passou a mão pelo cabelo, esticando-o para trás.

— Sabes que ela foi para o Porto? — perguntou.

— Sei. — respondi. — Ela contou-me, ontem.

— Foi essa a razão da separação? — inquiriu.

— Não.

— Então qual foi?

Caminhei pela sala e sentei-me no sofá.

— Prefiro não falar nisso, agora. — disse eu, não mostrando grandes possibilidades de ser convencido do contrário.

— Como queiras. — aceitou Manuela. — Adeus!



XXII

A meio de Maio era chegado o célebre Domingo do tudo ou quase nada, isto porque a derrota não nos afastava definitivamente da subida. Na manhã ensolarada desse dia, acordei animado e motivado para o que se avizinhava.

Desde que Susana partira que me sentia bastante aliviado, congratulando-me pela forma como tudo se havia resolvido. Felizmente, tivera menos trabalho que aquele que imaginara, a afastar Susana da minha vida.

Paúle estava em festa com cartazes por todo o lado anunciando o jogo das decisões nessa tarde, entre o G. D. Paúle e a União de Coimbra. O povo aguardava com ansiedade o início da partida, desconhecendo que por vontade do presidente Carrapiço, o Paúle não ganharia o jogo. No entanto, o meu plano estava em marcha e mantinha-me confiante de que não deixaria o clube sem mais uma glória para todas aquelas pessoas que sempre me haviam recebido tão bem.

Já se ouvia a multidão nas pequenas bancadas do estádio a gritar e a chamar por nós, na altura em que nos equipávamos para subir ao relvado. Assim que chegara ao complexo desportivo, pela densidade de gente que já se avistava, calculei que seria uma enchente.

Eu fora convocado para o jogo, apesar de ter manifestado a intenção de não jogar se a situação de impossibilidade de jogar para ganhar se mantivesse. No entanto, tornava-se difícil de explicar a razão de eu não jogar, sendo do conhecimento comum que eu estava em forma.

Antes de indicar quem seriam os onze titulares e quem se sentaria no banco, Freitas aproximou-se de mim e disse:

— O senhor presidente mantém as ordens do jogo anterior! Podemos contar contigo?

Barnabé demonstrou a intenção de dizer algo, mas Freitas impediu-o, fazendo-lhe sinal para que não se metesse.

— Tudo bem! — concordei. — Pode contar comigo.

Freitas suspirou de alívio. Não porque precisasse de mim para o jogo, mas para não ter de inventar desculpas pela minha não inclusão no onze inicial.

A equipa abandonou os balneários e subiu ao relvado para os primeiros exercícios de aquecimento.

Freitas decidiu-se por colocar de início Augusto na baliza. Macário, Joselino, Aquiles, Reis e Sassi na defesa. Ramalho ficaria numa posição de médio defensivo, resguardando a posição de Castanha. Os extremos seriam o jovem esperança Albertino na direita e eu na esquerda. No sector avançado, Emanuel surgia como único ponta-de-lança.

Centenas, se não milhares, de pessoas gritavam pelo Paúle. Calculo que houvesse adeptos da União de Coimbra, mas deveriam ser tão poucos que, inicialmente, optaram por não se denunciar.

O Sol cobria toda extensão do relvado, espalhando o seu calor por todo o lado. Somente uma bancada estava a coberto do Sol, ficando as restantes com os raios solares a bater directamente. Contudo, nem o imenso calor desmobilizou a assistência.

Na zona dos *VIP*, observei a presença de Alfredo Carrapiço e da engenheira Amândia Calheiros, entre outras figuras convidadas.

Barnabé orientava o aquecimento... ou melhor o treino ligeiro, já que falar em aquecimento debaixo de mais de trinta graus era ridículo. Livia acompanhava de perto, recebendo algumas indicações do doutor Gervásio que nunca perdia oportunidade de elucidar a sua pupila na sua actividade. Freitas mantinha-se aparentemente calmo, sentado no banco de suplentes, resguardando-se na sombra. Olhava para nós e para a equipa da União de Coimbra que fazia os seus exercícios na outra metade do relvado.

As pessoas não se cansavam de nos incentivar, chamando pelo clube e pelos nossos nomes. Perto do final daquele período que antecede o jogo, vi Alfredo Carrapiço levantar-se do seu lugar e abandonar a tribuna.

Se o Grupo Desportivo de Paúle vencesse aquele jogo, garantiria a subida à 2ª Divisão B, Zona Centro. Algo que, como já referi, Alfredo Carrapiço não queria. E foi isso mesmo que ele fez questão de frisar, ao reaparecer no balneário, recebendo-nos e tornando a pedir para que não vencêssemos.

No instante em que o disse, o senhor Carrapiço olhou para mim, tal como muitos dos meus colegas e equipa técnica, esperando uma reacção. Não me manifestei.

Perante o meu silêncio, acentuou:

— Se perderem, será o ideal!

Notava-se a tristeza estampada no rosto dos jogadores, impedidos de fazerem aquilo que mais gostavam, jogar futebol e ganhar jogos. Era inglório, após uma época brilhante, não terem autorização para lutar pela subida de divisão.

Feita a palestra, Alfredo Carrapiço abandonou o balneário e regressou ao seu lugar na tribuna. Ninguém da equipa técnica deu qualquer instrução para o jogo, limitando-se Freitas a dizer:

— Se temos de perder, façam-no com dignidade!

Seguimos todos de cabiz baixo, subindo as escadas em direcção ao relvado. Perfilámo-nos em fila indiana e caminhámos pela relva até ao meio campo, ovacionados por uma população eufórica. Sentimos as camisolas pretas arder na pele com os raios solares, enquanto os calções brancos brilhavam.

Como capitão, Joselino aproximou-se do árbitro para se proceder à escolha do pontapé-de-saída e de campo. Moeda atirada ao ar, o capitão da União teve direito a fazer a escolha, optando pela bola.

Joselino regressou para junto da equipa, informando que os jogadores da União de Coimbra iam dar o pontapé-de-saída e nós ficaríamos naquele meio campo. Pedi a todos que se reunissem numa roda e me escutassem.

— Vamos ganhar o jogo! — exclamei.

— Que estás tu a dizer? — interrogou Joselino. — Não ouviste o que disse o Carrapiço?

— Ouvi. — confirmei. — Ouvi-o dizer que não tinha dinheiro para competir na 2ª Divisão B. Pois eu arranjei o dinheiro.

— Como assim? — questionou Augusto.

— Arranjei um patrocinador disposto a injectar alguns euros no clube, se subirmos. — expliquei.

— Vê lá o que arranjas. — avisou Joselino.

— Confiem em mim, pessoal! — pedi. — Vamos ganhar esta merda.

A equipa soltou um grito de incentivo e cada um tomou as suas posições.

A primeira parte não foi muito espectacular. O jogo disputava-se muito a meio-campo, deixando pouca abertura aos ataques para criarem grandes oportunidades de golo. Porém, notava-se que o G.D.P. queria vencer o jogo. E os seus jogadores batiam-se por alcançar os três pontos que nos consagrariam no segundo lugar.

Freitas e Barnabé abanavam a cabeça no banco, constatando que ninguém seguira as directrizes fornecidas por eles. Mas, também não estavam na disposição de se pôr a gritar alto e a bom som para que perdêssemos. Ainda para mais, na cara de um público cada vez mais entusiasmado com a exibição.

Muito perto do fim da primeira parte, Albertino conseguiu fintar o seu marcador directo e fazer um excelente cruzamento para a área. Emanuel cabeceou e a bola embateu na barra da baliza da União, fazendo a assistência soltar um “bruá” e perdendo-se pela linha de fundo. Pouco depois, o árbitro apitou para o intervalo.

Quando regressámos ao balneário, Freitas e Barnabé (principalmente este) fartaram-se de barafustar com a equipa por não estarem a seguir o pretendido.

— Onde querem chegar com essa atitude? — questionou Freitas. — Querem provar que poderiam ter ganho? Ou quererão mesmo ganhar à revelia da direcção?

— Nós podemos ganhar. — disse Joselino.

— Não ouviram o senhor...

— O Ivan tem um patrocinador para a próxima época. — interrompeu Joselino, não deixando Freitas terminar a frase.

O treinador olhou para mim e inquiriu:

— É verdade?

— É!

Nesse instante, Alfredo Carrapiço entrou espavorido no balneário e berrou:

— Que merda é que vocês estão a fazer?

A princípio, ninguém teve coragem de responder.

— Não terei sido claro naquilo que vos disse? — prosseguiu, visivelmente irritado como nunca o vira. — Mas que caralho. É simples! Passem a bola uns para os outros, fechem os olhos, metam um autogolo... O que quiserem. Só não me pontuem hoje.

— Senhor presidente! — chamou Freitas. — Parece que há novos desenvolvimentos.

— Que desenvolvimentos? — interrogou, fulminando-o com o olhar.

— Parece que o Ivan Pedro tem um patrocinador para nós, caso subamos de escalão. — explicou o técnico.

Os olhos de Alfredo Carrapiço desviaram-se dos técnicos e centraram-se em mim, aguardando uma explicação mais pormenorizada.

— Tenho um hotel da Figueira da Foz interessado em financiarnos. — disse eu, não me deixando atemorizar pelo ar bruto de Alfredo Carrapiço. — Se formos para a 2ª B, eles entram com o dinheiro.

— Não me digas que é o meu tio?! — indagou Aquiles.

Fiz-lhe sinal que sim, vendo Carrapiço procurar uma reacção aos factos. Mais calmo, tentou enquadrar todos no seu ângulo de visão e disse:

— A 2ª Divisão B vai ser o nosso fim! As equipas são muito fortes para nós. Seremos massacrados e poderemos cair muito.

— Quanto maiog é a escalada, maiog é a queda! — grunhiu Barnabé.

— Uma má época pode arrasar-nos de tal maneira que podemos cair abaixo dos Nacionais. — continuou Carrapiço.

Confirmando a falta de ambição que reinava na equipa técnica, Freitas assentia com a cabeça a todas as frases do presidente, concordando com a teoria da mediocridade.

— Fico-te agradecido com o teu esforço. — disse-me Alfredo Carrapiço. — Mas, o presidente deste clube ainda sou eu. E eu é que sei o que é melhor para o Paúle! — Olhou para toda a equipa. — Hoje não quero pontos! — E deixou-nos sozinhos, incrédulos a olhar uns para os outros.

Freitas pegou no seu bloco e constatou:

— Bom, penso que não há nada a dizer. Sabem o que têm de fazer.

— Pois sei. — retorqui. — Vou fazer tudo para ganhar o jogo! Se os outros o farão ou não, é com cada um. Agora, eu não vou entrar ali e oferecer a vitória sem luta.

— Senhog Iv...

— Cale-se! — ordenei a Barnabé. — Estou farto de o ouvir, “senhog” Barnamerda!

O homem baixo indignou-se perante a gargalhada de alguns dos meus colegas. Freitas olhou para mim, igualmente indignado, mas sem reagir verbalmente. Sem esperar por ninguém, abri a porta do balneário e regresssei ao relvado.

Assim, com o desenvolvimento dos acontecimentos, acabei por tomar uma atitude drástica. Não sabia se os meus colegas partilhavam da minha opinião e se estariam, tal como eu, empenhados na vitória. Certo é que todos me seguiram para o relvado. Augusto passou por mim em direcção à baliza e disse-me:

— Estou contigo!

O mesmo aconteceu com Aquiles.

O contrário é que seria de estranhar, já que eram ambos grandes amigos. Contudo, antes que se iniciasse a segunda parte, Ramalho correu até mim para me dizer:

— Ivan! Podes contar comigo.

E por fim, ouvi Joselino assobiar-me do centro da defesa, chamando a minha atenção. Olhei para ele e vi-o apontar para o grupo e a levantar o polegar, informando-me que a equipa estava toda comigo.

Por três vezes, quase que os intentos de Alfredo Carrapiço tinham sucesso. Logo no início dos segundos quarenta e cinco minutos, Augusto defendeu um remate muito forte do atacante conimbricense. Pouco depois, nova desatenção da defesa e Augusto a brilhar. Os adeptos do Paúle vibravam com a exibição. E os que observavam o jogo por trás da nossa baliza gritavam elogios e palavras de apoio ao guarda-redes.

No último quarto de hora de jogo, o Paúle beneficiou de um pontapé-de-canto. Os nossos centrais subiram até à baliza do adversário e Castanha foi marcar. Tomando pouco balanço, centrou a bola para o coração da área do União. Aquiles saltou e tentou cabecear para a baliza, sendo impedido por um defesa contrário que interceptou o centro com um cabeceamento para fora da grande área. A bola foi parar à zona de Ramalho que a captou e rematou com força e precisão à baliza do União. O guarda-redes deles esticou-se todo e conseguiu evitar que a bola entrasse na baliza, apesar de não a agarrar. Saltitando na relva, a bola veio parar-me aos pés e eu chutei-a para o fundo da baliza.

Foi a explosão de alegria do público.

Corri pelo campo a festejar o golo, sendo seguido pelos companheiros que me queriam felicitar. Houve dois adeptos, levados pela emoção, que invadiram o rectângulo de jogo para me abraçar. Foram rapidamente agarrados por três guardas-republicanos que faziam policiamento ao jogo. Passei em frente à tribuna e olhei para Alfredo Carrapiço, lembrando-o da mediocridade a que se votara.

Desesperados, os jogadores da União de Coimbra lançaram-se numa cruzada suicida sobre a nossa baliza. Só que Augusto estava

intransponível. E não fosse o deslumbramento de Albertino, isolado perante o guarda-redes da União, e teríamos marcado o segundo.

O árbitro apitou para o final da partida e foi a festa das largas centenas de paulenses e habitantes de aldeias vizinhas.

Toda a equipa festejou com grande emoção, no momento em que regressámos ao balneário. Não havia garrafas de *champagne*, mas isso não esfriou a festa. Enchíamos baldes de água e atirávamos uns aos outros, inundando o local. Nem Freitas, nem Barnabé compareceram ali. Pobre doutor Gervásio, levou um banho monumental ao entrar para festejar connosco. Até Livia se juntou aos “matulões”, parecendo um rapazito encharcado no meio deles.

Na rua ouviam-se os festejos da população. Foguetes lançados ao ar, carros a circular pela estrada, buzinando e acenando. Desde a final da Taça de Portugal que a aldeia não vivia momentos tão efusivos. Pena que algumas pessoas importantes tivessem desaparecido dos festejos, como foi o caso da engenheira Calheiros e do presidente do clube. Se a primeira se apressara a regressar ao seu palacete, já o segundo ninguém sabia do seu paradeiro.

A histórica subida à 2ª Divisão B levou os paulenses a prolongar a festa pela noite dentro. Se houve elementos da equipa que se deixaram arrastar pela loucura da celebração, outros houve que consideraram melhor recolher ao seio familiar e comemorar com a família.

No meu caso, não fiz nem uma coisa nem outra. Mesmo com as múltiplas insistências de Augusto e Teodoro para me juntar à família na festa no café de Paúle (onde a minha irmã não compareceu, pois tinha de cuidar da filha e trabalhar no dia seguinte), optei por me recolher em minha casa, sozinho, ouvindo a festa na rua. Nem o doutor Gervásio e a esposa haviam ficado em casa.

Sentia a vitória daquele jogo como uma missão cumprida para com o clube e com o povo de Paúle. Já nada devia a ambos, se é que achava que lhes devia algo. Talvez a minha teimosia não tivesse sido mais que orgulho e egoísmo de quem quer fazer prevalecer a sua ideia.

O futuro do clube não me dizia respeito e, felizmente para mim, já lá não estaria na próxima época para fazer parte dele. Aguardava ansiosamente um telefonema de Jorge para assinar definitivamente com o Benfica. E, acima de tudo, aguardava a resposta de Camila, a sua decisão final em relação a nós, mas que para mim já era um dado adquirido.

Enquanto repousava no sofá da sala, reparei numa fotografia de Susana que esta deixara numa moldura, em cima do móvel. Como se temesse que fosse um presságio, levantei-me, retirei a foto da armação de metal e rasguei-a, atirando-a com desprezo para o caixote do lixo.

Não voltara a ter notícias de Susana, desde a sua partida. E ainda bem que assim era, pois não queria saber dela para nada, nem tinha vontade que os nossos caminhos se voltassem a cruzar. Contudo, desconfiava que a minha irmã mantinha o contacto com ela, pois haviam

criado uma boa amizade, durante o pouco tempo que Susana vivera em Paúle. Tivera a sorte de me livrar dela sem grandes sobressaltos, essa mulher falsa, uma prostituta reles que fazia de tudo para ter dinheiro, capaz de abrir as pernas ao primeiro que lhe acenasse com lucros. Era esta ideia que tinha dela. Como estava longe, Susana, da grandiosidade de mulher que Camila personificava. Camila era linda, inteligente, honesta... Jamais trairia a minha confiança como Susana fizera.

— Puta de merda! — exclamei sozinho, pontapeando o caixote onde depositara os restos da foto.

No dia seguinte, a pedido de Jorge, viajei para Lisboa com o objectivo de nos reunirmos, finalmente, com o senhor Lúcio Velez. Estaria em cima da mesa o contrato com o Benfica, já com todas as cláusulas bem descritas. O acordo demorara mais que o previsto, pois Jorge decidira-se a bater-se com o presidente do Benfica pelos prémios de jogo para a temporada seguinte. E só com tudo preto-no-branco, Jorge me telefonou a agendar a reunião com Lúcio Freire Velez.

Novamente no seu escritório em Algés, evitando o mediatismo do Estádio da Luz, eu, Jorge e o senhor Velez assinámos o contrato que me ligaria ao Benfica por um ano com outro de opção.

— O seu filho também vai regressar? — perguntei-lhe após a assinatura.

— Depende do técnico. — respondeu-me. — Eu gostava que ele regressasse.

— O Paúle vai ficar mais fraco sem nós os dois. — constatei. — Será que lhe posso pedir um favor?

— Diga, Ivan!

— Seria possível que o Benfica emprestasse alguns dispensados ao Paúle? — perguntei.

Lúcio Velez encolheu os ombros e olhou para o vazio.

— Não sei, Ivan. — disse por fim. — O que lhe posso dizer é que as listas de dispensados serão reveladas em finais de Julho ou principio de Agosto. — Olhou-me com toda a honestidade. — Mas, sejamos realistas, Ivan! O Paúle tem que ter potencial económico para suportar uma parcela dos seus ordenados.

— Bem sei. — concordei. — Pedia-lhe apenas que os ajudasse no que pudesse.

— Tudo bem, Ivan! Verei o que posso fazer.

Foi com esta promessa que a reunião terminou. Jorge e eu despedimo-nos do presidente do Benfica e abandonámos o seu gabinete, consumando a minha transferência para o Benfica. A felicidade inundava-me pois estava certo que, desta vez, as coisas correriam bem quando voltasse ao clube do meu coração.

— Sabes? O noivo da Camila chegou este fim-de-semana. — informou-me Jorge sem que eu tivesse demonstrado interesse em conhecer a notícia. — Já não falta muito para o casamento.

— Se é que vão casar. — retorqui.

— Que queres dizer com isso? — interrogou.

— Nada, nada. — respondi com um sorriso matreiro, confiante que Camila terminaria o noivado e brevemente estaria de volta aos meus braços.

Logo que deixei Jorge no seu escritório, peguei no telemóvel e liguei a Camila. Se Nick já havia voltado, certamente, ela já lhe contara tudo e pusera um ponto final ao absurdo casamento. Ela amava-me! Amava-me tanto quanto eu a ela.

— Agora não posso falar contigo! — disse Camila, ao atender o telemóvel, reconhecendo o meu numero.

— Podemos ver-nos mais tarde? — perguntei apressadamente.

— Não! — respondeu com firmeza, tentando despachar-me.

— Estou em Lisboa, Camila. — insisti. — Vai ter comigo a Alcochete.

Camila não respondeu, desligando-me o telemóvel na cara.

Por alguma razão, ela não pudera conversar comigo. Não me preocupei muito em perceber porquê. Certamente, assim que estivesse sozinha, pegaria no aparelho e ligar-me-ia a relatar o sucedido. Decidi ir para casa, em Alcochete e aguardar que ela lá fosse. Estava certo que, mais tarde ou mais cedo, ela chegaria ao nosso ninho de amor.

No entanto, Camila não apareceu nem telefonou. Esperei toda a noite por ela, infrutiferamente. Seria de esperar no mínimo uma justificação. Logo que amanheceu, tentei ligar-lhe novamente. Tentei várias vezes, mas sem sucesso, pois tinha o telemóvel desligado. Acabei por regressar a Paúle, certo que assim que pudesse, Camila me daria notícias. E, de facto, deu-as.

Já em Paúle, nessa noite, sozinho em casa como alegremente me sentia, desde que Susana desaparecera dali, fui até ao meu pequeno computador portátil para ver se Camila me enviara algum *email*. Ao abrir o *Outlook*, senti-me um adivinho, vendo o nome dela no remetente de uma nova mensagem. Cliquei sobre ela e comecei a ler:

“Olá Pedro! Lamento que seja esta a forma como te transmitirei a minha decisão, mas penso ser a melhor para nos evitar maiores mágoas. O Nick regressou a Portugal e não encontrei razão para voltar com o meu compromisso atrás. Temos uma relação bonita e ele ama-me muito. Seria irresponsável e incorrecto, abandoná-lo para ir atrás do passado que não penso ter lugar no futuro. Espero que me possas perdoar, pois sei que as minhas dúvidas te alimentaram as esperanças em relação a mim. Mediante tudo o que sucedeu, concordarás que o melhor, ou o obrigatório, seja que nos afastemos completamente. Não há lugar para qualquer tipo de relação entre nós, pois demonstrámos que só sabemos viver de uma forma, quando estamos juntos. E isso é incompatível com o meu casamento. Desejo que sejas muito feliz! Até sempre! Camila.”

Não sei descrever o que senti ao ler aquilo. Fiquei completamente destroçado por dentro. A minha primeira reacção foi



gritar um rotundo “NÃO” e atirar com o computador contra a parede, despedaçando-o em vários pedaços.

A minha cabeça edificara uma certeza absoluta no regresso de Camila. Estava crente que ela casaria comigo. Talvez tivesse sido essa cruel diferença para a realidade que me chocara tanto. Não sei o que teria feito, se ela me tivesse comunicado aquilo pessoalmente. Ou se teria, realmente, feito alguma coisa. Notei naquela mensagem que Camila estava firme na sua decisão e não valeria a pena tentar procurá-la para a convencer do contrário. O choque fora de tal forma que me dei completamente por vencido naquela luta pelo amor de Camila.

Ivan Pedro

XXIII

Com o desfecho da relação com Camila, a minha postura perante todas as pessoas alterou-se. Infelizmente, não foi para melhor. O orgulho e arrogância deram lugar à antipatia e desprezo. Saíra novamente magoado de uma relação com uma mulher. Dizia a mim mesmo que estava farto delas ou, como disse num desabafo a Augusto, “as mulheres são como um campo de golfe, só interessam se pudermos usar os buracos”. Foi das coisas mais estúpidas que já disse, mas ilustrava bem os meus sentimentos.

Naquele momento, eu era a futura estrela do Benfica, era assim que me via. E olhava tudo e todos de cima para baixo. Estava farto de Paúle e ansiava por partir definitivamente para Lisboa.

Após uma noite mal dormida, uma manhã a dormir e um almoço inexistente, desloquei-me ao Estádio de Paúle para conversar com Alfredo Carrapiço na sede do clube.

Não voltara a falar com ele desde o jogo contra a União de Coimbra. Não esperava que me recebesse muito bem, após o sucedido. Contudo, esse facto não me ralava minimamente, pois, em breve, Paúle e as suas gentes seriam passado.

Bati à porta do pequeno gabinete que Alfredo Carrapiço tinha na sede do clube. Ouvi a sua voz perguntar:

— Quem é?

Abri a porta e espreitei, dizendo:

— Sou eu.

Ao ver-me, Carrapiço não alterou a sua expressão. Permanecia um homem abatido sem o bom humor que o caracterizava quando o conheci. O seu rosto estava mais enrugado e o seu aspecto revelava um envelhecimento rápido nos últimos meses. Tudo consequência da prisão do filho.

— Entra! — exclamou, olhando-me com curiosidade.

— Como vai isso? — cumprimentei. — Podemos conversar?

— Senta-te. — respondeu, apontando-me a cadeira.

A própria forma de falar era diferente, parecendo nem ter força para falar alto e gesticular no seu peculiar comportamento abrutalhado.

— Como é estão as coisas? — perguntei.

Alfredo Carrapiço encolheu os ombros, não encontrando nada para dizer.

— Como é que está o Miguel?

— Preso. — respondeu.

— Já está prevista a data do julgamento? — inquiri sem que estivesse realmente interessado em saber.

Alfredo Carrapiço abanou a cabeça negativamente. Seguidamente, apoiou os cotovelos na mesa e quis saber:

— Que vieste cá fazer, Ivan? Não acredito que o motivo da tua vinda seja preocupação pela minha pessoa. Aliás, se te preocupasses com isso, terias feito o que eu mandara, no Domingo.

— Já lhe disse que tenho pouca capacidade para alinhar em mediocridades.

— Então, talvez nunca devesse ter vindo para Paúle. — retorquiu. — Agora, não esperes que te felicite ou agradeça o que fizeste.

— Não espero, descanse.

— Então que queres? — interrogou, aborrecido.

— Vim dizer-lhe que assinei contrato com o Benfica para a próxima época. — informei com naturalidade. — Por isso, lamento que não possa continuar a ser útil ao Paúle.

— Será que lamentas, Ivan? — questionou. — Tu queres lá saber do Paúle. Nós servimos para te manter activo.

— O senhor não esperava que eu ficasse para sempre em Paúle, pois não? — redargui com pouca paciência para aquela conversa. — Aliás, se as coisas tivessem corrido bem este ano, eu já não estaria aqui.

Carrapiço abanou a cabeça e disse:

— E mesmo assim, mesmo sabendo que não ficarias cá no próximo ano, decidiste-te a fazer aquilo que fizeste no Domingo?

— Ainda me irá agradecer...

— Agradecer? — barafustou Carrapiço. — Agradecer o quê? Tu deste o primeiro passo para a nossa ruína! Este ano teria sido uma desgraça se tivéssemos avançado para a UEFA. Se calhar és da opinião que devíamos ter jogado a Taça UEFA, iludidos no sonho que poderíamos jogar de igual para igual com os outros. Bem se viu a desgraça que foi a Super Taça contra o Porto.

— A minha opinião não interessa. — ripostei. — Só quis informá-lo disso. E não pense que não me preocupo com o clube. Para sua informação, falei com o presidente do Benfica para que vos emprestasse algum jogador.

— De que me serve isso? Este clube vai precisar de dinheiro, e muito, para enfrentar o que aí vem!

— Também lhe arranjei o patrocinador.

— E quanto vai ele injectar no clube?

— Não sei.

— Então que me trazes tu? Basicamente, ofereces muito, mas não significa nada.

Por alguns instantes, gerou-se um silêncio entre nós.

— Lamento que veja as coisas dessa maneira. — acabei por dizer. Levantei-me da cadeira e dirigi-me à porta. — Já cumpri a minha missão de lhe comunicar a minha saída, por isso, vou andando. Fique bem, senhor Alfredo Carrapiço.

A notícia da minha futura saída do G. D. Paúle foi recebida com tristeza pelos meus colegas de equipa. Alguns já deveriam saber, quando o comuniquei num dos treinos dessa semana, pois Augusto e Aquiles estavam ao corrente da situação. Também o doutor Gervásio se manifestou pesaroso, tal como a sua assistente Livia. A rapariga tinha lá a sua maneira de ser, mas nunca me pareceu ser má pessoa. Já Freitas e Barnabé demonstraram uma postura semelhante à de Alfredo Carrapiço, sendo que o segundo devia estar bastante feliz com a notícia.

Por mim, a época teria terminado naquele jogo com a União de Coimbra. Ajudara o Paúle a concretizar um sonho e estivera presente no segundo momento consecutivo de glória do clube. A partir daí, já só pensava no regresso ao Benfica. Talvez por isso, não tivesse a mínima vontade de treinar ou ser incluído na ficha do último jogo do campeonato. Só que nunca o referi a ninguém, uma vez que demonstraria uma enorme falta de profissionalismo.

O nosso último desafio, relativo à trigésima quarta jornada e última do Campeonato Nacional da 3ª Divisão série C, iria opor-nos ao Cesarense, a única equipa acima de nós na classificação. Não seria mais que cumprir calendário, pois eram duas equipas consagradas, o Cesarense campeão da série e o Paúle segundo classificado, ambos promovidos ao escalão superior.

O jogo ocorreria numa terra que nunca ouvira falar antes, uma vila de nome Cesar. E foi para lá que no Domingo, a seguir ao almoço, um autocarro fretado pelo Paúle levou os jogadores, técnicos e dirigentes.

Não me recordo exactamente a duração da viagem ou os quilómetros percorridos até lá. Quando entrei no autocarro, sentei-me no meu lugar e coloquei os auriculares do meu rádio nos ouvidos.

Apesar da brilhante campanha do Cesarense, o clube revelava não ter instalações ao nível das que se orgulhava o G. D. Paúle. Não que fossem más, mas ficavam muito a dever ao ideal. O autocarro deixou-nos perto da porta principal, parando numa estrada apertada. Tivemos de ir a pé ao longo do interior do complexo desportivo, atravessando todo o comprimento do relvado para alcançar um pequeno edifício atrás de uma das bancadas, o qual estava identificado como sendo o balneário.

Não sei explicar bem porquê, lembro-me que quando cheguei à vila senti um aperto no coração, uma espécie de angústia. Segui com os meus colegas pelo trajecto, notando-lhes a alegria no olhar pelo objectivo alcançado e pela descompressão daquele jogo que já não decidiria nada.

No entanto, mesmo estando tudo decidido, os bilhetes haviam esgotado e existiam já muitos espectadores durante o período de aquecimento. Felizmente, o calor não era tão intenso como no jogo da semana anterior. E mesmo o Sol, ora aparecia ora se deixava encobrir pelas nuvens.

Freitas não fizera alterações em relação à equipa que defrontara a União de Coimbra. Por isso, os mesmos onze entraram no relvado para vingar a derrota da primeira volta. Coube-nos a nós o pontapé-de-saida, no preciso momento em que o Sol se deixou encobrir definitivamente pelo aglomerado de nuvens cinza claro.

Nada fazia adivinhar o que iria acontecer. O jogo começou com um toque de Emanuel para Castanha, o qual passou a bola para mim. Controlando o esférico, fitei um adversário e corri junto à linha lateral. Quando me deparei com o segundo adversário, este deslizou pela relva, na minha direcção, mostrando-me as solas das botas. Acertou-me violentamente nas pernas, ceifando-me com as suas pernas a envolverem as minhas numa espécie de tesoura, de forma a que caísse com a sua rasteira. Senti que o pé da minha perna, onde tivera a grave lesão que quase terminara com a minha carreira, ficara preso na relva. O meu corpo fez uma rotação no ar, obrigando os *pitons* a soltarem-se da relva com consequências catastróficas para o joelho. No milésimo de segundo seguinte, percebi que o osso da perna se fracturara com a torção. Caí desamparado no chão, gritando desesperado com as dores mais horríveis que já tivera.

O doutor Gervásio e Livia correram para mim, percebendo a gravidade da lesão. Alguns dos meus colegas quiseram retribuir a soco a atitude do outro jogador, obrigando à intervenção do árbitro, do técnico do Cesarense e de Freitas, separando ambos os lados. A equipa reuniu-se à minha volta e viram o médico fazer sinal a Freitas para que eu fosse substituído.

Os bombeiros de serviço no estádio, depois de serem chamados pelo árbitro, ajudaram o doutor Gervásio e Livia a colocarem-me na maca e transportaram-me para o balneário.

Eu não consegui olhar, mas, diz quem viu que o aspecto da minha lesão era chocante. Não me lembro quem entrou para o meu lugar. Só que, a partir daquele momento, o espectáculo estava estragado. Os meus companheiros não tinham cabeça para mais nada, senão para a preocupação pelo meu estado. O Paúle acabou por perder o jogo.

No balneário, o doutor Gervásio encarregou-se da primeira fase do meu tratamento, deixando Livia encarregar do auxílio que fosse necessário aos jogadores, durante o jogo. Deu-me uma injeção e uns comprimidos para aliviar as dores. Contudo, nada evitou as dores do momento arrepiante em que recolocou o osso no lugar.

Ligeiramente mais calmo, perguntei:

— É muito grave?

— Não penses nisso, agora. — disse-me com enorme apreensão.

— Diga-me a verdade! — pedi.

— Ainda não sei bem. — respondeu. — Vou pedir que sejas transportado para Coimbra e irei contigo. Vamos fazer-te alguns exames a essa perna para ver a extensão da fractura. — Fez uma pausa,

procurando as melhores palavras. — Não te vou enganar. Penso que terás de ser operado.

Não me pronunciei. Estava completamente destroçado.

Ainda antes do fim da primeira parte do jogo e do regresso dos meus colegas ao balneário, fui transferido para uma ambulância. Tive de ser transportado em maca, ao longo do terreno de jogo, entre o relvado e a bancada, pois a ambulância não podia chegar ao edifício do balneário. Alguns dos meus colegas, vendo-nos passar ali perto, perguntavam ao doutor Gervásio como eu estava. Ele encolhia os ombros e não respondia. Apesar de estarmos a passar em frente aos adeptos que assistiam ao jogo das bancadas, ninguém demonstrou ralar-se comigo.

O doutor Gervásio solicitou aos indivíduos da ambulância que nos transportassem para o Hospital da Universidade de Coimbra, local onde o médico tinha alguns conhecimentos e maior confiança para me prestar um auxílio melhor. Só que eles não se mostraram muito receptivos à ideia, uma vez que tinham ordens para me levar para o hospital mais perto.

— Se o problema é o custo, eu pago a despesa da deslocação!  
— ouvi o doutor dizer, irritado com a questão. — Eu quero que ele seja levado, imediatamente, para Coimbra!

Perante a firmeza do doutor Gervásio, eles acabaram por seguir em direcção a Coimbra. Nem por um instante, ele me deixou sozinho, sempre preocupado com as minhas dores e examinando a minha perna.

Quando o jogo terminou, em Cesar, a equipa de Paúle regressou à aldeia com a preocupação estampada no rosto. Joselino sugerira a Alfredo Carrapiço que o autocarro os levasse a Coimbra para me verem. Porém, o presidente do Paúle não estava na disposição de aumentar a despesa. Compartilhou com todos a preocupação, mas quem quisesse visitar-me em Coimbra teria de o fazer pelos próprios meios.

Assim que soube do sucedido, a minha irmã partiu ao meu encontro, acompanhada por Augusto. Deixou Cibele com a dona Palmira, pois era desnecessário fazê-la vir. Aquiles também viajou para Coimbra, tal como alguns dos meus colegas de equipa.

Logo que cheguei ao Hospital da Universidade de Coimbra, os médicos fizeram-me exames para analisar a lesão, sempre com o doutor Gervásio por perto. Perante as radiografias, decidiram-se por me operar naquela noite.

Adormeci com a anestesia na cama da sala de operações. E só acordei na manhã seguinte, numa cama do hospital, após a operação.

Quando abri os olhos, a sensação dominante era como se tivesse apanhado uma bebedeira. As pálpebras custavam a abrir e o corpo pesava mais que o habitual, efeitos da anestesia. Cada quarto tinha espaço para quatro camas, mas naquele, somente eu ali estava.

Poucos minutos depois de acordar, entrou uma enfermeira simpática que me perguntou:

— Como se sente, senhor Ivan?

— Mais ou menos. — respondi, ainda recordando os factos passados.

A enfermeira cinquentona de porte forte inteirou-se que não me faltava nada e saiu do quarto, avisando:

— O senhor doutor já virá falar consigo.

No entanto, antes que algum médico viesse falar comigo, apareceu uma visita surpreendente.

— Raquel? — interroguei, reconhecendo-a ao entrar.

— Como estás, Ivan? — perguntou-me com preocupação. — Soube o que aconteceu pelo doutor Gervásio. Vi-o cá esta manhã, achei estranho e perguntei-lhe o que se tinha passado. Lamento muito!

— Também eu... — suspirei. — Que fazes aqui? Vieste cá de propósito ver-me?

— Não foi propositado. — retorquiu. — Estás no hospital da Universidade, onde eu estudo.

— Sabes alguma coisa do meu estado? — inquiri ansioso.

Raquel abanou a cabeça, negativamente.

Nesse instante, entraram no quarto o doutor Gervásio e outro médico, o qual me foi apresentado como sendo o cirurgião que me operara. O primeiro pediu a Raquel que saísse.

— Como é que eu estou, doutor? Como está a minha perna? — perguntei, apontado para ela, pendurada e engessada.

O cirurgião manteve-se presente, mas não se mostrou interessado em fazer ele o relatório. Acabou por ser o doutor Gervásio a dizer:

— É mais grave do que inicialmente pensávamos.

— Como assim?

— Fizeste uma fractura do perónio e houve uma rotura dos ligamentos do joelho!

— E...?

Detestava aquela forma que os médicos tinham de falar, explicando os problemas como se estivessem a falar com um colega.

— Dificilmente voltará a jogar futebol, senhor Ivan Pedro! — afirmou secamente o cirurgião.

— O quê? — interroguei incrédulo. — Ó doutor Gervásio! Diga-me que isso é mentira!

O doutor Gervásio deitou um olhar condenatório ao colega, pois procurava as melhores palavras para me comunicar a cruel notícia, quando o outro o fez. Seguidamente, olhou para mim, baixou o olhar e disse:

— Infelizmente é verdade.

Completamente petrificado com a notícia, comecei a sentir as lágrimas subirem-me aos olhos.

— Isso não pode ser verdade! — exclamei. — Vocês devem estar errados. Não pode ser assim tão grave.



O doutor Gervásio aproximou-se e sentou-se numa cadeira ao lado da minha cama. Entretanto, uma enfermeira chamou o cirurgião e este abandonou o quarto.

— Ivan! Pediste-me para te dizer a verdade. — lembrou o médico. — A fractura do perónio provocaria uma paragem de algumas semanas. O problema é a rotura dos ligamentos, pois foram gravemente atingidos com a torção da perna. Quando retirares o gesso, terás que fazer fisioterapia. Mesmo que voltes a jogar, tal só acontecerá daqui a um ano ou mais, dependendo de teres de ser operado novamente ou não. Não quero criar-te falsas expectativas. Não tenho prazer nenhum em te dizer isto. Mas, tens que te preparar para a eventualidade de a tua carreira ter acabado.

Não fui capaz de dizer nada. Permaneci em silêncio, não acreditando que aquilo estivesse a acontecer. Em menos de uma semana, via os meus dois maiores sonhos desmoronarem-se, o amor de Camila e jogar no Benfica.

— A tua irmã está lá fora com o Augusto! — informou. — Posso mandá-los entrar?

— Não estou com muita vontade de falar com quem quer que seja. — redargui num tom amargo.

— Eles estão cá desde ontem. — argumentou o médico. — Fala com eles.

— Tudo bem. — acedi. — Mas, só a minha irmã.

O doutor Gervásio levantou-se da cadeira e saiu do quarto em direcção à sala de espera. Poucos segundos depois, a minha irmã entrava no quarto.

O quarto do hospital tinha uma decoração fria com as paredes beges e o chão em mármore. Existia uma janela grande, ao fundo, por onde constatei que o Sol reaparecera. As camas eram em ferro lacado de um branco amarelecido pelo tempo. E pela junção das paredes com o tecto corriam umas tubagens que não sabia com que finalidade.

— Como estás, maninho? — perguntou a minha irmã, dando-me um beijo na face e acariciando-me o braço.

— Sinto-me miserável.

Manuela ajeitou a cadeira onde se sentara o médico.

— O doutor Gervásio disse que só poderia entrar eu.

— Fui eu que lhe pedi. — expliquei. — Não estou com disposição para ver ninguém.

— É pena. O Augusto também te queria ver.

— Lamento.

Manuela olhou para o enorme bloco de gesso que se enrolava à volta da minha perna.

— Já sabes? — perguntei.

— O quê?

— Não vou poder voltar a jogar futebol!

Apertando a minha mão, tentando transmitir-me alguma força, disse:

— O doutor Gervásio contou-nos.

— Está aí mais alguém, para além do teu marido?

— Está o senhor Carrapiço e o teu treinador... não me recordo do nome.

— Olha que dois. — disse eu, abanando a cabeça.

Manuela levantou-se da cadeira e contornou a cama numa passada calma.

— O pai e a mãe vêm a caminho. — informou. — Mal lhes contei o que acontecera, disseram que vinham logo para cá.

— Não lhes devias ter dito.

— Ó Ivan! São nossos pais. Que esperavas que fizesse? Tu numa cama de hospital e eu não lhes dizia?

Passei a mão pela cabeça e soprei.

— A última coisa que preciso é pessoas à minha volta a dizerem que têm muita pena, que gostam muito de mim e blá blá, blá blá...

— Não querias que viessem?

— Não me refiro a eles. — corrigi. — Apesar que sei como o pai sofre com estas coisas. Bem me lembro do seu desespero, quando me lesionei da última vez. Eles fazem-me falta! Sei que preciso deles, assim como preciso de ti!

Sorrindo-me, Manuela aproximou-se e abraçou-me com ternura.

— Sabes que podes contar sempre comigo.

— Eu sei, mana. Eu sei. — confirmei. — Mas, gostava de ter cá outras pessoas.

— A Susana, não é? — questionou a minha irmã, pensando que adivinhava.

— Por acaso, não pensava nela. — retorqui. — Pensava na Camila.

— Na Camila? Mas, vocês estão separados há tanto tempo.

Segurando-lhe a mão, indiquei-lhe a cadeira para que se voltasse a sentar.

— Vou contar-te um segredo. — comecei. — Eu e a Camila encontrávamo-nos em Alcochete, sempre que eu ia lá abaixo.

— Então era essa a razão das tuas... — O seu rosto alterou-se, ficando sério e zangado. — E a Susana? Como foste capaz de fazer isso à rapariga?

— Ela sabia. — expliquei com naturalidade. — A Susana sabia.

— E não se importava? De facto, sempre notei que vocês não se estavam a dar nada bem, antes de ela partir. Mas, daí a ela saber isso e...

— Mana! — interrompi. — Já que estou numa de confissões, vou contar-te a verdade. — Reparei no espanto do olhar da minha irmã,

receando as novidades que estariam para vir. — A vinda de Susana para Paúle foi uma combinação. Antes de partir, descobri que ela era cúmplice do Ambrósio.

— O empresário que te tramou?

— Esse mesmo. — confirmei. — Mas, ela fazia-o porque ele a chantageava. Ela foi casada com ele e estava para se divorciar, quando me conheceu. Ele ia deixá-la na miséria, a menos que ela me convencesse a assinar com ele.

— Não sei o que te diga. — suspirou atónita. — Sempre gostei muito dela. Tornámo-nos amigas...

— Não penses mal dela! — pedi. — Não cometas o mesmo erro que eu. — O meu olhar desviou-se para o vazio e prossegui. — Descobri tudo em vésperas de partir para Paúle. Tinha pensado em pedi-la em casamento, só para que ela não me fugisse como acontecera com Camila. Confrontei-a com a situação, discutimos... Não interessa. Acabei por lhe propor o papel de namorada apaixonada, em troca de dinheiro.

— Estou espantada! — exclamou Manuela. — Porque fizeste isso? Tu que podes ter qualquer mulher... E tiveste tantas.

— Medo. — justifiquei. — Receio de voltar a enfrentar as dificuldades da vida sozinho. Não queria continuar a passar as noites solitário numa casa vazia. E estava farto das relações de uma noite... Sabia bem, confesso. Só que no fim, receava sempre que a merda do preservativo rebentasse, sei lá. Devo estar velho.

Encolhendo os ombros, Manuela abanava a cabeça, não querendo acreditar.

— Tem graça que, sempre que a vi contigo, tinha a certeza que ela gostava de ti.

— E estás correcta. — afirmei. — Ela confessou-me que estava apaixonada por mim, na noite anterior à partida para o Porto.

— E tu?

— Desprezei-a. Esperava a decisão de Camila, confiante que ela deixaria o noivo para ficar comigo.

— E vai deixar?

— Não.

Senti-me estremecer com o desespero de vários planos desfeitos. Não consegui evitar que uma lágrima me escorresse do rosto.

— Só faço merda, mana.

— Não digas isso. — ordenou ela, não evitando que começasse a lacrimejar.

— Curioso que, quando falaste na Susana, senti saudades dela. — confidencieei, limpando o rosto. — Agora que penso em tudo o que ela aguentou...

Manuela tirou um lenço da mala e limpou a sua face. Respirou fundo e secou as últimas lágrimas. Tornou a guardar o lenço e indagou:

— Quer dizer que, desde que vieram para Paúle, não existia nenhuma relação amorosa entre vocês?

— Não, não existia. Só que aconteceu uma coisa que nos aproximou e acabámos por nos envolver sexualmente, apesar de não haver qualquer compromisso. Chegámos a acordar que quem encontrasse primeiro um novo parceiro, o outro seguiria a sua vida.

— Foi isso que aconteceu, quando reencontraste a Camila?!

— Não foi bem assim. — corrigi. — Quando fui a Lisboa falar com o Velez, reencontrei a Camila. Tínhamos criado uma boa relação de amizade na *net*. Só que tu conheces-me... Perante a oportunidade de... Tu sabes. Ela não recusou e começámos a encontrar-nos. Com o tempo, ela disse que tinha dúvidas em relação ao casamento e eu joguei a minha última cartada, pedi-a em casamento. Ela foi pensar no assunto e andou este tempo todo a pedir mais tempo para pensar. Encontrávamo-nos, íamos para a cama e, quando lhe falava nisso, era sempre a mesma resposta. Só que eu notei-a tão duvidosa da relação com o noivo que acreditei que ela voltaria para mim.

Manuela abanava a cabeça, recriminando-me inconscientemente.

— Perante isto, Susana era um estorvo. — continuei. — Só que nunca a quis mandar embora sem a certeza de que Camila voltava. Entretanto, não abdicava de tratar mal Susana, instigado pelo ódio ao que ela me fizera e esquecendo aqueles bons momentos que havíamos vivido. Sem o dizer, acabei por a obrigar a afastar-se. E nem no último momento, quando ela se humilhou perante mim, revelando o que sentia, eu lhe dei hipóteses.

— Que sentes por ela, Ivan?

— Por quem? Pela Susana?

— Sim.

— Não te sei explicar muito bem. — disse eu. — Fui apaixonado por ela, mas não houve amor. Ou, pelo menos, não houve o amor que partilhava com Camila. E bastou-me ver a Camila para que toda a paixão por Susana se esfumasse.

— Não me digas que vais tentar ir atrás da Camila, novamente?

Fiz que não com a cabeça.

— A Camila não se portou bem comigo. — concluí. — Não esqueço o amor que sinto por ela, mas o tempo ajudar-me-á a ultrapassá-lo. Sinto-me enganado por ela. E indirectamente, a Camila fez-me perder alguém que me amava verdadeiramente. Pensei muitas vezes que a Susana estava comigo pelo dinheiro. Se nos primeiros tempos ela não tinha outra saída, depois poderia ter arranjado uma solução e abandonar-me. Mas, não. Eu tratava-a mal e ela continuava ali, cuidava das minhas coisas e... de mim. — Olhei Manuela nos olhos. — Tu não sabes como ela está? Onde está?

— Não, Ivan! Nunca mais falámos desde que foi para o Porto.

— Vocês eram tão amigas. Não te deixou nenhum contacto?

Ivan Pedro

— Não. — respondeu firme. — Para que queres saber dela?

— Tens razão. Depois do que lhe fiz, deve odiar-me de morte.

O diálogo foi interrompido por uma pancada leve na porta. Por ela, apareceu o doutor Gervásio.

— Ivan! Estão aqui os teus pais. — informou. — Posso mandá-los entrar?

— Pode. — concordei. — E peça ao Augusto para vir também.

Ivan Pedro

XXIV

Passara quase uma semana, desde que fora internado ali. Nesse tempo, a minha irmã e os meus pais visitaram-me todos os dias. Augusto veio as vezes que pôde, pois tinha o café a ocupar-lhe o tempo. Naquele Sábado, contava que Manuela trouxesse a minha sobrinha, a qual ainda não viera para não faltar às aulas.

Durante este período de internamento, toda a equipa me veio visitar ao hospital, acarinhando-me e dando-me força para acreditasse que era possível recuperar. Só que a minha crença não era muita, ainda para mais, depois do doutor Gervásio me ter mostrado as radiografias e explicar-me as dificuldades da minha recuperação.

No primeiro dia, não recebi Alfredo Carrapiço, nem Freitas. Só que Alfredo Carrapiço voltou a aparecer na tarde seguinte e eu não tive coragem de fazer o mesmo. Fiquei pasmado, ao ver aquele homem forte de gestos bruscos e sem cultura, chorar pelo meu estado e pelos meus sonhos desfeitos. Sabia que poderia contar com ele para tudo e comovi-me ao confessar-me que era como um filho para si.

A meio da semana, Jorge viajou até Coimbra para me visitar. Dissera-me que Lúcio Velez soubera do sucedido, mas Jorge não lhe contara a gravidade da lesão. Trazia igualmente a mensagem do presidente do Benfica para que não me preocupasse, pois o clube encarregar-se-ia do meu tratamento.

Na rua, chovia abundantemente. Sem que tivesse feito esforço para o memorizar, recordei-me que aquele era o dia do casamento de Camila. Congratulei-me por estar a chover e desejei que houvesse uma inundação na festa dela.

Quando o relógio marcou três da tarde, o horário das visitas teve início. A primeira pessoa a aparecer foi a minha irmã. Contrariamente ao que sucedera nas últimas visitas, entrou sozinha. Cumprimentou-me e perguntou-me como estava. Seguidamente, disse-me:

— Trago uma pessoa para te ver. Posso mandá-la entrar?

— Quem é?

— Não te posso dizer.

— Então não quero. — respondi, amuado.

— Assim, não sabes quem é.

Encolhi os ombros e acabei por aceder a que a visita surpresa entrasse.

Manuela regressou á porta, abriu-a e fez sinal a quem estava do outro lado. Ouvi os passos a aproximarem-se e senti um arrepio na espinha quando a vi.

— Olá! Posso entrar? — perguntou.

— Su... Susana? — gaguejei, não querendo acreditar no que os meus olhos viam. O meu rosto alegrou-se instantaneamente. — Claro! Entra!

Susana caminhou com toda a elegância até mim. Notei que estava ligeiramente mais gorda, mas isso não lhe tirava um pontinho de beleza. Debruçou-se sobre o meu rosto e deu-me um beijo na face.

— Vou deixar-vos sozinhos. — disse a minha irmã. — Têm muito que conversar.

— Como estás, Ivan?

— Incrédulo.

— Como assim?

— Eras a última pessoa que esperava que me viesse ver.

O rosto de Susana entristeceu-se.

— Na querias que tivesse vindo, não é?

— Não é isso. — apressei-me a dizer. — Bem pelo contrário. Não imaginas como estou feliz por te ver.

— Desculpa que te diga, mas custa-me a acreditar. — retorquiu com toda a honestidade. — Mas, não quis deixar de vir, quando a tua irmã me telefonou a contar o que aconteceu.

— Ah, a malandra tinha o teu contacto. — constatei, lembrando-me do que me dissera anteriormente. Fiquei com uma expressão séria e procurei a mão de Susana para a segurar. — Compreendo que não tenhas a melhor das ideias acerca de mim, depois de tudo o que sucedeu entre nós.

— Passado é passado. — ripostou. — Não te guardo rancor.

— Já é tudo passado? — questionei.

— As feridas continuam cá, se é isso que queres saber. — disse ela num tom magoado. — O ódio por ti consumiu-me demais. Sinto que aos poucos os meus sentimentos estão a estabilizar.

— Isso quer dizer que já não me odeias?

Susana assentiu com a cabeça.

Apesar de sentir a voz presa com o receio da pergunta seguinte, ganhei coragem e interroguei:

— E a paixão?

— Que paixão? — questionou ela como se não soubesse de que estava eu a falar.

— A que declaraste por mim, antes de te ires embora. — lembrei.

Baixando o olhar, Susana disse:

— Prefiro não falar sobre isso.

— Pois eu gostava de falar sobre isso. — insisti. — Gostava de poder falar abertamente contigo, sobre isso.

— Para quê? Para nos voltarmos a atingir? — inquiriu, agastada. — Não me quero magoar mais contigo.

— Dá-me a tua mão! — pedi.

Susana recusou.

— Por favor! — tornei a pedir. — Não me faças implorar. Não dá jeito nenhum, ajoelhar-me no chão com a perna neste estado.



Susana não conseguiu evitar um sorriso, entregando-me a mão direita para que eu a segurasse.

— Eu preciso de ti! — confessei. — Lamento que tivesses passado por tanto para que eu percebesse isto.

— Tu não precisas de mim. — ripostou Susana. — Só dizes isso porque te sentes fragilizado. — Fez uma pausa, olhando-me bem nos olhos. — E porque a Camila te deixou.

Larguei a mão dela e olhei para o lado contrário àquele onde ela estava.

— Estás errada, Susana! Mas, não tenho forma de te convencer do contrário. — disse com desilusão. — Talvez seja egoísmo da minha parte, mas gostava de te ter junto a mim. Vou ter uma jornada difícil de recuperação.

Susana levantou-se da cadeira.

— Gostava de te poder ajudar. — afirmou. — Mas, antes de gostar de ti, gosto de mim. E sei que estar contigo só me tem feito mal. Gosto muito de ti, Ivan. Gosto mesmo muito de ti. Desejo que recuperes completamente, apesar de não estar disposta a acompanhar-te.

E com aquelas palavras, começou a caminhar para a porta.

— Eu amo-te, Susana! — exclamei em desespero. Isso fê-la parar e ficar de costas para mim, imóvel como se fosse feita de pedra. — Sei que não acreditas. Eu próprio não acreditava. Só que é o que sinto por ti. Por muito que te custe e a mim. Podes sair por essa porta e nunca mais voltar. Mas, não te deixaria partir sem que o soubesses.

Susana voltou-se para mim. O seu rosto estava lavado em lágrimas e os seus belos olhos verdes encaravam-me numa mistura de mágoa e fragilidade.

— Pára, Ivan! — soluçou. — Não quero sofrer mais.

De facto, parei. Não disse mais nada, nem argumentei para além do que já fizera. Podia marcar mais uma cruzinha na lista das relações fracassadas. Permaneci a olhar para ela, sério e vencido, aguardando que ela retomasse a sua passada para fora daquele quarto de hospital.

Contudo, a sua reacção foi deixar cair a mala no chão e encobrir o rosto com ambas as mãos. Soluçou algumas vezes e balbuciou algo que não compreendi até tornar a revelar a face, fazendo deslizar as mãos pela pele, secando as lágrimas. Recompôs-se o melhor que pôde, pegou novamente na mala e regressou à cadeira. Sentada, olhou-me novamente nos olhos.

— O meu coração quer-te! — afirmou com a voz ainda embargada. — Mas a minha cabeça, a minha razão, diz-me que devo ir para bem longe de ti. Adorava entregar-me a ti de corpo e alma, mas tenho medo do mal que isso me possa vir a fazer. Não sei o que esperar de ti. Habitaste-me a esperar de ti amanhã, o paradoxo do que disseres hoje.

— Eu sei.

— Como posso eu confiar no que dizes, Ivan? — questionou-se.  
— Até acredito que estejas a ser sincero, mas... Será que sentirás o mesmo amanhã ou depois? Não quero viver à espera de despertar para a realidade. Comprendes?

— Comprendo. E não há nada que possa dizer que te convença do contrário. — respondi.

— Estás a dar-te por vencido?

Voltei a segurar na mão dela, puxando-a até à minha boca e beijando-lhe os dedos. Respirei o doce perfume que emanava dela e fechei os olhos, desejando que aquele segundo não tivesse fim. Reabri os olhos e contrapus:

— Não se trata de dar por vencido, Susana. Tudo o que dizes é correcto. Eu, melhor que ninguém, conheço os meus erros e os meus defeitos. Percebo perfeitamente as tuas dúvidas e também as teria no teu lugar. Só que a vida é um risco. Valerá a pena correr esse risco? Só tu o saberás. Só tu o podes decidir. — As minhas palavras eram escutadas com toda a atenção. — Ao longo da minha vida, magoei muitas pessoas, tal como fui magoado. Chego à conclusão que o meu destino não é ser feliz com as mulheres para além das relações pontuais. Sei o quanto te magoei. E não sei se te voltarei a magoar. Apenas, tenho a certeza que, se o fizer, será involuntariamente. Também sei que isso não justifica tudo... Bolas, Susana! Que posso eu dizer mais? Sinto que preciso de ti. Estou a pedir-te outra oportunidade.

Susana manteve-se calma, ouvindo-me e permanecendo em silêncio após eu acabar de falar. Soltou a sua mão da minha e colocou-a na barriga.

— Estou a ficar gorda. — disse, aparentemente, sem nexo para a conversa.

— Já tinha reparado. — adicionei em tom de brincadeira para desanuviar o ambiente entre nós. — Tens afogado as mágoas nos chocolates?

Susana não respondeu. Penso até que nem ouviu o que eu disse. Pareceu hesitante e à procura do momento para falar.

— Há uma coisa que quero que saibas, antes de me ir embora. — disse ela. — É importante, mas não é relevante para a decisão que venha a tomar. Não quero que te sintas obrigado a nada para comigo! Só te vou dizer porque acho que tens direito a saber. — Olhava-a expectante. Que coisa era essa que eu tinha de saber? — Eu estou grávida, Ivan!

A notícia foi tão surpreendente que eu não fui capaz de reagir.

— Vais ser pai, Ivan! — continuou. — Estou com três meses e pouco de gravidez. Mas, não quero que te sintas obrigado a nada comigo, por causa disto.

— Tu já sabias que estavas grávida, quando partiste para o Porto?

— Desconfiava.

— E não me disseste nada. — constatei, zangado. — Quando pensavas contar-me? Ou será que tinhas ideia de me contar? Se a Manuela não te tivesse ligado, eu nunca saberia...

— Estás a ver? — interrompeu-me. — Estás ver como já estás a mudar? Basta um pormenor e voltas novamente toda a raiva para mim.

— Não é nada disso. Como podes dizer “um pormenor”, referindo-te ao nosso filho?

— Eu ia contar-te Ivan. Mas, só tinha ideia de o fazer, depois de ele nascer. — explicou. — Tive medo que me pedisses para fazer um aborto. E eu não estava nessa disposição. Revelaste-te um ser humano tão mau que tive medo do que pudesses fazer contra mim.

As suas palavras magoavam-me e ofendiam-me, principalmente, porque eu era responsável por ela ter aquela ideia de mim.

— Deves achar-me um monstro para me achares capaz de semelhante coisa.

Susana não se manifestou, argumentando:

— Que querias que pensasse, quando falavas do que sucedera entre ti e a Camila, quando aquela rapariga supostamente engravidara de ti? Ainda para mais, vendo que te estavas a reaproximar da Camila. Que poderia eu esperar, se te fosse contar isto?

Ela tinha razão. Não sei o que teria feito se ela me tivesse contado aquilo, quando eu sonhava com a reconciliação com Camila.

— Tens razão. — acabei por dizer. — Infelizmente, tens razão.

Ficámos a olhar um para o outro sem saber o que dizer mais. Não havia nada a dizer, mas também não tínhamos vontade de nos afastar.

— É melhor chamar a Manuela. — sugeriu Susana. — Já estão à espera para te ver há muito tempo.

— Espera! — pedi, agarrando-lhe a mão. — Ouve-me só mais um instante! Eu quero assumir essa criança. Vou ter muito prazer em ser pai do teu filho. Mesmo que não exista mais nada entre nós, eu quero estar contigo em todos os momentos dessa gravidez. Depois...

— Depois, logo se vê. — completou Susana.

Não esperava uma reacção tão pronta, nem o que ela poderia significar.

— Isso quer dizer...

— É melhor chamar a tua irmã. — tornou a insistir.

— Só com uma condição. — contrapus. — Quero que fiques aqui comigo!

Susana sorriu.

— Descansa. Eu fico. — concordou, fazendo o movimento de se dirigir à porta. Porém, eu não lhe larguei a mão, puxando-a novamente.

— Só mais uma coisa. — disse eu.

— O que é?

Ivan Pedro

— Chega aqui. — pedi, puxando-a ainda mais para mim.

Susana debruçou-se sobre mim, adivinhado o que eu pretendia. Larguei-lhe a mão e segurei-lhe a cabeça com carinho, conduzindo-a até mim. Beije-lhe os lábios com amor e senti a retribuição dos seus.

— Não imaginas como ansiava por voltar a beijar-te. — confessei.

— Nem tu.

**FIM**